

3.000

1936 - 07 e 08

1937 - 09 e 10

20

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE  
DE LETRAS

ANO: 1936 – ANO: IV - Nº 7-8

ANO: 1937 – ANO: V - Nº 9-10

---



# REVISTA DA ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS

ANNO IV

1936

N. VII e VIII

## SUMMARIO

Pelo bem do Brasil — discurso — *José de Mesquita*  
O cerrado — poesia — *D. Aquino Corrêa*  
O que eu pedi á Vida — AS tres cordas — Eva — poesias — *José de Mesquita*  
Só — Olhos mortos — versos — *Octavio Cunha*  
Rio Cuiabá — soneto — *Analdo Serra*  
A epopéa do Ypiranga — Vozes do Coração — poesias — *A. Tolentino de Almeida*  
Felix Pacheco — *V. Corrêa Filho*  
A influencia da mulher na evolução brasileira — *Philogonio Corrêa*  
Chronica de Cuiabá — Marimbú — poesias — *D. Martins de Oliveira*  
A Fazenda «Tabôco» — poesia — *J. Bonifacio de Albuquerque*  
Predestinação — conto — *José de Mesquita*  
Considerações sobre o estudo da lingua — *Severino de Queiroz*  
Engenho velho — *A. Leite de Barros*

### INTERCAMBIO CULTURAL

Mensagem dos irmãos paranâenses e resposta á Mensagem  
Academia Rio-grandense de Letras — *Ary Martins*  
Uma visita honrosa — *Antonio Salles*

### PAGINAS DOS MESTRES

Theoria do romance — *Ronald de Carvalho*

### PAGINAS CONTEMPORANEAS

Um poeta matto-grossense — *Veiga Miranda*  
Mucio da Paixão — *José Victorino*

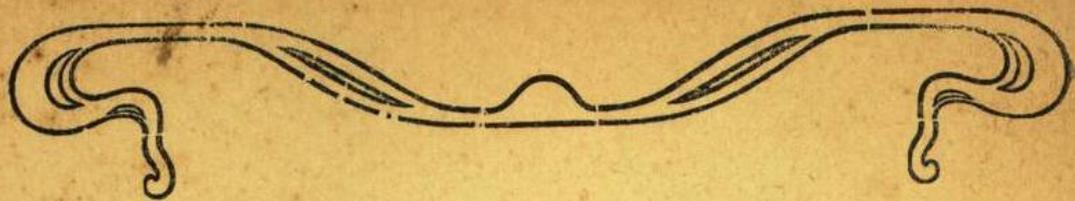
### PAGINAS ESQUECIDAS

A uma bella desconhecida — *Luiz de Miranda Horta*

### PAGINAS DOS NOVOS

Poema do sino — *Benilde Borba de Moura*  
Quando os olhos falam — poesia — *Clodomiro Bastos*  
Publicações recebidas





# Para o bem do Brasil

---

DISCURSO PROFERIDO PELO DES. JOSE' DE MESQUITA  
PRESIDENTE DA ACADEMIA MATTOGROSSENSE DE  
LETRAS, NA SESSÃO COMMEMORATIVA DO **DIA**  
**DA PATRIA**, PROMOVIDA PELAS SOCIE-  
DADES CULTURAES DE CUIABA'.

ÃO poderia a Academia Mattogrossense de Letras encontrar melhor oportunidade para inaugurar os melhoramentos na sua séde social, em bôa hora levados a effeito pela digna e operosa administração Fenelon Müller, de que esta ephemeride em que, por todo o país, se festeja, com sinceras e entusiasticas manifestações, o Dia da Patria.

E isso porque, aqui neste santuario, onde as letras e as sciencias se associam, no devotamento aos mais puros idealismos, paira, acima de quaesquer outras cogitações, a imagem querida e sagrada do Brasil.

Dentro dos muros deste pantheão, em que a sombra augusta de Leverger parece ainda errar, protegendo e abençoando os que nelle trabalham, não penetram pre-

ocupações outras, senão que esse culto sereno, constante e abnegado do civismo.

Na hora agitada que passa e sacóde o Estado de trepidantes emoções, podemos encontrar, nesta basilica da Arte, o oásis suave da paz e do trabalho, o terreno neutro, onde se calam as paixões, a colmeia laboriosa em que todos, irmanados pelo mesmo ideal, embora professando as mais diversas convicções doutrinarias ou politicas, se congregam unidos em torno ao pensamento da grandeza intellectual da nossa terra.

Quando, neste mesmo local, precisamente ha tres annos atrás, se installou a A. M. L., em virtude da transformação do Centro homonymo, crepitava, em pleno coração do Brasil, na heroica e legendaria Paulicéa, o braseiro formidavel da revolução constitucionalista, fructo dos anseios daquela brava gente pela volta do paiz ao regime da lei.

Tive a fortuna de exarar desta mesma tribuna, os votos da Academia nascente par que, extincta quanto antes, a pugna fraticida, «alvorecesse o dia luminoso da paz e da fraternidade, em que todo os brasileiros dignos pudessem commungar nas aras da Patria a hostia branca e immaculada da concordia e do civismo».

Hoje, Senhores, pezar da paz apparente que reina, vêmos não menos toldados os horizontes, não só do nosso Estado, mas de todo o Brasil, não apenas do nosso paiz, mas de todo o mundo. Nuvens pesadas, nuncias de breves tormentas, negrejam por todos os quadrantes.

Sobre o velho Continente plana o espectro macabro da guerra, prestes a lançar, umas contras as outras, as raças e as nações. Em nosso paiz, o virus deleterio da anarchia se infiltra insidiosamente, sob color de conquistas libertarias, no combalido organismo nacional. Dentro do Estado, em que vemos afinal raiar a tão desejada aurora da reconstitucionalização, não menos af-

flictiva é a situação que se nos depara, diante do espectáculo doloroso da desorganização administrativa e financeira, consequente á instabilidade e descontinuidade da acção governativa, podendo-se prevêr, em face da angustia que assoberba a todas as classes, que dias ainda bastante agitados sombrêam o nosso porvir.

Ainda uma vez, portanto, quero apontar-vos, como estrella unica, nestes céus de procella, esse culto generoso e desprendido da Patria, que pondo, superior ás competições pessoaes e ambições de mando, o bem e o interesse collectivo, vênha a criar uma nova e sadia mentalidade, sopitando odics e paixões, para fazer soar, como a palavra de ordem dominadora, o desejo de *trabalhar para o bem do Brasil*.

*Trabalhar para o bem do Brasil*, — vale dizer, consagrar-se de todo o coração á causa do engrandecimento da Patria, que não deve sêr para nós o objecto de um culto platonico, desses que levam a encher a bocca de um verbalismo declamatorio e vasio, a proclamarem-na bella e rica, sem vêr que não vai nesses attributos naturaes, e por isso mesmo sem maior merito, a grandeza das Patrias, e sim no labor consciente e productivo dos seus filhos, no seu character, na sua honradez, na sua solida estructura moral.

*Trabalhar para o bem do Brasil*, — o mesmo sendo que agir, nas menores como nas maiores cousas, olhos postos no seu progredimento, que deve ser a resultante dos esforços conjugados de todos os brasileiros, mediante uma sincera e leal cooperação, feita de energia e prudencia, de amor e desprendimento, de vontade firme de lutar contra os maus elementos, que tentam solapar os fundamentos graniticos da Nacionalidade.

*Trabalhar para o bem do Brasil* — que tudo é sufocar ambições e fazer calar os appetites inferiores, erguendo, nas aras santas do civismo, a religião da Indulgencia e da Bondade, tudo fazendo por instaurar, quanto antes, o reinado dessa Justiça Social, nos verdadeiros mol-



des christãos, tão necessaria a conter nos seus limites razoaveis o onda das reivindicações dos opprimidos e a barreira tyrannica dos oppressores.

*Trabalhar para o bem do Brasil*,— sem estereis rivalidades, abolindo os regionalismos e os personalismos perigosos e disolventes, orientando-se pelos supremos anhelos de edificar uma Patria melhor, fundada sobre as tradições de honra e de nobreza dos nossos antepassados, dos gentis-homens e cavalleiros que nol-a deram integra e forte, para que assim a transmittamos aos nossos porvindouros

*Trabalhar para o bem do Brasil*,— seja o nosso juramento sagrado, neste dia e neste local, que se pódem dizer historicos, e que cada um, na sua esphera, se esforce por cumprir o seu dever patriotico, firme e desassombradamente, tendo em mira a figura santa da Patria, que, na sua flammula auriverde, drapeja sobre nossas cabeças, como uma benção de ouro e de esperança, como a propria benção de Deus, na expressão mais terna e significativa dos seus symbolismos—na imagem da grande Patria—que queremos e havemos de conduzir aos gloriosos destinos, que lhe reservou a Providencia.

Levemos, portanto, daqui, impressa em nossas mentes e em nossos corações, esta legenda, viva e luminosa, tão luminosa e viva como o proprio Cruzeiro que scintilla nos infinitos dos nossos céus meridionaes—*trabalhar para o bem do Brasil!*



# O cerrado

por D. Aquino Corrêa

Cantem os summos vates a belleza  
Dessa flora phantastica e mentida,  
Com que a mente nos traz presa e surpresa  
A ilha de Venus e os jardins de Armida,  
Onde, no canto, o cysne se reveza  
Com os rouxinóes, e na arvore garrida,  
De potestades magicas ao nuto,  
Com a eterna flôr, eterno dura o fructo.

Cantem outros a pompa e a majestade  
Da matta secular, que rica de humus,  
Atira as franças para a immensidade,  
Transbordantes de seiva e agrestes sumos;  
Onde o sol não infiltra a claridade,  
Nem dissipa do ambiente os acres fumos,  
E dos invios sombraes na horrida moita,  
O canguçú, a resmungar, se acoita.

Eu canto a humilde flora dos cerrados,  
Que brotando dentre aridos detritos  
De canga e quartzo, a esmo agglomerados,  
Na areia sáfara dos arenitos,  
Ergue os caules e os ramos torturados,  
Bem como braços supplices e afflictos,  
Mas mesmo abi, no duro chão de pedra,  
Viça, verdeja, abre-se em flôr e medra!

Eu canto esses vergeis, que o sol inunda  
Com o pollen de ouro da celeste anthera,  
Jardins de fadas, que só Deus fecunda,  
E resuscita após a quadra fera  
Das seccas, quando, na estação jucunda  
Da chuva e da verdura, a primavera  
Repona ahi, no riso côr de rosa  
Da flôr-de-breu, que então revive, airosa.

Bebem do céu as aguas, de tal guisa  
Que tudo abrolha, reverdece tudo,  
Desde o paspalo tenro, que tapiza  
De esmeralda o solo aspero e rudo,  
Até a alta sucupira, onde affla a briza,  
E a cujo lado, o bronco paratudo,  
Que aos ariscos veados tanto agrada,  
Desabrocha, no azul, a flôr dourada.

Como se aspira bem todo esse cheiro  
Tão saudavel de petalas, resinas  
E pomos, quaes o ariticum rasteiro,  
E outros de polpas sápidas e finas!  
Além reluzem, no pomar soalheiro,  
As glaucas frondes das famosas quinas,  
E aqui no tronco, a lagrimar, golpeado,  
Attesta a mangabeira o triste fado.

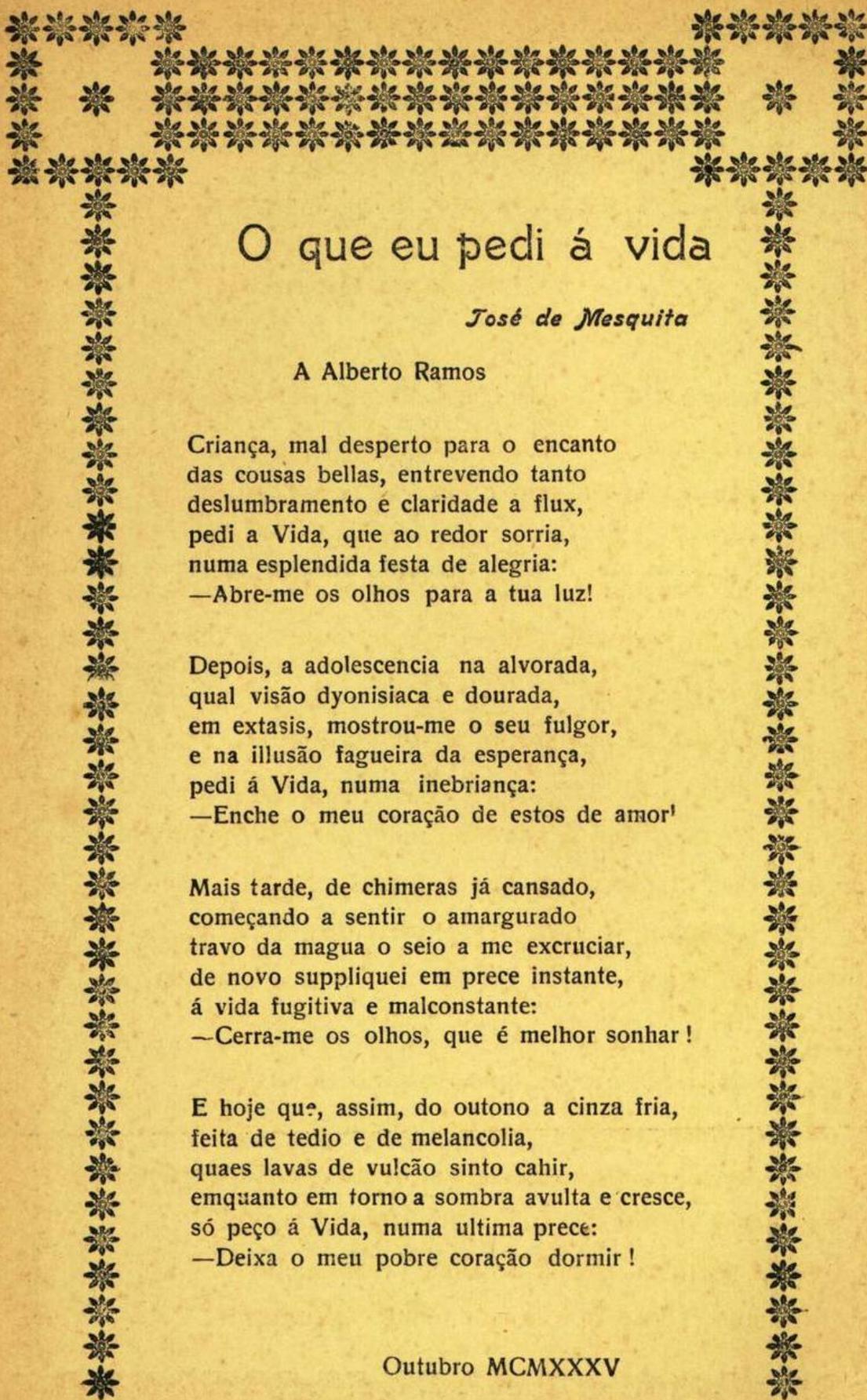
A vochysia de seiva assucarada,  
Viceja ao pé dos capotões selvagens,  
Ella a flôr de ouro e elles a flôr nevada  
Levantam como sceptros nas folhagens;

E mal se erguendo acima da esplanada,  
A brincar nas purissimas bafagens  
Do vento, ora agitadas e ora calmas,  
A mimosa acumã desata as palmas.

Que enlevo ahi, quando a manhã inflamma  
O passaredo que, a gorgear, se agrupa  
Dos piquizeiros na sombria rama,  
Onde madura a perfumosa drupa!  
Das abelhas o enxame se derrama,  
E a palpitar nos calices, que chupa,  
Ostenta o colibri a maravilha  
Da plumagem, que, ao sol, brilha e rebrilha.

Por sobre o cajuizal, que em flôr se estira,  
Trotam em bando as corpulentas emas,  
Emquanto, a sós, o sabiá suspira,  
Como em surdina, os lyricos poemas;  
Mas fazendo vibrar de ouro e saphira  
Todo o espaço, as esbeltas sariemas,  
Trombetas do cerrado, alacrememente,  
Gritam os seus hurrás ao sol nascente.

Bem dita seja a natureza bruta  
Desses charavascaes da minha terra,  
Que além de tudo, nos anima á lucta,  
Para vencer o mal na crúa guerra;  
Pois na gleba maninha, em que labuta,  
Tudo ella vence, e o seio assim descerra  
Em verdes pastos, galhos protectores,  
Fructas e mel, perfume, sombra e flôres!



# O que eu pedi á vida

*José de Mesquita*

A Alberto Ramos

Criança, mal desperto para o encanto  
das cousas bellas, entrevendo tanto  
deslumbramento e claridade a flux,  
pedi a Vida, que ao redor sorria,  
numa esplendida festa de alegria:  
—Abre-me os olhos para a tua luz!

Depois, a adolescencia na alvorada,  
qual visão dyonisiaca e dourada,  
em extasis, mostrou-me o seu fulgor,  
e na illusão fagueira da esperanza,  
pedi á Vida, numa inebriança:  
—Enche o meu coração de estos de amor!

Mais tarde, de chimeras já cansado,  
começando a sentir o amargurado  
travo da magua o seio a me excruciar,  
de novo suppliquei em prece instante,  
á vida fugitiva e malconstante:  
—Cerra-me os olhos, que é melhor sonhar!

E hoje que, assim, do outono a cinza fria,  
feita de tedio e de melancolia,  
quaes lavas de vulcão sinto cahir,  
emquanto em torno a sombra avulta e cresce,  
só peço á Vida, numa ultima prece:  
—Deixa o meu pobre coração dormir!

Outubro MCMXXXV

## As tres coroas

**José de Mesquita**

Quando a vida aurorece em albores de rosa,  
nessa quadra gentil da infancia descuidosa,  
em que o céu do porvir todo se aclara ao brilho  
da esperança que, como um sol, nos vivifica,  
não ha grinalda em flôr tão formosa e tão rica  
como um beijo de Mãe sobre a fronte do filho!

Quando, do dia ao meio, o zênite fulgura,  
na calida sazão em que a alma vibra, á pura  
atração com que o amor a enche de febre e anseio,  
nos dias de labor em que o homem lucha e vela,  
não ha laurea melhor nem coroa mais bella  
do que os braços da Amada a nos cingir o seio!

Quando, tarde em declinio, inverno doloroso,  
a fronte nos alveja ao simum impiedoso,  
que desfolha os rosaes, coalhando o chão de abrolhos,  
estemma de ouro e luz a nos côroar a vida,  
serão as mãos gentis de uma Filha querida,  
tremulas, sobre nós, a nos fechar os olhos!

# EVA

---

---

*José de Mesquita*

Por que Deus te creou assim tão differente,  
ora do homem amiga, ora ao homem hostil,  
seduzindo, a sorrir, o sêr mais puro e crente,  
e outras vezes, quiçá, num olhar transparente,  
abrindo o paraizo ao mais torpe e mais vil ?

Eva, que nos perdeste, e salvaste, ainda agora  
continuas a ser peccado e salvação,  
e estendes para nós a mão que dá e implora,  
mão donde o amor acena e donde o vicio irrorra,  
Eva, flôr da agonia e da consolação,

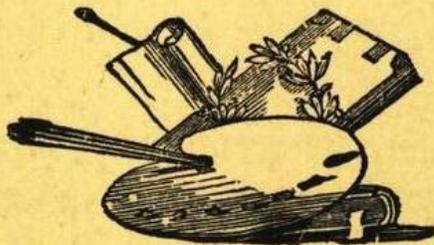
porque has de sêr assim, sempre contradictoria,  
luz na treva mais densa e, outras vezes, o cháos ?  
Tornar um santo peccador tens como gloria,  
mas tambem, quanta vez, fazes tua victoria  
em afastar do abysmo os perversos e os maus...

E's a que de Satan o bailado conduzes,  
nas horas em que o luxo e o gozo a se alternar  
ostentam seu imperio, entre flôres e luzes,  
e no teu throno de ouro e velludo, reduces  
mesmo os mais fortes a teus pés a se ajoelhar...

Mas és também Aquella em que o Senhor nos desce,  
— mãe, o filho a beijar, no collo, ao escurecer,  
— irman, meiga, a estender a mão ao que padece,  
— noiva ou esposa gentil, entre um beijo e uma prece,  
nos mostras que viver é amar e padecer.

Bem dita sejas tu, Eva, que nos redimes,  
que nos inspiras, alta, a volupia do Bem,  
pois si Deus tal te fez, nos seus juizos sublimes,  
uma força divina invencivel exprimes,  
Eva, eterna, que és Mãe e Inimiga também!

(Janeiro MCMXXXVI)





# Só

*Octavio Cunha*

*(A Sylvio Curvo)*

Quero-te assim! — no céo dos meus encantos  
espirituaes, diaphanos, subtis...

Extasis dando aos meus momentos santos  
e dando vida aos versos que te fiz.

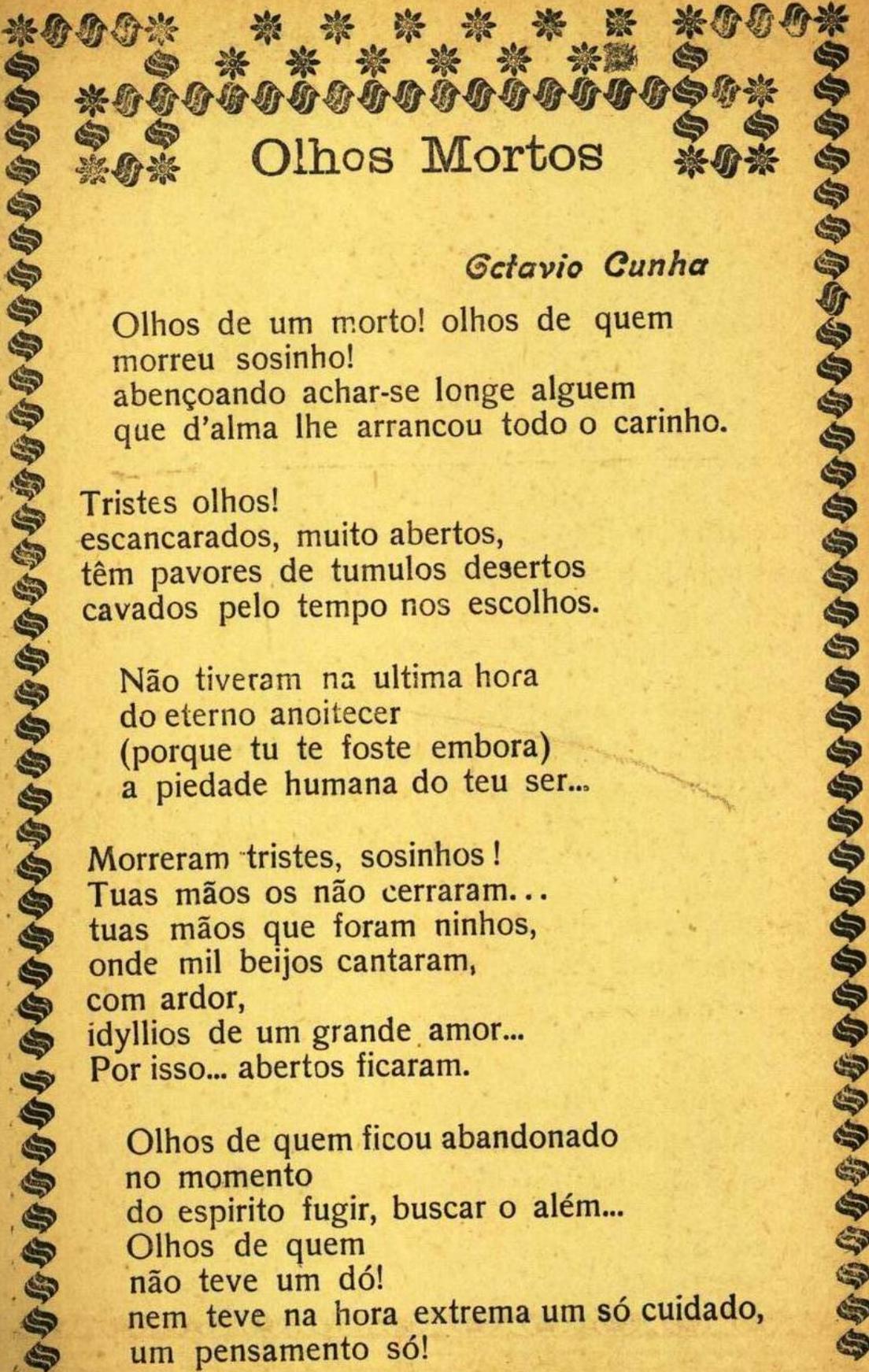
Quero-te ahi! — onde não chegam prantos  
que a saudade chorou e a vóz não diz...

— Para os perfumes há nos céos recantos  
e a arvore é presa ao chão pela raiz! —

Tú és tão santa, lyrial creatura,  
que o meu amor pode magoar-te a crença,  
e o meu desejo ennegrecer-te a alvura!

Amo-te, e soffro só! Não te procuro...  
mas tenho ancias de um cégo de nascença,  
que, banhado de sól, vive no escuro!





## Olhos Mortos

*Octavio Cunha*

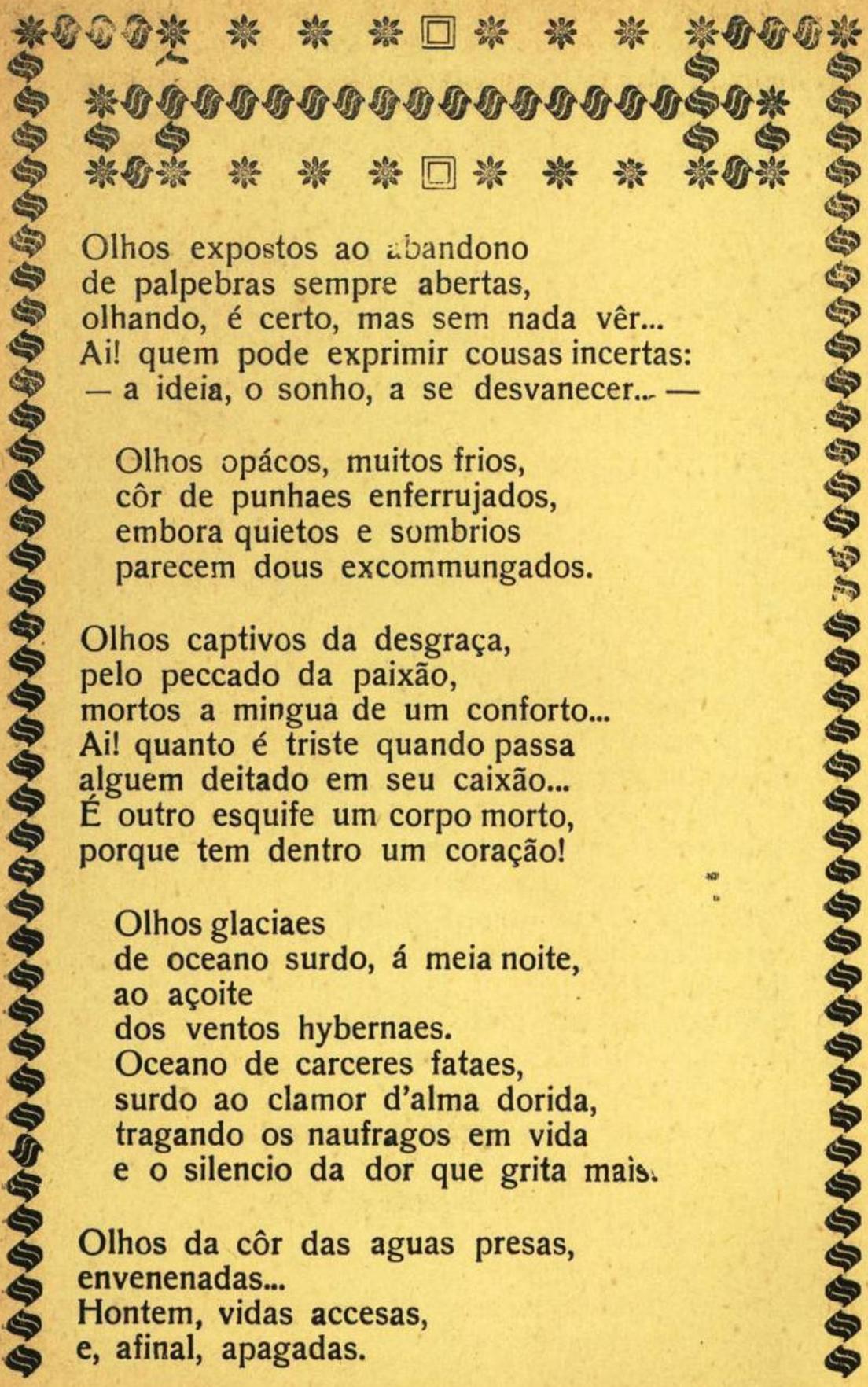
Olhos de um morto! olhos de quem  
morreu sosinho!  
abençoando achar-se longe alguém  
que d'alma lhe arrancou todo o carinho.

Tristes olhos!  
escancarados, muito abertos,  
têm pavores de tumulos desertos  
cavados pelo tempo nos escolhos.

Não tiveram na ultima hora  
do eterno anoitecer  
(porque tu te foste embora)  
a piedade humana do teu ser...

Morreram tristes, sosinhos!  
Tuas mãos os não cerraram...  
tuas mãos que foram ninhos,  
onde mil beijos cantaram,  
com ardor,  
idyllios de um grande amor...  
Por isso... abertos ficaram.

Olhos de quem ficou abandonado  
no momento  
do espirito fugir, buscar o além...  
Olhos de quem  
não teve um dó!  
nem teve na hora extrema um só cuidado,  
um pensamento só!



Olhos expostos ao abandono  
de palpebras sempre abertas,  
olhando, é certo, mas sem nada vêr...  
Ai! quem pode exprimir cousas incertas:  
— a ideia, o sonho, a se desvanecer... —

Olhos opácos, muitos frios,  
côr de punhaes enferrujados,  
embora quietos e sombrios  
parecem dous excommungados.

Olhos captivos da desgraça,  
pelo peccado da paixão,  
mortos a mingua de um conforto...  
Ai! quanto é triste quando passa  
alguem deitado em seu caixão...  
É outro esquite um corpo morto,  
porque tem dentro um coração!

Olhos glaciaes  
de oceano surdo, á meia noite,  
ao açoite  
dos ventos hybernaes.  
Oceano de carceres fataes,  
surdo ao clamor d'alma dorida,  
tragando os naufragos em vida  
e o silencio da dor que grita mais.

Olhos da côr das aguas presas,  
envenenadas...  
Hontem, vidas accesas,  
e, afinal, apagadas.

Olhos de marmores cinzentos!  
Foram n'um tempo bom para duas criaturas  
um relicario de ternuras...  
e o espelho de tantos pensamentos!

Olhos paralisados...  
Rochedos nús da indiferença,  
petrificados,  
como um'alma sem crença...  
N'elles não ha, nem haverá jamais  
o olhar que ama, o olhar que falla, o olhar que pensa!  
Nunca mais!

.....

São os meus esses olhos, que mataste...  
Não têm retinas para te gravar.  
Porque razão com tanto ardor fitaste  
uns olhos que não podem te enxergar!  
Não busques mais meu pobre amor ferido...  
Tempo perdido!  
porque com a tua escura ingratidão...  
tu sahiste, Mulher, do meu sentido  
e da morada do meu coração!





## Rio Cuiabá

*Arnaldo Serra*

*Para Benedito N. dos Santos,  
paranaense de escol e um dos maiores  
artistas do Brasil contemporaneo.*

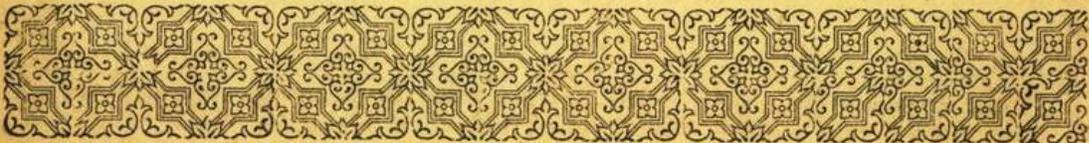
Meu bélo Cuiabá, meu grande rio amado,  
de umbrosos saranzãs, cheio de ingenuas lendas  
que o pescador feliz, contente e descuidado,  
nas tuas verdes praias de maitame e rendas,

traduz tão bem a dôr do luzitano fado  
em saudosas canções, nas rusticas moendas,  
que o verde mangueiral ensombra, lado a lado,  
como a tecer de flôres pálidas legendas...

Estrada liquefeita das celebres Monções,  
cujá lendaria fauna supera as proporções  
dos outros mananciais onde a riqueza aflóra!

Bonançosa corrente que me embalou a infancia,  
com que sentir te vejo nesta illusoria ansia  
de bem viver comtigo as iluzões de outrora...

Rio-Abaixo, Maio de 1.935.



# A Epopéa do Ipiranga

*Antonio Tolentino de Almeida*

## I

Ipiranga! Ipiranga! Riacho ameno,  
A serpentear humilimo, rasteiro,  
Quem diria que tu, sendo pequeno,  
Tens o nome a vibrar no mundo inteiro!

## II

O soberbo Amazonas, o colosso  
Das aguas grandes, tumido entre fraguas,  
Suspende o seu titanico alvoroço  
Ao ouvir soar teu nome á flor das aguas!

## III

E' que á margem do teu exiguo leito,  
Um principe, quebrando o jugo atroz  
Que tinha um povo á escravidão sujeito,  
Murmurou pelo espaço ... e aquella voz ...

## IV

Aquella voz benefica e sublime,  
Mais que o rugir das tempestades forte,  
Aquella voz que desthronou o crime,  
Echou, ao longe: — Independencia ou Morte!

V

E o Brasil se elevou no americano  
Continente, fadado a se expandir...  
Desvendou-se no céu o seu arcano...  
Entre clarões marchou para o porvir.

VI

E tu, arroio humilde, no tamanho,  
Que imitas, a fluir, tenues queixumes,  
Não sentes o renome que tens ganho?  
E a grandeza sem par que em ti resumes?

VII

Foi ao brado, que ouviste, que, gigante,  
Surgiu a nova Pátria soberana  
Que hoje marcha na frente, triumphante,  
Como arbitro da paz americana.

VIII

E tu prosegues no teu curso, em calma,  
Cantando á Independencia os teus louvores:  
Tuas aguas, parece-me, têm alma,  
Têm a bondade dos libertadores.

IX

Oxalá, como tú, serena e doce,  
Sem os terriveis furacões da guerra,  
Possa a Pátria seguir como se fosse  
Teu veio manso a fecundar a terra.

# Vozes do coração

*Antonio Tolentino de Almeida*

(A' estrellada memoria de Anna Catharina Mendes de Almeida, minha pranteada e sempre lembrada nóra.)

Eis alli teu retrato, immarcescivel:  
Vejo-te bem, mas onde as tuas fallas?  
E não sinto os teus passos pelas salas,  
Nem se move esse olhar, frio, impassivel!

Ah! minha nóra, filha estremecida,  
Luz, enlevo vital de nossa casa!  
Anjo, que é do sussuro de tu'aza?  
Partiste... Quando dóe essa partida!

Que eu te quizesse tanto, tanto, tanto,  
Mas affirmo, depois que te perdi;  
Eras do nosso lar a vida, o encanto,  
O estímulo, o prazer, tudo 'd'aquí!

Com que anceio minh'alma te' esperava...  
E que saudades quando não te via!  
E quando vinhas, tudo se exultava,  
Mudavas a feição ao proprio dia.

Ias ser mãe. Teu coração, afflicto,  
Temia o peso da maternidade.  
Preoccupava-te a assás fragilidade,  
Que realçava o teu perfil bonito.

Desde então, numa lide delicada,  
O enxoval preparavas do filhinho:  
Camizinhas de rendas, pós, e arminho,  
Tudo, numa caixinha perfumada.

Eu vendo os sapatinhos, vendo as toucas,  
De avô sentindo o orgulho, me ufanava,  
E as minhas illusões voavam loucas,  
Construindo castellos, que eu traçava.

Quasi sempre fallavamos, sorrindo,  
Do bébé, que seria um travessinho.  
De outras meiguices de sahor infindo ...  
Meu Deus! ja idoiatrava meu netinho!

Ail Não viamos nós, occulta em treva,  
Essa má truculencia carcomida,  
Que a sanha sua em mil desgraças ceva,  
— A MORTE — em ronda, com a foice erguida!

Oh! quando de salvar-te, vi, por terra,  
Toda esperanza que busquei no mundo,  
De Deus no seio paternal, profundo,  
Achei allivio, que só elle encerra.

E vi que Deus, o Unico, o Sublime,  
Fez que expirasses repetindo preces ...  
E rezaste ... rezaste ... Ó tu não cesses  
De orar por nós, tua oração redime.

Ás lagrimas sentidas das amigas,  
Ao pranto irreprimivel das crianças,  
Ao soluço do esposo, que bemdigas  
Lá no reino das bemaventuranças:

Tambem á vista das funereas flores,  
Ao clamores da mãe desilludida;  
Não sei como calquei as minhas dores,  
Ao ver-te em teu esquite recolhida!

Ao céo subiste por luzentes sendas,  
Tendo um anjo por guia — o teu filhinho...  
Contemplo o teu retrato, beijo as prendas...  
E chóro-te, saudoso, em meu caminho.

Santo Antonio do Rio Abaixo, 19 de Janeiro de 1936





## **Coração da Mulher...**

Afla de leve a brisa, os leques agitando  
Da palmeira gentil; ora os lindos flabellos,  
Caprichos vejetaes, viridentes e bellos,  
Se inclinam para o sul, tremendo, palpitando;

Ora apontam o norte, aos arrepios, quando  
A brisa assim o quer em seus doidos anhelos;  
E os pontos cardeaes, com multiplos disvelos,  
Percorrem, cada dia, insconstantes, girando. . .

Coração da mulher: — escriptorio mysterioso,  
Masmorra atroz que encerra um louco aventureiro  
Que vive mergulhado em perenne furor;

Sois as palmas subtis de uma ideal palmeira,  
Sempre apontando a trilha incerta e interesseira  
Que vos ensina, a cada instante, o doido Amor.

*Ulysses Guibano*



## **Manhã ribeirinha**

Deslisa calmo o rio, esfolado de leve  
Pela fagueira brisa. É de manhã. Nos ares  
Aves passam gazis, aos bandos, aos milhares:  
Papagaios louçãs, alvas garças de neve.

Fulvo desponta o sol; nesse momento breve  
A vida tumultúa e desperta nos lares.  
Nas praias ha um rumor de adejos singulares:  
E' a gaivota veloz que á caçada se atreve.

Na extrema curva, acima, aponta uma canoa  
Que vem rodando assim, de vagar, brandamente,  
Aos caprichos do rio e sem um rumo, á tóa.

Na pôpa da piroga um pescador então  
Ferra um jahú no anzol. Sorri, alegremente.  
Estão seguros peixe e caldo p'ra o pirão.

*Ulysses Cuiabano*



## Lenda do Rio-Abaixo

Conta a lenda que em noite albente de luar  
Um rude canoeiro, a sós, pescando á vara,  
De muito "peso" estava e inda nada apanhara,  
Apezar dos ardis que sabia empregar.

"Inda que seja o diabo agora hei de pescar",  
Disse o caboclo iscando o anzol, e mal jogára  
A linhada ao perau, esta, logo, esticára  
Puchada por um peixe enorme e não vulgar.

A lucta foi tremenda e fatigante a empreza,  
Até que enfim o bravo e rijo pescador  
Conseguiu tirar d'agua a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,  
Pois fisgára no anzol a propria mãe, que horror  
Por um castigo atroz que o diabo lhe inflingira

*Ulysses Cuiabano*



## **Lenda do Rio Abaixo**

Conta a lenda que em noite albente de luar  
Um rude canoeiro, a sós, pescando á vara,  
De muito "peso" estava e inda nada apanhara,  
Apezar dos ardis que sabia empregar.

"Inda que seja o diabo agora hei de pescar",  
Disse o caboclo iscando o anzol, e mal jogára  
A linhada ao perau, esta, logo, esticára  
Puchada por um peixe enorme e não vulgar.

A lucta foi tremenda e fatigante a empreza,  
Até que emfim o bravo e rijo pescador  
Conseguiu tirar d'agua a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,  
Pois fisgára no anzol a propria mãe, que horror  
Por um castigo atroz que o diabo lhe inflingira

*Ulysses Cuiabano*



# Felix Pacheco

*V. Corrêa Filho*

O desaparecimento de Felix Pacheco, inesperadamente ocorrido, quando apenas alcançara o fastigio da sua trajectoria nas letras, em posição sobranceira ás canceiras e injuncções politicas, abriu ensejo a que se pudesse avaliar quanto se agigantára, no conceito geral, o director do jornal centenario, que vem acompanhando a evolução brasileira desde a era de Pedro I.

Carregára destramente, por tres agitadas decadas, a responsabilidade das tradições que lhe foram ter aos hombros, mal transpuzera a adolescencia, em cujo limiar evidenciara inequivocos pendores, para ser, na imprensa, a propria sensatez personificada. Não seria por simples coincidencia, que o seu primeiro ensaio tomasse por thema a figura empolgante de Evaristo da Veiga, cuja biographia debuxou, para relembra-los os traços acaso esbaidos pelo tempo e os serviços incomparaveis do «Publicista da Regencia».

Era, por ventura, a maior força moral, que amparava a acção energica de Feijó, depois de ter contribuído decisivamente para enfraquecer os rompantes desabusados de Pedro I, que via na AURORA FLUMINENSE o fiscal incorruptivel, a cuja analyse nenhum episodio, que interessasse a nacionalidade, passaria despercebido.

Esse foi o modelo, que mais impresionou o joven jornalista, cujo nome se esboçou em destaque, entre os parceiros, ao raiar do seculo.

Começara, antes, anonymamente, a temperar a pena, em folhas ephemeras, do mesmo passo que, por se despicar das incompreensões do meio, entrava, com ardor, na campanha da renovação literaria, que toda geração inspirada, ao firmar as suas aspirações adolescentes, se julga compellida a empreender contra o existente que ja se lhe afigura antiquado.

Dominava, em poesia, o parnasianismo, com o culto á perfeição da forma, e impressionante gravidade marmorea, que viera compensar os excessos de sentimentalismo romantico de que se alagára grande parte do seculo.

Os seus mais fieis interpretes já eram mestres consagrados, quando apontou nas letras a bandeira de Cruz e Souza, com as suas maiusculas a granel, nuncias de emoções afinadas e pretensão de suggerir ideias e sentimentos, em vez de definil-os derramadamente, á maneira do romantismo, que se enlanguecera em lamurias rimadas, esquecido o estro dos iniciadores de genio, ou enquadral-os em linhas hieraticas pacientemente ordenadas pelos discipulos de Heredia.

Nem a expressão descuidada, dos que se apressavam em trazer a publico as suas confidencias sentimentaes, nem a impossibilidade artificial, que amealhava rimas ricas e vocabulos raros para os seus versos adstrictos á metrica rigorosissima.

O symbolismo importado, que os jovens iriam a-

braçar, fluctuava no vago e na penumbra dos sonhos, em que se combinavam sons e cores, dispensada a symetria formalistica das composições parnasianas.

Libertava-se dos moldes estabelecidos, para melhormente traduzir os seus estados dalma, que seriam realmente tragicos no poeta negro, em cujo destino incidiam componentes raciaes e sociaes desnorteantes.

O entusiasmo da mocidade explica satisfactoriamente a adhesão de Felix Pacheco, aliás em contraste com as preferencias do publicista, manifestas no ensaio acerca de Evaristo da Veiga, cuja ponderação patriótica lhe serviria de paradigma.

Á medida que avançava em idade, porem, esbatia-se-lhe o exclusivismo dos vanguardeiros para quem era como si não existisse a literatura anterior ao advento symbolista. Só então começaram os valores verdadeiros que marcariam a sua passagem na poesia, ao que julgavam os iconoclastas.

O exagero de tal apreciação não tardou a revelar-se com o cortejo de injustiças, a que daria causa, ao claro<sup>o</sup> espirito do jovem poeta, cujo sentimento de ordem e justa medida aos poucos foi sobrepujando os excessos da escola a que se filiara.

E emquanto, por um lado, concertava pazes com o parnasianismo, que lhe proporcionaria a technica primorosa para os seus melhores sonetos, por outro mergulhava no mare magnum do jornalismo, que lhe satisfaria a incoercível vocação.

De golpe, estadeou a sua potente individualidade galgando, sem tardança, os postos de maiores responsabilidades.

De reporter anonymo a chefe da redacção, a director, apenas decorreu o intersticio necessario a que lhe conhecessem ae qualidades de mando e intelligencia, que fizeram d'elle o jornalista mais completo de sua geração

e o estadista capaz de resoluções heroicas.

Depois de orientar os seus contemporaneos, com editoriaes, que lhe espelhavam o sadio patriotismo, servido por crescente cultura, capaz de esclarecer os assumptos mais obscuros, viu-se desviado momentaneamente da sua profissão, para actuar em tablado diferente.

Solicitaram-lhe a competencia e a integridade, com que se nobilitou a politica, em attenção o cujo mandato ingressou no Parlamento, onde se distinguiu entre os mais sagazes estudiosos dos problemas brasileiros.

Tamanho relevo adquiriu entre os pares, que ninguém estranhou lhe confiasse o Presidente Arthur Bernardes a chefia do Itamaraty, onde perdurava ainda a tradição de Rio Branco.

Nova modalidade dos seus talentos iria patentear-se, no scenario internacional, ao estudo de cujas questões applicou o mesmo espirito de clareza e lealdade com que agia em qualquer emergencia.

A' solidariedade americana, em particular, dedicou os seus melhores esforços, convicto da conveniencia de viver o Novo Mundo de maneira diferente da Europa, cujos povos em geral se agitam em desconfianças reciprocas e resentimentos seculares.

Para melhormente despertar sympathias entre vizinhos, que se articulam no passado, em origem common, facilitadora de entendimentos amistosos, promoveu congressos e tratados, entre os quaes se destaca, especialmente para Matto-Grosso, o que se assignou com o plenipotenciario boliviano.

Ajustaram soluções fronteiriças, em segmentos ainda indecisos, combinados com a articulação das redes ferroviarias de ambos os paizes, por intermedio da E. F. Noroeste do Brasil.

Deparou-se-lhe, de principio, o protocollo bolivio-

argentino, que praticamente impedia qualquer futuro prolongamento da via ferrea brasileira pelo sudeste da Bolivia. Havia mister de promover-lhe a annullação, antes de estabolar outras negociações, em que se empenhava sobremaneira.

Ardia por ver a estrada por excellencia bandeirante romper a oeste do Rio Paraguay em demanda de Santa Cruz de la Sierra, a que proporcionaria a mais curta sahida para o Atlantico.

Mal a seu grado, não perdurou o convenio mag-nifico, de tanta importancia para o futuro de Matto-Grosso, substituido, na seguinte administração, por outro, que sacrificou irremediavelmente o prolongamento da E. F. Noroeste.

A ideia ero ousada em demasia para a rotineira actividade administrativa.

Sonho de poeta, não lhe consentiram a execução, que aliás se apoiaria em seguras deducções technicas.

Confundiram-lhe a fidelidade á poesia, do que jamais se divorciou, com a carencia de espirito realizador, como si fosse o primeiro caso de perfeita identificação do meditativo com o homem de acção.

Porque tão superiormente evidenciara sobrarem-lhe qualidades que de commum não se reúnem no mesmo individuo, não lhe faltou a conjura adversa, um de cujos golpes lhe arrebatou o mandato senatorio.

Por certos aspectos, foi o maior premio, que lhe poderia outorgar a politica, embora pretendesse aborrecel-o.

Alliviando-o de encargos, que tomava a serio, como lhe era de habito em tudo de que se occupava, permittiu-lhe vagar para retomar os saus affazeres predilectos.

Retornou ao jornalismo, com redobrado prestigio,

ás pesquisas historicas, bibliographicas e á poesia.

Articulista elegante, as suas «Varias» dispensavam a assignatura, cuja falta não lhe encobria a autoria.

Nenhuma questão de interesse geral, jamais o encontrou desprevenido de argumentos para discutil-a, sempre coherente com as suas ideias de progresso dentro da ordem.

Era, por essa feição, deliberadamente conservador, accorde com a tradição do «Jornal do Commercio» cuja direcção exclusiva lhe coube ultimamente.

Frequentando-lhe as columnas, ainda ageitava tempo de investigar as duvidas existentes na bibliographia, especialmente brasileira, em que os especialistas lhe festejavam a autoridade incontestavel.

Em DUAS CHARADAS BIBLIOGRAPHICAS, que então deslindou, exhibiu provas cabaes da sua erudição de primeira mão, que o sagrou mestre no genero, ainda quando nenhuma outra obra compuzesse a respeito.

Mas, todas as demais occupações intellectuaes não suffocaram o poeta, que jamais deixou de ser.

E assim que se viu relativamente alliviado de absorventes encargos, volveu aos pendores adolescentes, embotado o extremismo de escolas literarias, que outra o empolgavam.

Inebriara-se de Baudelaire, que lhe iria inspirar a derradeira campanha literaria, rehabilitadora do genial poeta do satanismo artificial.

As divergencias de temperamento, que deveriam gerar a incompreensão, apagavam-se, ao contrario, quando o poeta brasileiro, no perfeito equilibrio dos seus sentimentos. interpretava o extravagante sonhador de contrastes chocantes.

E lhe atenuava as falhas de character, desprezíveis diante da magnificencia do seu estro antecipador de mais de uma geração literaria.

Tanto escreveu a proposito, e com tamanho acerto e sagacidade, que os proprios criticos francezes o emparceiraram aos melhores conhecedores do espolio baudelariano.

Não se limitou, porem, a traduzir e commentar o mestre sublime da sua adolescencia, sinão que tambem obedecia á propria inspiração, ao dedilhar os ultimos accordes, repassados de resignada conformação com os desillusões que lhe não faltariam na existencia trabalhosa.

A musa feliz, que tanto enaltecera as delicias do lar harmonioso, o seu maior encanto, ja esmorecia, ensombrada por tragicas visões, que lhe inspiravam cantares de serena melancolia:

#### AS PROVAÇÕES SÃO SEMPRE NECESSARIAS

*O coração, ás vezes, necessita  
Ser retalhado todo em mil pedaços,  
Sacrificar até os proprios traços  
No desespero a que a magua o incita.*

*Só deste modo a gente se habilita,  
Através de amargores e cansaços,  
A frequentar mais limpidos espaços,  
E contravir aos golpes da desdita.*

*Ninguem fóra da dor será perfeito.  
Ditoso aquelle que já viu no peito  
A desfortuna erguer-se em furias varias.*

*E' por ahi somente que se alcança  
Ganhar um dia o céu com segurança.  
As provações são sempre necessarias.*

E como que prevendo o fim proximo, alinhou os versos que lhe definiam o doloroso vaticinio, piedosamente encarado:

O CIRCULO DE FERRO

*O que mais dóe na marcha para o occaso  
É assistirmos tombando cada dia  
Ao pé de nós mais um da companhia  
E vermos por igual nos mingua o prazo.*

*Vão immergindo assim no campo razo  
Os amigos e irmãos que a idade unia;  
E o termo que nos toca se annuncia  
A avisinhar-se aos poucos, sem atrazo.*

*A cada baque desses ergo a vista  
E o phantasma sem cor quer já não dista  
Surge por traz das sombras que descerro.*

*Já lhe ouço perto o caminhar nefando  
E os braços descarnados apertando  
Cada vez mais o circulo de ferro.*

Quem lhe lesse o expressivo soneto, de recente elaboração, tomaria por mero devaneio de poeta, mas a amarga realidade dentro em pouco trazia confirmação ao sombrio presentimento, que em plena pujança intellectual, abateria o glorioso brasileiro, cuja ausencia a familia chora, os amigos deploram, e o paiz sente, como si lhe baqueasse um dos maiores esteios das instituições e da propria nacionalidade.





# A INFLUENCIA DA MULHER NA EVO- LUÇÃO BRASILEIRA

*Philogonio Corrêa*

(Palestra feita na sessão commemorativa da Festa da Pa-  
tria promovida pelo Federação mattogrossense pelo Progresso  
Femenino)

As conquistas da mulher através das sociedades hu-  
manas que se succedem marcham parallelas na razão  
directa do progresso dos homens atravez dos tempos.

Quanto mais o homem se aperfeiçoa, mais a mu-  
lher se evidencia como factor importante d'esse mesmo  
aperfeiçoamento.

Nem mesmo a pécha de incapacidade com que a  
mimosearam as instituições já revogadas, pode offuscar  
o brilho da sua actuação para a vida da humanidade.

Modesta, mal preparada e mal educada, assim mes-  
mo são numerosissimos os exemplos registados pela his-

toria, com os quaes a filha de Eva destróe, com eloquencia, o egoista conceito da sua pretendida inferioridade.

Semiramis ainda assombra o mundo pela magnificencia dos seus jardins suspensos, uma das sete maravilhas do mundo.

Péricles não teria ligado o seu nome ao maior dos seculos literarios e scientificos da brilhante Grecia, se não tivesse a incentival-o a belleza e o genio creador de Aspasia.

A belleza de Helena incendiou a sua patria com a guerra de Troiá.

Cleopatra, com os seus encantos e com o seu talento, soube vencer os maiores conquistadores romanos.

As sabinas, levadas pelo amor, evitaram a guerra entre os seus maridos e os seus paes.

Tamaquil remodelou a Roma dos primitivos reis e Cornelia tornou-se o paradigma das mães educadoras.

Foi Catharina da Russia a digna continuadora da obra formidavel de Pedro, o Grande.

Maria Thereza fez tremer a todos os seus visinhos.

Dante, se não tivesse inventado Beatriz, não teria produzido a Divina Comedia e Petrarca não seria um inspirado se não fosse o amor de Laura. Todos os heroismos da cavallaria foram praticados em nome de uma dama. Até para D. Quixóte não faltou uma Dulcinéa.

Christo perdoou os seus algozes pelos olhares supplicantes de Maria, pelas lagrimas de Magdalena.

Quando não lhe basta o cérebro, a mulher sabe tambem vencer pelo coração.

Thereza de Jesus se santificou porque muito soube amar.

Augusto Comte não nos teria legado a sua obra, se não fosse a collaboração de Clotilde.

A Kadidja se deve a inspiração de Mafoma no al-

corão.

Ao tino emprehendedor da rainha Anna, deve a Inglaterra o seu septro de rainha dos mares.

Esse mesmo paiz admiravel, que não gosta de attribuir á acção de individuos isolados os seus exemplos de organização modelar, rende um culto especial aos grandes emprehimentos da rainha Izabel, e ao martyrio empolgante de Maria Sturart, assim como confessa dever ao longo e ponderado reinado da rainha Victoria, as maiores conquistas para a definitiva integração do formidavel patrimonio territorial do grande Imperio Britannico.

A tenacidade intelligente de Izabel, trabalhando longo tempo para dissipar a incredulidade do rei Fernando, transformou em realidade o velho sonho do heroico navegante genovez, juntando a America aos dominio dos reis catholicos.

Aos talentos da mulher deve a França o seu realce diplomatico da sua phase absolutista, desde Luiz 11º até a grande revolução.

O coração de Napoleão doeu-se mais quando repudiou a leal Josephina, do que no dia do desastre de Waterloo.

Na evolução brasileira a influencia feminina sempre foi attestada com eloquencia.

Já desde os tempos do Brasil colonia o amor de Moema inspira o poema de Santa Rita Durão; e a causa da aproximação do aboigene ao portuguez colonizador deve mais á dedicação do Paraguassú e de Bartyra, do que a todos os planos organizados para a cathechese.

A nobreza da virgem selvagem mereceu mesmo destacada menção no romance de Alencar, onde a graça e os encantos de Ceci não se manifestam superiores á dedicação e á ternura amorosa da bella filha da

erra de Iracema.

E não esquecendo um facto bem nosso, bem matogrossense, mistér se faz realçar aqui o eloquente episodio de Roza, a Boróró, magnificamente descripto pela penna brilhante de D. Maria do C. de Mello Rego, como importante subsidio para a historia da cathese em nosso estado.

As moças do recolhimento das orphãs, mandadas para o Brazil, meio seculo depois da viagem de Cabral, com especial recommendação da rainha de Portugal para que fossem ellas casadas com as principaes pessoas da Colonia, foram de notavel actuação moralisadora naquelles tempos em que o desregramento de costumes tornára-se desolador da Terra de Santa Cruz.

A mulher pernambucana foi de tanta abnegação e de tanta nobreza durante a invasão hollandeza, que fascinou os invasores, contribuindo para que se amenizassem os ardores dos encontros, preparando dias realizadores para a administração de Nassau, o que entretanto não inpediu as façanhas de D. Clara Camarão por occasião da reacção restauradora que se seguiu á retirada do notavel príncipe governador.

Foi a bravura da mulher paulista o incentivo dos seus maridos para a desforra requerida pela traição da guerra dos Emboabas, assim como foi essa mesma bravura a vara magica que impulsiou, ainda a bem pouco, as hostes Constitucionalistas em homenagem á lei.

Foi a mulher, foi a doce visão de Marilia. a inspiradora de Gonzaga durante os negros dias da Conjução Mineira, a cujos horrores não pode resistir o coração amantissimo d'aquella que era chamada, pela sua belleza, a — Princeza do Brazil —

Na guerra pela nossa independencia, avulta pela sua bravura a mulher bahiana, resumida na figura lendaria de Maria Quitéria e no martyrio estoico da freira Angelica de Jesus.

Chegamos agora á empolgaute phase da nossa historia na qual nos tornamos nação autonoma, organizando-nos em monarchia constitucional representativa.

Foi então que a contribuição da mulher e agora não mais da mulher de condição humilde, mas da mulher que tinha sobre a sua cabeça o peso de uma corôa imperial, tocou ao auge da sua efficiencia

Quero me referir ás attitudes intelligentes e decisivas, ponderadas e cheias de affecto, que tiveram no palco politico do drama da nossa independencia e, logo depois durante os dous reinados brasileiros, as imperatrizes D. Leopoldina e D. Amelia, D. Thereza Christina e a excelsa Princeza Izabel, aquella que devia ser a imperatriz do 3º reinado.

Os actos dessas nobres damas, em dias de tão momentosas realisações, são bem o attestado eloquente do quanto póde a actuação feminina como collaboradora na vida politica administrativa de um povo; e são ainda o mais formal desmentido da supposta inferioridade da mulher.

A primeira, a inclita archiduqueza da Austria, trocou a pompa asiatica da sua faustosa monarchia e o conforto negligente da sua côrte brilhante, pelo amôr vario e inconstante do nosso primeiro Pedro, dando-nos inteiro o seu coração ávido de affecto e o seu cerebro superior, tornados, entre nós, os collaboradares indispensaveis na obra admiravel de José Bonifacio.

Nascida em 1797 e prematuramente fallecida em 1826, apenas com 29 annos de idade, foram, entretanto, de perfeita maturidade os seus actos como soberana; e nem o seu martyrio como esposa e nem os infames ultrages da trefega Marqueza de Santos, conseguiram fazel a perder a amargurada serenidade de martyr do amôr.

Assignala Max Fleui no seu trabalho "A Paladida da nossa independencia" que foram sempre os gran-

des traços typicos da primeira Imperatriz do Brasil "lha-neza do trato, soberania do coração e abnegação heroica pela magna causa da sua segunda patria."

Adaptando-se logo ás ardencias de nosso clima e á então vida proviuciana do Rio de Janeiro, procurava esquecer no trato dos livros e no treinamento de esportes varios, as estroinices do marido e os escandalos de Carlota Joaquina e da Marqueza de Santos.

Debret assignala em suas notas que, desde a vinda de D. Leopoldina "tudo pareceu tomar, no Rio, um caracter francamente europeu".

Era a sua influencia que principiava.

Ella accentuou-se logo depois na questão do Fico".

A Imperatriz não desejava a volta do seu marido para Portugal

Em carta de 8 de Janeiro de 1822 escrevia a Schaffer:

"Elle (o marido) está mais bem disposto para os brasileiros do que eu esperava, mas é necessario que algumas pessôas influam mais, pois não está tão positivamente dicidido como eu desejava"

Francamente partidaria da nossa separação assim escrevia ella a D. Pedro em 1º de Agosto de 1822:

"O pomo está maduro corte-o e já, senão apodrece".

E a José Bonifacio, logo depois, desconfiada com o novo governador nomeado para S. Catharina: "Acho meu dever, como eu desejo certamente muito vivamente a honra e felicidade do nosso amado Brasil dizer-lhe que o governador que vai para Sta. Catharina, não hé capaz, fui avisado hontem para muitos amigos verdadeiros e sinceros de nossa causa que Soares hé muito pé de chumbo, sua conducta em Pernambuco tem sido pessima e aqui foi muito fallador a favor das côrtes de Lisbôa; veja que se ha de fazer; é melhor tardar em a ida de taljetinho athé a vinda do meu adorado esposo",

Creemos não haver necessidade de pôr mais nas cartas para provar uma attitude.

Para saber-se quem era a 2ª Imperatriz do Brasil D. Amelia de Leuchtemberg, basta que se leia a sua carta de despedida ao menino de quem devia separar-se com o acto da abdicção, menino esse que devia ser depois nosso 2º imperador.

Para uma jovem de 20 annos de idade, e que era apenas madrasta, bastam as seguintes linhas: —Mães brasileiras, eu vos confio este preciosissimo penhor da felicidade do vosso paiz e do vosso povo. Eil-o tão bello e puro como o primogenito de Eva no paraizo. Agora sinto minhas lagrimas correr com menos amargura. Eil-o adormecido! Brasileiros!

Eu vos supplico que não o accordeis antes que me retire. A boquinha molhada do meu pranto, ri, á semelhança do botão de rosa ensopado do orvalho matutino. Elle sorri e o pae e a mãe o abandonam para sempre. Adeus orphão imperador, victima da tua grandeza antes que a saibas comprehender!

Adeus anjo de innocencia e de formosura! Adeus! Toma este beijo! e este ... e este ultimo! adeus, para sempre adeus! , , .

De D. Thereza Christina, a mai dos brasileiros, e de D. Izabel, a Redemptora, para que falar mais?

Os seus feitos são demais conhecidos e não precisam ser lembrados para serem amados.

Da mulher farroupilha, d'essa cujo conceito é feito agora, quando celebramos o 1º centenario da grande revolução gaúcha, pela penna autorisada de Fernando Ozorio, quantos rasgos de abnegação e de virtudes podemos proclamar!

Será ella D. Angelica de Gomes Jardim «que do seu bolso sustentou por muito tempo uma força revolucionaria».

Será ella a poetiza céga Delphina da Cunha.

Será ella ainda a nobre matrona D. Anna Joaquina Luiza Ozorio mãe do General Ozorio, cuja capacidade de trabalho sabia lamentar já na sua velhice benemeri-  
ta: «Já vou caminhando para os 70 annos e ainda te-  
nho tantos trabalhos como quando principiiei a vida ou  
ainda mais».

Será ella ainda D. Anna de Jesus Ribeiro Garibal-  
di, a heroica Annita Garibaldi, lendaria esposa do herbe  
dos dois mundos.

Será ella finalmente D. Nisia Floresta Brasileira  
Angusta, pacifista, polemista, poetiza e literata de valor,  
publicista erudita, sociologa, educadora muitissimo  
viajada, «a mulher paladina que se bateu pela redemp-  
ção da mulher brasileira, que exige nm logar na histo-  
ria da nossa pedagogia e que foi republicana e aboli-  
cionista de convicções firmes, de alevantado humanis-  
mo».

Na Europa tratou com Augusto Comte que viu  
nella os indicios «de uma preciosa discipula» mere-  
cendo por isso fazer parte do grupo da estatua de  
Benjamim Constant, no Rio, em alto relevo commemo-  
rativo da lei aurêa.

Que ao lado da mulher farroupilha, seja lembrada  
tambem a mulher matogrossense, de tantos exemplos  
de abnegação e de coragem.

Recordemos o feito registado pelo gal. Carlos Au-  
gusto de Campos, no seu trabalho «Heroínas brasi-  
leiras».

No momento de ser empossado, no parlamento  
brasileiro, como deputado pela provincia de Mato-Gros-  
so, o famigerado Patricio Manso, tão implicado nos a-  
contecimentos da Rusga, mulher desconhecida atira das  
galerias uns trapos velhos, gritando: E' um assassino!

Os trapos eram as roupas, manchadas de sangue  
que o marido vestia quando foi morto em 1834.

D. Ludovina de Porto-carreiro e as suas companheiras no fabrico de cartuchos, durante os dias das investidas paraguaias contra o Forte de Coimbra, não foram inferiores, eu já tive ocasião de dizel-o, ás mulheres carthaginezas que deram os seus cabellos para com elles ser construido o cordoame das galéras patrias.

D. Senhorinha, viuva do guia Lopes, pelo muito que soffreu pela Patria, mereceu a honra de ser acompanhada até o tumulo, quando morreu em 1913, pelo regimento do exercito brasileiro aquartelado em Bella-Vista, de cuja bandeira era madrinha.

Que eu não esqueça, neste ligeiro trabalho, o esforço para o bem d'essas almas de dedicação e de elite, humildes obreiras do progresso, dignas émulas do soldado desconhecido, sem nome destacado, mas naturalmente destacadas, pelo muito que fazem pela grandeza da Patria: as professoras!

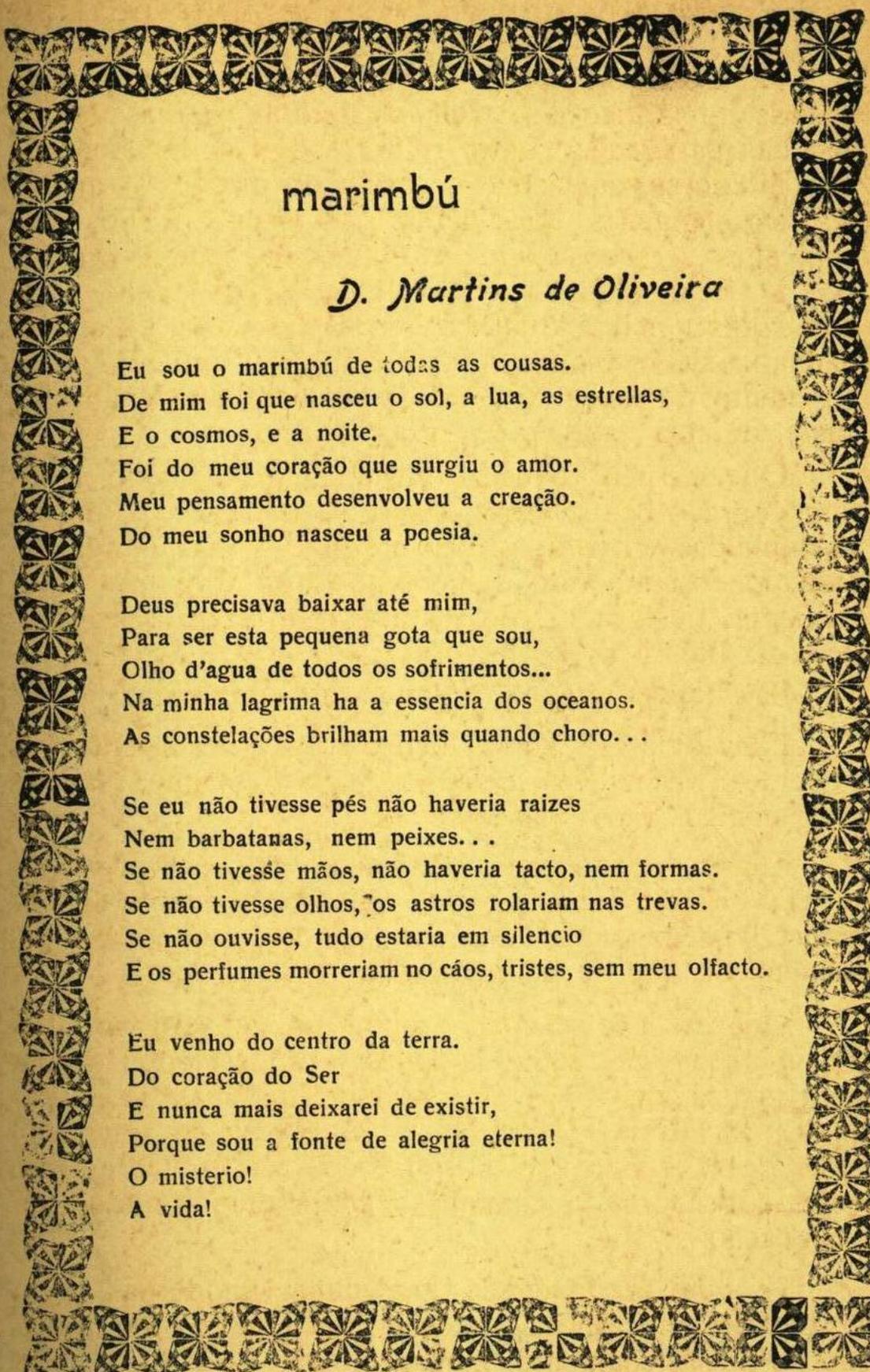
São tantas que não podem ser nomeadas.

Ellas avultam nessa benemerita cruzada que é a Federação Brasileira pelo progresso feminino. Não ha citar nomes. São todas grandes.

Ellas se evidenciam, entre nós nas realizações do tenaz «Gremio Julia Lopes», cujo nome é uma significativa homenagem a uma das maiores cerebrações femininas de que se pôde orgulhar o nosso paiz.

Que eu não esqueça ainda, numa expressiva homenagem de descrente, aquellas a quem povo chama com justiça, de irmãs de caridade; heroínas da educação e do ensino, devotadas da catechese do selvagem, raios de esperança nos hospitaes, a fazer brilhar, sobre entes soffredores, a chamma bemdita e confortadora da resignação.

Termino saudando as sociedades modernas, pelo aproveitamento efficaz do esforço feminino, no trabalho do aperfeiçoamento humano.



## marimbú

*D. Martins de Oliveira*

Eu sou o marimbú de todas as cousas.  
De mim foi que nasceu o sol, a lua, as estrelas,  
E o cosmos, e a noite.  
Foi do meu coração que surgiu o amor.  
Meu pensamento desenvolveu a criação.  
Do meu sonho nasceu a poesia.

Deus precisava baixar até mim,  
Para ser esta pequena gota que sou,  
Olho d'água de todos os sofrimentos...  
Na minha lagrima ha a essencia dos oceanos.  
As constelações brilham mais quando choro...

Se eu não tivesse pés não haveria raizes  
Nem barbatanas, nem peixes...  
Se não tivesse mãos, não haveria tacto, nem formas.  
Se não tivesse olhos, os astros rolariam nas trevas.  
Se não ouvisse, tudo estaria em silencio  
E os perfumes morreriam no cáos, tristes, sem meu olfacto.

Eu venho do centro da terra.  
Do coração do Ser  
E nunca mais deixarei de existir,  
Porque sou a fonte de alegria eterna!  
O misterio!  
A vida!

## erónica de cuiabá

**D. Martins de Oliveira**

Minha velha capital bicentenária,  
Nascida no povoado da Forquilha,  
Calçadinha de ouro como as terras do sonho!  
Marco extremo do caminho das bandeiras,  
Paschoal Moreira Cabral te alcançou,  
Com as suas botas de sete leguas e meia,  
Para te fazer na pátria dos boróros  
A sentinela do oeste do Brasil.

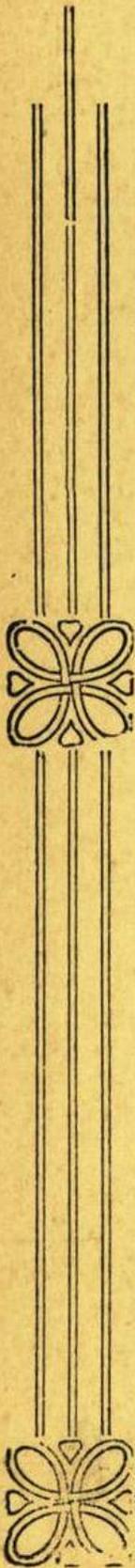
E abriste o seio de gemas recamado,  
Refulgindo ao sol como um tesouro em brasas,  
Para premiar o ousado bandeirante  
A audácia das aventuras temerárias.

E tua fama cresceu nas Mil e Uma Noites...  
E contaste uma lenda aos teus mineiros:  
Era uma vez uma alavanca de ouro,  
Que se sumia pela terra a dentro,  
Quanto mais se cavasse para arrancá-la;  
Por ela morreu gente sem ter conta,  
Soterrada nas catraias da ambição.

Rei meu Senhor mandou dizer  
Que a felicidade não se alcança  
Com riquezas somente, não, senhores!

E a vida cresceu e se multiplicou  
O tempo correu...  
A cidade se desenvolveu.  
Muita cousa se deu!  
Tanta gente morreu...  
Tanto povo chegou...  
E tudo se mudou.

Dois séculos depois, você é uma cidade-vo-vó,  
Que conta história para a gente ouvir:  
Era uma vez um rio caudaloso  
Onde havia piranhas, pintados e pacús;  
Rei meu Senhor mandou dizer  
Que aquele que comer cabeça deste peixe  
Ficará com saudades, sim, senhores!

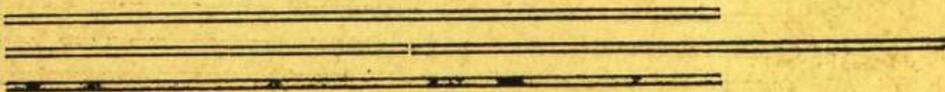




Cadê a "cabeça-de-boi" que Mario Corrêa decepou  
Pra fazer um jardim? Agora sim!  
Lá está o Liceu Cuiabano — a crisalida...  
O Instituto Historico — a tradição!  
Avenida D. Aquino Corrêa...  
O prelado orador que faz grandes sermões  
De lenço branco à mão e clama — Onde estão os bellos tem-  
[pos da valsa?

E murmura acrosticos latinos  
Aos ouvidos da sua "cidade verde".

Cidade verde!  
Cidade amarela do ouro!  
Cidade azul do ceu estrelado!  
Cidade bandeira do Brasil!  
Guardiã do oeste! Atalaia das fronteiras!  
Ponte do futuro para o Pacifico!



# A Fazenda "Tabôco"

*José Bonifacio de Albuquerque*

Surge lá da fralda  
Da alta serrania  
Com altaneria  
O riacho garboso.  
As aguas deslisam  
Tão tranquillamente,  
Correndo imponente,  
"Tabôco" formoso!

Vêm-se em suas margens,  
Figueiras frondosas,  
Bem altas, viçosas,  
Quasi colossaes.  
De côr verdi-negra,  
São todas copadas,  
Abrindo as ramadas  
Tão descommunaes!

Atada na praia,  
E' a prôa de igara.  
A pôpa não pára,  
Baloíça fluctuante  
Nas ondas incertas  
Duma agua agitada,  
De leve tocada  
Por brisa inconstante.

Acima do porto  
Tremulam com as ondas,  
As folhas redondas  
Do verde "agua-pés"  
Em grande porção,  
De cujo escondrijo  
São o urro tão rijo  
Dalguns jacarés.

Quer sejam domesticos  
Ou mesmo selvagens,  
Das altas ramagens  
Despencam contentes,  
Em bandos os patos,  
Mergulham no rio,  
Nadam contra o fio  
Das aguas correntes.

Os tamarindeiros  
Ostentam-se airosos,  
Fazendo frondosos  
Discreto sombrio.  
De gala e elegancia  
São todos vestidos,  
Tão verdes, floridos,  
Em frente do rio!

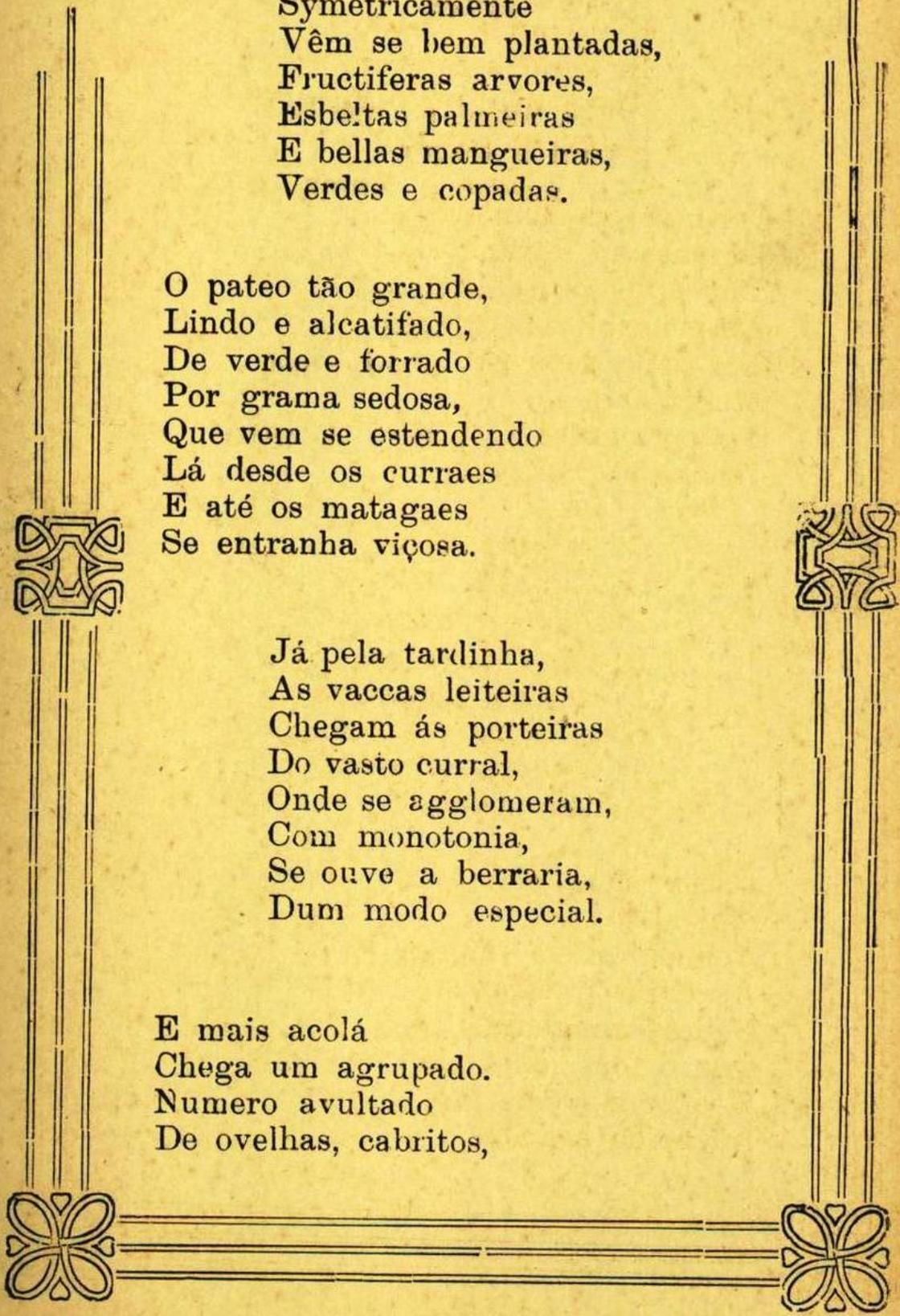
O fio telegraphico  
Ahi atravessa;  
Nem ha quem impeça  
As obras que faz  
O bravo engenheiro,  
Que o tem concluido,  
E é bem conhecido,  
Intrepido e audaz.

Em torno ao sobrado,  
Da vivenda em frente,  
Symetricamente  
Vêm se bem plantadas,  
Fructiferas arvores,  
Esbeltas palmeiras  
E bellas mangueiras,  
Verdes e copadas.

O pateo tão grande,  
Lindo e alcatifado,  
De verde e forrado  
Por grama sedosa,  
Que vem se estendendo  
Lá desde os curraes  
E até os matagaes  
Se entranha viçosa.

Já pela tardinha,  
As vaccas leiteiras  
Chegam ás porteiras  
Do vasto curral,  
Onde se agglomeram,  
Com monotonia,  
Se ouve a berraria,  
Dum modo especial.

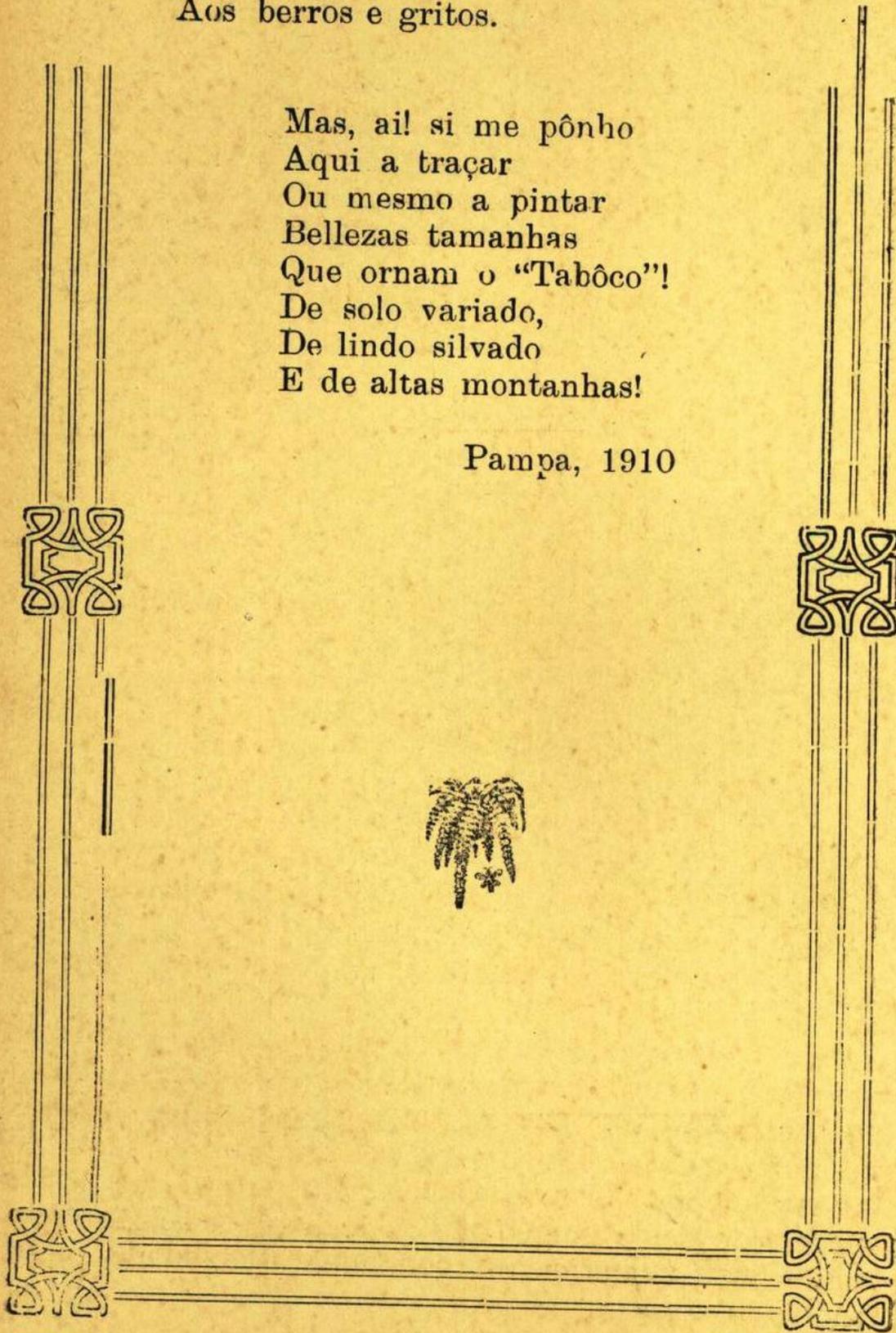
E mais acolá  
Chega um agrupado.  
Numero avultado  
De ovelhas, cabritos,

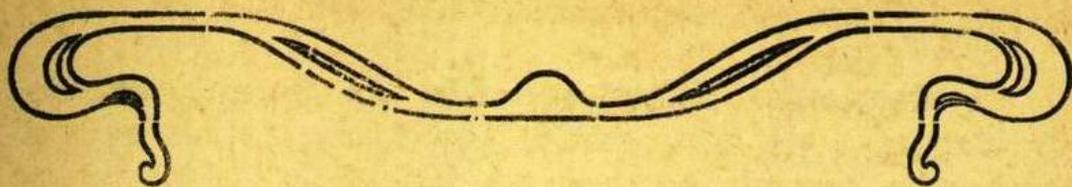


Correndo, saltando,  
Fazendo alaridos,  
Zunem os ouvidos  
Aos berros e gritos.

Mas, ai! si me pônho  
Aqui a traçar  
Ou mesmo a pintar  
Bellezas tamanhas  
Que ornam o "Tabôco"!  
De solo variado,  
De lindo silvado  
E de altas montanhas!

Pampa, 1910





## Predestinação

( *Do caderno de notas de um optimista* )

José de Mesquita

*A Alberto Rangel*



QUEM jámais poderia suppôr que Nanucha havia de ser a minha mulher?

Brinquei tantas vezes com ella, como se brincaria com uma criança!

Conheci-a já lá se vae muito tempo, menina e graciosa, no fresco dos seus dez annos sadios e tortes, e quando a encontrei de novo já era uma mocetona, atirada e rija como poucas. Gostou-me vê-la e mais ainda o notar que, depois de uns seis ou sete annos, não se esquecerá do seu "amiguinho". A maneira pela qual retribuiu o meu cumprimento, com uma affabilidade encantadora, deixou-me satisfeito e feliz.

Já observaste, leitor, que não ha cousa para nos pôr alegres e de bom humor como um sorriso de mulher bonita, quando se percebe dado com certo ar de preferencia, de carinho ou de intimidade?

Que ella me olhou, com expressão particular, não me ficou duvida no espirito; tampouco que ella me sorrisse, um sorriso largo, aberto, communicativo, de quem espera, de quem anseia por se dar...

— Ha dellas muitas que sorriem sempre, a toda hora e por qualquer motivo e até mesmo sem motivo... — segredou-me o demoniozinho inimigo das mulheres, que vive num apartamento do meu cerebro.

— Mas um sorriso daquella especie, illuminado por aquella olhar, não pôde deixar de significar uma preferencia, mesmo porque, ingenua como é, ou parece, Nancha não poderia haver presentido a tua passagem, áquella hora, para “improvisar” taes demonstrações com que te illudisse... — retorquiu, sem delongas, outro diabrete, vizinho paredes-meias do primeiro, e que tem o vicio de interpretar tudo a favor das Evas que me passam pelo caminho.

Fosse como fosse, e até não fosse nada, o certo é que, no seguinte dia, passei por lá de novo e ella me esperava, á mesma hora e na mesma janella, nem que tivesse havido entre os nossos olhos — que só elles falaram — um pacto de se reverem. O cumprimento della, esse é que já me não pareceu tão expandido e franco, o que me pôs um pique-paque no coração.

Teria sido exaggero de observação da minha parte, no primeiro dia?

Quem sabe lá? Os factos não têm physionomia propria e sim aquella que lhes empresta a nossa imaginação.

E, dahi, porque ligar tanta importancia a esse pequeno declive de cordialidade, a essa impressão de maior ou menor commissura do labio, que, por uma questão de alguns millimetros, faz um sorriso mais ou

menos acolhedor?

É preciso que se note que, em cousas de amor, nós damos muito maior importancia a pequenos episodios que nos magôam do que a uma serie de factos agradaveis. Estes nos parecem tão naturaes, que não lhes ligamos significação; aquelles, ao invés, ferindo-nos a emotividade, assumem proporções de verdadeiros desastres sentimentaes.

Exemplifiquemos: Si a namorada (ou alguém por ella...) nos espera á janella, diariamente, deitando-nos desses olhares ternos que sempre tiveram e hão de ter as namoradas, não nos apercebemos dessa ventura quotidiana e gratuita, como não nos impressionam as grandes dadas da Providencia, o sol, o ar, a formosura de um dia de verão ou de uma noite de lua.

Afiguremos, porém, o caso de, um bello dia, fechar-nos ella abruptamente a gelosia quando nos aproximamos ou nem é preciso tanto—cerrar-nos a catadura, deixando de corresponder com o amavel tom costumeiro ao nosso cumprimento. Facto este que comportaria as mais variadas explicações, inclusive a de uma enxaqueca ou uma crise domestica, nós, entretanto, só lhe enxergamos uma causa: a de uma zanga, de um ameaço de eclipse total no doce horizonte astronomico daquelle idyllio. Por que? Não fazia ella o contrario todos os dias, e ficamos por isso remoendo a nossa felicidade, como ruminamos a desgraça que nos parece imminente?

Não se comprehende, logicamente, que nos faça perder o somno, o appetite, a alegria de viver, a ausencia talvez casual de um phenomeno—que nem chega a sê-lo, um simples sorriso—cuja averiguação diaria nunca nos augmentou aquellas sensações.

Estendamos o juizo, a idéa, que é das cousas do mundo a mais elastica, da namorada aos negocios, á politica, á arte, a tudo, emfim, que nos póde prender e desgostar, ao mesmo tempo.

Mas o melhor é não estender nada, que já andamos bem longe do ponto de partida, Volto á narrativa e peço desculpas a quem se viu forçado a acompanhar-me em digressão que não estava no itinerario.

Não prometto fugir a esses volteios, o que seria bom para tua tranquillidade, ó tu que até aqui vieste me seguindo.

E não o faço porque penso que o melhor da viagem são, como dizia espirituoso suisso com quem andei o sertão, as "erradas" que a fazem mais longa, do que os atalhos que a encurtam... E por isso, que assim entendo, permittir-me-ás ainda uma observação, que é apenas a conclusão do que ficou observado.

A natureza (a humana, pelo menos) não é como querem uns, perversa e má, ao contrario, é, sim, generosa e compensadora.

Si as recordações desagradaveis assim se nos gravam com mais força no espirito, são as outras, as bôas, que acabam sempre dominando a nossa memoria.

No primeiro dia soffremos porque a moça nos bateu a janella e nem passamos lá com receio que ella nol-a bata de novo. Já esse mesmo dia, ou outro, nos pômos a raciocinar, e vemos que, si ella nos fez isso uma vez, milhares de vezes (ou centenas ou dezenas) nos lançou, sem onus algum, dessa mesma janella, olhares e sorrisos que não encontram qualificativos no terreno da doçura. E o consolo vem, na certa, e dali a um pouco lá estamos de novo, na esquina ou no vizinho cumpliciador, esperando o ensejo de um reatamento de relações, que póde tardar, mas raramente falha.

Nessa mesma ordem de pensamentos, iriamos longe, si quisessemos, applicando a hypothese, do namorado e da janella, ao jogador que perde uma noite, após haver ganho uma semana, ao politico que soffre um revés, depois de muitas victorias, ao commerciante ou industrial que faz um mau negocio, em seguida a uma serie de negocios da China. Todos esses aos quaes a For-

tuna bate a janella, soffrem, desesperam-se, pensam na morte e... resignam-se, prudentemente, ao cabo de algum tempo.

O que nos salva é a esperança, a possibilidade de encarar o futuro como melhor que o presente e vêr num grande desastre, decorridas algumas horas, um simples revés passageiro. Si até os doentes, em estado grave, emquanto ainda pódem reflectir, esedram, na visita da saúde, uma resurreição.

Mas, decididamente, é forçoso voltar ao assumpto.

Quem haveria de dizer que Nanucha acabaria sendo minha mulher?

Sempre tive um grande, intenso desejo de conhecer o amor, não esse amor vago e poetico de platonismos irreaes, nem o amor abalcoado, que, sob qualquer fórma de que se revista, não passa, no fundo de uma transacção ignobil. Sonhador e idealista, por natureza, aggravada pela educação, sou como aquelle Nodier, da "Cousine Laura" de Prevost, na scena finamente observada pelo novellista francês, quando descreve o encontro da rua Chiaia, em Napoles.

Sempre tive um santo horror pelo amor apreçado e, não fôra o medo de fazer um detestavel tracadilho, diria que o repillo tanto quanto ao amor apressado.

Desde muito cêdo me acompanhou a idéa quasi obsessiva de ter "o meu amor," no sentido que criei para essa expressão.

A mulher, que deveria sêr o objecto desse sentimento, tambem a imaginei, no meu romanticismo, num typo que bem poucos pretenderiam encontrar nos dias correntes. Seria não uma "mulher de luxo," dessas que se tomam como um adorno de salão, com a mesma finalidade que se leva em mira ao adquirir uma rica faiança ou um soberbo angorá.

Tampouco, me não convinha uma "mulher commum,"

de linhagem plebéa e costumes baratos, “Eva vulgaris”, como diria um classificador zoologico — ou botanico, é mais gentil — que, quando nos chega ás mãos, já correu mundo, de namorico em namorico, achando-se como essas moedas (*excusez du peu...*) que, á força de muito repasse, embora conservem perfeita a serrilha, já têm o cunho e a cruz levemente patinados. Nada disso.

Eu queria achar era um amor e uma mulher, reunidos, e não ter de me dar ao luxo de possuir uma mulher para uso externo ou social, e outra ou outras para satisfação da alma e dos sentidos.

Uma mulher, na accepção verdadeira do termo, é justamente, o que mais custa topar na vida, Mulher com inicial maiuscula, ou, melhor, toda em caixa alta e em negrito: **MULHER**.

Custa crer que a civilização haja embaralhado tanto as idéas e desnaturado a tal ponto as palavras, que se precise de explicar tanto as cousas mais claras e comprehensivas.

Quando se fala hoje em mulher, ha quem se põha logo diante dos olhos ou da imaginação uma caderneta do Banco, um meio palmo de corpinho decotado, uma baratinha de luxo ou um scenario pagão em pleno seculo XX.

Ora, em tudo isso é que menos entra a mulher, a verdadeira Mulher, corpo sim, mas alma e coração, bonita é conveniente, mas, acima disso, bôa, porque não vamos tirar da casa dos paes para a metter na nossa, a vida inteira, uma creatura que, ao cabo de algum tempo — meses, ou, mais, annos — não nos falará mais nem ao desejo nem á imaginação.

Desde que me entendo por homem, vinha procurando, pela vida afóra, esse ser de eleição e nada de o achar, apezar das diversas experiencias que fiz.

Quem haveria de crêr que, entre tantas que me busca-

ram e me julgaram haver empolgado, sómente uma que não me procurou (ao menos aparentemente) é que haveria de me conquistar de todo — a meiga, tímida, esquiava e modesta Nanucha?

Fôra longo e quiçá fastidioso o relato das passadas que dei, um lustro e meio, nesse tentamen de perseguir o “meu ideal,” garimpador exigente, que não se satisfaria com o primeiro carbonato, pois queria um de bôa agua e melhor quilate.

A oportunidade me deparou varias e variadas pedras, algumas de bôa qualidade e preço, mas que não me agradaram, por faltar-lhes uma ou outra faceta ou precisarem de lapidação muito delicada.

Convenci-me, ao cabo de alguns esforços, que o Amor não se encontra com a mesma facilidade com que se nos deparam, no caminho, massantes, taboletas de medicos ou advogados e meninas bonitas.

Destas, principalmente, achei muitas, no tempo em que, Diogenes disfarçado em almofadinha, as tentava ou era tentado por ellas.

Não trazendo lettreiro de que o meu coração estava disponivel, ainda assim me appareceram bôas candidatas a proprietarias daquelle semovente.

Tambem as houve que se contentariam com a honra de ser inquilinas, por tempo limitado, promettendo pontualidade e correccão. E até não exigiam contracto e uma se propôs a dar luvas, pela preferencia.

Levou algum tempo para que eu me decidisse. Eram tantas e eu sempre fui tímido, como todos os sentimentaes, nervoso, meridional e latinamente hesitante. Para escolher uma gravata, si ha mais de uma que me agrada, vacillo muito tempo, com receio de não tirar a mais bonita e melhor. Imaginem agora para escolher uma mulher, que é, assim, como uma gravata que a gente ha de usar o resto da vida, preste ou não.

Comprei alguns bilhetes dos que me foram apregoados, mas, confesso, sahiram, graças a Deus, brancos.

Até que, um dia, dia memoravel entre todos, achei um, que não me offereceram, e que continha a sorte. Ainda aqui devo frisar a veracidade, o acerto da minha philosophia, que faz vêr que a natureza é bôa e cheia de compensações.

Dirão que sou importuno com o meu optimismo, ao que eu poderia revidar, dizendo que é ainda melhor um optimismo inopportuno que o mais opportuno dos pessimismos. Que fazer si sou assim, ou melhor, si a vida assim me fez?

Os optimistas não são bemquistos, porque fazem inveja e causam despeito e vem dahi o chamarem-nos de frivolos, artificiosos e superficiaes.

Engano, puro engano, nascido do immenso egoismo do homem!

É que nós ouvimos com maior satisfação a narrativa do mal alheio, duma desgraça do proximo, do que um episodio venturoso e alegre com elle ocorrido. No primeiro caso, comparamo-nos mentalmente com a victima e achamo-nos felizes á custa della; no segundo, ao invés temos-lhe inveja e mal empregamos o bem que poderia ser nosso. É assim, para que negar?

A hypocrisia é um triste peccado, porque só illude aos outros — quando illude — e não a nós mesmos.

Ainda ha peccados menos maus, ou, pelo menos, preferiveis. . .

Eu me considero feliz, com minha Nanucha, que levei 7 annos a descobrir, sem ser Jacob.

Por isso, prégo o optimismo e catechizo quantos posso para o meu doce credo.

Aos 23 annos, tendo uma bella e bôa companheira, regularmente installado na vida, não ha porque ser pessimista.

Sei que isto não agrada, pois não ha cousa que maior mal faça aos neurasthenicos (e quem não o é, seja um pouquinho?) do que a confissão sincera da felicidade alheia.

Embora, porém, a consciencia que tenho de desgostar aos meus semelhantes, que me prefeririam vêr pelo menos cego ou entevado, quero usar de louvavel franqueza e dizer, aos quatros ventos, que sou feliz, e o sou principalmente porque tenho ao meu lado, dia e noite, noite e dia, a mais encantadora das creaturas, aquella doce, ingenua, simples e amorosa Nanucha, que eu vi deste tamanhinho assim e que nunca, absolutamente, me passaria pelos sonhos mais arrojados fazer della a minha esposa diante do altar e do pretor. . .

Mas creio — é um dos artigos do meu Codigo optimista — sereno e convencidamente na predestinação

Nanucha e eu nascemos um para outro. Sempre nos dissemos isso, nos arrulos do noivado, mas assim como quem faz poesia, sem sentir, como todos os noivos, e, mais ou menos, como M. Jourdain fazia prosa,

Hoje, porém, após prolongado periodo experimental, me persuadi de que, ao dizermos aquillo, affirmavamos uma dessas verdades que sobem do subconsciente, um truismo como diria um philosopho, ou um axioma, na expressão de um mathematico.

Deus fez Nanucha para mim e me fez para Nanucha. Realizamos, á justa, a primor, á maravilha, o milagre da concha do poeta, pela perfeita juxtaposição.

Não encontraríamos, ella nem eu, outro egual. Ella, quem sabe? eu, sim, não encontraria. O ponto capital, que eu me impunha, na escolha, que é o de ser mulher "em primeira mão," ella o realiza integralmente.

Nunca amou — o que, por si só, diz tudo, mas tambem nunca teve desejo de amar, antes de me ver. Por isso, nunca namorou, porque o namoro, mesmo em não havendo amor, é a aventura em que se busca descobrir o

amor.

Ella não buscou o amor — fui eu quem na foi buscar e ensinar-lhe delle o a b c.

Ponho tudo mais de parte, porque isto só, hoje em dia, é tudo. É raro. Mais que isso, quasi impossivel, num tempo um que, antes de saber falar, as meninas já piscamos olhos aos “pequenos”.

Nanucha foi, assim, uma ave azul ou uma edelweiss — qualquer dessas cousas raras que os poetas se delicias a descrever e que não existem, e por isso são desejadas. Ella, felizmente, existe, real, palpavel e amavel, para gaudio de meus olhos e do meu coração... Mas, que perigo! não é que me ia sahindo poesia, a escorrer insidiosamente da ponta da penna, como o mel se desprende do favario, sem sentir?

*Cs loquitur* da abundancia que vai pelo coração ou, ficando ainda no latim, *trahit suum cuique voluptas*. Cheio de amor, repleto de ventura, tenho que distillar sentimentos bons e ternos, como o vaso de perfume, mesmo fechado, desprende um pouco do aroma da flôr nelle captiva.

Poesia, outra vez... Não ha remedio, pois senão sêr poeta, quando se é feliz. Sejamol-o, portanto, e cantemos, a deliciosa, arisca e sensitiva Nanucha, amica mea columba mea — o nosso amor, que sirva de doce consolo aos que amam e de terrivel púa de inveja a todos os que vivem chafurdados na lama do odio e da baixeza e desconhecem o divino, o supremo, o unico prazer da vida, que é a predestinação no amor, o antegozo do céu, num recanto da terra, onde se tem um ninho e, dentro delle, um casal arrulhando, sob as benções de Deus e o espanto dos homens...

Moramos em Copacabana, junto do mar, e a nossa casita, muito branca e pequena, tem um lindo jardimzinho, onde vivem doze ou quinze especie de roseiras.

Faz calor, — casamo-nos em pleno outono, mas quando é que não faz calor no Brasil? — e como a noite está deliciosa, sahimos para um passeio até a ponta da praia. O nosso lar é um mimo de conforto e de doçura, feito para a poesia de uma lúia de mel, ou para a lua de mel de um poeta.

Voltaremos, após uma breve hora de caminhada, pelo caes, ouvindo o ephemero marulhar das vagas e dos nossos corações. E em vendo-a assim, aconchegada ao meu forte braço protector, embevecido ao encanto luminoso da paisagem atlantica e mais ainda á contemplação extasiada dessortra paisagem interior da felicidade — maior que todos os oceanos — ir-lhe-ei dizendo, baixinho, a eterna litania de todos os que amam e ouvindo-lhe, num arroubo, as trivialissimas confissões que cada homem julga, por sua vez, sêrem as mais originaes e as mais bellas que já fôram dictas... E não terei razão de cultivar a flôr azul do meu optimismo, ao sentir, entregue ao meu carinho, discricionariamente, passivamente, despersonalizadamente, aquella doce creatura que o amor fez para sempre minha, á primeira troca de olhares? E me interrogo, diante do mysterio immenso do mar e das estrellas, como e por que imperativo secreto do Destino ou leis occultas da Força que rege os mundos, Nannucha, que eu vi faz oito meses, menina e moça, no seu recolhido ambiente familiar, que era como o casulo da sua virgindade, se tornou esta deliciosa mulher — amor, que é hoje meu amor e minha mulher?

E retrovendo o que se passou entre nós, desde aquelle dia do primeiro e furtivo encontro, até o dia em que ella veio para os meus braços, que lindos, curiosos, ineditos capitulos de uma novella, vivida, e que nunca poderá ser escripta, me passam pelos olhos da sauda-

de enternecida!

Poderia fixal-os, á guiza de marcos, a determinar as linhas ascencionaes desse idyllio casto e feliz, que bem se póde dizer o amor que nasceu feito, dentro de um sonho, prolongando-se na realidade.

Primeiro encontro... Aqui pôria uma data, supponhamos 2 de agosto, por exemplo, para ter um ponto de partida. Seguir-se-iam — primeira parada, de longe, 20 de agosto; primeira visita, 12 de outubro; pedido de casamento, 1º de janeiro; enlace, 10 de abril.

Como se vê, uma historia curta, que cabe em pouco mais de meio anno.

Mas, a par dessa synthese no tempo, que intensidade de emoções e sentimentos! Muitas outras "primeiras" poderiam ser arroladas ali naquelle schema, si se tratasse de dar, ao completo, o diagramma de um grande romance vivido em tão pouco espaço de tempo.

A discrição, porém, é a alma do amor, como dos negocios. Nanucha me disse certa vez um phrase que me calou no espirito; "conservemos a nossa felicidade só para nós..." Não é preciso, realmente, que outrem siquer a presinta.

Reduzi as minhas aspirações, que pareciam, um anno atrás, não caber no mundo inteiro, a esta casinha de beira-mar, onde vivo com uma bella mulherzita, entre rosas e livros, quer dizer, cercado do mar, da belleza e da arte, essa triplice emanação da Divindade, no meio do lodaçal da vida ambiente. Chateaubriand se satisfazia com "teu amor e uma choupana," eu, tão romantico ou mais que elle, peço um bocadinho mais... Este delicioso *cottage*, com a contemplação das marinhas mais bellas e das mais imprevistas celagens e, nelle, como uma joia emmoldurada no mais rico dos estojos, Nauucha, vale dizer todo o céu e todo mar infinito de uma alma que nos quer e nos comprehende..

Que sabio, que philosopho, que poeta poderia de-

sejar ou possuir mais?

O amor, neste caixilho de conforto e civilização, sabe melhor, como o vinho parece ter mais doce paladar numa formosa amphora grega do que na canequinha tosca de uma bodega. Todo homem de espirito tem na vida um sonho apurado de artista, um ideal de bellza, e de superioridade, que, raras vezes, a Fortuna inconstante e má lhe permite vêr, objetivado nesta jornada tão curta da vida humana.

Eu não posso queixar-me da sorte, nem dos deuses, como diria um classico.

Realizei plenamente o meu destino, poderia morrer hoje, justo dois meses de casado— morreria feliz, abençoando a Providencia dadivosa, a vida boa e o Amor, que me deu todos os seus segredos e todos os seus encantos.

Mas, ó egoismo humano — para morrer bem satisfeito, quereria mais um favor dos fados: o de levar Nanucha commigo para a Eternidade do Amor...





## Consideração sôbre o estudo da língua

*Severino de Queiroz*

### VI

 grito auspicioso do Ipiranga parece ecoar ainda em nossos corações; parece ouvirmos a cada instante o eco fantástico, como potente interjeição de ânimo, através das campinas, por entre as franças, pelos ermos, grotões e vales, abrangendo, enfim, todo o Brasil, numa sinfonia que nos alegra a alma e nos faz transportar ao passado e bem-dizer e chorar seus vultos, aqueles homens que nos egaram um país libérrimo e cristão, um país poderoso, respeitado e invejado.

O príncipe D. Pedro, que, a 9 de Janeiro de 1822, pronunciou o «Fico» e, a 7 de Setembro do mesmo ano a locução — «Independência ou Morte» — era português, e em português pronunciou essas duas frases históricas; em português escreveu, ainda a 7 de Setembro, o hino da Independência, aquelas estrofes belíssimas que repetimos, ufanamente, todos os anos e todos os dias.

Por tudo isso e pelo mais que a História ensina, não tem razão os poucos brasileiros que desejam mudar o nome á língua falada no Brasil.

Nossa língua sempre foi e será sempre a mesma dos portugueses, a língua de Camões, Herculano, Garrete, Carolina Michaélis de Vasconcelos, Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos; é a mesma língua modernizada e enriquecida de D. Afonso Henrique, Fernão de Oliveira, Gil Vicente, Pedro Alvares Cabral, Pedro Vaz de Caminha, Frei Antão, Duarte Nunes de Leão, João de Barros, Diogo do Couto; é o mesmo idioma de Felipe dos Santos, Tiradentes, Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Padre Roma José Bonifacio, Clemente Pereira, Ledo, Frei Caneca, Monte Alverne, D. Pedro II, Moraes, Porto Alegre, Silveira Martins, Tobi

as Barreto, Nabuco, Carneiro Ribeiro, Rui Barbosa, Castro Alves, Luis Delfino, Francisco Otaviano, Múcio Cevola Teixeira, Luis Guimarães, Olavo Bilaque, Machado de Assis, João Ribeiro, Mário Barreto, Coelho Neto, Humberto de Campos, etc..

Toda essa plêiade de heróis e de luminares da literatura portuguesa e brasileira; todos êsses vultos inapagáveis da eloquência, da filologia, da história, do direito, da medicina e do jornalismo; todos êsses homens imortais, esteios iuabaláveis da espiritualidade hodierna, fonte dessa cerebração que nos honra e orgulha, todos êles escreviam em português castiço; e falavam, encantando e seduzindo a todos, português de lei.

Há quatro séculos existimos, e há quatro século vêm gerações e gerações de brasileiros se abeberando na cultura linguística portuguesa, herdada pelos lusos dos romanos, por intermédio do latim — monumento imperecível de sabedoria e de beleza.

Toda a nossa riqueza bibliográfica — êsse imenso patrimônio espiritual, que havemos de transmitir aos porvindouros, se quisermos ser justos — está marcada com essa bonita locução — língua portuguesa — que, longe de fazer moça a bem compreendido nacionalismo, nos deve honrar, porque nossos avós se ufanavam em pronunciá-la e timbravam em mantê-la.

Da história das transplantações das línguas se tem verificado prevalecer ao *mare magnum* dos dialetos grosseiros ou sem base científica o idioma dos vencedores ou colonizadores, desde que seja veiculador de mais apurada civilização.

Se isso aconteceu com o latim popular, levado para a Ibéria pelos legionarios romanos do século II de nossa era — latim que suplantou as diversas línguas dos vencidos, transformando-se paulatinamente nas línguas novi-latinas ou românicas, por fôrça havia de uma destas, transplantada para a América do Sul, para o Brasil, prevalecer, sobrepondo-se ás línguas indígenas, entre as quais o tupí, embora seja êste idioma considerado um dos mais belos.

A mesma fatalidade se verificou nos Estados Unidos da América do Norte, onde se fala o inglês, e nas repúblicas da América Central e do Sul, exceto o Brasil, nas quais predominou o espanhol, imposto pelos descobridores e colonizadores.

Trocar o nome dessas línguas celtas seria usurpação; seria torcer a historia, seria retrogradar, demolindo valiosissimos trabalhos de tantos sábios; seria «ferir a verdade histórica» — na feliz expressão do prefeito Pedro Ernesto, ao opôr seu veto ao infeliz projecto que determinava se chamasse — *lingua brasileira* — a língua falada no Brasil.

Mas foi rejeitado êsse veto salvador do decôro da cultura

brasileira! Graças a isso, o sr. Francisco Campos, secretário de Educação e Cultura do Distrito Federal, pôs em execução a espantosa lei. E houve discurso (em bom português, já vê), risos e abraços, tudo por haver o sr. Campos, portador de sólida cultura, posto em execução a lei de Frederico Trota, que também fala português.

Mas em que se baseiam êsses xenólobos? Na diferença entre o português da América e o português da Europa — dizem, de férula em punho.

A verdade é que essa diferença — fenómeno naturalissimo em idiomas comuns a dois ou mais países — é apenas matéria para algumas aulas ou para alguns artigos. Tais diferenças não teem o poder de criar linguas a não ser que elles pretendam consagrar êsses poucos modismos estranhos aos portugueses, os chamados *brasileirismos*, muitos dos quais, verdadeiros alejões morfológicos e sintáticos, deslustrariam a *língua brasileira* e nos deprimiriam a cultura.

Além disso, outros muitos modismos correntes em nossa linguagem dialetal são revivescências úteis do velho português. Não podem, pois, ser rebatizados. Poderá haver protestos baseados no **evolver da lingua portuguesa** — o que não ficará bem à *novél, língua brasileira*, que, assim, nascerá sob protesto. Conclue-se pois, que se não pode discutir com o fenómeno da dialeção das linguas, porque não ha, aquí, como asseveram Costa Rego, Renato de Alencar e outros, os traços fatais caracterizantes da dialeção. Isso mesmo diz João Ribeiro, em sua prestante obra "A Língua Nacional" Ouçâmo-lo: "A língua nacional é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seu proprios movimentos".

Tambem o dr. Jerónimo Gueiros, de Recife, latinista e brilhante cultor do vernáculo, membro da Academia de Letras e do Instituto Arqueológico de Pernambuco, deu luminoso parecer contra a pueril troca de nome: — "Queiram ou não queiram, falamos o idioma que a gente lusa nos trouxe nas caravelas de Cabral".

E mais adiante: — "Se o orgulho nacional pudesse justificar a mudança do nome de uma língua — histórica, opulenta e viva, como a portuguesa — sob o pretexto de uma ligeira dialeção, os americanos dos Estados Unidos já deveriam ter mudado o nome da língua que a Inglaterra lhes mandou na bôca e nos documentos escritos dos puritanos que, nas influências novas do Novo Mundo, ergueram a mais esplendorosa das civilizações".

Vai nesse diapásão o dr. Gueiros a chibatear sem piedade a infeliz inovação, que, felizmente, apesar de leis, não se vulgarizou.

zará.

Nossa pronúncia vagarosa, contrastando com a dos lusos tão rápida, que chega a produzir síncope de sílabas pretônicas; a decantada colocação de pronomes átonos em relação ao verbo da proposição, colocação, em que é revolucionário o brasileiro; a próclise em começo de período, preferida pelo brasileiro descuidoso, e que é, de fato, mais suave que o rigorismo português; pouquíssimas palavras, cujo sentido é desconhecido em Portugal; a quantidade, embora grande, dos termos tupis e africanos, que emprestam opulência ao falar português da América; e outros caraterísticos que se vão observando no Brasil e se não adaptaram ainda na antiga Lusitânia, tudo isso serve apenas para enriquecer o idioma transplantado. Mas nada disso é suficiente para transformar em *língua brasileira* a mesma língua portuguesa. Esta tomou aqui apenas uns ares de cabocla bonita e feiça, mas diferente de Iracema, nascida em sítio magnífico do Ceará.

— — — — —

O projeto da Câmara dos srs. deputados se converterá, de certo, em lei!

Mas os intelectuais conservadores, que constituem a grande maioria dos cientistas e pensadores, esperam que o eminente sr. Getúlio Vargas, muito digno presidente da República, negue a êsse projeto da maioria a sanção constitucional, para que se não fira a verdade, não seja malbaratada a justiça histórica e, sobretudo, para que não caia em ridículo a nação.

Se tal não fôr feito, teremos mais uma lei inexecuível, e o Brasil estará ameaçado do perigo babélico das línguas estaduais, periclitando, assim, a unidade nacional, que agora, mais do que nunca, devemos esforçar-nos por manter, a despeito de todos os sacrifícios.

Já agora, modismos do Norte são desconhecidos no Centro e Sul do país, e vice versa, como se depreende dos bons livros "A bagaceira", de José Americo, "O dialeto caipira", de Amadeu Amaral, e de numerosos trabalhos sôbre tendências dialetais.

— — — — —

Pugnemos para que se conserve o tradicional nome da língua que falamos!

Estudemos essa língua com todas as veras e ponhamos de lado idéias destruidoras e confusionistas!

Lembremo-nos do que escreveu Coelho Neto: — "Portugal

e Brasil são as duas capas de um livro imenso, unidas pela carneira verde do oceano, contendo, em texto, o mesmo poema, que é a Bíblia vernácula dos povos, e êsse poema, que ocupa o centro do altar da Raça, não é outro — vós o sabeis — senão as *Lusiadas*.”

Lembre-mos, ó brasileiros, de que em português estão escriptos os hinos Nacional, da Independência, da Bandeira e da República, bem como as poesias que retratam nossas águas e terras, nossas serranias, nossa vastidão, as cataratas maravilhosas, a superfície e o sub-solo, o céu, nosso lar e nossa gente; em português, na mesma gama oracional lusa, estão escritos monumentos em prosa e verso, as poesias que decantam as belezas inigualáveis do Brasil, a potencialidade de numerosos filhos seus, a virtude inexcedível de suas filhas as brasileiras, belas na fisionomia e na plástica, alegres e ternas na felicidade, e valentes, heroínas, na refrega, no infortúnio, na morte.

Também a prosa diz tudo do Brasil e dos brasileiros: narra o passado, descreve o presente, róseo, esplendoroso, febricitante, com o automóvel, o rádio, e o avião; pinta o futuro grandioso, deixando-nos arraigadas esperanças no Brasil de amanhã, no Brasil de nossos filhos, e acenando aos estrangeiros laboriosos e dignos com o ouro de nossas ricas minas e o brilho atraente dos diamantes.

E havemos de nos esquecer de tudo isso? Ser-nos-á lícito olvidar o passado, torcer o presente e mentir ao futuro, aos porvindouros, (que nos pedirão conta dos êrros) pela vaidade pueril de simples troca de nome daquilo que nos pertence, é verdade, mas é também de outro povo culto e fraterno e de nossos patrícios mortos?

Não! Portuguesa é nossa raça, português é nossa língua — diz o poeta brasileiro.

Somos independentes de Portugal ha 113 anos, mas somos e contiunaremos a ser irmãos dos portugueses pela religião, pela raça e pelo idioma—aquí no Brasil cada vez mais belo, cada vez mais rico e mais vibrante!

Campo Grande, MattoGrosso, 1936 — Fevereiro, 15.





## Velho Engenho

*A. Leite Barros.*

Eu te saúdo oh velho engenho de páu que ha tantos annos meus olhos não veem.

Como estás differente!...

Porque assim tão triste e coberto de pó?

Onde o dynamismo e a fecundidade dos teus dias passados, que evoco com tanto prazer e saudade?

Quem te fez assim inutil?

Fala, engenho amigo, que fizeram da tua grandeza passada? Eras o mais afamado engenho dos arredores...

Que é da tua energia?

Que é da tua vitalidade de outrora?

Eu sinto, nesse mudismo, a dôr e a nostalgia do teu actual viver inerte.

Ehm?.., Não, não foi a ingratição o motivo de tão longa ausencia. Muito grato te sou, por teu effcaz e espontaneo contributo para minha formação.

Meu pae, homem laborioso e de iniciativa, como conheceste, bem prevendo as difficuldades com que os seus filhos iriam defrontar para manter a tua grandeza e as proprias, encaminhou-os para a cidade, julgando que, ahi, encontrassem a felicidade.

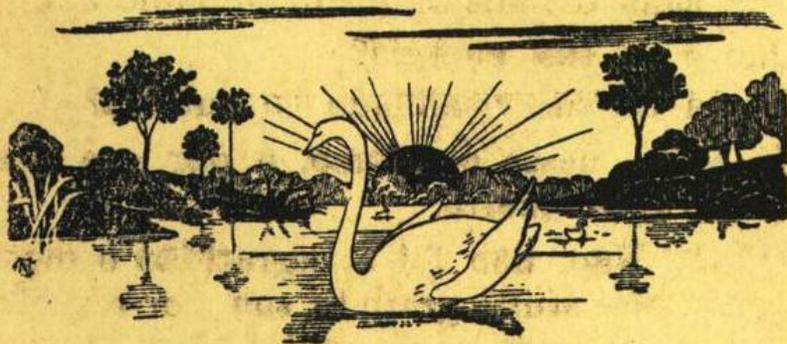
Oh! quanto engano, velho engenho amigo. Andei por terras e mares e jamais a encontrei, qual a que fruí a aos teus pés, quando, menino ingenuo da roça, o ranger rouquenho dos teus dentes me despertava, nas madrugadas friorentas das safras.

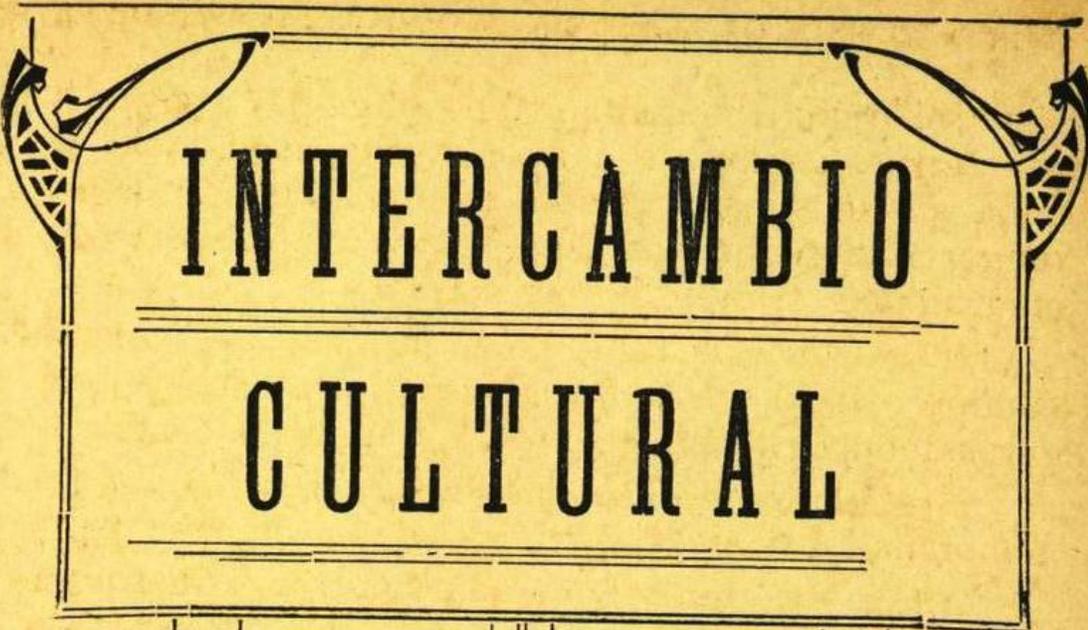
Nunca mais a senti como quando, na vaidade de menino caipira, eu tangia os somnolentos bois que, vagorosamente, giravam as tuas bojudas moendas.

E o teu ranger rouquenho era motivo das toadas monotonas dos alegres trabalhadores de meu pae.

Ah!... sim, tenho uma adorada companheira que ao meu lado communga da minha alegria ou tristeza; tenho filhos encantadores, mas,... a felicidade só se encontra uma vez, e essa, eu a deixei aos teus pés, com a minha meninice..

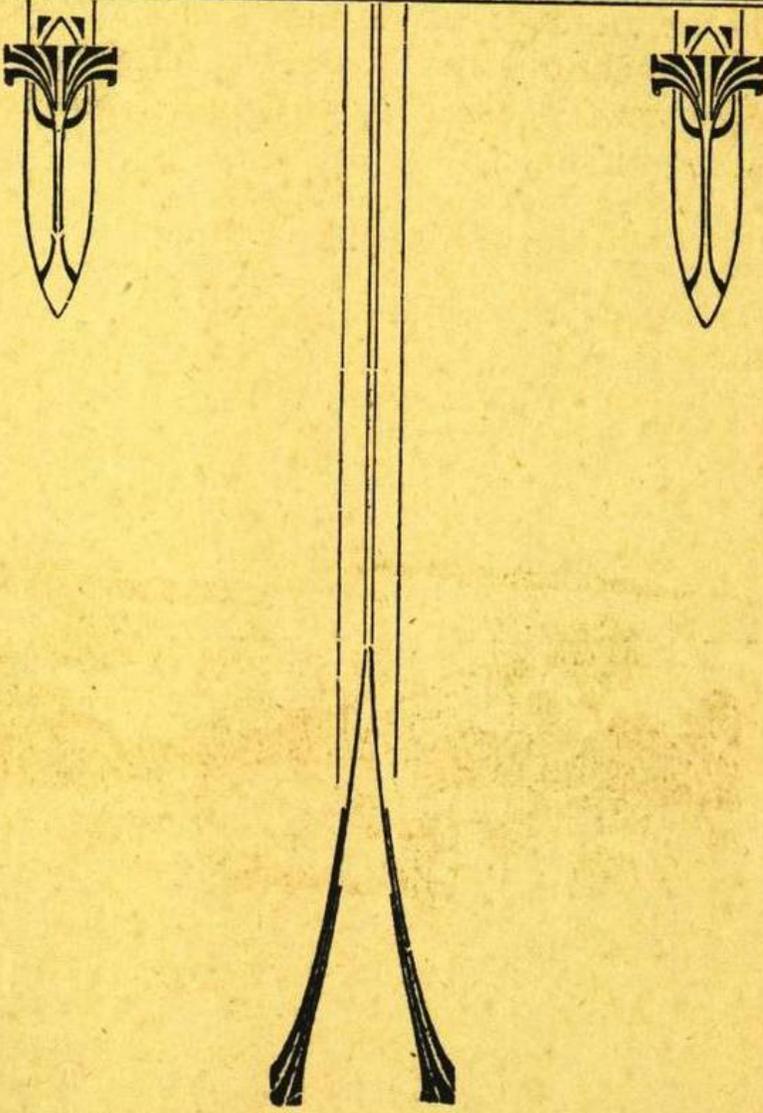
Outubro 1935.

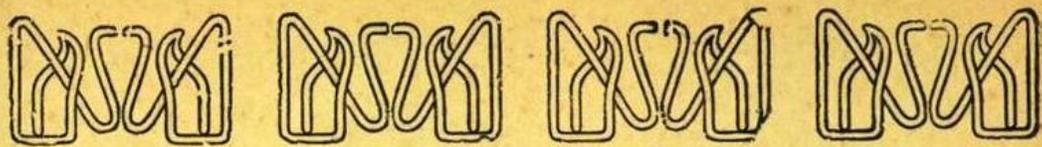




INTERCAMBIO

CULTURAL





## Mensagem dos irmãos paránaenses

Falaram na P R B 2 de Curitiba, homenageando Matto-Grosso e especialmente Corumbá, os poetas Seraphim França, Correia Junior, Cyro Silva, Heitor Sockler, Francisco Leite (Chico Leite) e o sr. Francisco Corrêa Filho, actualmente servindo como fiscal de consumo em Curitiba, que dirigiu aos seus conterraneos de Matto-Grosso uma linda saudação.

Publicamos a seguir a saudação de Seraphim França:

Meus irmãos de Matto-Grosso:

Um dia (e foi ha bem pouco) nós recebemos uma surpresa de ondas sonóras, alvoroçando a nossa affectividade.

Vinha lá do occidente brasileiro, vinha lá daquellas paragens misteriosas, onde marulha o Araguaya e onde, numa grandeza eterna, tócam aos castellos do céu-- os pincaros da Serra Azul.

Era a voz cultural de Matto-Grosso trazendo-nos a sua cordialidade.

Evocamos, então, e com que carinho fundo e sentido — a falange das nossas emoções, despertadas pelos encantos daquelle mundo do Brasil central, atravez do kaleidoscopio maravilhante dos feitos da nossa bravura e da nossa espiritualidade.

Veio-nos á mente a figura homérica dos heróes da Laguna — bronzes redivivos da nacionalidade, as sentinellas avançadas da honra da Patria.

Camisão, Juvencio, o guia Lopes, de um lado, de outro o General Coelho, as figuras quasi lendarias dos reconquistadores de Corumbá.

E na recolta tumultuaria do pensamento febricitante — lá vieram, também, os vultos soberbos dos bandeirantes modernos — Couto de Magalhães, Rondon — devassadores intrepidados das bre-nhas e dos planaltos, lá naquella genese de um mundo novo, onde nascem, num Fiat assombante, todas as cordilheiras do Brasil.

Fremimos ao perscrutar a voz amiga, sentindo naquella sonoridade a inspiração dos grandes daquelle palacio de Pan, voz de saudade de Leverger e de Murtinho; voz de emoção viva e vibrante de D. Aquino — o heptacordium do sentimento e de cultura; de José de Mesquita — o espirito polycromo, fulgurante de imaginação, profundo de sabedoria: também de Estevam de Mendonça — o historiographo illustre, cujo juizo severo ouve-se com reverencia; de Filogonio Corrêa — o philologo e jornalista; dessa brilhante mocidade vitoriosa que é Cesario Netto...

E veio o cortejo valoroso de — Ulysses Cuiabano, Pedro de Medeiros, Arnaldo Serra, Franklin Cassiano, Severino de Queiroz, e tantos outros triumphantes — convivas do Parnaso, ricos de imaginação, laureados nos prelios da cultura.

Jayme de Vasconcellos — a penna soberba do polemista, frentendo a imprensa; Fenelon Müller — a aguda visão politica e o tino seguro do norteador, Christião Cartens, Tessitóre Junior — toda a constellação espiritual da nobre Terra.

A nossa sensibilidade abriu raias amplas e carinhosas para acolher sempre a falange querida.

Para esses corações não ha barreira encapellada c'o rio mar-

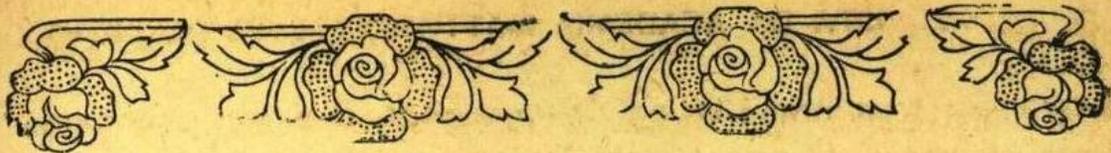
O curso do Paraná, — arteria palpitante que traça os marcos daquelle septentrião — amaina as aguas para o transporte affectuoso daqueles irmãos illustres.

Venham em coração, ou em espirito; venham, que em cada pinheiro ha o gesto acolhedor da Terra — os braços abrem-se fraternalmente para estreitar, num amplexo, e horizontes acenam, luminosos, sorrindo pelos arrébóes iriantes, numa doce expressão de hospitalidade.

Canta a nossa harmonia commum — a orchestra cosmica das Sete Quedas.

Irmãos de Mato Grosso, recebei o nossos abraços, alados mas quentes de sinceridade e de emoção cordial. Transmitti-o a todos: aos Centros de cultura, aos grandes e aos singelos, aos bons, á flôr espiritual feminina, filão feiticeiro dessa região de quimeras lindas, e, principalmente — aos felizes que agitam na claridade do espirito uma flammula do Sonho.

E vinde sempre, que sempre sereis benvindos!



## **A Resposta á Mensagem**

Vai por alguns meses, a imprensa de Matto-Grosso divulgou a vibrante mensagem de sympathia que, em resposta aos jornalistas coruinbáenses, lhes dirigiram os intellectuaes da formosa terra dos pinheiros, berço glorioso de Emilio de Menezes e Rocha Pombo, de Emiliano Pernetta e Nestor Victor.

Não poderíamos conservar-nos indifferentes áquellas palavras dictadas pela mais pura e enthusiastica fraternidade espirital e eis porque, embora com certo retardo involuntario, vimos hoje trazer aos nobres irmãos do Paraná o penhor da gratidão e da estima do coração mattogrossense.

Uma identidade historica, geographica e economica aproxima e vincula os destinos das duas terras irmans, pois, filhas ambas da epopéa bandeirante, formaram-se da desaggregação da grande capitania de S. Paulo, correndo-lhes, assim, nas veias o mesmo sangue dos heroicos antepassados de Piratininga. Por outro lado, affinidades de clima e condições naturaes, fazem-nas meeiras nas mesmas industrias, co-interessadas na expansão das mesmas riquezas — a da pecuaria e a da prodigiosa *ilex*, que lhes cobre as campanhas, vastas e onduladas, sob o mesmo céu de anil, prodigo de benções e de fartura.

O proprio e grande rio, que parece separa-las, na ficção geographica dos lindes, força é convir passe a ser antes um traço de união natural entre as Provincias amigas e irmans

Ao Paraná, portanto, representado nos seus poetas e pro

sadores, nos seus jornalistas e historiographos, dos ques citaremos, *a vuelo de pajáro*, (sem que a omissão de outros nomes possa parecer diminuição do merecimento ) — Seraphim França, Francisco Leite, Corrêa Junior, Cyro Silva, Heitor Stokler, B. Nicoláu dos Santos e Francisco Negrão -- ao Paraná symbolizado pelo seu grande Aedo no Pinheiro que “resiste ao furacão quando a aura abate o cálamo” — toda grande, sincera e comovida admiração dos seus irmãos mattogrossenses.

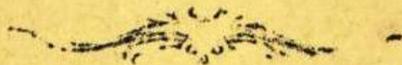
Cuiabá, 8 de novembro de 1935

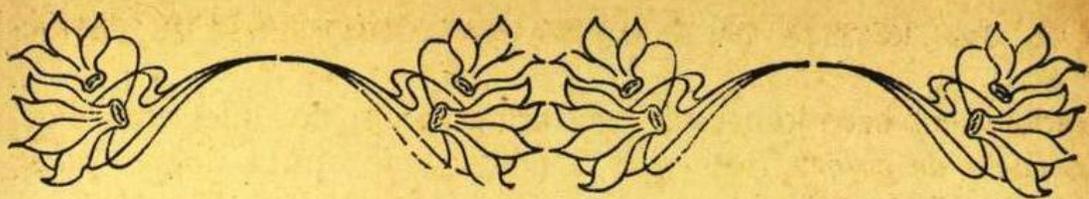
(a. a.) FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, *Arcebispo de Cuiabá e Presidente do I. Historico.*

JOSÉ DE MESQUITA, *Presidente da Academia M. G de Letras.*

MARIA DE ARRUDA MULLER, *Presidente do Gremio Julia Lopes*

BENJAMIM DUARTE MONTEIRO, *Presidente da Associação de Imprensa Mattogrossense.*





# Academia Riograndense de Letras

*Ary Martins*

No Rio Grande do Sul de hoje é entidade com uma vasta projecção em todos os círculos cultos do paiz a Academia Riograndense de Letras, que reúne — á excepção de um nome, o que esta notícia subscreve — os expoentes da poesia e da prosa da terra gaúcha,

Não é uma sociedade de fundação recente a Academia dos pampas. Idealizada em 1901 por Olinto de Oliveira, cientista de indiscutível merecimento, *double* de homem de letras elegante e bem conceituado, realisou a sua primeira sessão em 1.º de Dezembro de 1901, acolhendo, então, em seu seio, como na fase de agora, as figuras de maior evidencia nos meios literários sulriograndenses de princípios do nosso século, entre êles Alcides Maia, Paulino de Azurenha, Benjamin Flôres, Zeferino Brasil, Sousa Lobo, João Maia, Alcides Lima, Alfredo Lisboa, Mário Tóta e uma dezena mais.

Instalada com a maior solenidade, em sessão realizada a 10 de Maio de 1902, a Academia iniciou uma vida de intensa actividade em proveito da elevação e da difusão das letras gaúchas, conservando-se, assim, no cenário cultural do Rio Grande por cêrca de muitos meses.

Sucedeu a êsse brilhante periodo de trabalho um largo curso de tempo caracterizado pela completa paralização da vida acadêmica. Mortos alguns dos seus fundadores, afastados do Estado outros, desviados outros, enfim, para rumos menos consentâneos com a cultura das letras, assim se manteve em inteira inatividade até o ano passado, quando um dos seus sobreviventes, João Maia, decidiu empreender-lhe o reerguimento.

Convidados todos os remanecentes da fase inicial só dois recusaram o seu concurso, um sob a alegação de que deixára por completo a pena e outro apresentando a justa excusa de uma velhice amargurada por cruel enfermidade. Todos os demais aderiram, com inoculto entusiasmo á iniciativa. E a êles em pouco se reuniu no Rio Grande do Sul o que possuia de mais representativo no mundo das letras.

Nesses poucos mêses de ressureição, a Academia já muito e muito tem feito em proveito do programa que se traçou. Quinzenalmente, em sua séde social, reúne, em concorridissimas e interessantes sessões públicas, o que Pôrto Alegre tem de mais escolhido em sua «élite» e proporciona a tão selêto auditório, magníficas tertúlias, em que ora são lidos trabalhos literários dos acadêmicos, ora são por êstes feitos estudos biográficos dos patronos das cadeiras que ocupam.

São 40 as poltronas onde têm assento os «imortaes» gaúchos. E, como em todos os sodalicos da mesma natureza, cada uma délas colocada sob a égide de um finado escritor do Estado.

Ocupa a primeira cadeira, na ordem alfabética dos patronos, a que tem por nume tutelar Alceu Vamósi, poeta dos maiores do Rio Grande do Sul, o acadêmico Manoelito de Ornêlas, bastante conhecido em São Paulo, onde, ha pouco, editou o seu mais recente livro, a obra histórica »Tupam-cy-retam» e autor tambem de dois interessantes volumes de versos modernistas ao sabor regional gauchesco, «Arco Iris» e «Rodeio de Estrêlas».

Da cadeira nº 2 é patrono Aníbal Teófilo, o bardo das «Rimas» e o sonetista do «A Cego iha» que não ha quem não conheça no Brasil inteiro. Ocupa-a o acadêmico M. Fernandes, também delicado sonetista, estreado nêsse gênero, como editado, com o livro «Bru-ha-ha».

Apolinário Pôrto Alegre, o fundador do regionalismo riograndense, patrocina a cadeira n.º 3, de que é fundador o acadêmico Jorge Bahlis, uma das mais pujantes inteligências moças do nosso Estado, bastante conhecido no país e mesmo no estrangeiro pelo carinho com que se vem dedicando a prehistória, ramo em que nos deu recentemente, »Civilizações Prehistóricas» e «Civilizações Americanas», esta última edição Calvino no Rio.

Aquiles Pôrto Alegre, irmão de Apolinário, figura que se notabilizou na evocação pinturesca dos homens e das coisas do Rio Grande do Sul antigo, é o patrono da cadeira seguinte, em a qual tem assento um seu descendente, o Acadêmico Alvaro José Gomes Pôrto Alegre, notavel conteur riograndense, crítico literário e polemista.

Sousa Lobo, o simbolista do «Meu Coração» e dos mais antigos e apreciados colaboradores do velho «Correio do Povo», o maior diário porto-alegrense, é o ocupante, desde 1901, da cadeira n.º 5 que tem por patrono o épico do «Colombo», Araujo Pôrto Alegre.

A cadeira n.º 6 tem por patrono Araujo Ribeiro, o consagrado autor de «O Fim da Creação», e está, no momento, vaga.

Da cadeira n.º 7 é patrono Artur de Oliveira, aquele inimitavel Artur que era o rei da palestra entre os boêmios literários do Rio de 1896 e a quem Machado de Assis batisára «o saco de espantos». Ocupa-a o acadêmico Valdemar de Vasconcélos, o poeta distinto das «Coroas», de «O Sol Anunciado» e de «A Visita das Horas Tardias».

João Maia, o reerguidor da Academia, dos mais respeitados do intelectualismo gaúcho, no qual se firmou como historiador, contista e teatrologo, é o ocupante da cadeira n.º 9, sob a égide de Artur Rocha, grande vulto do teatro riograndense. E' o atual presidente da Academia.

Na cátedra n. 9, sob o patrocínio de Barbosa Néto, o parnasiano das «Molduras e Visões», tem assento um dos maiores poetas contemporâneos do sul, o acadêmico Atila Cases, emquanto que, na n.º 10, que tem o nome de Bernardino dos Santos, um infatigavel trabalhador das letras pampeanas de meados do século passado, fulgura a inteligência de Manoel do Carmo, residente em São Paulo, mas gaúcho de nascimento e de inspiração em suas magníficas poesias.

Caldas Junior, natural de Sergipe, foi uma personalidade que se fez intelectualmente, como jornalista inconfundível, em Pôrto Alegre, onde fundou o «Correio do Povo». E assim não vacilaram os organizadores da Academia em dar o seu nome á cadeira n.º 11 de que é ocupante Martim Gomes, professor da Faculdade de Medicina e o mais profundo conhecedor da ciência psicanalítica no Rio Grande do Sul.

Tambem é um jornalista, Campos Cartier, o patrono da cadeira seguinte. E' nela tem assento o regionalista de «Querência» e também renomado jurisconsulto Vieira Pires.

A cadeira 13 tem por patrono Carlos Ferreira, poeta que

passou parte de sua existência no Estado de São Paulo, tendo falecido mesmo em Amparo. Ocupa-a João Henrique, filólogo e latinista de sólida cultura.

Da cadeira 14, sob a tutela espiritual do inolvidável estudioso da botânica e da linguajar riograndense que foi o Pe. Carlos Teschauer, é o ocupante Tiago Wurth, cuja actividade cultural se tem norteado principalmente para o problema da educação dos anormais, sendo êle mesmo diretor de um instituto de primeira ordem destinado a essa nobre finalidade e situado em povoação próxima á metrópole gaúcha.

Carlos von Koseritz, o gigantesco jornalista teuto-brasileiro de tanto relevo no cenário intelectual da terra gaúcha, é o patrono da cadeira 15, como César de Castro, eterno torturado da forma e estêta requintado da prosa, o é da 16. Ocupa a primeira o acadêmico Leopoldo Betiól, naturalista, botânico, historiador e conferencista, e tem assento na outra o poeta Almeida Lins, contista á antiga, daqueles para quem o culto da forma é tudo na lapidação dum verso.

Vaga está, no momento, a cadeira 17, erigida sob o patrocínio de Damasceno Vieira, um ilustre poeta que brilhou nas letras pátrias de fins do século passado.

Eduardo Ernesto de Araujo, também delicado parnáside, patrocina a cadeira 18, fundada pelo atual vice-presidente da Academia, o contista dos «Comoros» e das «Historia Mal Contadas», João C. de Freitas.

Na poltrona 19 tem assento um paulista de nascimento, radicado ha muitos anos no Rio Grande do Sul. Trata-se do poeta de «A Ronda da saudade», de «O Roteiro Imprevisto» e da Terra de Todos», Ernani de Cunto, que erigiu para patrono de sua cátedra Eduardo Guimarães, um simbolista que revolucionou a poesia sulina em sua época.

Da cadeira 20 é patrono o malogrado modernista da «Lanterna Verde», Felipe de Oliveira, cuja lembrança, na Academia, será perpetuada com o elogio que dele em breve pronunciará no cenáculo o academico Homéro Prates, poeta e prosador bastante conhecido em todo país.

Félix da Cunha, jornalista de indomável combatividade, Fontoura Xavier, o poeta original das «Opalas», e Francisco Ricardo, o verlainado cantor da «Solidão Sonora», paranifam, com seus nomes as cadeiras ns. 21, 22 e 23, de que são detentores, respectivamente, Manoel Acauã, o contista regional da «Ronda Charúa», Otélo Rosa, romancista, conferencista e historiador; e Dario de Bittencourt, jornalista, critico e poeta.

Também poeta, e delicado poeta, é ocupante da cadeira

seguinte, Mário Tóta, cujo patrono, Hilário Ribeiro, é um nome conhecido no Brasil inteiro pelo preponderante papel de educacionista que, como autor de um abecedário que todos os estados conhecem e adotam, tem exercido para mais de uma geração de compatriotas.

São dois poetas os que integram a cadeira 25, ambos extremados cultores do verso trabalhado, á Herédia: o patrono Irineu Trajano, que a morte não permitiu que publicasse «Fumo», e o fundador, Coelho da Costa, o parnasiano celinesco que esculpiu em mármore puro as estrófes solenes de «Do Som, da Côr e do Perfume», «Ascensões e Declínios», «No Altar da Rima», etc.

A cadeira 26 tem por nume tutelar Joaquim Caetano, vulto que pertence já á literatura brasileira mais que simplesmente á de sua terra natal. Ocupa-a o verdadeiro fundador da Academia e seu perpétuo Presidente Honorário, Olinto de Oliveira.

Da cadeira 27 são patronos Jorge Salis Goulart, uma brilhante organização de polígrafo que a morte roubou cêdo ás glórias literárias, e ocupante Fernando Osório Júnior, sociólogo e historiador do mais alto mérito.

J. T. de Sousa Lobo é o patrono da cadeira 28, atualmente sem ocupante.

O príncipe dos poetas do Rio Grande do Sul, o incomparavel Zeferino Brasil, cuja obra aí está nas poesias encantadoras de «Vovó Musa», das «Teias de Luar», da «Na Torre de Marfim» e de «Gaucheida», é o fundador e atual ocupante da cadeira n.º 29, cujo patrono é Lobo da Costa, a romântica figura de vate boêmio que o Brasil bem conhece e admira.

Também é um poeta, Marcélo Gama, o patrono da cadeira seguinte, da qual é ocupante De Paranhos Antunes, dos mais moços acadêmicos gaúchos, já notavel porém, como historiador e poeta.

Múcio Teixeira é o patrono da cátedra 31, onde tem assento Aurélio Pôrto, dos maiores historiadores riograndenses do momento, de quem uma só obra, as anotações ao «Processo dos Farrapos», basta para consagrál-o. Múcio, todos sabem, foi um poeta de grande inspiração e cultivou também, com succésso, a literatura dramática, a história e a critica literária.

Pardal Mallet, o boêmio que foi coevo da geração que Coelho Néto tão bem glorificou na «A Conquista», filho do Rio Grande do Sul e não, como muita gente supõe, de Pernambuco, é quem patrocina a cadeira 32, que Alcides Maia, o maior regionalista gaúcho da fase contemporanea, fundou.

Dois jornalistas de fibra se completam na poltrona 33: Pau-

lino de Azurenha, como patrono, e Fanfa Ribas, como ocupante, bem como dois teatologos de valor se encontram na 35, Pinto da «Talita», e Abadie Faria Rosa, o incansavel presidente da SBAT, do Rio, aquele emprestando á cadeira o prestigio do seu nome immortal e este dando-lhe o concurso de sua aprimorada inteligencia e do seu grande amor á arte dramatica.

Renato da Cunha, poeta da escola que Guerra Junqueiro tão alto projectou na lingua portugueza, o socialismo-revolucionario, dá denominação a cátedra 39, onde tem assento um jovem já renomado helenista do Rio Grande, Sante Umberto Babiéri.

Da cadeira 37 e fundado o poeta e historiador João Belém, que a colocou sob a proteção espiritual de um seu grande amigo, Roque Callage, regionalista que amou ao extremo a terra onde sopra o minuano. Esta cadeira achase vaga com a morte de J. Belem, em Junho deste ano

Também notavel regionalista foi Simões Lopes Néto, que patrocina a cadeira 38, onde tem assento o poeta de »Glórias aos Farrapos», Barcelos Ferreira, da mesma sorte que um poeta, Timóteo Faria Correia, é o patrono da cadeira 39, de que é fundador um regionalista, M. J. Faria Correia.

Encerra, na ordem cronológica, o quadro acadêmico a cadeira 40, patrocinada pelo rigido parnasiano que foi Vítor Silva e ocupada por Holanda Cavalcanti, o crítico de Bilac em «O Artista da Fôrma e da Beleza» e o filólogo de merecimento do «Código Ortográfico Brasileiro».

Para concluir esta resenha histórica da Academia Riograndense de Letras, resta-nos, apenas, referir que o sinatário é quem tem a honra de ocupar, no cenáculo, a cadeira 34, que está collocada sob o patrocínio de um poeta illustre, Pedro Velho.

P. Alegre, 1935.





## UMA VISITA HONROSA

*Antônio Salles*

Dá-nos o grande prazer de sua visita o fasciculo em que estão reunidos os números 3 e 4 da magnífica Revista da Academia Matto-Grossense de Letras, que traz o seguinte sumario:

Sessão Solene de recepção na cadeira número 7: Palavras de abertura—pelo Presidente acadêmico José de Mesquita. Discurso de posse—pelo acadêmico Amárilio Novis. Discurso de recepção—pelo acadêmico Olegário de Barros—*Buriti solteiro*—poesia, D. Aquino Corrêa, *Por Matto Grosso unido*—poesia, José de Mesquita *Cuiabá* poesia, D. Maria de Arruda Müller. *Versos rurais*, Alírio de Figueiredo. *Um Jubileu Sacerdotal*. V. Corrêa Filho. *Encomendas*, Filogônio Corrêa. *Considerações sobre o estudo da lingua*, Severino de Queiroz. *Um amigo de infância*—poesia, Lamartine Mendes. *22 de Julho de 89*—poesia, Augusto Cavalcanti, *Adeus Recife, Elo partido, Coxipó e Quadros do coração*—poesias, Otávio Cunha. *Versos de Outrora*, A. Tolentino de Almeida. *O Sem Fim, Mimosa pudica* versos, Arnaldo Serra. *Loira boneca, O maior achado, Miragens da vi-*

da, *Anhelo*—poesias, Ari Martins. *Chana*, Franklin, Casiano. *O prisioneiro*, José Bonifácio de Albuquerque. *Apresentando um poeta*, Gregário Barros, *Couto de Magalhães*—discurso, José de Mesquita. Páginas dos Mestres:—*Francisco beija o leproso*, Augusto de Lima. *Griselda*, João Ribeiro. Páginas Contemporâneas:—*Euclides da Cunha*, Firmo Dutra. *A acção social e espiritual* e *C. Alves*, D. Martins Oliveira. Páginas esquecidas:—*A divina Providência*, Padre Armindo M. de Oliveira. *Soneto*, J. José Rodrigues Calhau, Páginas dos Novos:—*Axiomas da História*, Anibal Verlangieri. *Chegou e partiu*, Alípio Serra. *Recordação*, Maria da Glória Novis.

Um dos maiores encantos deste número é sem dúvida o «Buriti solteiro», o formoso poema de D. Aquino Corrêa e que é uma das mais puras joias da poesia brasileira.

José de Mesquita, presidente da Academia e que é com D. Aquino um dos maiores poetas de Matto Grosso, numa poesia intitulada— «Por Mato Grosso Unido»—combate a idéa da subdivisão do grande Estado, e, embora fazendo assim obra de circunstância, que raramente tem valor literário, teve arte de, exalçando a terra natal, produzir uma peça magnífica de alta poesia, palpitante de emoção patriótica.

Maria A. Muller canta Cuiabá em versos de um vibrante tom modernista:

« Cidade Verde » de claro céu e ardências  
luminosas, de arrojados pôr de sois,  
as tuas aguas correntias,  
os teus suaves arrebois  
e tuas matas de ametistas  
fascinam a fantasia de um artista.

Terra tapisada de flores  
broquelada de gemas... E's  
Ariel, preso ao mundo pelo pés,  
atento a um forte impulso para a liberdade,  
que a ferrovia te dará, gentil cidade.

«Os quadros rurais» de Alyrio de Figueiredo são de um sadic humorismo e de um vivo poder descritivo. Não podemos especificar tudo o que ha de mais interessante neste opulento número da «Revista», mas é dever nosso registrar a honrosa apresentação que fez á Academia o consócio Olegario de Barros de nosso conterrâneo Eurico Olimpio, quando em excursão por aquele Estado.

Eurico Olimpio, que residia habitualmente fóra desta capital, só era conhecido como poeta por poucos, porque, por causa da distancia ou devido a seu temperamento esquivo, sempre viveu á margem do nosso meio literário.

Ha, entretanto, em sua obra poetica, esparsa e pouco numerosa, algumas produções reveladoras de um real e delicado talento.

Olegario de Barros fez ouvir várias delas, algumas de elevada concepção, outras de um lirismo encantador. Entre estas transcrevemos o seguinte soneto, que é, como verá o leitor, uma verdadeira joia.

#### VELHO NINHO

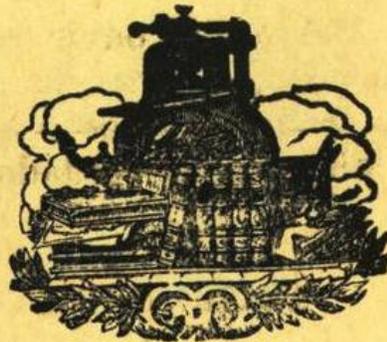
Quanta tristeza ao ver abandonados,  
Tristes, aquelles pobres velhos ninhos,  
Outr'ora, povoados de carinhos.  
De amor, de sons, agora despresados,

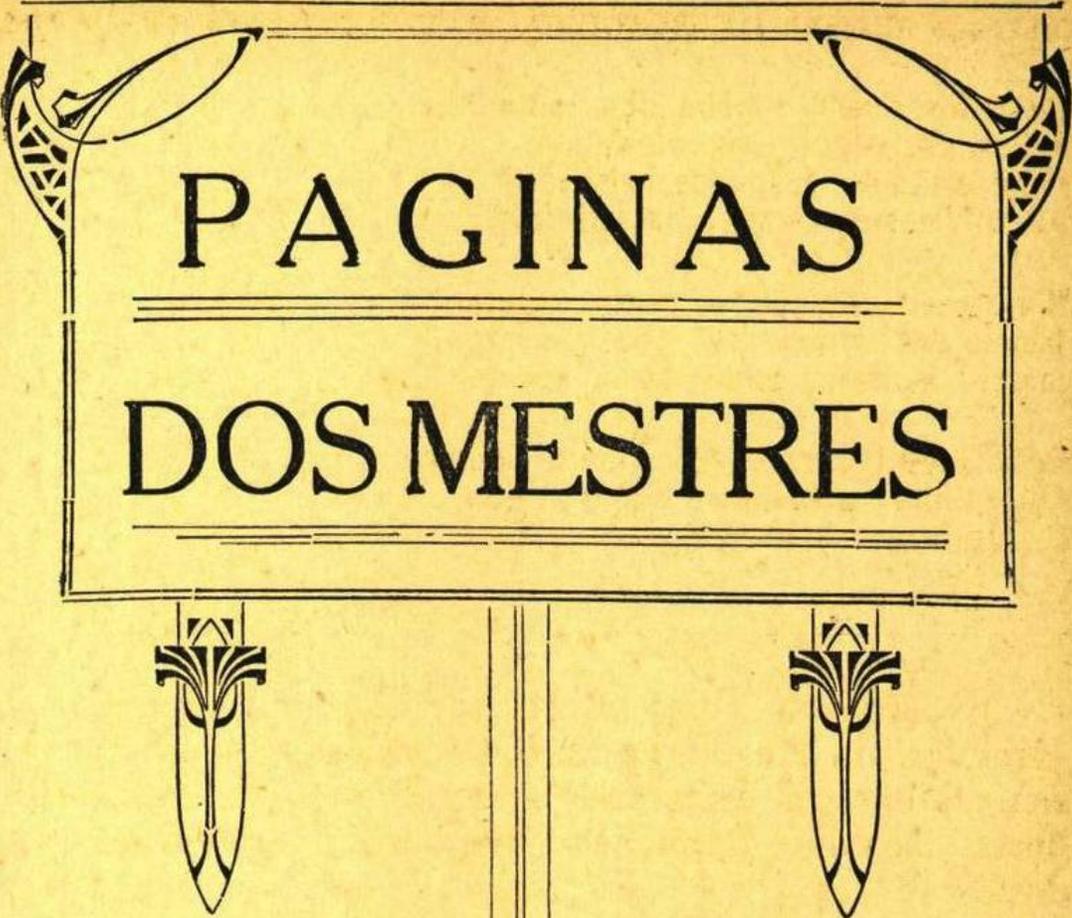
Desfeitos quasi, á beira dos caminhos!...  
Antes, entre gorgeios embalados,  
Hoje estão só de penas habitados...  
Ai! tú fizeste como os passarinhos...

E no meu coração — ninho deserto,  
Jamais encontrarás um pouso certo,  
Jamais! Voltaste muito tarde, apenas

Resta meu coração — teu ninho antigo,  
Que sempre procuraste como abrigo  
E que hoje não abriga senão penas...

Guardando com muito carinho este exemplar da  
«Revista da Academia Mato-Grossense», felicitamos aos  
seus talentosos redatores e colaboradores pelo brilho  
dessa excelente publicação, que tanta honra faz ao gran-  
de Estado central.





PAGINAS  
DOS MESTRES



# Theoria do romance

*Ronald de Carvalho*

**O** ROMANCE é um filho prosaico da epopéa. Dos grandes poemas classicos e medievaes, o que o espirito humano preferia e guardava não era propriamente a essencia dos versos nem a poesia intima das cousas, mais o fio caprichoso das aventuras, das intrigas e das anedotas que nelles se continham. O que o vulgo percebia em Vergilio ou no Dante eram os episodios o movimento do drama, a acção dos heroes, a capacidade emotiva das figuras que atravessavam os poemas.

Assim, emquanto os graves humanistas “dum verba sectantum, res ipsa negligunt” — se empenhavam em contendias inuteis de palavras e efeitos literarios, o populacho, que se divertia na festa dos loucos e orava, temeroso dos castigos, na penumbra mysteriosa das cathedraes, sentia profundamente a realidade tumultuosa das paixões, o grito do ser ferido no turbilhão do mundo. O vulgo não queria admirar o desenho e o colorido sabio dos paineis e dos scenarios, porém simples

mente rir ou chorar com sinceridade em face da criação.

Entre as paredes de pedra, revestidas de rudes tapeçarias dos seus burgos *se m i - b a r b a r o s*, junto á lareira, onde cantavam, num tremular de accendalhas azues, as pesadas achas de carvalho, repetiam os nossos maiores o Romance da Rosa, as viagens de São Brendam, os infortunios da inconsolavel Dido, a queixa lamentosa da Francesca da Rimini, quando não atiravam chufas e remoques aos solertes abbades de experiente lascivia e nem uma fé. Para essa gente, era o *v e r s o* um engenho puramente mnemonico. Era o vehiculo das historias de proveito e exemplo, que, nas solemnidades funebres ou festivas, ou mesmo na singeleza das lides domesticas, serviam para ensinar aos moços e distrahir os velhos. Aos principes e cortezãos, rodeados de doutores amaveis e mulheres formosas, deixavam os bons burguezes o trabalho requintado de pôr em relevo as formas elegantes, os metros delicados e as rimas laboriosas dos seus versejadores predilectos.

Formou se, dess'arte, mercê das condições politicas e sociaes, um numero publico apartado naturalmente dos salões senhoriaes, que, por falta de cultura e de lazeres para o trato das letras e das artes, se contentou com as historietas picantes, as novellas extraidas dos poemas de cavallaria, as chronicas anonymas e as narrações de viagens veridicas ou maravilhosas.

Desses elementos heterogeneos nasceu o primitivo romance, baseado mais na fantasia que na realidade, ao gosto e ao sabor popular.

Não havia ainda nesses vagos ensaios senão o cuidado manifesto de prender a attenção do leitor e edificar-lhe o sentimento pelo desenlace honesto da fabula.

Os máus impulsos são caracterizados por gigantes e dragões, os bons por serafins e fadas. A natureza contribue indirectamente no desenrolar da intriga, do mesmo modo que nas pinturas dos primitivos. Entra, nos episodios, apenas para dar certa perspectiva arbi-

traria aos personagens. Presisariamos chegar ao seculo XIX para ver uma paisagem realmente pintada e descripta, valendo por si mesma, pela qualidade emotiva dos seus elementos proprios. As arvores, as florestas, as montanhas, os precipicios, os jardins, os mares são symbolos risonhos ou terriveis, correspondentes á candidez ou á miseria das creaturas. Aliás, a grandeza do Dante não estará porventura nessa genial transmutação, nessa tragica intuição dos valores naturaes, que elle revela na Comedia? Seu poder, nesse particular, é tão penetrante, que nunca nos lembramos como por exemplo em Homero ou Eschilo, ou mesmo Shakespeare, de um só de seus typos, que não esteja enraizado num bloco de terra, ou inteiramente ligado a uma porção do universo physico. Até a sua representação da divindade é um jogo de luzes que cegam e atordoam...

Depois do romance épico, cheio de lances bellicosos, ou na mera narrativa picaresca, ao geito das de Boccaccio, das "Cent Nouvelles" e do "Héptameron", deunos o seculo XVII as novellas tragi-comicas dos castelhanos, o romance divertido de Scarron, as analyses introspectivas da senhora de La Fayette e o romance historico de Scudéry, de que Boileau disse tanto mal. Estava, pois, aberto, o caminho para o romance descriptivo e de costumes, que no seculo XVII e na primeira metade do XIX, de Diderot e Laclos a Dickens e a Balzac, iria firmar-se definitivamente. O desenvolvimento desordenado da cultura popular, a diffusão do ensino entre os maiores paizes do occidente, a multiplicidade dos inventos scientificos, as lutas de classes, as difficuldades crescentes da existencia, prejudicando, em parte, os estudos demorados e seguros das humanidades, criaram o ambiente inexpressivo e artificial da segunda metade do ultimo seculo. O romance naturalista, producto dessa effervescencia, é um depoimento doloroso da inquietação moral de uma epoca.

O homem começou a ser visto e considerado co-

mo simples mecanismo, organizado para funcionar dentro de moldes rígidos, com as suas attribuições e os seus rendimentos exactos. O pensamento era uma secreção, a virtude uma reacção chimica. Foi o tempo dos famosos "romances de these". O escriptor partia de um postulado fixo, ou melhor, de um bello preconceito, e construía assim uma *tranche de vie*. Por exemplo: uma pobre mulher que vive na provincia, a cabeça atormentada por devaneios romanticos, entre um marido extremo mas prosaico e uma revoada de sonhos ardentes mas sem compensação, segue a lei da gravidade do adulterio, e caé irremediavelmente.

Quando o escriptor é Flaubert, e escreve madame Bovary, vae tudo bem, porque realiza antes do mais uma obra d'arte. Mas quando é apenas Marcel Presvost ou Henry Bordeaux — que fazer? Da reacção contra o naturalismo surgiu o romance de imagens e de conceitos, alumiado por um classicismo de gabinete, mas em todo o caso discreto e polido, saboroso mesmo, quando é traçado por um Lemaître ou um Anatol e France.

Ha, nas obras deste jaez, entretanto, um certo preciosismo perigoso, que pode chegar ao pernesticismo facil dos imitadores ingenuos.

Ainda ha pouco, um jovem romancista, Henry Léon-Martin, na linda pastoral "Tuvache", resvalou neste ingrato pendor, povoando a imaginação curta e grosseira de um horticultor bretão de uma ronda impossivel de faunos literarios,

Parallelamente com esse, appareceu primeiro timidamente, em algumas paginas de Stendhal, Villièrs de L. Isle-Adam, Merimée, Dostoiewsky e poucos mais, o romance introspectivo firmado no estudo directo dos caracteres, onde a intervenção da natureza era escassa,

Podemos fazer ideia do genero, entre nós, na obra de Machado de Assis. Hoje, com Henry James, Maurice Barrés, André Gide, Marcel Proust, Jules Romain, Knut Hamsun e Papini, temos excellentes modelos da

novella puramente psychologica. Procuraram os contemporaneos, nomeadamente o autor de "Sodoma e Gomorra", explicar o individuo pela somma das suas sensações minimas deante da realidade quotidiana. O plano dos seus livros se resume, ás vezes, na analyse de meia duzia de impressões triviaes, que, aos românticos e aos naturalistas, pareceriam, sem duvida, secundarias. O que os singulariza justamente é não desprezarem elles a menor parcella da realidade. O gesto mais simples, a palavra mais vaga têm a sua correspondente exacta. Nada fazemos, pois, inutilmente. Torna-se, portanto, o romance como que uma longa confissão, um ensaio minucioso das experiencias inrimas que realizamos.

Proust escreve um capitulo de quasi trezentas paginas para anotar, por meio de breves toques de carvão ou buril os entretens da vaidade humana em uma grande recepção aristocratica.

Romain, em "Lucienne", consegue alliar subtilmente a frescura de um amor nascente aos pormenores mais singelos da existencia provinciana.

A intelligencia moderna é deformadora. Não se satisfaz com o desenho apparente das cousas, Inverte-as, combina-as illogicamente, procurando exprimir, acima e fóra de quaesquer theoremas, o phenomeno que decompõe, Ha um verdadeiro simultaneismo entre os estados de consciencia e as puras representações exteriores.

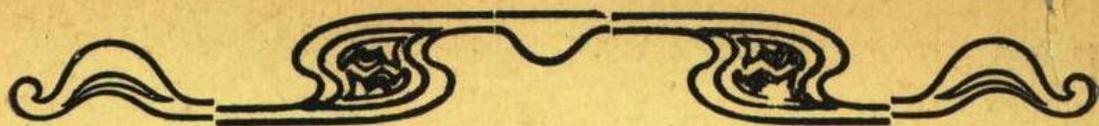
Proust é um admiravel expressionista, que, em geral, prefere mostrar os elementos que constituem a realidade, sem, todavia, revelar o contorno della,

Suas paisagens, por exemplo, são deliciosas de frescura, mas, em vez de serem colhidas ao ar livre, apparecem humanizadas atraz de uma atmospheria de lembranças, de meditações e de raciocinios longos e especiosos.



PAGINAS

Contemporaneas



## UM POETA MATTOGROSSENSE

*Veiga Miranda*

Nesta hora em que a fúria de uma chamada "renovação, literaria" apedreja sem piedade tudo quanto rescenda aos moldes até ha pouco consagrados como padrões de arte, torna-se perigosa, senão temeraria, a apresentação de um poeta em cujos versos encontramos como que a resonancia das suaves estrophes de Gonçalves Crespo, de Luiz Guimarães Junior, de Mario Pederneiras, de um poeta que não trepida em arrostar os perigos da lapidação feroz pelos modernistas, perpetrando essa cousa para elles ignominiosa que se chama — o soneto.

Pouco importa uivem, bradem, sapateiem os iconoclastas rebeldes aos rithmos e ao estylo. Acolhamos o poeta, prestando-lhe, como numa sala de visitas de cerimonia, as honras que merecem os hospedes de prol e distincção.

O meu saudoso amigo e mestre Silva Ramos, 'discorrendo sobre os "Estudos Brasileiros" de José Verissimo, escreveu algumas palavras que traduzem fielmente a declaração preliminar que me teria de cahir da penna ao iniciar a apreciação dos versos do mattogrossense sr José de Mesquita.

São as seguintes:

"Emquanto a mim, o unico criterio em literatura, com-



patível com o nosso seculo, é o que faz consistir a perfeição da obra literaria na commoção viva que ella produz, ou nos desvende um trecho da natureza ou do interior de uma alma, um aspecto do mundo real ou uma imagem do mundo dos sonhos.

A' critica, desilludida das suas velhas crenças, só lhe resta manter-se naquella suave scepticismo que lhe permite aceitar todas as formas, abraçar todos os processos, sem acreditar em nenhum delles como definitivo e absoluto, pois que tudo rola como o planeta em que vivemos.

Ora, aquella "commoção viva produzida ao desvendar um trecho da natureza ou do interior de uma alma, um aspecto do mundo real ou uma imagem do mundo dos sonhos", deu-ma a obra do sr. José de Mesquita com maior facilidade, ora sob a forma de suavissimo enternecimento, ora de nostalgica admiração perante quadros da natureza, ora ainda em raptos de enthusiasmo pela evocação de scenas e episodios da nossa Historia, quer nos tempos coloniaes, quer na phase já independente.

Não foi preciso esforço para reconhecer um temperamento de apurada sensibilidade, uma dessas almas delicadas capazes de nas cousas mais simples, vislumbrar aspectos e motivos, dessas criaturas cujo olhar possui o daltonismo precioso que transmuta em cores vivas, attrahentes, pitorescas, o tom corriqueiro e trivial de tudo neste mundo... Ora, ou muito me engano, ou isto é precisamente o apanagio do artista, a caracteristica dos poetas.

O prisma pelo qual esse observador encara a vida e o mundo não obscurece nem deforma as figuras, não tolda nem mutila os quadros, como acontece com quantos preferem os effeitos pessimistas, os themes de revolta ou de lamentação — para a producção tantas vezes frustrada daquella "commoção viva" a que allude Silva Ramos. Phenomeno raro entre os poetas brasileiros, este não usa os ingredientes habituaes da adjectivação sinistra, das imprecações desalentadas contra o destino, a vida e o amor. Não recorre aos excitantes, tambem. A caixa de tintas desse aquarelista não possui os tons excessivos — o negro, o roxo, o cinzento, o amarello a servir de ornatos ás ideias lugubres da Morte, da Paixão infeliz, do Tédio doentio e do amargo Desespero. A sua paleta vivaz, sorridente, prefere as nuanças dis-

cretas, os tons róseos, verdoengos, branquecentos, azulados..

Corre mundo a idéa de que a Poesia deve nascer da Dor. É um principio falso, que tem originado esse velho cantochão de versos tristes, implacaveis de monotonia. A Poesia nasce da Emoção, e esta tanto pode derivar da tristeza como da alegria, do infortunio como da felicidade. Este mundo não é exclusivamente o valle de lagrimas; é, para muita gente, ou para quasi toda a gente o durante lapsos consideraveis das respectivas existencias, um horto de caricias, um jardim de amenidades e prazeres. Porque motivo o Poeta se lia de tornar orgam de preferencia do Pranto, e jamais do Riso, ou pelo menos do Sorriso, que é deste a expressão quintessenciada, espiritualizada?

Benvindos, pois, os poetas como o sr. José de Mesquita, cujos versos não plangem a finados, mas repicam alacremenente a matinas ou, quando muito, nos melancolizam nas badaladas vespereas do "Angelus".

---

Dos tres volumes de versos do sr. José de Mesquita, *Poesias* (1919), *Terra do Berço* (1927) e *Da Epopéa Mattogrossense* (1930), só o primeiro encerra o que se poderia chamar "feição subjectiva" isto é, a estylização em rithmos e rimas, das sensações intimas, originadas nesse maravilhoso filão de arte que se chama o Amor.

Não tarda a verificar o leitor achar-se na presença de um espirito meditativo e sonhador, dotado de penetração subtil, de preferencias denotadoras de fidalguia de gosto e de requintada cultura, cultura, porém, jamais alardeada ou exhibida vaidosamente. Um sensitivo sem pieguices, isto é um sentimental que escapa aos exageros do romanticismo, um nostalgico de outras éras que, porém, não vive a chorar de tédio por haver nascido agora.

Elle se define:

*"Tenho uma alma de rude primitivo  
cheia da nostalgia do passado  
e no presente a contragôsto vivo  
como um pobre exilado"*

Dahi decorre um confronto de scenas e figuras de hoje e da Hellade, que estas duas estrophes encerram formosamente:

*"Sabios, pelos jardins da Academia,  
discutem as questões mais elevadas  
mas eis que vêm passar uma theoria  
de bochantes rosadas*

*e a Belleza os empolga inteiramente  
e eil-os que a seguem. Nada mas exigem...  
A Hellade divina é certamente  
o meu paiz de origem"...*

Talvez se nos depare ahi, condensado num symbolo de saboroso classicismo, o perfil exacto do poeta, homem obrigado ao convivio dos philosophos e juristas, mas attrahido a cada passo pela sarabanda das bellezas da Arte, como os sabios do jardim da Academia pelas bachantes rosadas. Esquece os debates forenses, alheia se á doutrinação do Direito, no enlevo de se-guil-as. "E nada mais exigem"...

Acompanhemo-lo, indiscretamente, nessa peregrinação.

Acompanhemo-lo desde o instante inicial, quando o poeta compõe o "preludio" da futura ópera, imaginando, prevendo, adivinhando a sua heroína. Tral-a como um ideal na mente:

*"A' força já de imaginal-a  
Sinto-a real deante de mim:  
vejo-lhe o riso, ouço-lhe a fala...  
Já se viu caso estranho assim?*

*Às vezes cuido vel-a andando  
nas ruas, entre a multidão,  
e vivo sempre me enganando  
nessa dulcissima illusão.*

*Já a vi nos templos e nas praças,  
nas rezas e nos carnavaes;  
e, a rir, por dentro das vidraças,  
como nas télas medievaes.»*

Ah! meu querido Antonio Nobre! . . . Como todos nós sentamos, ao despertarmos para o Amor, a tua perplexidade, a tua ingustia! A tua "Purinha" é a encantada de todos os nossos sonhos, a sonhada de todos os nossos enlevos primaveris!

"O Espirito, a Nuvem, a Sombra, a Chymera,  
Que (aonde não sei) neste Mundo me espera;  
Aquella que, um dia, mais leve que a bruma,  
Toda cheia de véus, como uma Espuma,  
O Snr. Padre me dará pra mim  
E a seus pés me dirá toda corada: — Sim! "

Ao nosso poeta mattogrossense sorriu a dita de encontrar aquella "mulher que tem da onda — a mysteriosa alma no olhar — e o riso como o da Gioconda — de uma belleza singular". Encontrou-a, e todos os seus versos celebram a felicidade idillica, serena, de um casal que se ama.

Deparou-se-lhe o ideal em um typo que seu éstro descreve aos poucos, maravilhosamente, entre nuanças subtis, aqui um traço dedicado, alli uma suggestão mal definida, resultando da serie de esboços uma figura lyrial, de inquietante realidade, mixto de requintes espirituaes e de fascinadora bondade.

*«Ha no teu esguio  
e singular  
qualquer cousa de leve e fugidio,  
de ondeante e doce como a agua de um rio  
reflectindo o luar.*

. . . . .  
*«Nos teus olhos que têm uma expressão doentia,  
suave e espiritual,*



*ha espasmos de desejo e de agonia...*

*Vejo-te a alma a toiar na sua luz sombria  
como um trecho do céu num fundo do vitral.»*

Quem ficará insensível a essa pintura em tom claro-escuro, como o das telas flamengas, mas produzindo o realce admirável da imagem retratada? Quem não fará imediatamente a idéa de uma esquisita (no sentido particular da palavra — coisa excelente e rara) criatura, ennevoada em melancolia como anjo que se sente transplantado para a terra e deseja voar para muito longe?

O valor da poesia é evocar, suggerir. Talvez que á minha fantasia esses versos digam coisa diferente do que dirão a outros, e diferente (é mais que provavel) do que pretendeu dizer o autor. Mas nisto consiste o seu melhor merecimento.

Juro que o meu leitor estará anc'oso por alguns outros delineamentos da delicada figura, e não me furto ao prazer de dar-lh'os ...

*«Eu já te conheci  
nalgum paiz em que já nos amámos,  
pois o primeiro beijo que trocámos  
já trazia o sabor das outros que perdi.*

*Muitas vezes, á tarde, tu assumes  
uma attitude de contemplativa  
em que resumes  
toda a belleza inexplicavel, viva,  
da noite em que palpita a alma captiva  
dos sons, das cores, dos perfumes ...*

*Evocas-me a scismar,  
as mãos no rosto,  
numa attitude langue de desgosto,  
uma paizagem morta á beira-mar,  
uma vela que deixa a enseada, já sol-posto.*

*Ao pensar que me queres,  
 que eu faço estremecer teu lindo seio  
 com uma palavra, com um olhar siquer,  
 creio*

*que és para mim, entre todas as mulheres,  
 a mais bella, a mais terna, a mais mulher.»*

Todos esses versos produzem uma emoção suave, desenhando a excelsa figura de uma mulher que não é vulgar, que se insinúa ao nosso espirito como encarnação de outras possivelmente já por nós entrevistas ou adivinhadas.

Tal effeito é obtido sem rebuscamentos, sem affectação litteraria. Temos a prova no seguinte: na primeira estrophe, em quatro versos, entra tres vezes o adverbio — já; qualquer escritor infeccionado de Albalat riscaria, para evitar essa insistencia, pelo menos um. O poeta, mais sensível á idéa do que a essas nugas, não teve tal preocupação, e fez muito bem. Dahi resulta a impressão de espontaneidade, de naturalidade, que nos dão os seus versos.

Toda a primeira parte das *Poesias* é vasada nesse tom de lyrismo sadio, adequando-se-lhe bem as epigraphes *Epithalamio* e *Horas Felizes*, das duas partes consecutivas aos *Primeiros Tempos*. A gente fica a invejar a intimidade feliz que desabrocha em rimas de inalteravel ternura, em madrigaes tecidos á maneira de Marivaux, mas por isso mesmo impregnados de particular encanto. Tal é a poesia «Teu Olhar»; taes são as quadras «Em teu leque», a ultima das quaes nos dá a impressão — não de uma espanholada — mas de dizer a verdade:

*«E podes crer, no mundo onde ha tantos amantes,  
 nunca antes houve e nem poderá haver depois  
 dois mais leaes, apaixonados e constantes  
 do que nós dois . . .*

«Phrases lyricas», «Andorinhas», «Foyer», «Ideal», são composições da mesma meiguice, rescendentes a um affecto que pa-

rece abençoado por Deus para demonstrar nestes tempos de constantes fallencias conjugaes — que ainda é possível a harmonia plenamente amorosa em um lar. Não significa terem faltado ás vezes, ligeiros encrespamentos na superficie das aguas mansas desse lago azul. Incrustemos pelo prazer de saborear um dos pequenos labores das «Horas Felizes», uma lembrança desses passageiros arrufos, feitos para maior encanto dar ao amor:

*«Tudo acabado» eu disse, num momento  
mau de desharmonia,  
mas não sabes, querida, o sentimento  
com que isso te dizia.*

*«Tudo acabado». Era um romance inteiro  
de sonho e de ventura,  
que assim ia perder-se num ligeiro  
minuto de loucura.*

*Como fôra possível que acabasse  
num só minuto assim  
como um delirio rapido e fugace  
o nosso amor sem fim?*

*Como? E, emtanto, o dissemos, num momento  
de zanga entre nós dois ...  
Mas, sabe Deus o nosso sentimento  
um minuto depois ...»*

Os ranzinzas que andam por ahi a blaterar contra o «passadimo» gritarão que isso cheira a João de Deus, a Gonçalves Crespo, a Monsaraz; isso para mim em nada desmerece os versos. O que nelles se contem de graça, de ternura, e tão elegantemente se molda á fôrma adoptada, é o essencial.

Não seria feliz nem abençoado por Dens tão decantado amôr se não florisse em outros sêres. A poesia «Aos meus filhos» responde a essa duvida. Duas estancias dentre as nove ou dez:

*«Por longas horas ficamos  
a fitar enternecidos  
vossas feições virginaes  
e o amor com que vos amamos  
tal como cresceis, queridos,  
cresce cada dia mais.*

*O amor dos pais é infinito,  
pois que nelle se deparam  
multiplas formas de amar  
e em dizer-vos não hesito  
que os vossos pais vos amaram  
ao começarem se amar...»*

Mas a cupola do pequenino e ridente edificio é formada pelas quatro formosas composições «Intimidade», «Manham de nupcias» «Nosso romance» e «Poesia viva», esta em garlhados e terços decasyllabos.

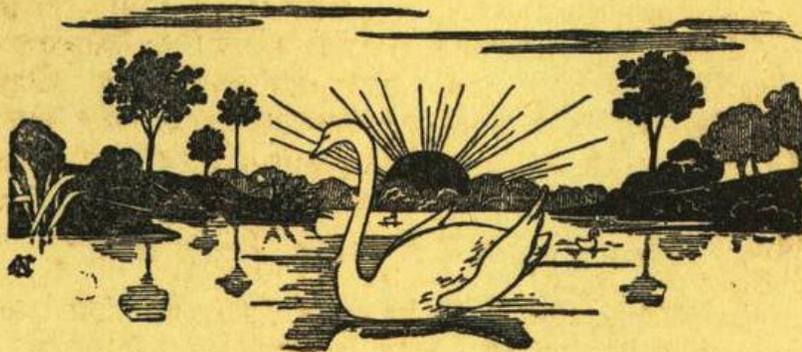
Encerremos a primeira parte deste estudo, relativa á feição lyrica ou amorosa da obra de José de Mesquita, com a transcripção de duas estancias que graciosamente a synthetizam:

*«Episodios aos mil évoco dessa idade  
scenas que ora não vou, de uma em uma, narrar,  
seja porque não quero avivar a saudade,  
seja mesmo porque fôra uma eternidade  
si me puzesse aqui toâs a recordar.*

*Juramentos de amor, pequeninas tolices,  
ternura, intimidade, enlevo encantador,  
beijos, silencios bons, extases, brejeirices,  
horas de zanga, horas de idillio e de meiguices,  
tudo isso é nada ... e é a nossa vida ... e é o nosso amor.»*

A vida é mesmo um tecido de fios imperceptíveis, mas o poeta sabe tornal-os de seda, de ouro, de scintillações magicas, de sorte que o que para o commum dos mortaes é um manto vulgar se torna para elle uma linda capa de brocado, de pedrarias maravilhosas, em cuja contemplação os outros se quedam enlevados.

A varinha de condão que opera essa transformação é o que se chama Poesia, superior a escolas, a convenções, a modernismos e passadismos. Teve por pai um sujeito chamado Homero que ainda hoje não passou de moda e é o maior de todos os poetas.





## MUCIO DA PAIXÃO

José Victorino

Mucio da Paixão antes de publicar o seu livro «Movimento Literario em Campos» teve a feliz lembrança de enviar os originaes ao saudoso mestre Sylvio Romero e delle recebeu uma carta, escripta em Juiz de Fôra, datada de 21 de janeiro de 1912, onde o autor da “Historia da Literatura Brasileira” dizia:

“Acabo de terminar a leitura de seu excellente livro — movimento Literario em Campos” Excusado é dizer-lhe que essa leitura foi feita constantemente, produzindo-me o mais intenso prazer, tal a copia de factos que me eram desconhecidos e a revelação de verdadeiros talentos que eu ignorava.

Deve V. publicar quanto antes o seu valioso trabalho ao qual devem ser muito gratos os seus patricios campistas e os brasileiros em geral”

Mucio da Paixão foi um estudioso e sempre se dedicou aos estudos com anciedade de saber, dedicando-se ao estudo biographico onde nos mostra diversos nomes de valor real, no seu bem elaborado livro.

Elle diz na introduccção que cuidou mais da literatura regional porque as actividades literarias no Brasil não saem dos grandes centros e os nossos pensadores que residem nas cidades e villas do interior jámais serão conhecidos nos grandes centros, sem que haja a bôa vontade dos nossos estudiosos.

Mucio da Paixão estuda, em primeiro lugar, o “periodo

inicial da imprensa”, em Campos, destacando a primeira phase da cultura literaria. Embora se fale que o “Monitor Campista” seja o 3º Jornal em antiguidade, Mucio da Paixão diz que em fins do anno de 1830 foi fundado “O Correio Constitucional Campista”. Logo se o “Monitor” completou o seu 1º centenario em 1933 o 3º Jornal em antiguidade foi: “O Correio Constitucional Campista”. Se me não engano o dr. Barbosa Guerra, Illustre confrade campista, defende a antiguidade do “Correio Constitucional”.

A estatistica da imprensa ao Brasil colloca o “Diario de Pernambuco” como o jornal mais velho da America Latina, vindo em seguida o “Jornal do Commercio”, do Rio e em 3º lugar o “Monitor Campista”.

Mucio da Paixão diz que o mais antigo campeão da imprensa foi Prudencio Joaquim de Bessa tendo fundado “O Espelho Campista”, “O Fharol”, “O Mosquito”, “A Malagueta”, “A Ordem”, “O Paiz”, e “O Independente”.

Prudencio Bessa, por fim chegou a fazer parte do “Monitor” em companhia de João Francisco da Silva Ultra,

Depois de Prudencio vem Francisco José Alipio, redactor do “Correio Constitucional Campista” e do “Goytacaz”.

Commentando os valores campistas destaca-se o vulto de Teixeira de Mello, a quem já dediquei uma chonica no numero commemorativo do Centenario do “Monitor Campista”,

Para se falar do valor de Teixeira de Mello basta que se cite este verso:

“Brasil, exulta! no horizonte amplissimo  
brilham os fachos de uma luz mais viva;  
calam-se os écos dos canhões: captiva  
a Liberdade a frente já nos tras!  
Como o pampeiro que alimenta o incendio,  
Camara heroico, impetuo o ousado  
e um povo inteiro á escravidão votado  
á força leva a liberdade e a paz”!

Um outro poeta estudado é José Pinto Ribeiro da Sampaio que destacou como um poeta de grandes meritos. Os seus versos são expressivos. Haja vista esta quadra escripta por occasião da Guerra do Paraguay:

“Paraguayos, tremei! Lá vão gigantes  
insolencias punir de um vil tiranno  
Força é do Guarany, barbaro povo,  
beber o sangue quente da vitoria!

\* \* \*

Mucio da Paixão estuda ainda o periodo de evolução poetica, o desenvolvimento romantico, a geração contemporanea, a tribuna, o theatro, a sciencia.

E' um livro de grande valor.

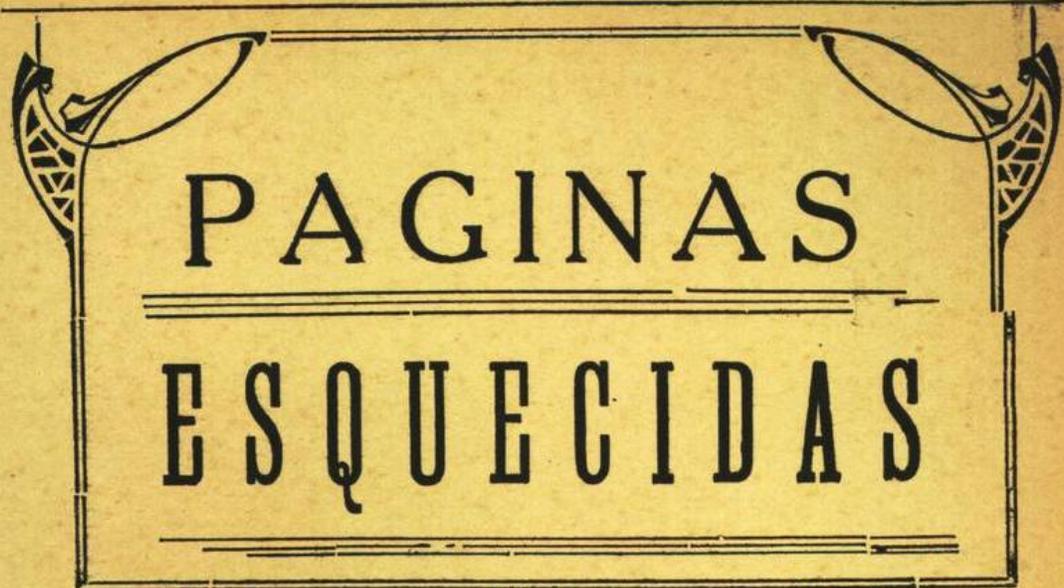
Em "Movimento Literario em Campos", encontret motivos para um bello ensaio de literatura. A arte de representar o pensamento por meio de palavras; bibliographica sobre determinados poetas e jornalitas; elocução e estylo; a renascença e os seus principaes representantes em Campos, os primeiros alvares da literatura fluminense; a sua primeira phase de reconstrucção, a influencia estrangeira; a escola classica, e romantica, a de arte, a realista, a fantastica, néoclassica; as finalidades supremas das artes; tudo isso se encontra no livro de Mucio da Paizão.

O movimento intellectual brasileiro exige que se conheçam os valores componentes da literatura nacional. Quantos valores não existem por ahi que são ignorados? Quantos?

Se quizermos estudar ou mesmo fazer um estudo global da literatura nacional, na época presente se nos torna impossivel. Por que? Por falta de livro onde se possam buscar fontes autorizadas.

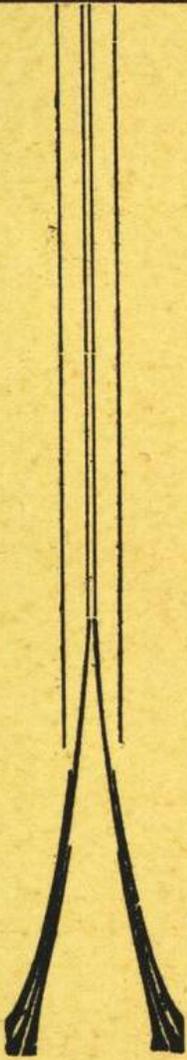
O estudo da literatura nos Estados é uma necessidade. Sem elle jamais poderemos organizar um antologia sincera e que seja effectivamente uma antologia nacional.





PAGINAS

ESQUECIDAS





## **A uma bella desconhecida**

Soneto escripto ha cerca de  
30 annos, unico escapado das  
chammas de uma fogueira

I

O nome não te sei, oh virgem pura,  
Mas penso que és um anjo vindo ao mundo,  
E que o encanto, a graça, a formosura  
Formam laurel de tua fronte oriundo.

II

Supponho, isso por Deus minha alma jura,  
Que o teu olhar é como um mar profundo  
Onde naufraga d'uns toda a ventura,  
D'outros... veleja um esperar fecundo.

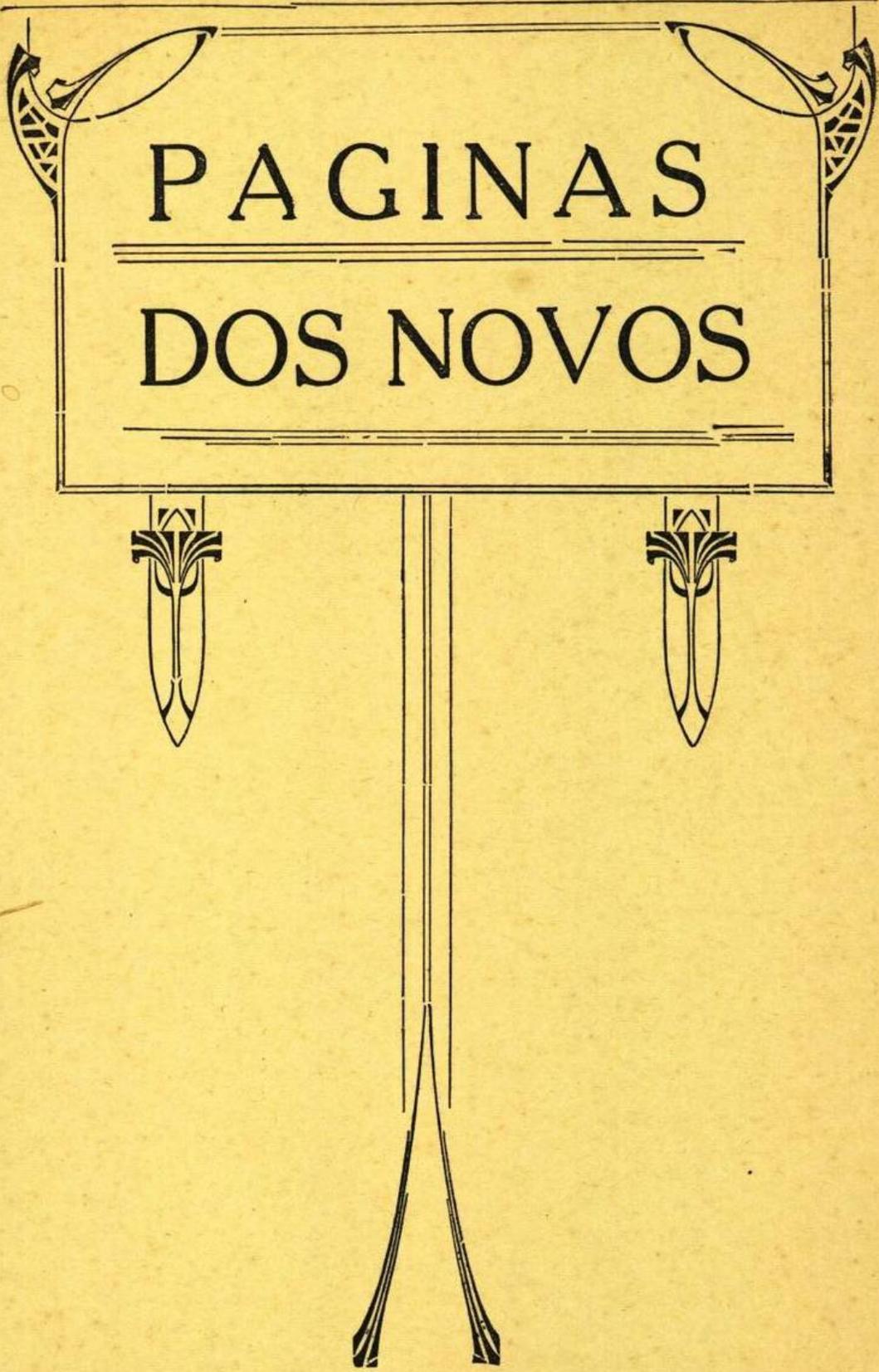
III

Olhos, bocca, nariz, todo o teu ser  
É muito bello e a fronte intelligente  
Póde fazer gozar... fazer soffrer...

IV

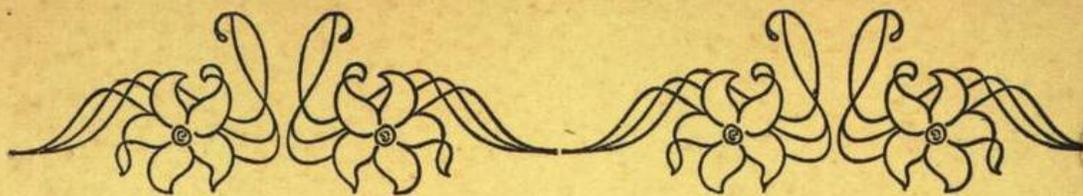
De meus olhos te foste infelizmente,  
Mas si te não tornarem nunca a ver  
—Minha alma ver-te-ha eternamente.

LUIZ DE MIRANDA HORTA



PAGINAS

DOS NOVOS



## O POÊMA DO SINO

*A D. Aquino*

Lá na tôrre da igreja paira silencioso o grande sino . . .  
Preso á vigorosa haste que lhe ampara o bronzeo corpo,  
pende magestoso e quieto, dominando, por cima de tudo, a vastidão dos quattros ventos.

Fundido de velho bronze, emerge lá nas alturas, como a sentinela do Céu, vigiando o mundo de lado a lado e parecendo gritar constantemente: «Guardo em meu seio a voz misteriosa de Deus. Sou o éco da religião catolica. Quando falo, dirijo os ares com o meu formidavel som. Sei tocar os corações, sei dizer a toda humanidade, qual é a beleza dessa crença que anuncio no poema que envio ao mundo quando vibro a minha vóz plangente.»

E é lugubre o seu aspecto! . . .

Dorme silencioso na tôrre branca da igreja . . .

Pela madrugada, quando os primeiros raios fulvos da aurora traçam no painel da Natureza a listra cinzelada do horizonte, o sino pacato, despertando daquela placida imobilidade, enche a vastidão dos ares de um clangoroso poema-canção, a principio confragoso e paulatino, depois vibrante, lamentando freneticamente a heresia de tantos srêes sem crença e sem fé . . .

. . . E a sua voz perde-se ao longe, confundindo-se com o éco das solidões!

\* \* \*

Ao meio dia, plange melancolicamente, avisando a humanidade a hora sideral das concentrações. É uma canção sublime, um poema divino enchendo de impressionantes acordes o campo estéril dos nossos ideaes. A alegria e a tristeza confundem-se nesta hora sensacional do meio dia, anunciada pela vóz harmoniosa do velho bronze...

...E a sua vóz perde-se ao longe, confundindo-se com o éco das solidões!

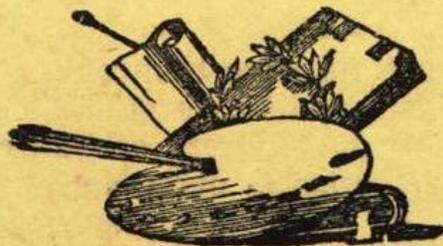
\* \* \*

À tardinha, quando os ultimos efluvios de um dia sutil tendem a desaparecer nas profundezas da noite, ouve-se novamente a vóz do sino. Uma linguagem enternecedora impregna o ar sereno com os sons sugestivos da Ave-Maria.

Toando sonoro, transpondo os espaços infinitos, o seu brado ecôa nos alcantis da Natureza, elevando-se para o Além - badaladas comoventes, traduzindo em cada vibração o nome de Deus, a sabedoria do Creador.

E ao estender a noite sôbre a terra, o seu manto de veludo salpicado de estrelinhas auri-fulgentes, a vóz do sino, repercutindo na magnifica pala do Universo, perde-se ao longe, confundindo-se com o éco das solidões, para no dia seguinte, recommençar o seu bellissimo e eternal poema — monumento inderrubavel de todos os seculos.

**Benilde Borba de Moura**



# Quando os olhos falam...

*Clodomiro Bastos*

Os olhos são os espelhos da alma,  
dizem por vezes os poetas.

Eu diria mais, que os olhos também falam  
sem falar a boca.

Qual fala melhor? Diga-o quem sabe.

E' que a boca num tique, num sorriso apenas  
põe um mundo de expressões ás vezes.

Mas a gente fica a pensar...

O que quizeram aquela boca e os olhos falar?

Os olhos, conforme... são bons e máus:

ha-os que não choram nunca,  
tambem os olhos que enganam  
e outros que sofrem.

Ha olhos que não reprimem sentimento...  
são duvidosos.

Tambem os que brincam porque só sabem brincar.

Assim são todos os olhos:

meigos, profundos,

doceis, bondosos,

traíçoeiros e brandos e perigosos,

ou penetrantes e duros que são olhos punhal

que ferem e falam sosinhos, mas todos falam, muitas vezes  
sem falar a boca,

numa expressão bonita ou feia de um olhar.

Os olhos são os espelhos da alma,

mas do coração só pode ser a boca.

E' de se ter medo dos olhos que falam  
quando a boca não quer falar!

Março 1935

CONGRESSO DAS ACADEMIAS DE LE-  
TRAS E SOCIEDADES DE CULTURA  
LITERARIA DO BRASIL

---

---

CONGRESSO DAS ACADEMIAS DE LETRAS E  
SOCIEDADES DE CULTURA LITERARIA  
DO BRASIL

---

REUNIÃO DO CONGRESSO: NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO,  
DE 3 a 13 de MAIO DE 1936

*Academia Carioca de Letras*

Séde: Silogeu Brasileiro  
Av. Augusto Severo, 4 — Rio.

Afonso Costa — Presidente.  
Leoncio Correia — Secretario Geral.  
Phocion Serpa — 1º Secretario.  
Henrique Orciuoli — 2º Secretario.  
Raul Pederneiras — Tesoureiro.  
M. Nogueira da Silva — Bibliotecario.

*COMMISSÃO EXECUTIVA DO CONGRESSO*

Séde: Silogeu Brasileiro  
Av. Augusto Severo, 4 — Rio.

Leoncio Correia — Presidente.  
M. Nogueira da Silva — Secretario.  
Castilhos Goycochea — Tesoureiro.  
Alcides Bezerra — Vogal  
Modesto de Abreu — Vogal.  
Phocion Serpa — Vogal

---

TODA CORRERPENDENCIA DO CONGRESSO DEVERÁ  
SER DIRIGIDA AO SECRETARIO DA COMMISSÃO EXECU-  
TIVA—M. Nogueira da Silva—PARA SILOGEU BRASILEIRO:  
—Avenida Augusto Severo, 4 — RIO DE JANEIRO.

---

DIREÇÃO DE HONRA DO CONGRESSO

A Mesa de Honra do Congresso das Academias de Letras e

Sociedades de Cultura Literaria do Brasil, terminadas as consultas feitas pela Academia Carioca de Letras, no sentido de sua organização, ficou definitivamente assim constituída:

Presidentes:

- Exmos. Srs. Dr. Getulio Vargas — Presidente da Republica.  
 Dr. Pedro Ernesto — Prefeito do Distrito Federal.  
 Dr. Gustavo Capanema — Ministro da Educação e Saude Publica.  
 Dr. Marques dos Reis — Ministro da Viação e Obras Publicas.  
 Dr. J. C. Macedo Soares — Ministro das Relações Exteriores  
 Conego Dr. Olimpio de Melo — Presidente da Camara Municipal.

Vice-Presidentes:

- Exmos. Srs. Dr. Laudelino Freire — Presidente da Academia Brasileira de Letras.  
 Dr. Afonso Costa — Presidente da Academia Carioca de Letras.  
 Dr. Antonio Austregesilo — Presidente da Academia Nacional de Medicina.  
 Dr. Herbert Moses — Presidente da Associação Brasileira de Imprensa.  
 Dr. Francisco Campos — Secretario Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal.  
 Conde Afonso Celso — Presidente do Instituto Historico e Geografico Brasileiro.  
 General Moreira Guimarães — Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.  
 Dr. Rodrigo Octavio Filho — Director da Sociedade Felipe de Oliveira.  
 Dr. Marques Pinheiro — Presidente da Academia Brasileira de Teatro.  
 Dr. Carlos Bittencourt — Presidente da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.  
 Dr. Lourival Fontes — Director do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural.

## Regulamento do Congresso e Regimento da Comissão Executiva

(*Extratos*)

Nos Boletins I e II demos, respectivamente, o *Regulamento do Congresso* e o *Regimento da Comissão Executiva*; no Boletim III reunimos para maior comodidade dos que se interessam pelo Congresso das Academias de Letras e Sociedade de Cultura Literaria do Brasil, essas duas leis organicas desse certame da intelligencia e da cultura nacionaes. Nos Boletins I e III vinha tambem o Programa a que devem subordinar-se as theses que serão apresentadas ao Congresso. Esses tres Boletins acham-se, porém, esgotados. E apesar da larga distribuição que deles fez a Comissão Executiva do Congresso, foi resolvido para

facilitar os que desejarem aderir á reunião de 3 a 13 de Maio do corrente ano, convocada pela Academia Carioca de Letras, a divulgação, neste Boletim IV, dos extratos essenciaes da legislação do Congresso, sendo, mais uma vez, publicado na integra o Programa das teses. Isso facilitará áqueles que, não tendo recebido os Boletins anteriores, recebam este Boletim IV e queiram aderir ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil, cuja reunião está fixada para a dezena de 3 a 13 de Maio de 1936.

E assim, seguem-se os dispositivos principaes do

### Regulamento do Congresso

Art. 1.º — O Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil é uma organização de caráter essencialmente literario.

§ 1.º — Seu objetivo é a reunião de representantes dessas instituições, com o fim de tratar dos assumptos relativos á vida literaria brasileira, inclusive amparo material do homem de letras e a proteção de sua obra.

§ 2.º — Para isso realizará sessões e conferencias nas quaes serão expostos e discutidos os varios problemas concernentes á literatura e ao homem de letras no Brasil.

§ 3.º — Nessas sessões serão proibidas formalmente discussões e explanações sobre religião, politica ou assumpto de ordem governamental.

Art. 3.º — São membros do Congresso: a) um representante oficial de cada academia de letras do país; b) representantes do Governo Federal, estadual e municipal; c) jornalistas; d) membros de sociedades de cultura literaria no Brasil, não organizadas com o caráter de academia de letras; e) homens de letras.

Art. 4.º — § 1.º — A duração do Congresso será de dez (10) dias no maximo, realizándo cinco (5) sessões plenas a saber: a de instalação, tres ordinarias para discussão e aprovação de teses, e a de encerramento.

Art. 6.º — A sessão plena ordinaria do Congresso não poderá durar mais de tres horas, cabendo ao relator das teses falar quinze (15) minutos sobre o parecer, não sendo permitido ao Congressista falar senão uma só vez sobre o mesmo assunto para que disporá de vinte (20) minutos.

Paragrafo unico — O relator de teses terá o direito, a seu juizo e para encaminhar a votação, de falar em réplica, não excedendo de cinco (5) minutos sua oração.

Art. 7.º — As sessões das comissões poderão ser assistidas por qualquer congressista, a quem o Presidente respectivo concederá a palavra, se pedida, para falar, por dez (10) minutos, sobre a tése em estudos.

Paragrafo unico — O autor e o relator da tése terão, um e outro, se o entenderem, quinze (15) minutos para a defesa dos trabalhos que tiveram apresentado.

Art. 10.<sup>o</sup> — Os membros do Congresso deverão inscrever-se como tal “Boletim de Adesão”, pagando a taxa que será fixada pela Comissão Executiva.

§ 1.<sup>o</sup> — Excetua-se o representante oficial da academia de letras, ou de sociedade que lhe possa ser equiparada, quando convidado pela instituição encarregada da organização e realização do Congresso.

§ 2.<sup>o</sup> — Os governos, federal, estadual ou municipal, poderão indicar delegados seus ao Congresso, mediante a contribuição da taxa respectiva.

Damos abaixo as disposições essenciais

### **Regimento da Comissão Executiva**

Art. 3.<sup>o</sup> — As teses, informes e trabalhos outros de qualquer natureza, destinados ao Congresso, deverão ser enviados ao Secretário da Comissão Executiva, até o dia 25 de Abril de 1936, não sendo presentes às sessões do mesmo os trabalhos que forem recebidos depois daquela data.

§ 1.<sup>o</sup> — O secretário da comissão não só dará recibo dos envios que lhe forem feitos, como organizará uma relação das teses e trabalhos recebidos, que a Comissão passará á Mesa do Congresso.

§ 2.<sup>o</sup> — As teses, informes, indicações, etc., etc., deverão ser datilografadas de um lado só, em papel de formato almasso, podendo também ser impressas se assim o entenderem os seus autores.

Art. 5.<sup>o</sup> — A inscrição no *Boletim de Adesão* e o pagamento da taxa estipulada no § 1.<sup>o</sup> deste artigo, são condições essenciais para a participação no Congresso e gozo das suas regalias, devendo esse pagamento ser efetuado ao Tesoureiro da Comissão Executiva até o dia 25 de Abril de 1936 (Art. 10.<sup>o</sup> e § 2.<sup>o</sup> do Reg. do Congresso)

§ 2.<sup>o</sup>; — A taxa de adesão é de 20\$, para cada congressista de 50\$, para as representações dos institutos, sociedades, clubes associações literarias; de 200\$000, para as municipalidades e; de 400\$000, para as dos Estados; e de 600\$000, para dos Governo Federal, distribuindo-se cartões de congressistas, nominativo, e estritamente pessoais, aos que efetuarem tal pagamento. (Art 10.<sup>o</sup> do Reg. do Congresso).

§ 2.<sup>o</sup> — Serão considerados membros protetores do Congresso as pessoas ou instituições que contribuirem com uma quota superior a 600\$ e grandes protetores aquelas cujas quotas forem superior a 1:000\$000.

§ 3.<sup>o</sup> — Aos congressistas que tiverem pago a taxa de adesão será enviado o *Cartão de Congressista*, assinado pelo Presidente, Secretario e Tesoureiro da Comissão Executiva e terão direito a receber um exemplar de cada publicação feita pelo Congresso.

E, finalmente, como se faz necessario que todos os que se interessam pela reunião do Congresso e nele queiram tomar parte, tenham um inteiro conhecimento dos assuntos das teses que deverão ser apresentadas a esse certame, reproduzimos, em seguida, na integra, o programa a que elas obedecem:

## PROGRAMA DAS TESES

1<sup>o</sup> Secção— HISTORIA E CRITICA LITERARIA

1 — *Arcádias e academias*: a) Historia em geral; origem, fundação e caráter; influencia literaria, apogeu e decadencia; estado atual; b) Da utilidade das academias de letras e demais sociedades de cultura literaria nos Estados; c) Se as academias de letras são de proveito, como se lhes promover o desenvolvimento para as utilidades reais?; d) Da federalização das academias de letras e suas vantagens.

2 — *Historias literarias*: a) — Poesia e suas diversas escolas; b) Romance e contos, tendencias modernas; c) Viagens; d) — Literatura infantil; e) Eloquencia em suas varias modalidades; f) Teatro, em prosa e verso e sua finalidade social.

3 — *Crítica literaria*: a) Da critica literaria no Brasil, evolução, estado atual e sugestões para a sua melhoria; b) — A obra de Machado de Assis sob o ponto de vista estético; c) A *paisagem* e a *historia* na literatura nacional; d) Manuel Antonio de Almeida, José de Alencar e Aluizio de Azevedo, chefes de escolas; e) A imprensa como fator literario; f) De como as escolas literarias contribuíram para o engrandecimento da cultura nacional; g) Gonçalves Dias e sua influencia na poesia brasileira; h) Da influencia do espirito moderno na literatura nacional; i). Como entender-se o regionalismo nas letras nacionaes, reconhecendo-lhe os proveitos ou não para a cultura e para o sentimento brasileiro; j) Da influencia da terra nas nossas obras de ficção.

*Folclore*: Vestigios indianistas e afronegros, comparados com a contribuição européa dos nossos diversos colonizadores.

2<sup>a</sup> Secção — LINGUAGEM

1 — *Simplificação ortografia*: a) Vantagens ou desvantagens em se manter o acôrdo firmado com Portugal para dotar a lingua portuguesa de um unico e uniforme sistema ortografico; b) O problema de ortografia em face da Constituição Federal.

2 — *Prosodia da lingua*: Vantagens em ser fixada uma prosodia literaria da lingua a qual será adotada no teatro, escolas de canto e de declamação e ensinada nas escolas publicas do paiz.

3 — *Lingua nacional*: a) Sua existencia, caráter e tendencias que vem alcançando, através do tempo, o portugues no Brasil; b, Como se diferencia a sintaxe brasileira da sintaxe portuguesa? Nossa sintaxe está mais aproximada da sintaxe classica do século XVI do que a portuguesa atual? Vantagens da sistematização de uma sintaxe brasileira?; c) As diferenciações entre o português de Portugal e o do Brasil, autorizam a existencia de um ramo dialetal do português peninsular?; d) Da conveniencia das elites literarias orientarem a evolução do português no Brasil, afim de ser evitada a deturpação da pureza do idioma materno; e) Da fórmula e estilo brasileiro na lingua portuguesa; f) Da necessidade de ser mantida, no português falado e escripto no Brasil, unidade que reuna e concilie, tanto quanto possivel, fixando-as, as diversas tendencias regionalistas; g) Da reação

aos modismos, fôrmas divergentes e sintaxe exclusiva e premeditadamente regionalistas, com o fim de evitar-se a deformação da lingua e a criação de perturbadores ramos dialetais.

4 — *Lingua indigenas*: a) As linguas indigenas são contribuição suficiente á lingua nacional? b) Devem promover-se estudos no sentido da divulgação das linguas dos primitivos habitantes do país, sob o intuito de que não desapareçam, com o tempo, as provas existenciais dos nossos indigenas; c) Origem e significação da palavra *carioca*.

### 3ª — Secção DIREITOS AUTORAIS

1 — *Autores, editores e obras*: a) Póde o editor, que adquiriu os direitos autorais de uma obra, deixar de publicá-la, sob o argumento de que lhe pertence e lhe cabe o criterio de escolha da época de sua divulgação?; b) Póde o editor, que adquiriu os direitos autorais de edição de uma obra, procrastinar a seu talento, a publicação da mesma?; c) Como deve ser fixado o *quantum*, a perceber o autor; média minima, como direito autoral?; d) O direito autoral é um patrimonio que deverá reverter ao autor da obra, sempre que o editor ou os seus herdeiros se vejam na impossibilidade de editá-la, ou perderá o autor o direito de rehavê-la, uma vez transferidos os seus direitos de autor?; e) Não havendo contrato escrito e não tendo o editor publicado a obra, cujos direitos autorais adquirira, quando cessa a propriedade do editor sobre a mesma? f) a publicação de livros ou simplesmente de contos, novelas ou artigos diversos, traduzidos de linguas estrangeiras, para divulgação no Brasil, deve ou não ser acompanhada da autorização legal para essa tradução e divulgação?; g) Vantagem ou não de uma legislação que obrigue o registo, em cartorio, da autorização para traduzir e divulgar trabalhos de literatura estrangeira.

### 4ª Secção—PROBLEMAS ECONOMICOS E LITERO-SOCIAIS

1—*Alfabetização das massas proletarias*: O melhor meio a ser empregado nesse sentido e qual o carater e extensão da medida, isto é, a que se deve resumir essa alfabetização.

*Problemas literarios*: Da conveniencia de se criarem premios (federalis, estaduais e municipais) para amparo e auxilio de escritores novos.

3—*Traduções*: A literatura estrangeira, com excessão de livros de caráter científico ou de finalidade técnica, traduzida e divulgada no Brasil, não será empeço ao desenvolvimento da produção literaria nacional?

4 - *Livro nacional*: a) Facilidades de ordem economica; b) Amparo ás fabricas brasileiras de papel para impressões de livros, no sentido de maior barateamento do seu custo; c) Isenção de taxas e redução de impostos para o livro nacional, em original ou traduzido, exportado para Portugal e paizes onde se fala o espanhol; d) Das exposições permanentes ou intercambio com os Estados, para divulgação do livro nacional.

### 5ª Secção — QUESTÕES CULTURAIS

1 — *Cultura européa*: a) Deve o Brasil procura romper, o mais que fôr possível, seus laços com a cultura européa; b) Deve-

mos fomentar ou não as nossas relações com a cultura germanica?

2 — *Historia Americana*: Póde a America viver de sua propria historia?

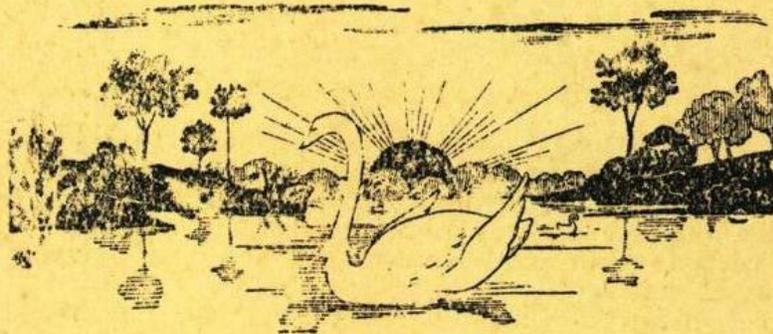
3—*Filosofia e Letras*: Da organização das faculdades de Filosofia e Letras nas universidades brasileiras.

4—*Teatro*: O problema do teatro na sua feição educativa e cutural.

#### 6ª Secção — BIBLIOGRAFIA

1—*Deposito legal*: Do caráter e finalidade do deposito legal, limitado o mesmo á legislação federal para que seja a Biblioteca Nacional o centro e o repositório integral da Produção livresca do país.

2—*Repertorios bibliograficos*: Da necessidade de publicação regular, na Capital Federal e nas dos Estados, de bibliografias locais.





## Publicações recebidas

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

### I

#### *Livros e folhetos:*

*Coronel Laurenio Lago*— Medalhas e condecorações brasileiras

*L. B. Horta Barbosa*— A bem da Verdade (sobre Napoleão Bonaparte)

*Getulio Vargas*— Palavras aos brasileiros (distribuição do D. N. Propaganda)

*Manuel Viotte Veiga Filho* (bio-bibliographico)

*Duque de Caxias*—(separata da Revista Militar Brasileira)

*Bastos Milward* - Contribuição para a geologia do Estado de Goyaz

*Gaston Figueira*— Mi deslumbramento em el Amazonas

*Decio Vilares*— A epopéa africana no Brasil

*Inauguração de um busto de Danton* (do A. Positivista do Brasil)

*Jorge Bodstein*— Catalogo da 1ª exposição de Pinturas em Cuiabá

**II***Revistas*

*Revista da Academia Brasileira de Letras*— n. 163 a 168

*Publicações da Academia Carioca de Letras*— n. 1. e 2  
*Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo* — XXI,  
(abril a junho 1935)

*Revista da Academia Sergipana de Letras*, IV, VII (ju  
lho 1935)

*Revista Militar Brasileira*, XXV, XXXIV (setembro a  
dezembro 1935)

*Revista do Circulo de Estudos Bandeirantes*, Curitiba,  
1, 2 (agosto 1935)

*Bôa Nova*, do Rio

*A Violeta*, de Cuiabá

**III***Jornaes*

*Gazeta Official*

*A Cruz*

*O Evolucionist*

*A Penna Evangelica*

*A Razão* —

*Gazeta do Commercio*

*O Tres Lagôas*

*A Tribuna*

*O Municipio*

*A Fanfarra* —

de Cuiabá

de Caceres

de Tres Lagôas

de Corumbá

do Rio

# Revista da Academia Mattogrossense de Letras

Anno V

1937

Nos IX e X

## Summario

### Uma festa de intelligencia e de cultura:

Discurso do academico Amarilo Novis  
Discurso do academico José de Mesquita

*Barbosa de Sá* — poesia — D. Aquino Corrêa

*Coxipó do Ouro* — *Na partida* — *Semeador* — *Serra-acima* — *O bosque do Convento* — sonetos — José de Mesquita

*Domingo de procissão* — *Flor...inda* — sonetos — Lamartine Mendes

*Terra Natal* — *Mundo vegetal* — poesias — Arnaldo Serra

*De volta* — *Pensando em tí* — *Um abraço* — Sonetos — A. Tolentino de Almeida

*Da conveniencia de não perscrutar os altos mysterio e os occultos juizos de Deus* — poesia — trad. de Augusto Cavalcanti.

*Medalhas* — Oscarino Ramos

*Quintino Bocaiuva* — palestra — Philogonio Corrêa

*Eandeirantes do progresso* — discurso — Franklin Cassiano

*O sentido da literatura mattogrossense* — conferencia — José de Mesquita

*Carlos Gomes* — *Novos bandeirantes* — poesias Ulysses Cuiabano.  
*Visita do primeiro amor* — *Eu vim na manhan* — *Milagre* — poesias — D. Martins de Oliveira

*Velinhos* — *Ouvindo Chopin* — poesias — Laurindo de Brito

*Cabellos brancos* — *A' minha mulher* — *A' Mariazinha* — poesias — Henrique Soido

*Na semana de Educação* — discurso — Severino de Queiroz

*Um casamento* — conto — J. Bonifacio de Albuquerque

*Subindo o Cuiabá* — Lamartine Mendes

### !Paginas dos mestres:

*Céo fluminense* — Alberto de Oliveira

*Pomo de Sodoma* — Goulart de Andrade

### Paginas Contemporaneas:

*Surpresa de Matto Grosso* — V. Corrêa Filho

*Discurso inaugural do Congresso das Academias* — Affonso Costa

*Minhas duas janellas* — Mario Sette

### Paginas femininas:

*O amor e os poetas* — Maria Dimpina

*Um poeta* — Benilde Moura

### Paginas dos Novos:

*Nassau* — L. F. Pereira Lette

*Castro Alves* — A. Costa

*Soneto* — Waldemar Tessitore

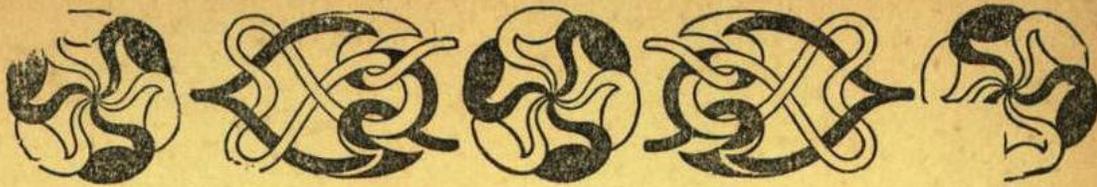
*Cinzas...* — Gui de Mesquita

*A garça* — Rubens de Mendonça

Relatorio de 1936

Bibliographia \*

Publicações recebidas



# Uma festa de intelligencia e de cultura

Realizou-se, no dia 9 de agosto, no salão de honra da ACADÉMIA MATTOGROSSENSE DE LETRAS, o grande banquete com que a intellectualidade do nosso Estado, exaltou o seu agradecimento á acção fecunda e brilhante de José de Mesquita, como delegado de Matto Grosso aos Congressos culturais ultimamente effectivados na Capital Federal.

A' grande Mesa, que, em forma de E, occupava todo o salão, com seus oitenta talheres, reuniram-se representantes de todas as classes intellectuaes, autoridades, magistrados, parlamentares e politicos, de todas as correntes, credos e facções, filhos do Norte, do Sul, e de outros Estados, ali congregados num ambiente festivo e cordeal, em homenagem ao merito e á cperosidade do insigne Embaixador da nossa cultura, que tão alto elevou o nome de Matto Grosso nos torneios juridicos e litterarios do mais elevado circulo da cultura nacional.

Ao «champagne» pronunciou um formoso discurso, em estylo academico, o Snr. Desembargador Amarilio Novis, traduzindo, com rara felicidade e imaginosa expressão, os sentimentos dos promotores e offertantes da tão justa homenagem.

O agradecimento, fê-lo o homenageado, em primorosa oração, hymno entusiastico á Patria e ao seu torrão natal, num transbordamento das acrysoladas virtudes e alados sentimentos civicos, como projecções marcantes da sua insigne personalidade.

Constituiu, por tal forma, a expressiva homenagem, uma dessas horas de arte e de espiritalismo que tanto enlevam e encantam pela superioridade moral do ambiente, ao mesmo tempo porque se exaltava, em publico, o reconhecimento de Matto-Grosso, por sua intellectualidade, ao Snr. Desembargador José de Mesquita.

(Do jornal "A CRUZ")

## DISCURSO DO DES. AMARILIO NOVIS

Snr. Des. José de Mesquita:



UNCA, senhores, confesso, como esta, de fronteí tarefa de mais difficil desempenho. Se o meu orgulho e a minha ufanía ao tomar posse da cadeira que nesta casa me pertence me encorajaram para dizer nas arcadas magnificas do seu portico as palavras de fé que então proferi, a despeito do atropêlo das idéas sacudidas pela emoção de uma conquista ardentemente suspirada, agora, no cumprimento do honroso mandato que me é outhorgado por vossos amigos e admiradores, orgulho e ufanía eguaes me desamparam, deixando escapar a custo a minha voz deante do deslumbramento do estupendo triumpho que acabam de alcançar o vosso talento e a vossa cultura.

Ali, posto succedesse a dois nomes brilhantes, logrando a fortuna da augusta companhia dos senhores Academicos, dado me fôra abrir o coração, recordando com saudade um espirito que foi grande e uma alma que sentiu potencial bastante para fazer a propria felicidade e a dos seus amigos.

Aqui, não bastariam vozes do coração. A vossa victoria, que é tambem victoria de Matto-Grosso, tem rutilancias de uma consagração, e estaes por isso a merecer quem melhormente, como dizia Coelho Netto em carta a Veiga Miranda "atirando o chapéo ao ar proclamasse o vosso grande talento e o vosso culto amoroso da terra".

Porque, snr. desembargador José de Mesquita, a delegação que me confiaram os vossos amigos aqui presentes eu a sinto subscripta por todo este pedaço immenso e rico do Brasil, que conta em vossa pessôa o interprete dedicado das suas aspirações, o apaixonado revelador das suas bellezas, o sentinella attento da sua integrida-

de, o paysagista magico dos seu bosques, das suas serras e das suas cachoeiras, o narrador fidelissimo da sua historia e das suas tradições gloriosas, o defensor imperterrito da sua honra e dos seus brios.

E eu, “un ignorant que ne sait que son áme”, para reproduzir immodestamente o conceito de Sainte Beuve sobre Lamartine, não estaria, é certo, á altura da significação desta homenagem, não fôra ella um afesta do mais puro civismo em que a alma se expande ao rythmo das nossas alegrias, e do nosso entusiasmo.

Festa do civismo, eu digo, porque enaltecendo aqui os vossos meritos, commemorando os vossos triumphos ultimamente alcançados na Capital do Paiz, quando da reunião dos Congressos das Academias e do Judiciario, festejamos e enaltecemos a propria terra do nosso berço, que teve na vossa brilhante actuação naquelles certamens da intelligencia a melhor porção dessa victoria, tão alto se viu elevada no brilho da vossa cultura, nos calorosos applausos por vós recebidos, nas excepçionaes homenagens que vos foram tributadas.

Nessas olympiadas do saber não sei quando Matto-Grosso logrou melhor nem mais scintillante delegação.

Os corações conterraneos seguiram de perto os vossos passos e a cada hora viam crescer, avultar aos olhos do Paiz inteiro a esquecida terra mattogrossense revelada na vossa palavra culta e acatada.

Como na ancia de Bilac por que

a estrophe crystalina.  
dobrada ao geito  
do ourives saia da officina  
sem um defeito,

assim a vossa preocupação, filha do “pudor da intelligencia”, de que resulta o fino lavor dos vossos trabalhos e de que são amostras as conferencias literarias, filigranadas como o *zaimph* de Tanit, com que encantastes a elite intellectual da “cidade maravilhosa”.

Nellas, como num album magico, reunistes as maravilhas todas da nossa terra e nas suas paginas fulgiu Matto Grosso como nunca o souberam os patricios de lá fóra, na soberba e verdadeira expressão de sua força e belleza.

De uma feita escreveu Coelho Netto de referencia a Euclides da Cunha o que disse de Tourgueneff:

“Un monde vivait en lui, parlait par sa bouche; des generations d'ancêtres perdues dans le sommeil des siècles, sans paroles, arrivaient par lui à la vie et à la voix”.

Foi esse o milagre que realizastes: Matto Grosso viveu em vós naquelles dias memoraveis, e gerações de antepassados nossos fallaram por vossa bôcca.

Vencestes e vencestes galhardamente nessas justas do pensamento em que o vosso talento teve ensanchas para bem alto elevar a nossa terra, e a vossa cultura azo para dar ao nosso Estado fóros de pioneiro na cruzada do Direito, nest'hora amarga em que parece estalar as vigas e os contra-fortes que sustentam o equilibrio mundial, em que só a força do Direito será capaz de sustar a tragica derrocada.

E os vossos triumphos sobrelevam e avultam principalmente neste momento em que espiritos mal prevenidos investem contra o Poder Judiciario e para os quaes parece foram traçadas estas palavras de Julio de Mesquita:

“Tenho um facil recurso para provar num instante aquillo que vos disse: é pedir-vos que imaginemos que o poder judiciario não existe. Seria como se, de repente, faltasse a um edificio a pedra angular que o mantém a prumo, ou como se estalasse a um mundo a mola invisivel que o equilibra no espaço. O edificio immediatamente ruiria por terra, num montão informe de escombros, e far-se-ia no mundo, na derradeira convulsão de uma catastrophe sem remedio, a escuridão eterna de um cháos. Na ordem privada, o respeito á propriedade

seria substituído pelo desenfreamento dos apetites; a segurança dos fracos entregue sem protecção á agressão dos fortes; a inviolabilidade do domicilio exposta, sem defesa, ás injurias da pilhagem; o lar sem honra; a honra sem lar, sem abrigo. Na ordem politica, seria o reinado confuso e tumultuoso da anarchia, isto é, o agravamento continuo de um excesso por outro excesso ainda maior, o aniquillamento successivo de uma reacção por outra reacção ainda mais brutal, ou, então, seria o triumpho definitivo do despotismo, o escurecimento lutuoso de todos os lampejos da dignidade humana, o sacrificio humilhante de todas as nobres conquistas do espirito humano”.

Se no Congresso das Academias, onde vos foi reservado logar de honra, alcançastes o relevo que sabemos, e o fulgor da vossa intelligencia, inundando o Syllogeu, se espraizou depois pelos jornaes numa affirmacção incontrastavel de cultura e amôr á terra natal, — no Congresso Judiciario não menos efficiente nem menos brilhante foi a vossa collaboracção, onde as homenagens se succederam aos vossos remarcados attributos intellectuaes e moraes, tanto se impoz a vossa personalidade na dupla feição de belletrista e de jurista.

Ha mistér assignalar, posto que a *vol d'oiseau*, e o faço com dobrada satisfacção, como Academico e como membro do nosso Judiciario, alguns traços da vossa esplendida actuação como um dos nossos embaixadores áquelles certamens.

Destaco, do primeiro Congresso, as tres indicações, propostas e unanimemente approvadas: a) a creação da Federaçáo das Academias; b) a concentraçáo do intercambio litterario; c) determinando que a Academia Carioca passasse a ser o órgão executivo do Congresso, após o seu encerramento.

A primeira destas propostas já está concretisada em magnifica realidade, cabendo-vos fazer parte da Commissão dos 5 que elaborou os estatutos da Federaçáo.

Desnecessario é encarecer as vantagens que d'ahi decorrerão em proveito das nossas letras, assegurado como está o exito da Federação das Academias de Letras do Brasil. Não me furto, porém, ao gozo de transcrever a vossa abalisada opinião sobre materia de tão alto interesse, um “dos grandes sonhos da vossa vida”.

“Essa realisação vale pela mais alta obra de brasilidade, pelo melhor trabalho a prol da unidade nacional, que se ha de cimentar na approximação de todos os nossos patricios pela intelligencia e pela cultura. O que acabamos de construir é, por sem duvida, uma daquellas edificações, em que no dizer de Goethe “a humanidade virá desfructar alegrias puras”.

No Congresso Judiciario vos foi distribuido o trabalho de relatar a parte de recursos em materia penal, que magistralmente desempenhastes, sendo-vos ainda conferida a elevada distincção de falar em nome do mesmo Congresso na visita á casa de Ruy Barbosa.

Se as vossas palavras foram, então, um hymno de gloria ao Mestre, ascendendo o vosso espirito aos parâmetros da grandiloquencia, tambem foram um soluço doente de saudade, em que o vosso coração alçou mais alto no fervor das preces formuladas.

Contemporaneamente, surgiu o Congresso de Criminologia e nelle tomando parte offerecestes a these versante sobre “Evolução e aspectos da criminalidade em Cuyabá”, these que mereceu a Magarinos Torres, e merito jurista, entusiasticas referencias.

Fóra dos Congressos, alem da vossa arrebatadora palestra dita na Academia Carioca, tivestes oportunidade de proferir no Centro Mattogrossense, linda e empolgante conferencia acerca do *Sentido da Literatura Mattogrossense*, e ainda uma outra na Associação Brasileira de Imprensa, onde fostes fidalgamente recebido em sessão de 2 de Julho.

E do quanto fizestes da tribuna desses Congressos ou das columnas dos mais importantes e conceituados

orgãos da imprensa carioca, não se limitaram os comentários a méras notas anonymas das folhas, ao appetite das sympathias da reportagem. Não. Da vossa personalidade de eleição, da vossa cultura, da vossa primorosa intelligencia, da vossa fidalguia, se occuparam nomes consagrados nas lettras patricias, como Laudelino Freire, Modesto de Abreu, Benjamin Lima e outros, preito de justiça, aliás previsivel, dado que em, se tratando de José de Mesquita, bem se lhe pode applicar o julgamento que de Claude Bernard fazia Pasteur, nestas palavras profundamente significativas: “procuro-lhe o lado fraco e não encontro”.

No discurso de agradecimento que proferistes no Automovel Club, por occasião do banquete que vos foi offerecido, tivestes occasião de alludir ao “drama interior que é a vida do homem de lettras da provincia”, descrevendo, então, com vossa penna de mestre, o quadro pungente que é o labutar pela Arte em meio como o nosso: “a indiferença senão a hostilidade ambiente, a tragedia moral das incomprehenções, o sarcasmo ea chacota com que os chamados “espíritos praticos” recebem as manifestações litterarias; o trabalho de Sysipho que é a imprensa provinciana, condemnada a recommençar cada dia a mesma incessante tarefa, as decepções muitas vezes pungentes com que o belletrista do interior vê medidos os seus trabalhos e, acima de tudo, esse contraste vivo e chocante entre o ideal e a realidade, entre o que se supõe poder fazer e aquillo que as condições do meio nos permitem pôr em pratica”.

Se assim é, realmente, a vida do intellectual de provincia, já vós constituis, para orgulho nosso, uma luminosa e feliz excepção á regra. O carinho e as atenções com que vos receberam os meios litterarios da capital da Republica ter-vos iam feito comprehender que Matto-Grosso se vae tornando já pequeno para conter as projecções do vosso nome laureado.

Essa a melhor e mais fulgurante resposta aos cha-

mados *espíritos práticos* do vosso formoso discurso.

Bem sabeis que não faltam Averrhoes para o esforço impotente de enterrar um raio de sol.

E por isso, cada vez mais bellos e profundos me parecem os versos do Soneto da Ante-velhice que me dedicastes:

“Gloria de envelhecer e, de alma sossegada,  
acceitar todo o Bem ou mal que vier, contente,  
ainda beijando a mão que ora fere e ora agrada,  
e sereno e feliz, como um dia de outomno.  
que acaba sem sentir, mansa e suavemente,  
esperar pela noite e pelo grande somno!”.

### Resposta do Desembargador Mesquita

“Meus amigos:

Vocês assim o quiseram. Eu aqui estou.

Depois de tres meses de ausencia, revi a nossa terra bem querida e quis Deus que a revisse numa como que poetização sublime de belleza e de ternura, tal assim qual a sonhara nos dias em que, della distante, por ella vivia e trabalhava todos o momentos. Ao transpor a formidavel ponte Francisco de Sá, cujas vigas mestras antes nos unem do que nos separam de S. Paulo, naquella hora em que a commoção atraza até os relogios, sentimos que um mundo novo e differente começa a abrir-se aos nossos olhos d'alma.

Esse mundo novo e differente é Matto-Grosso, que brasileiro até o cerne, brasileiro como os que mais o sejam, é, entretanto, por tantas peculiaridades immisciveis

algo de proprio, inconfundivel, cheio desse espirito que afinal não há como chamal-o sinão puramente mattogrossensismo.

Mas Matto-Grosso, na sua estupenda zona meridional, que a ferrovia corta de Jupiá a Esperança, é tambem um pouco S. Paulo, na feição dinamica de Campo-Grande, um pouco Minas, na doçura primitivista de Sant' Anna, um pouco Rio Grande, nos densos hervaes de Ponta Porã...

Quando, porém, se vence o dedalo do Uacurutuba — esse caprichoso e talvez unico arabesco fluvial com que a Natureza parece haver querido resguardar Cuyabá, no seu escritorio virginal e inaccessivel, — quando se attingem as ribas do rio que marcou, estirão a estirão, a capacidade heroica do bandeirante da era de dezesete — então é que sentimos, ao vivo, que entramos no Brasil.

Ao contrario daquelle desencantado Jacintho, em que Eça vasou uma das mais geniaes das suas creações, e que ao penetrar Portugal lamentava ter que deixar a Europa, eu, ao me aproximar, entre commovido e saudoso, da nossa terra, senti que reentrava o Brasil bem brasileiro e bem nosso, o Brasil de Couto de Magalhães e de Tau-nay, de Melgaço e de Ricardo Franco, de Antonio João e de Baptista das Neves.

Mas, deixem-me vocês que diga ainda que só ao sentir, já nas alturas do Coxipó da Ponte, numa visão de mystico encantamento, a minha cidade natal, toda envolta na brancura do luar, como uma noiva no seu véo de nupcias, trescalando aos aromas da sua belleza sempre adolescente, é que eu conheci que estava realmente na minha terra.

Porque, meus amigos, si Matto-Grosso é um grande, um formidavel gigante, que impressiona mesmo pela sua denominação geographica, Cuyabá é meiga, é doce, é suave, é maternal, como nol-o faz vêr até o seu nome, enternecidamente feminino.

Não bastavam, porém, esses afagos com que, na mais linda, talvez, das suas noites, Cuyabá me recebeu no seu regaço, vae por seis dias...

Acharam vocês que ainda eram poucas as expansões de que amigos, velhos e novos, me têm cercado desde o momento da chegada ate ainda agora.

E entenderam de me trazer aqui, a esta casa que é nossa, a este salão cujas paredes vi se erguerem em horas de trepidação emocional, porque eram a objectivação de um velho sonho... e aqui, neste recinto para mim sagrado pela memoria de Leverger e pelas sociedades que abriga, vocês ainda cumularam a sua generosidade e superaram a minha capacidade de reconhecimento, offerecendo-me esta hora de cordialidade, no convivio dos meus amigos mais dilectos entre os presentes, amigos em que vejo reflectidos os quadrantes mais diversos em que me tem sido dado distribuir a minha actividade.

A minha Côrte de Appellação, permitam vocês que a colloque em primeiro lugar, pois a Justiça é quasi divina, a minha Academia de Letras e o meu Instituto Historico, ambos tão ligados um a outro que formam quasi uma perfeita symbiose cultural, a minha Liga do Bom Jesus com o seu porta-voz na imprensa, e que, a par da minha Conferencia Vicentina, constituem os sectores em que vejo mais necessaria a actuação social neste tôrvo momento que atravessamos.

Tudo aqui está representado e, a par disso tudo, todos os matizes da amizade, da sympathia com que me honra a minha gente. E tudo isso, repito, me trazem vocês atravez da palavra do meu amigo e confrade Ary Novis, que tem sortilegios incomparaveis para dourar as suas expressões tão cheias de generosidade, e me trazem, porque entendem vocês que eu mereço e têm a sinceridade de o proclamar. Mas, meus amigos, eu sou Juiz e o Juiz deve começar a se julgar por si mesmo. *Judex judica te ipsum*, d i r e i, paraphraseando conhecido preceito classico. Tenho consciencia de que nada mais

fiz do que aquillo que me cabia fazer para dar conta do meu encargo. E si alguma cousa fiz, devo antes que a mim mesmo a vocês que m'a inspiraram e me deram essa feliz oportunidade de trabalhar pela nossa terra commum. Fil-o com a satisfação intima de quem cumpre um dever, de quem amortiza uma divida, de quem, pondo em pratica o velho rifão, paga amor com amor. Nada me deve nossa terra, pois que sou eu quem lhe deve tudo — o que sou, o que tenho sido e o que espero continuar a ser... Vocês me mandaram, eu fui. Procurei não deshonrar o mandato. E, de resto, não fui só. Tive optimos companheiros, cujos nomes peço licença para declinar — Virgilio Corrêa Filho, João Beltrão e Otilio Gama, que, nos Congressos das Academias, Judiciario e de Criminologia, sempre vi empenhados commigo no mesmo labor de bem elevar o nome de Matto-Grosso.

Não podem vocês, por outro lado, imaginar quanto de agradável seja trabalhar por Matto-Grosso, fóra de Matto-Grosso.

Matto Grosso é desconhecido. Tudo que d'elle se diga, interessa e seduz. Matto Grosso é querido. Posso dizel-o com conhecimento de causa, pois ainda agora o vi, revi e tresvi nesta minha temporada na Capital do País e de S. Paulo. As honras que recebi — acima de quaesquer merecimentos que pudesse ter — eram antes dirigidas á terra de que eu me fazia embaixador. Por isso, quero ainda accentuar que nenhum esforço foi preciso para fazer o que fiz, a não ser, naturalmente, aquelle de superar minha capacidade, que é pouca, pelo meu desejo de servir á nossa terra, que esse, sim, é immenso.

Mas, meus amigos, não é ainda só isso. Neste ajuste de contas, que fazemos em torno desta mesa encantadora e deliciosa, eu é que saio com saldo devedor. A bondade de vocês sobrexcede a tudo. E não ha força maior, meus amigos, do que a da bondade. Ella tudo póde e faz. Não ha gloria maior, meus amigos, do que a da bondade. Ella tudo ultrapassa. Nem ha conquistas

maiores, meus amigos, que as da bondade. E por ella é que eu aqui vim, trazido pelas mãos bondosas de vocês — que me abriram, mais do que os braços, o seu proprio regaço espiritual.

Reentro no convívio amavel e suave de vocês, animado do mesmo desejo de bem amar a nossa terra e da vontade cada vez mais firme de bem servil-a, que ella bem o merece.

Esse amor á terra natal como que se intensifica á proporção que della nos distanciamos no espaço ou no tempo, constituindo esse phenomeno, raramente explicado mas frequentemente sentido, um desses perturbadores mysterios da psychologia humana.

Gide põe na boca de Alissa, a admiravel protagonista de "La Porte Etroite" estas palavras profundas dirigidas a Jeronymo:— *quand tu serais près de moi, je ne pourrais penser a toi davantage.*

Pois bem, meus amigos, tambem, longe de nossa terra e de vocês, eu via que a distancia, ao invês de um obice ou um derivativo, agia como um poderoso estimulante ao meu sentimento.

E, voltando, não direi que ame agora menos a nossa terra e a nossa gente — mas sempre direi que, longe della, me parecia amal-a ainda um pouco mais...

Meus amigos:

Tudo o que eu poderia dizer, agradecendo esta manifestação, Bilac, o nosso maior poeta, já o disse, dum a feita, ao se referir ás homenagens que lhe prestaram os seus amigos paulistas.

Nada sou. Nada valho. Nada fiz,

Mas, meus amigos.

Por ser da minha terra é que sou nobre.

Por ser da minha gente é que sou rico.

# BARBOSA DE SÁ

por D. F. DE AQUINO CORREA  
da Academia Brasileira

*Futura celari homines Deus voluit,  
ut timenti sperare liceat.*

(Sentença, com que encerra Joseph  
Barbosa de Sá a sua *Relação das  
povoações de Cuiabá e Matto-  
Grosso, de seus primei-  
ros thê os presentes  
tempos.*)

*Não sei que extranhas emoções aquellas,  
Quando, a primeira vez, ler me foi dado  
As chronicas vetustas e singelas  
De Barbosa de Sá, o licenciado.*

*E' que nellas, em magicas surdinas,  
Ouvi cantarem, como nunca d'antes,  
Os mil poemas heroicos destas minas,  
No cyclo homerico dos bandeirantes.*

*Assim, ó filhos da Hellade, vibraveis,  
Talvez, da mesma intensidade rara,  
Ao folheardes os livros veneraveis,  
Que o pae da historia, Herodoto, traçara.*

*Pae da nossa è Barbosa, o veterano,  
Elle que lhe deu vida, e com afinco,  
Proseguiu es seus fastos, até o anno  
Mil setecentos e setenta e cinco.*

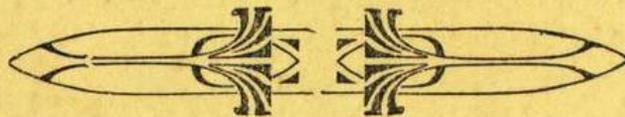
*E não largou o calamo cansado,  
Senão para morrer, pois foi tamanho  
O seu pezar, que morre, ao ter sustado  
Os seus annaes do Cuiabá de antanho.*

*Mas antes nos legou, em letras de ouro,  
Uma sentença, em que a miude scismo,  
Pois val na pratica o melhor thesouro,  
Fórmula, que é, dum álaçre optimismo.*

*Vae nella um senso limpido e profundo,  
Cuja sabedoria não desmaia,  
Aos embates das coisas deste mundo,  
Nem dos seculos todos. Escutae a:*

*"Occulta Deus ao homem o futuro,  
"Para que espere no futuro o homem":  
Que bello distico: que ideal seguro:  
Digno que todos por divisa o tomem!*

*Seja elle a benção e a palavra de ordem  
Que nos guiem nas lidimas conquistas,  
E para sempre a todos nós recordem  
O velho patria, cha dos chronistas!*



## Coxipó do Ouro

VI-TE, sob um sol de ouro, erma plaga singela,  
que os bandeirantes esfloraram de arripio,  
e respirei aqui, sob a estrellada umbela,  
do seculo dezoito o secreto amavio.

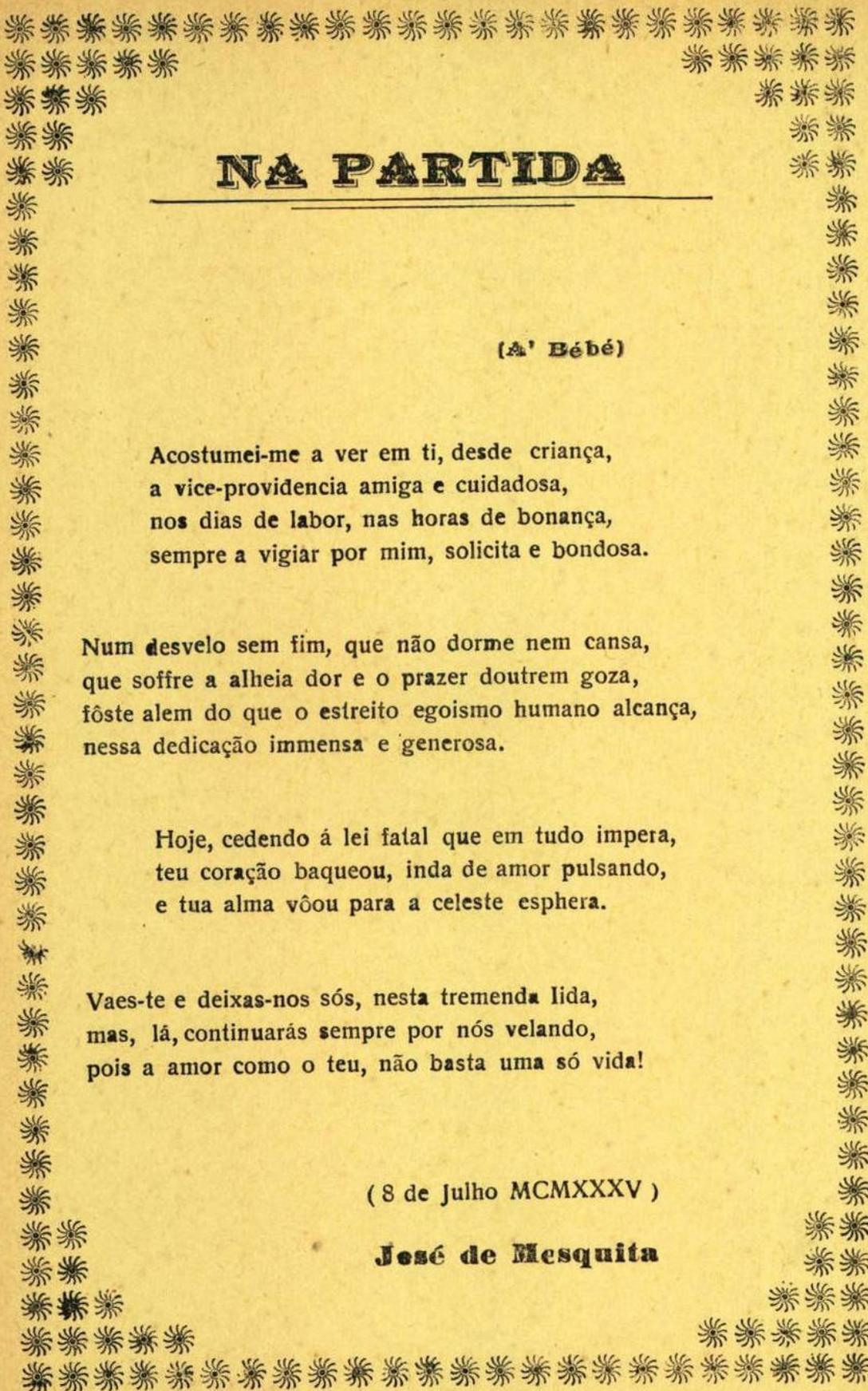
Lendas e tradições, qual mais terna e mais bella,  
na memoria, tristonho e encantado, desfio.  
Do rustico Arraial á silente Capella,  
chora a saudade á flôr das aguas do teu rio...

Padre Campos ali teve o seu sitio outrora.  
Mais aquem, a ermidinha, onde Nossa Senhora  
de varias gerações recebe o culto ardente.

Quantas evocações em nossa alma despertadas,  
ao bater do tambor, pelas lavras desertas,  
dentro dos cerradões, no ouro velho do poente!

(Junho MCMXXXV)

José de Mesquita



# NA PARTIDA

---

(A' Bébé)

Acostumei-me a ver em ti, desde criança,  
a vice-providencia amiga e cuidadosa,  
nos dias de labor, nas horas de bonança,  
sempre a vigiar por mim, solícita e bondosa.

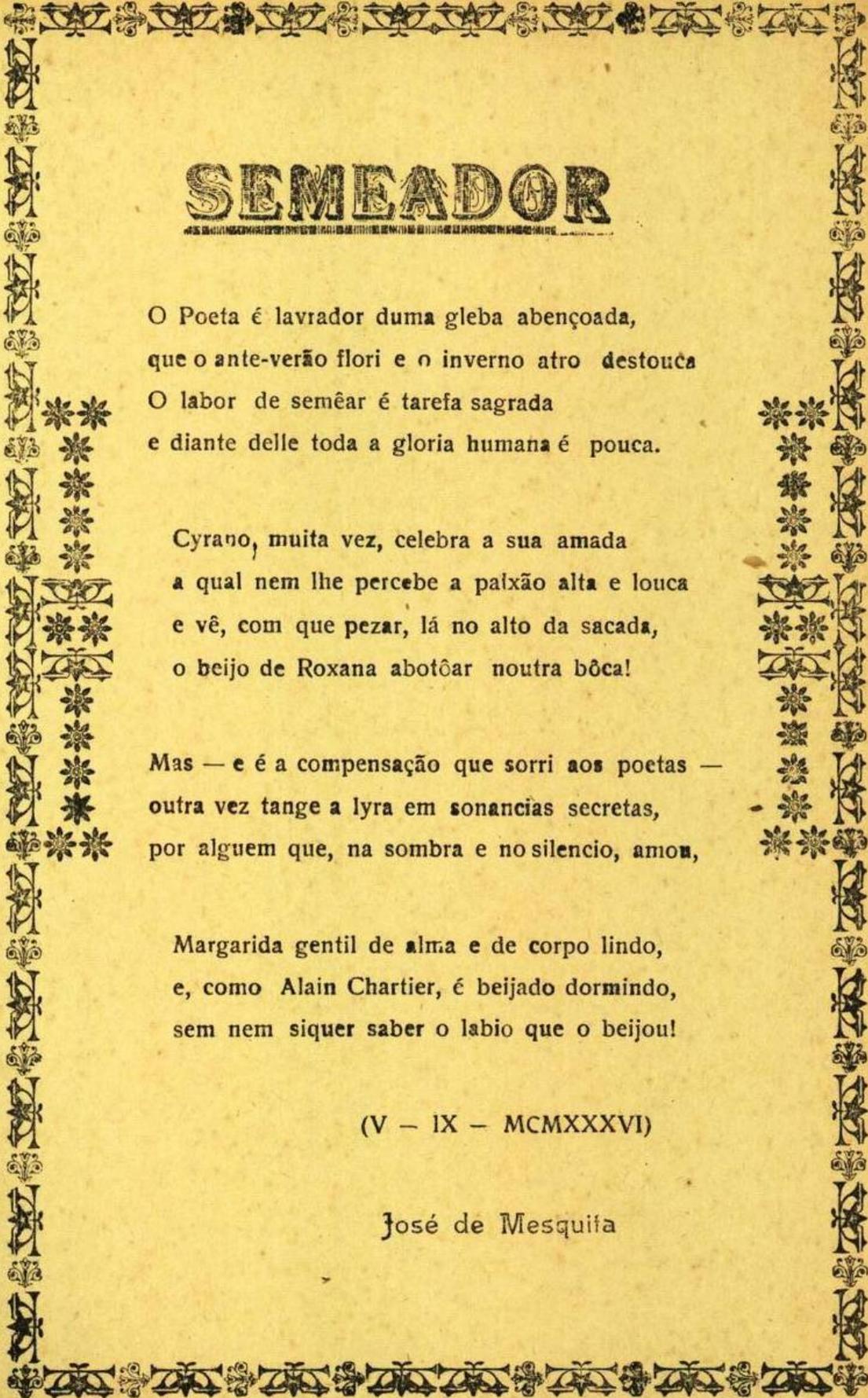
Num desvelo sem fim, que não dorme nem cansa,  
que sofre a alheia dor e o prazer doutrem goza,  
fôste além do que o estreito egoísmo humano alcança,  
nessa dedicação imensa e generosa.

Hoje, cedendo á lei fatal que em tudo impera,  
teu coração baqueou, inda de amor pulsando,  
e tua alma vôou para a celeste esphera.

Vaes-te e deixas-nos sós, nesta tremenda lida,  
mas, lá, continuarás sempre por nós velando,  
pois a amor como o teu, não basta uma só vida!

( 8 de Julho MCMXXXV )

**José de Mesquita**



# SEMEADOR

O Poeta é lavrador duma gleba abençoada,  
que o ante-verão flori e o inverno atro destouca  
O labor de semêar é tarefa sagrada  
e diante delle toda a gloria humana é pouca.

Cyrano, muita vez, celebra a sua amada  
a qual nem lhe percebe a paixão alta e louca  
e vê, com que pezar, lá no alto da sacada,  
o beijo de Roxana abotôar noutra bôca!

Mas — e é a compensação que sorri aos poetas —  
outra vez tange a lyra em sonancias secretas,  
por alguém que, na sombra e no silencio, amou,

Margarida gentil de alma e de corpo lindo,  
e, como Alain Chartier, é beijado dormindo,  
sem nem siquer saber o labio que o beijou!

(V — IX — MCMXXXVI)

José de Mesquita

## Serra Acima

*Suggestiva rechan, prospera e alegre outrora,  
e que hoje do declínio a fusca sombra invade,  
sentimental e meiga, a minha alma namora  
tua paz, teu silencio e tua soledade.*

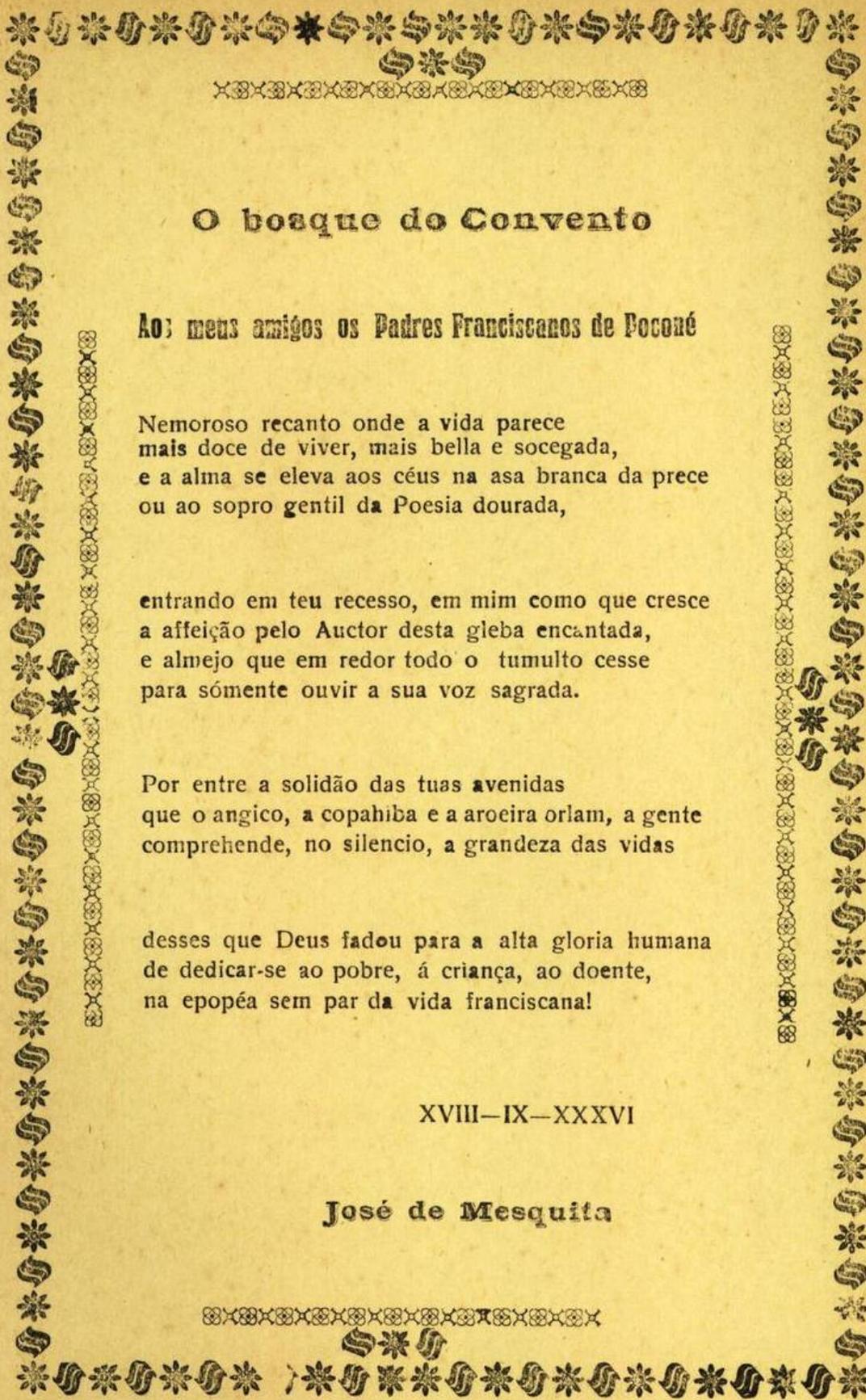
*Ella, bem como tu, evoca e rememora  
as épocas em flôr da gaia mocidade;  
si uma é a tapera viva onde o passado mora  
outra é o doce Pais do Sonho e da Saudade.*

*Casa-se, assim, tão bem a tua ruínia  
com essa vellicativa e acre melancolia,  
que enche de mogua o meu cansado coração.*

*E esta bruma e este ar de quietude e abandono  
parece reflectir, num pôr-de-sol de outono,  
a tua decadencia e a minha solidão...*

(Agosto MCMXXXV)

**José de Mesquita**



O bosque do Convento

Ao: meus amigos os Padres Franciscanos de Poconé

Nemoroso recanto onde a vida parece  
mais doce de viver, mais bella e socegada,  
e a alma se eleva aos céus na asa branca da prece  
ou ao sopro gentil da Poesia dourada,

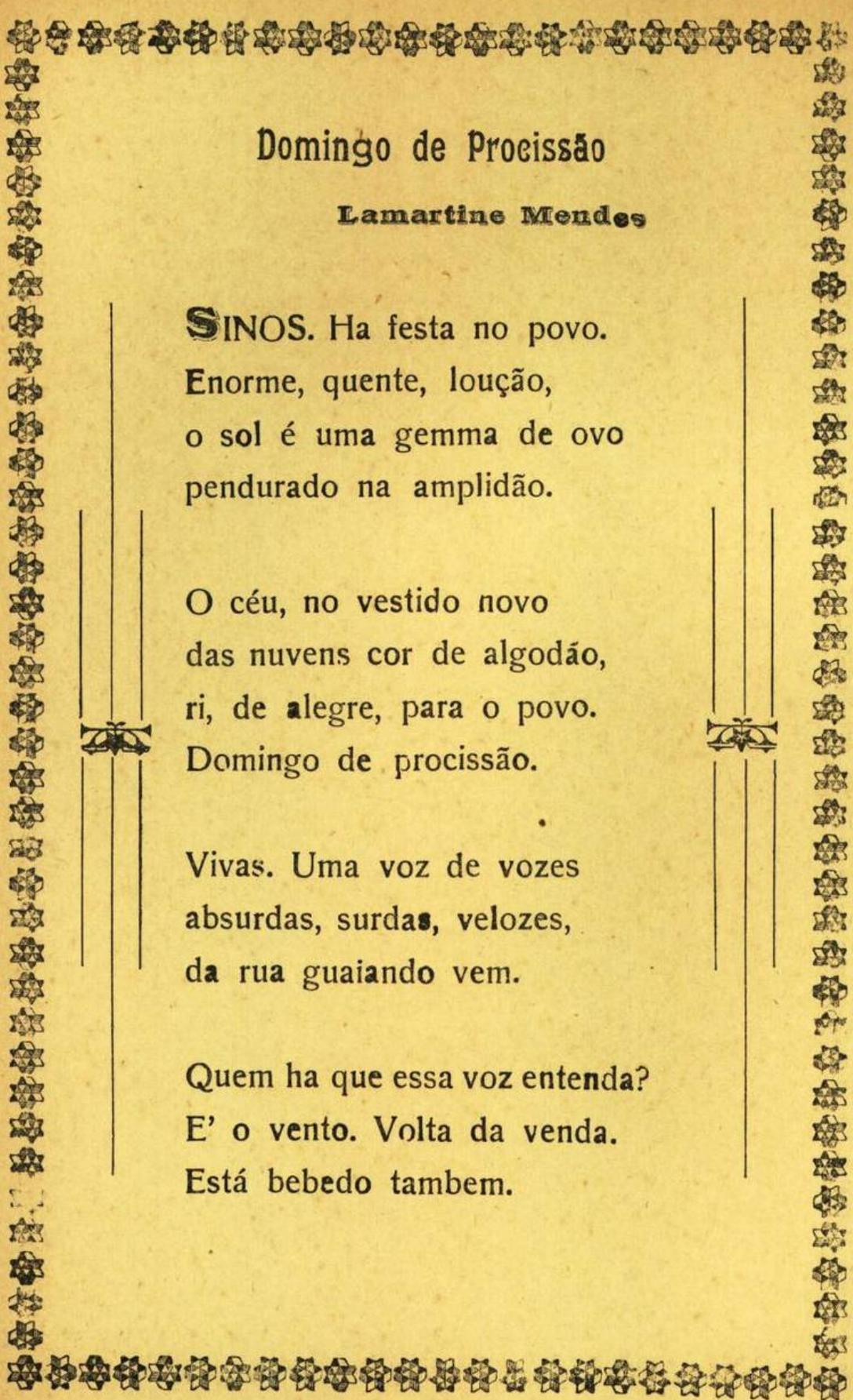
entrando em teu recesso, em mim como que cresce  
a affeição pelo Auctor desta gleba encantada,  
e almejo que em redor todo o tumulto cesse  
para sómente ouvir a sua voz sagrada.

Por entre a solidão das tuas avenidas  
que o angico, a copahiba e a aroeira orlam, a gente  
comprehende, no silencio, a grandeza das vidas

desses que Deus fadou para a alta gloria humana  
de dedicar-se ao pobre, á criança, ao doente,  
na epopéa sem par da vida franciscana!

XVIII—IX—XXXVI

José de Mesquita



## Domingo de Procissão

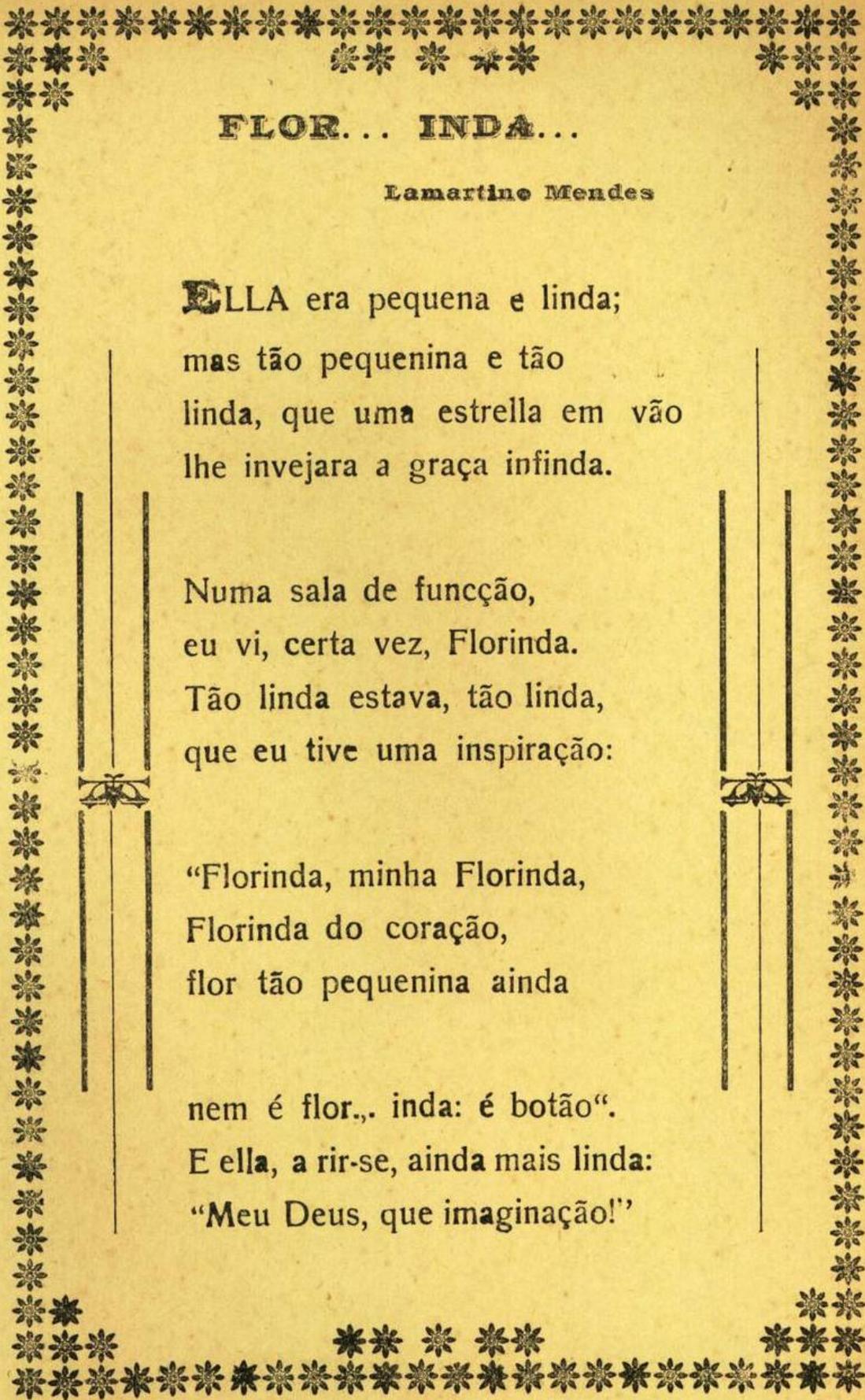
Lamartine Mendes

**SINOS.** Ha festa no povo.  
Enorme, quente, loução,  
o sol é uma gemma de ovo  
pendurado na amplidão.

O céu, no vestido novo  
das nuvens cor de algodão,  
ri, de alegre, para o povo.  
Domingo de procissão.

Vivas. Uma voz de vozes  
absurdas, surdas, velozes,  
da rua guaiando vem.

Quem ha que essa voz entenda?  
E' o vento. Volta da venda.  
Está bebedo tambem.



**FLOR... INDA...**

Lamartine Mendes

**E**LLA era pequena e linda;  
mas tão pequenina e tão  
linda, que uma estrella em vão  
lhe invejara a graça infinda.

Numa sala de funcção,  
eu vi, certa vez, Florinda.  
Tão linda estava, tão linda,  
que eu tive uma inspiração:

“Florinda, minha Florinda,  
Florinda do coração,  
flor tão pequenina ainda

nem é flor.,. inda: é botão“.  
E ella, a rir-se, ainda mais linda:  
“Meu Deus, que imaginação!”

# Terra Natal

ARNALDO SERRA

(A João Pereira Leite)

*Salve, meu verde ninho, onde primeiro  
Contemplei o Cruzeiro  
E as alvorçadas alacres dos soes!  
Tu tens a côr das oliveiras mansas,  
Das meigas esperanças  
E das laureas eternas dos heroes!*

D. AQUINO

Pouzada amiga. Ha um perfume  
bem esquisito de mata.  
Mudez-vida: o vagalume,  
fala (parece), a cascata.

O gado muge lá fóra,  
late um cão, de vez em quando,  
perpassa uma ave voando,  
grita ou guincha, vai-se embora...

Lá na restinga ensombrada  
que a piuveira enflorcesce,  
canta a jaó malfadada  
na liturgia da préce.

Vem de um ranchinho isolado  
o choro de uma vióla  
de saran (meu junco amado),  
que as magoas de alguém consola...

De manhã, ao sol levante,  
á beira de um descampado,  
o macaun despertado  
grita, acorda o viandante.

Formam bugios as *capelas*,  
despertando, a alma da serra;  
saltam, sacodem as umbélas  
de flôres, da minha terra!

Rio, 15—8—1936.

# MUNDO VEGETAL

Arnaldo Serra

Olha, era um tenue fio dagua apenas,  
Depois... O. B.

(Para a distincta coterranea e poetisa MARIA MÜLLER)

Pequenina semente,  
invizível, talvez,  
á humana imprecação de muita gente...

Nunca ninguem dissésse ao ve-la  
trazer dentro de si um átomo de féculas  
á conjugação perfeita das moléculas  
da alma vegetal.

Principio, no entretanto, de outros mundos,  
no palpitir de uma outra ignea vida  
do baíraquio ou da flôr, dagua em catadupas ou extanguida  
á formação milenaria do cristal!

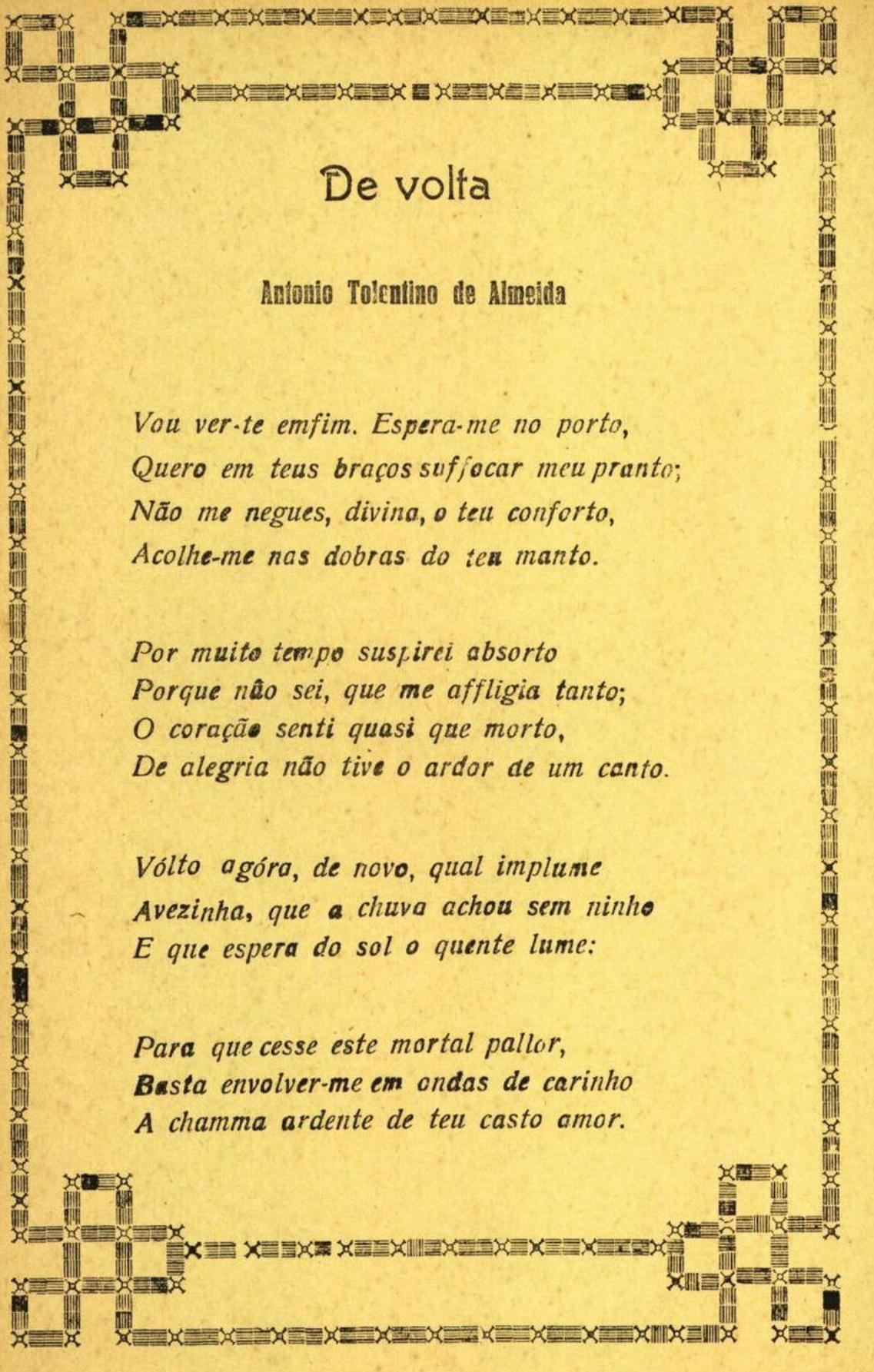
Num certo dia, porém,  
ela,  
plastidula homogénea,  
humilima e singéla,  
conduzindo consigo a floração de um Novo Continente,  
vem nas azas do vento  
ao seio allórescente  
de uma ATALEA EXCELSA  
que espalmava ao relento  
do nosso céu ardente  
os flabelos de ingente louçania,  
para os beijos do Sól e para a orgia  
da Luz meridional.

E como se estivésse num materno seio  
de uma gémula apenas, cresceu e frondejou,  
—distende o caule agora em multiplas antenas,  
—vai sopitando a fronde que lhe deu a vida  
—com a mesma vida e seiva que os amamentou.

Hoje, resta a lembrança que ao passado exorta,  
quem passar pela Uzina Maravilha  
avistará, por certo, essa figueira indigena,  
(na terra de Bartira, o mata-pau chamado,  
e lá no Inferno Verde, lendario apuizeiro)  
fazendo ao mundo aládo as fêstas do terreiro,  
em cuja amiga sombra os velhos rememoram  
as façanhas de outrora que tiveram  
feliz ou malogradas,  
ainda no alvorecer de suas primavéras.

Que perfumes, dirão, tinha a baunilha  
naquelles idos tempos? com que  
incensava á noite a velha Maravilha  
e no roble de cambre cõr verde-esperança,  
a palmeira tráida, exangue e quasi morta...

Campo-Grande, 1.935:



## De volta

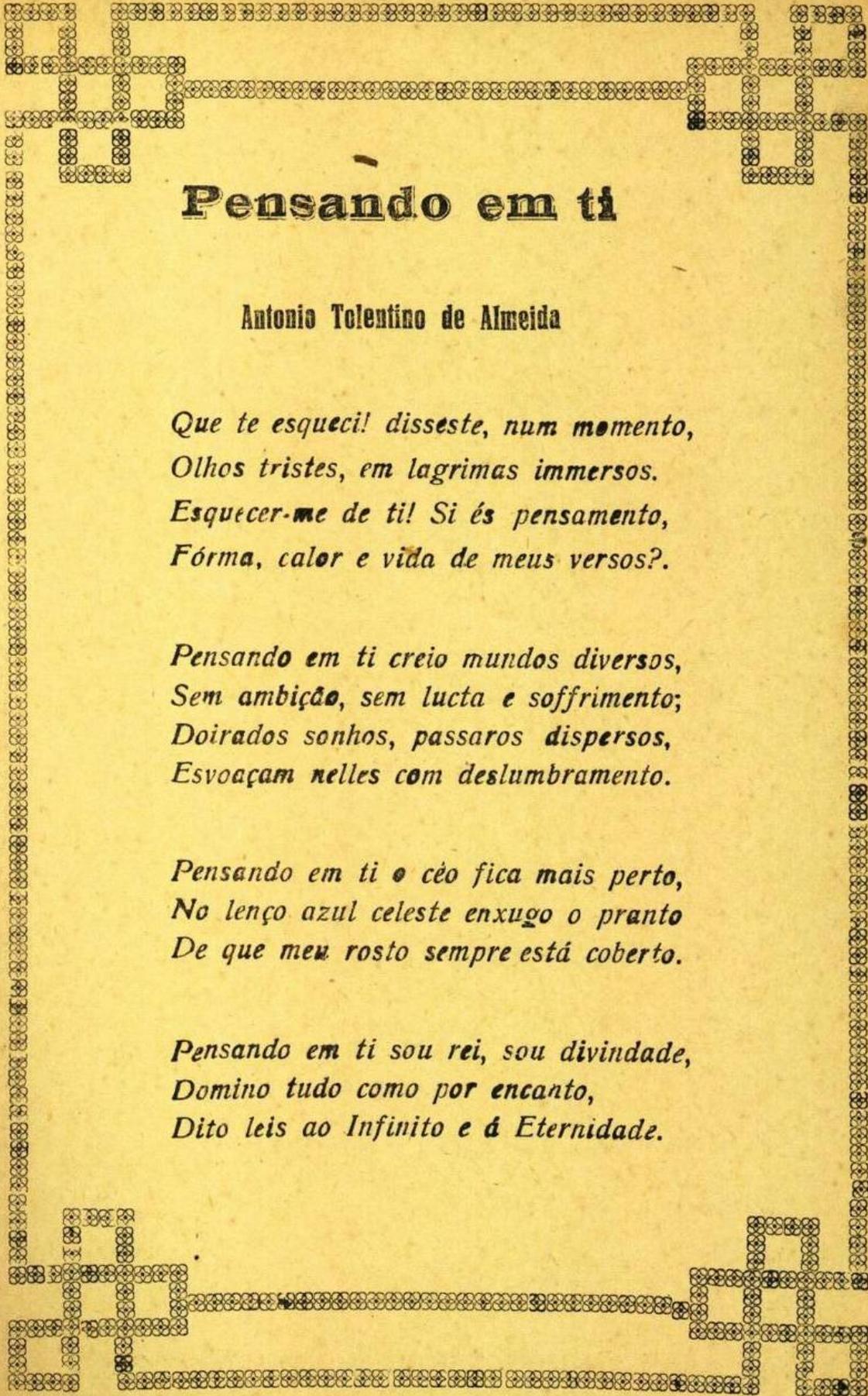
Antonio Tolentino de Almeida

*Vou ver-te enfim. Espera-me no porto,  
Quero em teus braços suffocar meu pranto;  
Não me negues, divina, o teu conforto,  
Acolhe-me nas dobras do teu manto.*

*Por muito tempo suspirei absorto  
Porque não sei, que me affligia tanto;  
O coração senti quasi que morto,  
De alegria não tive o ardor de um canto.*

*Vólto agóra, de novo, qual implume  
Avezinha, que a chuva achou sem ninho  
E que espera do sol o quente lume:*

*Para que cesse este mortal pallor,  
Basta envolver-me em ondas de carinho  
A chamma ardente de teu casto amor.*



# Pensando em ti

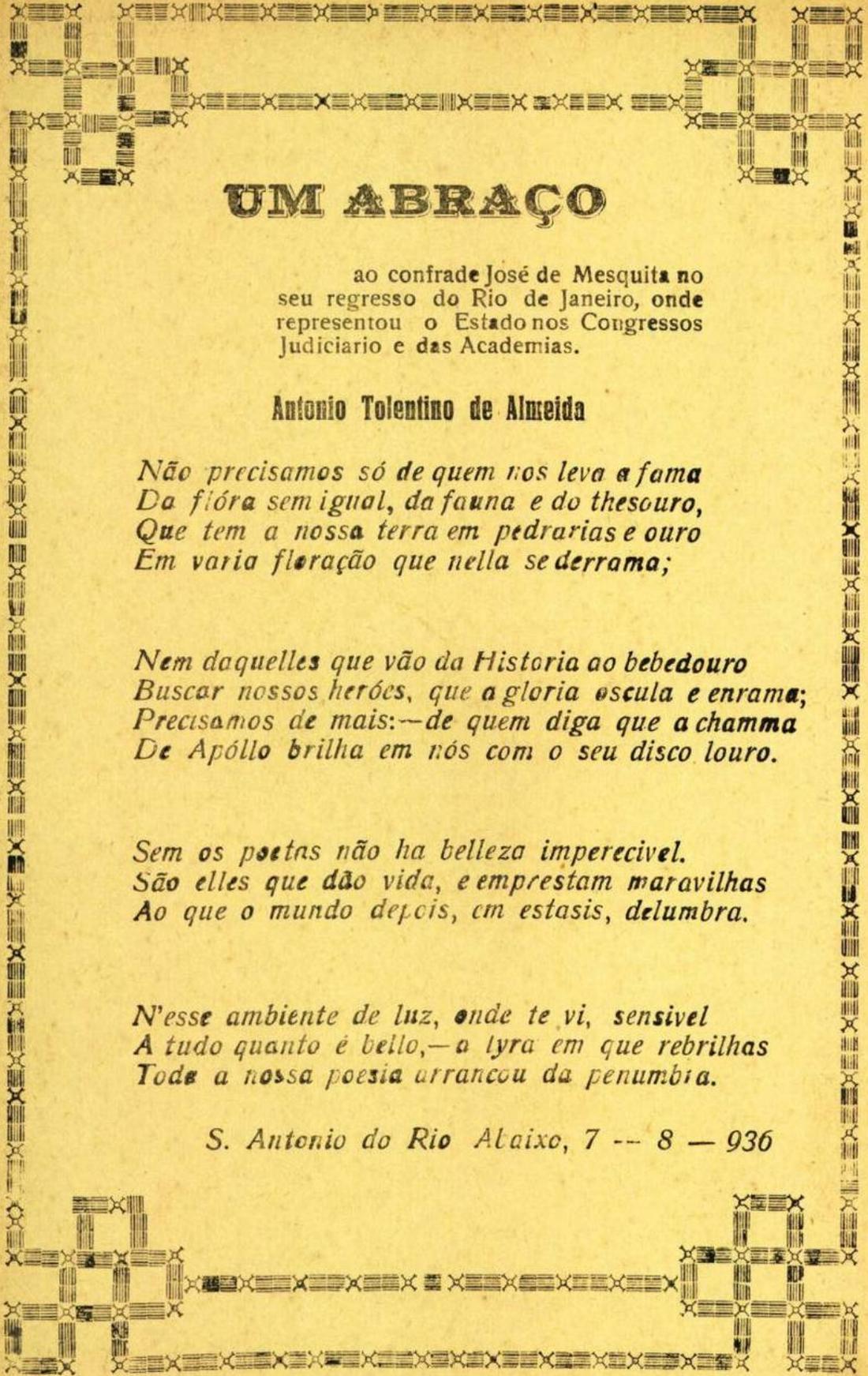
Antonio Tolentino de Almeida

*Que te esqueci! disseste, num momento,  
Olhos tristes, em lagrimas immersos.  
Esquecer-me de ti! Si és pensamento,  
Fórma, calor e vida de meus versos?.*

*Pensando em ti creio mundos diversos,  
Sem ambição, sem lucta e soffrimento;  
Doirados sonhos, passaros dispersos,  
Esvoaçam nelles com deslumbramento.*

*Pensando em ti o céu fica mais perto,  
No lenço azul celeste enxugo o pranto  
De que meu rosto sempre está coberto.*

*Pensando em ti sou rei, sou divindade,  
Domino tudo como por encanto,  
Dito leis ao Infinito e á Eternidade.*



## UM ABRAÇO

ao confrade José de Mesquita no  
seu regresso do Rio de Janeiro, onde  
representou o Estado nos Congressos  
Judiciario e das Academias.

Antonio Tolentino de Almeida

*Não precisamos só de quem nos leva a fama  
Da flóra sem igual, da fauna e do thesouro,  
Que tem a nossa terra em pedrarias e ouro  
Em varia floração que nella se derrama;*

*Nem daquelles que vão da Historia ao bebedouro  
Buscar nossos heróes, que a gloria oscula e enrama;  
Precisamos de mais:—de quem diga que a chamma  
De Apóllo brilha em nós com o seu disco louro.*

*Sem os poetas não ha belleza imperecivel.  
São elles que dão vida, e emprestam maravilhas  
Ao que o mundo depois, em estasis, delumbra.*

*N'esse ambiente de luz, onde te vi, sensivel  
A tudo quanto é bello,—a lyra em que rebrilhas  
Toda a nossa poesia arrancou da penumbria.*

S. Antonio do Rio Ataixo, 7 -- 8 — 936

**Da conveniencia de não  
perscrutar os altos mys-  
terios e os occultos  
juizos de DEUS**

*(Pierre Corneille)*

AUGUSTO CAVALCANTI

Tua razão, meu filho, é de fraqueza extrema,  
não podes attingir um elevado thema,  
nem querer penetrar os motivos secretos  
do aspecto desigual de meus justos decretos;  
não busques indagar por que razão urgente  
minha graça se mostra ou parece impotente,  
é prodiga ou avara, abandona ou sustem;  
não examines de onde essa partilha vem,  
nem porque ás vezes este enlanguece a penar  
e aquelle paira no alto acima do vulgar.  
Não existe arrazoado e nem esforço humano  
que me possa entender o alvitre soberano,  
nem saber o motivo, após longa pesquisa,  
porque elle agora afaga e agora tyrannisa.

Quando o inimigo, pois, fizer taes suggestões,  
ou alguém te inquirir sobre as mesmas questões,  
p'ra não perderes tempo em responder, levanta  
os teus olhos aos ceos e destarde os supplanta:  
< Senhor, tudo julgaes como é justo e preciso,  
a verdade preside a vosso recto juizo,  
e a equidade que reina em vossas ordens e actos  
por si só justifica os supremos mandatos:  
que entendam abater ou entendam elevar,  
antes delles tremer do que os aprofundar,  
e jamais sem loucura é dado o emp Rehender,  
pois que nossa razão não os pode comprehendere.>

Não indagues tambem qual para mim, de tantos  
seja mais precioso ou o menor de meus santos,  
e não discutas mais sobre a prioridade  
que tenham entre si por sua santidade.  
Curiosidades taes não passam de dislates  
que apenas podem dar em frivolos debates,  
favorecer o orgulho, alevantar castellos,  
até ás dissensões estimular os zelos,  
se de uma parte e da outra o animo apaixonado  
em preferir seu santo é de todo obstinado.

A discussão crescente em prelios tão vulgares  
não deixa fructo algum após muito pesares:  
é apenas se affligir por um futil cuidado  
e os santos tal louvor não é do seu agrado,  
Com tal fogo jamais meu ser se concilia:  
eu sou o Deus de paz, não de desharmonia;  
e ella consiste mais na calma que se rende  
que no estulto prazer daquelle que contende.

O zelo muita vez nos corações anima  
por tal santo ou por tal maior ardor e estima;  
porem a estima, o ardor, o zelo predilecto  
tem de humano bem mais que de divino affecto.  
Foi de mim que lhes veio o seu logar no céu;  
e a gloria e a graça, emfim, fui eu só quem lh'as deu.  
Seus meritos conheço e são antecipados  
por uma diffusão de premios ignorados,  
de benções de doçura e de benignidades  
que lhes dessem reforço em meio ás tempestades.

Dos tempos o nascer não esperei, de feito,  
para amar e julgar 'esse ou aquelle eleito.  
De toda a eternidade, a minha presciencia  
soube se esclarecer de sua consciencia;  
de toda a eternidade, eu os distingo, emfim,  
escolhi-os do mundo e não elles a mim.

O impulso para o céu a minha graça o cria,  
minha misericórdia em torno m'os allia:  
fui eu que os conduzi por entre tentações;  
eu só por muita vez lhes dei consolações;  
eu somente os armei de força e resistência  
para lhes coroar a humilde paciência.

Assim, extremo a extremo, a todos eu conheço,  
assim, por todos tenho um singular apreço;  
assim, do que elles são pertence-me o louvor;  
toda gloria, portanto, em mim se vem depôr;  
Antes de tudo, pois, nelles seja bendito  
e julgado sem par meu amor infinito,  
que para demonstrar sua magnificência  
os ergue a estado tal de gloria e de ascendência,  
e sem merito algum ter nelles precedido,  
os predestina á classe em que os tenho incluído.

Uma offensa ao menor contra o maior se apura,  
pois que de minha mão foram ambos feitura:  
tira-se a seu autor o que a algum se desconta,  
bem como a todo o resto, e a todos toca a afronta.  
A caridade ideal que nelles se proclama  
prende-os numa alma só com vinculos de chamma:  
seu sentimento é igual como sua vontade;  
todos se amam num só por essa caridade.

Direi mais: mais que a si amam-me a divindade;  
arrebatados, pois, por minha alta bondade,  
tendo banido já sua propria affeição,  
abysmam-se de todo em minha dilecção.  
E na presença assim do seu amado objecto  
encontram toda a paz no goso desse affecto.  
Nada desse alto amor os pode distrahir,  
nada para outro objecto os pode conduzir;  
a verdade, da qual suas almas teem cheias,  
por sua viva luz, lhes entretém nas veias,  
não só da caridade o fogo inextinguivel,  
mas de todo outro ardor um desvio inflexivel.

Que esses homens servis, que essas almas brutaes,  
que lhes pretendem dar logares desiguaes,  
como seres que são para os prazeres feitos,  
deixem de se occupar do estado dos eleitos.  
A estima que lhes teem, ou vehemente ou pobre,  
a seu bello prazer, tira, accrescenta, encobre,  
sem que ouçam, p'ra julgar sua felicidade,  
minha sabedoria e nem minha verdade.

A ignorancia é que faz nalguns irreflectidos  
essa fatal partilha entre os meus escolhidos,  
mormente nos que são de luzes apoucados,  
que de seu amor proprio ainda mal separados,  
custam a conservar em uma alma carnal  
uma predilecção toda espiritual.  
O penhor natural da humana amizade  
de seu zelo imprudente age em mais de metade:  
dos sentidos provindo o que a razão anima,  
o que se dá cá abaixo elles suppoem lá acima,  
e, qual seguem aqui as cousas o seu curso,  
assim julgam do céu, em seu cêgo discurso.  
A distancia, no entanto, é bem incomparavel,  
e pelos homens vão em nada apreciavel,  
pois a meditação mesmo de illuminados  
não attinge seus fins sem serem revelados.

Não sonde, pois, meu filho, em louco atrevimento,  
segredos muito além do teu conhecimento;  
não queiras regular, por curiosidade,  
os logares no céu, segundo a santidade,  
porem põe teu cuidado e teu fervor inteiro  
em teres lá ten posto, embóra derradeiro.

Quando pudesses ter uma perfeita sciencia  
dos santos que nos ceos teem maior ascendencia,  
em que te aproveitara essa sciencia, em verdade,  
se não fosse ante mim maior tua humildade  
e não te dominasse uma maior firmeza  
em me acclamar a gloria e abençoar a grandeza?

Vê teu pouco valor e o excesso de teus crimes;  
e dos santos se vês as virtudes sublimes,  
vê quanto a tua incuria e pouca diligencia  
tão longe te mantem de sua preeminencia.  
Farás melhor assim que aquelle que a respeito  
de uma tal preferencia emite seu conceito,  
e, sob o assomo vão de seu sentir mundano,  
o menor e o maior julga qual soberano.

Para o fiel, meu filho, é de maior vantagem  
os santos evocar, render-lhes homenagem,  
mendigar-lhes o apoio e offerecer seus votos  
do que os julgar assim como tantos devotos.

Pois que todos nos céos teem de que se alegrar,  
ao homem sobre a terra incumbe se calar,  
bem como pôr um freio á temeraria sciencia  
que em seus discursos mãos já chega á impertinencia.

De seu merecimento os santos não teem gloria,  
longe estão de se nonrar com a propria victoria;  
como de meu thesoiro os seus bens teem sahido,  
e minha caridade ha tudo distribuido,  
elles referem tudo ao poder adoravel  
que assim em seu favor se mostra inesgotavel.

Elles tem tal amor por minha divindade,  
de tal modo os seduz minha benignidade,  
que essa pura alegria, em prazeres fecunda,  
que os enche sempre e que sempre superabunda,  
pela sua expansão, difficil de explicar,  
faz que nada lhes falte, e lhes possa faltar.

Quanto os eleva mais minha gloria sublime  
seu espirito humilde em si mais se deprime,  
e meu amor, dobrando essa affeição dilecta,  
de entre elles o menor de mais perto me affecta.  
Assim conforme a santa Escriptura apregôa,  
ante o meu esplendor, baixam sua corôa,  
tambem com a face aos pés do sacrosanto anho,  
que se dignou remir com seu sangue o rebanho,  
e, postados assim, sem que haja intermittencia,  
adoram do Deus vivo a suprema sapiencia.

Muitos querem saber qual o logar que é dado  
a cada santo, e qual de grão mais elevado;  
se poderão acaso a elles se ajuntar,  
e se merecerão mesmo o menor lugar.  
E' muito se apoucar, quando, emtanto, nos céos  
todos são grandes, reis, todos filhos de Deus.  
O menor lá val mais que na terra mil reis,  
e o velho centenario, ao lhe chegar a vez,  
não tem parte senão no lar da eterna morte,  
que ao peccador mais velho ha de acabar a sorte.

Assim disse eu outrora aos discipulos crentes:  
«Quem pretender no ceo ser dos mais eminentes  
saiba que antes de tudo é mister converter-se,  
é mister humilhar-se, é mister abater-se,  
na classe se incluir da infancia sem firmeza,  
que se submete aos mais pela propria fraqueza:  
do contrario, no céu não entrará, de certo.  
Sim, esse ente infantil, que se arrasta, inexperto,  
é de vossa humildade o emblema merecido:  
tornar-vos seus iguaes e o ceo vos é devido;  
a fé vos conduz e a esperança e o amor;  
mais lá o mais humilde é, de certo, o maior.»

Orgulhosos, pensae; já nada vos conforta;  
bem que seja alto o céu, tão baixa é sua porta  
que delle impede a entrada aos grandes triumphantes  
por não poderem ter a altura dos infantes.

Tambem, tristes de vós, ricos, p'ra quem ufana  
em gosos e laureis a vida se engalana!  
Os pobres entrarão; vós, cheios de remorsos,  
em prantos e clamor, tentareis vãos esforços.  
Humildes, descançae; pobres nutri confiança:  
o reino do Senhor é vossa justa herança;  
elle o é, se fieis sempre a vossa humildade,  
palmilhades sem tregua a senda da verdade.



# MEDALHAS

---

*Ao meu dilecto amigo e eminente  
confrade doutor Manoel X. Paes  
Barre'ô.*

## A velha casa

Hoje, aquelle casarão abriu-se em festa. Mergulhado nas suas glorias passadas, ás vezes, quebra o seu silencio, e enche-se de luz, de sons, de alvoroços infantis. Lá está, sob o amplo docel da noite estrellada, resoante, como um alveario. Com o caminhar da noite, porem, elle se despovoará das galas passageiras e o silencio, longo e meditativo, de novo, voltará.

E's, como essa velha casa, meu amigo. A's vezes, como na adolescencia, sorris, esquecido das lagrimas da aspera jornada. Mas, logo, como um pombo cançado, recolhes nas tuas angustias e ficas, ferido, batendo no silencio da tua desolação.

## Dia de chuva

Hontem, no jardim, os insectos, longo tempo, revoaram, e as andorinhas, alvoroçadas, chilrearam, na torre da igreja. O tempo mudou e a chuva ahi está. Pelas ruas tortuosas da velha e accidentada cidade, as aguas barrentas descem para, cá em baixo, bramindo, se avolumarem, no corrego.

A paisagem é de tristesa. A rua está deserta. Nem os collegiaes de sempre, nem o annuncio dos vendedores ambulantes. A vidraça fôska deixa-me ver, lá fóra, a chuva que promette cahir o dia inteiro. Entretanto,— o contraste da vida,— um sino festivo annuncia a morte de uma criança e um sabiá, satisfeito, no cajueiro, em frente, canta, bemdizendo a chuva que cáe.

## Alguem

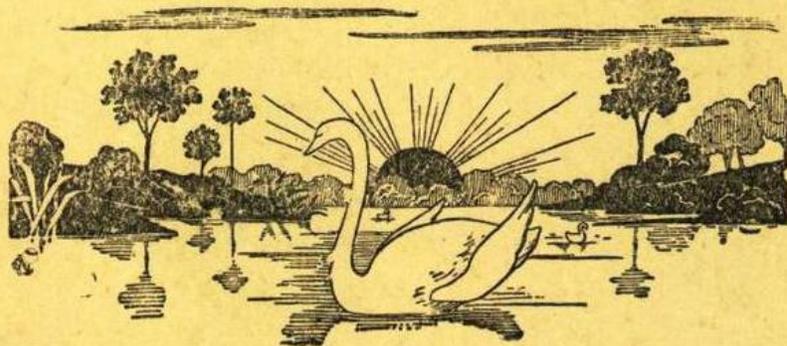
Não raro, pelas manhãs festivas, palpitam, no meu jardim, duas azas brancas de uma borboleta medrosa. Pousa aqui, ali, se esconde, para, depois, como um pedaço de papel, no ar, fugir.

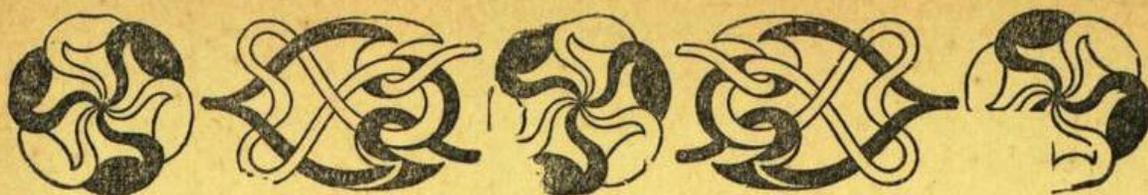
Tambem, sol a pino e abrasador, uma avesita solitaria vem e pousa no beiral de minha casa. Arisca, olha de um e de outro lado e canta um canto triste.

Parece que procura alguém que não apparece e, cansada da espera, voa, furando o espaço luminoso.

Por isso, quando, á noite, chego a esta janella e vejo, luzindo, longe, aquella estrella, penso que a tua presença,—borboleta que, por um instante, esvoaçou no jardim dos meus affectos,— está para mim, em todas as manifestações delicadas da natureza: na brancura de uma borboleta voando, no canto de uma ave, na luz de uma estrella longinqua.

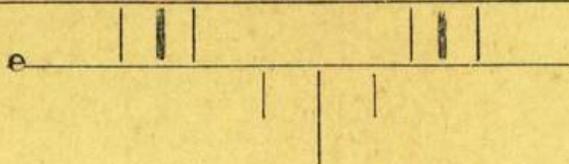
*Oscarino Ramos*





# QUINTINO BOCAIUVA

Palestra realizada pelo Acadêmico PHILOGONIO CORREA, na sessão comemorativa do Centenario de Quintino, a 4 de dezembro de 1936, promovida pela Academia Mattogrossense de Letras, com o concurso da Associação de Imprensa Mattogrossense.



Snr. Representante do Exmo. Snr. Governador do Estado.

Exmos. Snrs. Presidentes da Academia Mattogrossense de Letras e do Instituto Histórico de Mattogrosso.

Exmo Snr Presidente Honorario da Associação Mattogrossense de Imprensa

Exmas. Snras. Meus Senhores.

**A** PATRIOTICA e significativa homenagem que a Republica Brasileira presta ao seu grande propagandista no dia de hoje, primeiro centenario do seu nascimento, é uma soberba manifestação de cultura civica e de fidelidade ao regime que tem, na superior

actuação de Quintino Bocayuva, uma causa poderosa da sua propria existencia.

Esta homenagem não significa, simplesmente, a apothéose de um heróe, mas tambem uma solenne profissão de fé por uma causa que encontrou no heróe, o seu mais fórte esteio.

Nos dias de apprehensões e de duvidas, que vamos vivendo, o povo brasileiro cumpre o seu dever, protestando á memoria de Quintino, a mesma fidelidade que antes hypothecára á sua palavra e á sua actuação.

Hontem rendiamos as nossas homenagens a Deodoro o braço forte da grande revolução que nos legou o actual regime ao qual tanto deve o nosso paiz.

Veio depois a consagração ao primeiro contenario de Benjamin Constant, o inoculador no organismo forte da mocidade estudiosa dos grandes postulados republicanos.

No dia de hoje trazemos a affirmativa da nossa veneração á memoria d'aquelle que dedicou meio seculo da sua util existencia, á grande causa que se tornou realidade a 15 de Novembro de 1889; á memoria daquelle que, mesmo depois da evolução do partido republicano da sua phase de propaganda para a de direcção, continuou sendo sempre o representante da tradição e da coherencia republicanas.

E não consideramos agora o chefe militar — resolutto e fórte, intrépido nas arremetidas, prestigiado pelas tropas obedientes ao imperio da sua voz de commando.

Não consideramos tambem o professor militar, sábio e disciplinado a instillar entre os seus alumnos os motivos da sua fé pela causa da qual se tornou apóstolo.

Memoramos, sim, a actuação do parlamentar e do homem de letras que soube fazer da tribuna e da imprensa, as armas diffusoras do ideal.

A Quintino, ajusta-se bem o titulo honroso de "Pa-

triarcha da Republica.”

Nascido no coração do Brasil, no grande momento historico em que os fortes deviam arregimentar-se para o magno advento, bem cedo soube fazer, da sua pessoa, o centro irradiador dos grandes principios por algum tempo suffocados pelas condições especialissimas do grito do Ipiranga a 7 de Setembro de 1822.

A sua actuação e a de seus nobres companheiros da propaganda historica deviam ser a melhor resposta á tendenciosa e illogica versão monarchica, apregoada logo depois do 15 de Novembro, de que a republica, no Brasil, tinha sido, simplesmente, consequencia de um levante de quarteis.

Elle vinha da tribuna parlamentar e a sua voz já de ha muito fazia-se ouvir, pelas columnas do “Republica”.

Era o civil militando, valoroso, no commando de seu exercido invicto.

Muito jovem ainda, pisou a arena do jornalismo com essa elegancia cavalheiresca, apanagio dos que lutam com a couraça da logica, escudados pela justiça das suas convicções superiores.

D’esse cavalheirismo deu provas cabaes nos discursos e artigos em defesa á sua actuação no Prata, onde fôra tratar da memoravel questão das Missões.

Atacado então, até na sua honorabilidade pessoal, nem por isso perdeu a linha fidalga de diplomata insigne, linha que tambem ficou bem evidente no curto dialogo de despedidas quando foi acompanhar até o embarque, no vapor “Montevideo”, o Sr. Visconde de Ouro Preto, ex-chefe do ultimo gabinete monarchico:

Ao embarcar falou-lhe o Visconde: — “Agradeço a V. Excia. bem como ao Governo Provisorio, as attentões que me dispensaram. Desejo a V. Excia. que seja feliz na administração dos negocios publicos, prestando á nossa patria os serviços que ella tem o direito de esperar de V. Excia.

Quintino respondeu: “Agradeço os bons desejos de V. Excia. E devo dizer, no momento d’esta separação transitoria, que o constrangimento passageiro a que V. Excia. esteve sujeito, terá compensação nas forças com que póde alentar-se nesta viagem para vir prestar á nossa patria o concurso robusto da sua illustração, da sua intelligencia e da sua actividade.”

Resposta confortadora dada num grande momento de que tanto abusam os espiritos cobardes e inferiores.

Pouco radical, são disso prova os traços eminentemente conservadores com que organisou os serviços sujeitos da sua Pasta.

Homem de letras, teve todo o cuidado em lançar as bases de tratados commerciaes e literarios com diversos paizes, tratados esses mais tarde convertidos em realidade.

Assim como Sche Kspeare foi, no theatro, actor, autor e empresario, Quintino Bocayuva foi, no jornalismo, typographo, revisor e redactor, até ser sagrado “principe dos jornalistas brasileiros” titulo que lhe foi justamente conferido por Ferreira de Araujo, sob applausos geraes.

Redactor do manifesto republicano de 1870, o seu programma e a sua convicção sagraram-no, desde então, Chefe Supremo do Partido Republicano, chefia essa que elle exerceu, sêmpre com muita superioridade, até depois da proclamação de 15 de Novembro de 89

Proclamada a republica foi ainda o redactor dos primeiros Decretos do Governo Provisorio, lavrados todos no Instituto dos Cégos, hoje Benjamin Constant.

Pela propaganda á qual se dedicára, desde moço, fundou, ainda estudando em S. Paulo, o jornal “A Honra” que dirigiu com Ferreira Vianna, desde 1852.

Ainda pelo seu ideal maximo fundou ou redigiu “Diario do Rio de Janeiro”, entre cujos radactores des-

tacam-se, com Quintino, José Martiniano de Alencar, Antonio Ferreira Vianna, Saldanha Marinho e Augusto de Carvalho; "A Republica", em 1870 periodico do Club Republicano; "O Globo", que circulou desde 1864 até 1878, reaparecendo depois em 1881; nesse periodico teve como companheiro, Salvador de Mendonça; "O Paiz", o seu grande porta-voz de propaganda, que teve a sua publicação iniciada no Rio em 1887 e continuando com vida, já transformado em grande e conceituadissimo diario, até 1930; "Cruzeiro", "Diario Mercantil".

Como propagandista e como politico publicou ainda: "Sophismas constitucionaes ou o systema representativo entre nós"; "A opinião e a corôa"; "A comedia constitucional" "Os nossos homens"; "Impugnação aos protestos do sr. Visconde de Jequitinhonha"; "A crise da lavoura"; "As constituições e os povos do Rio da Prata"; "União Federal Republicana"; "Confederação abolicionista"; "Os Chins"; "Relatorios" sobre a sua gestão na pasta do Exterior em 1891 e sobre "Tratado de arbitramento", em 1891.

Forte esteio da Maçonaria, em cujo seio tanto realce teve a propaganda republicana, como as da independencia e da abolição da escravidão, tornou se notavel a sua "Circular de 1863, aos repres . . . do Or . . . do Brasil, ao val . . . dos Benedictinos junto ás altas potencias maç :

A historia da nossa patria mareceu<sup>n</sup> d'elle: "Guerra do Paraguai", carta a um amigo, e "A Batalha de Campo Grande", carta ao insigne pintor Pedro Americo, escriptas respectivamente em 1869 e em 1871.

Nunca poude a politica absorver toda a actividade do grande pensador.

As letras mereceram sempre o cuidado superior e intelligente do eminente polygrapho a quem, sob este ultimo aspecto, dedica especialmente a Academia Matogrossense de Letras, as suas homenagens do dia de hoje.

Já desde 1852 publicava Quintino, em S. Paulo, o

Jornal literario — “Acaiaba”. que circulou até 1859.

Na sua phase de mocidade dedicou-se ao theatro, a grande escola da sociedade, escrevendo: “O Trovador”, imitação levada á scena a 2 de Janeiro de 1856, no theatro S. Januario; “Omphalia”, drama original em 7 quadros, representado no theatro Variedades a 28 de Julho de 1860; “Norma”, “O Dominó azul”, “Diamantes da Corôa” “Quem porfia sempre alcança”, “O Sargento Frederico”, “Minhas duas mulheres”, “Valle de Andorra”, “Boas noites, Senhor D. Simão,” “Tramoia”, “O Grumete”, “Estebanilho”, “Marina”, “A dama do véo”, os primeiros desses trabalhos escriptos para o theatro nacional, sendo os do terceiro em diante traducções feitas homeometricamente para a imperial Academia da Opera Nacional.

Continuando escreveu: “O Bandoleiro”, opera comica original em tres actos; “Um pobre louco”, drama em cinco actos; “Pedro Favilla”, drama, como o precedente, perdido na typographia onde se imprimia; “Claudio Manoel”, drama historico em 5 actos; “Della Viola”, drama historico em 5 actos; “Uma partida de honra”, imitação em 3 actos.

Conservou inéditos os seguintes escriptos poeticos: “Gonzaga”, poema em 6 contos; “O Estudante da Salamanca”, traducção de Espornceda e “Estudos escriptos e literarios”, em dous volumes, contendo lance de olhos sobre a comedia e sua critica e correspondencia litteraria.

Todos esses trabalhos, reveladores de grande erudição, de grande capacidade de trabalho, de estylo elegante e de apurada linguagem, foram muito upplaudidos e magnificamente recebidos pela critica, que, na, sua justa impiedade, nem sabe respeitar as altas posições politicas.

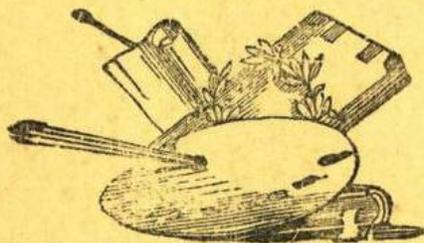
E’ esta a valiosa herança intellectual que nos foi legada por esse homem de aspectos interessantes e raros, verdadeiro exemplo de trabalho, de patriotismo e

de honestidade, typo digno de imitação para estes tempos de tanto utilitarismo subalterno.

Presidente do Estado do Rio, em épocas de grandes aperturas financeiras e por duas vezes representante d'esse estado no Senado Federal, como Senador pediu, elle mesmo, depois de brilhante defesa da sua actuação, em discursos memoraveis, que fosse regeitado o tratado que, *ad referendum*, negociou no Prata.

Politico eminente e de grande responsabilidade no estado de cousas inaugurado a 15 de Novembro de 1889, não consentiu que, logo depois de deixar a presidencia do estado do Rio, o seu nome fosse proposto á Senatoria, "querendo assim firmar o principio de que a passagem dos homens politicos que pertencerem ao governo para o Congresso, era profundamente immoral."

Esse episodio só define bem o aspecto moral do notavel cidadão cujo nascimento, dado precisamente a um seculo, hoje commemoramos, para exemplo e edificação da presente geração brasileira.





# Bandeirantes do Progresso

---

---

DISCURSO paranympfal da turma de professoras normalistas de 1936, pelo academico  
FRANKLIN CASSIANO  
DA SILVA

Jovens professorandas:

**Q**UIZESTES-ME convosco, em meio a vossa irradiante alegria, no ultimo e festivo dia da vossa vida escolar. Trazido pela vossa captivante generosidade, acorrentado pelos élos encantadores da vossa sympathia, embriagado pelo perfume enebriante da vossa mocidade comunicativa, aqui estou, e para vos trazer a palavra amiga no dia em que terminaes o vosso noviciado para o sacerdocio do magisterio.

Bem quizera, do silencio do meu natural retrahimento, acompanhar-vos com os meus applausos na alegria do vosso triumpho.

Mas, minhas amiguinhas, na escalada da montanha da vida, quando com os pés sangrados pela urzes do caminho, o coração

dilacerado pelas farpas da disillusão o caminheiro encontra um oasis bemdicto onde dessedentar-se, onde possa confiado repou-sar no conforto espiritual de uma doce companhia. por certo, ninguem lhe perguntará porque, com os olhos marejados de la-grimas, elle bem diz o acolhimento que se lhe deparou o destino.

O vosso convite, teve para mim, em meio o egoismo avas-salador da hora que atravessamos, o encanto delicioso de um convite amigo para se descançar nos braços acolhedores de uma velha amizade.

Não tendo convivido convosco, no ultimo anno da vossa vida de estudante, a vossa generosidade, indo buscar-me para paranympnar a solemnidade da vossa formatura, encheu-me de intenso jubilo porque reflecte bem a nobreza dos vossos cora-ções, a sinceridade da vossa sympathia ao velho caminheiro que guiou os vossos ainda vacilantes passos na carreira brilhante da vossa vida escolar.

E uma doce evocação veio-me á memoria.

Por entre as agitações de minha vida no magisterio do Es-tado, divisei-vos, na phase de menina e moça, com uma saia a-zul marinho, sobraçando as pastas escolares, transpondo indeci-sas os umbraes do sumptuoso edificio da nossa escola normal.

Acompanhei vos depois na vossa trajectoria escolar, rindo convosco nas vossas alegrias, entristecendo-me com a vossa tris-teza, encorajando-vos nos vossos desanimos. E toda essa recor-dação levou me a vencer a minha timidez e a aceitar o vosso convite.

Culpai, pois, a vossa falta de tacto se não corresponder a altura da incumbencia os apoucados meritos do vosso escolhido.

Jovens professorandas:

Ides receber hoje o vosso diploma de professora.

A cerimonia ritualistica desta solennidade, a austeridade pra-gmatica de que ella se reveste, vos dará por certo, a significação symbolica da importancia da investidura.

E' que, minhas caras collegas, o magisterio está fadado a representar o papel mais preponderante na vida social dos povos. A escola, alargando o ambito das suas cogitações, deixou de ser um simples instrumento de alphabetização para tornar-se um or-gão integral da formação do homem e do cidadão.

Ganhando, com isso, em grandeza e autoridade mais com-plexos tambem se tornam os seus meios e fins.

De todos os sectores do pensamento e da actividade hu-mana afluem appellos para que a escola contribua com a sua for-ça para a solução dos problemas sociaes e individuaes.

Vemos ainda, ha pouco, a Russia e a Italia confiando ás

suas escolas a ingente tarefa da consodaliação do seu regimen politico.

Della se espera "o aperfeiçoamento da e specie humana, a eficiencia, a riqueza e felicidade do homem, a paz e o bem estar da humanidade".

O mundo civilizado atravessa um dos momentos mais graves na sua vida social e politica.

A democracia liberal, pela não satisfação das grandes promessas que fizero ao povo, vem sendo fortemente abalada nos seus alicerces pela onda perigosa das ideologias exóticas e pelo vendaval ensurdecador da demagogia inconsciente.

As idéas subversivas, de que se acham intoxicados espiritos menos avisados, procuram a destruição da ordem que desfructamos.

A revolução armada, diz Galeot, chega a ser um bem nos consenço da multidão, mesmo sem idéaes definidos e não tendo outra finalidade senão a anarchia geral.

O ódio, a paixão, a inveja, contaminando os espiritos com os virus delecterios dos seus erros e das suas insidias, poluem a consciencia da sociedade enfraquecendo os laços da solidariedade humana, lançando a desconfiança popular sobre os homens publicos, criando esse mal estar geral que caracteriza a época em que vivemos.

E diante dessa situação de angustia, de desespero e de incertezas, é ainda para vós, senhoras professorandas, é para a escola que a sociedade afflicta péde o remedio ás suas dores.

Sois chamadas, na vida que ides iniciar, para assumir a espinhosa incumbencia de resolver o complexo problema da educação da sociedade de amanhã.

Notai bem. Eu vos digo "problema de educação" e "não problema de ensino", chavão pomposo que anda por ahi até nas columnas insignificantes de jornaes infantís e nos programmas espectaculosos das plataformas governamentaes.

Não constituirá pois, o vosso trabalho na simples alphabetização da criança conterranea, como pensam muitos. A escola moderna confia um papel mais importante a seus professores.

Entregando-lhe a alina infantil espera que elles a restituam á sociedade, cidadãos prestantes e uteis á collectividade, pioneiros do bem e da felicidade humana.

A solução desse problema, ao qual se acha intimamente ligado o da nossa vida economica, tem que ser orientada para a alta finalidade de se formar uma escola onde se sinta vibrar a alma da nossa terra nos seus sentimentos mais puros de brasilidade.

Mas, minhas colleguinhas, não devo e não quero preoccu-

par o vosso espirito, no momento em que festejaes o dia mais venturoso da vossa vida escolar, com a gravidade desconcertante da complexidade desse problema.

Permitti entretanto, que eu vos mostre a *vol de oiseaux*, uma das facetas do grande monumento que ides construir, conjunctamente com os vossos companheiros de lucta.

Refiro-me á escola rural a esse nucleo de civilisação, “que penetra nas selvas, que se alteia nos chapadões, que se perde nas campinas immensas, que se planta á margem dos cursos d’aguas, das estradas de ferro e das rodovias” e por onde, em obediencia ao imperativo regulamentar i d e s iniciar a vossa carreira de professor.

E’ justamente alli, é alli que está a celula bemfazeja da esperanza na grandeza do nosso futuro economico.

Triste, desolador é o espetaculo que se nos depara ao observarmos a vida mesquinha da nossa população do interior.

Isolados na sua ignorancia, mal produzindo para a sua alimentação, alojados em palhoças infectas e antihgienicas, corruídos pelos vermes que lhes debilitam o corpo, sugados pelos barbeiros que lhes injectam o virus do desanimo que os torna inuteis, assim vivem os nossos caboclos como um peso morto na economia do paiz.

Da zona rural, impulsionado pelo entusiasmo communicativo da escola primaria, deve partir o surto de renovação que contribuirá para o progresso material da terra brasileira.

Elevar o padrão da vida no campo, dar ao nosso caboclo as noções de hygiene e conforto, mostrar-lhe as vantagens do aproveitamento racional do solo, arrancar-lhe da rotina dos seus rudimentares processos de cultura, dar-lhe a felicidade e o bem estar no proprio meio em que vivem, eis a funcção que compete á escola rural moderna.

Preciso é que não continue ella a funcionar como um bomba de sucção para o urbanismo, desambientando o nosso caboclo com os seus processos educativos.

Uma escola assim, certamente despertará para a vida dinamica do trabalho que produz a riqueza, do entusiasmo que communica a esperanza, da fé que intensifica o patriotismo.

E vereis então que o grito da liberdade politica, que já e-choara pelas ondulações virentes das nossas campinas, pelos gro-

tões profundos das nossas montanhas escarpadas e pelos reconcavos silenciosos das nossas florestas, vibrará novamente despertando o nosso povo, anunciando em clarinada alegre, o dealbar da nossa independencia economica.

Prezadas collegas:

Presentemente o apostolado mais obscuro e difficil é o apostolado da saúde e da educação.

Ides abrir, no anonimato da vossa profissão a estrada larga do nosso progresso futuro.

A tarefa, embora nobre e dignificante, não vos dará entretanto o bem estar economico de que sois merecedoras.

Nessa empreitada patriótica em que ides empenhar em beneficio da collectividade e para a grandeza material da nossa patria, nem tudo vos correrá, pois, ao sabor dos vossos desejos, e como seria de cesejar.

Muitas vezes tereis de enfrentar a indiferença dos vencidos a má vontade dos pessimistas e a incompreensão de muitos.

Que seja o vosso premio, nessa lucta pelo bem, a alegria reconfortante do bem estar da vossa propria consciencia.

Sois as novas bandeirantes da senda fecunda do progresso e a estrada do progresso minhas amiguinhas, é toda pontilhada de cruces.

No evangelho de S. Matheus, ao qual nos refere Fernando de Magalhães, ha um quadro digno da vossa meditação: "Uma pobre mãe afflicta pede ao Christo que lhe guarde os dois filhos, um de cada lado, no dia em que seu reino vier. Foi pouco antes da triste jornada do Jardim das Oliveiras e o Nazareno recebeu a supplica maternal perguntando aos jovens se poderiam beber do calice que elle proprio haveria de sorver.

No ardor da sua decisão, ambos responderam singularmente — *Possumus!* Nós podemos, nós estamos prontos! E' bem provavel que tereis tambem de responder a essa pergunta.

A tarefa que vos será confiada pela sociedade é daquellas que exigem a maxima renuncia da vossa individualidade.

Se vos achaes com força sufficiente para sacrificardes pelo bem da humanidade levando a luz do vosso saber ao cerebro innocente dos nossos patricios, ide, que a patria vos recompensará com suas benções.

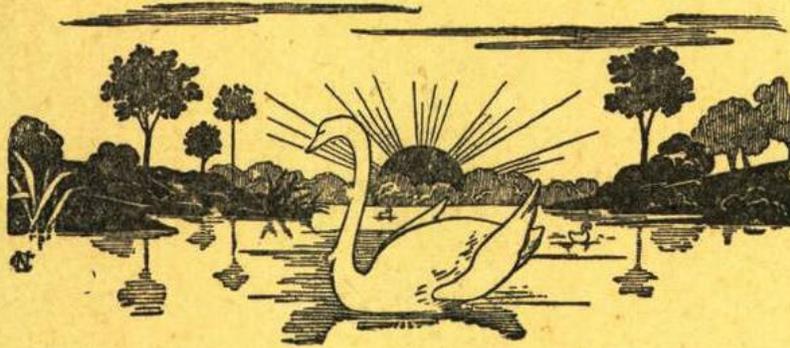
Que a vossa decisão porem seja filha da vossa reflexão. A sociedade vae vos entregar a alma das suas crianças para ser plasmada nos moldes dos ideaes de nobreza e grandeza da sociedade de amanhã.

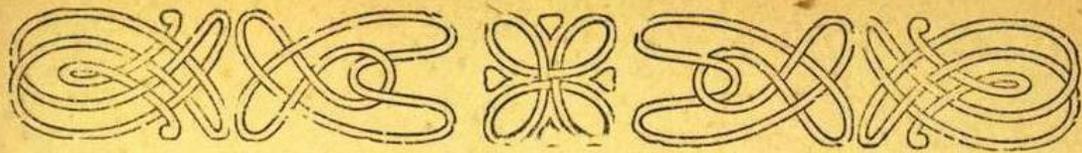
Vós tendes o poder de tornal-as seres uteis ou monstros perigosos á mesma sociedade.

Que jamais tenha ella motivos para vos reprochar no cumprimento da vossa missão.

Ide, minhas amiguinhas, galernos ventos vos levem ao porto sagrado do cumprimento do vosso dever.

Tenho d.cto.





# O sentido da literatura mattogrossense

**Conferencia feita no "CENTRO MATTOGROSSEN-  
SE" do Rio de Janeiro, a 13 de Junho de 1936,  
pelo Desembargador JOSE' DE MESQUI-  
TA, Presidente da Academia Matto-  
grossense de Letras**

**H**ESTA a segunda vez que, no espaço de do-  
ze annos, me é dado o prazer de falar nes-  
ta casa, que considero, por todos os titulos, um prolon-  
gamento da nossa terra, dentro desta magnifica cidade,  
uma projecção de Matto-Grosso, no esplendor da gran-  
de metropole brasileira.

Outro é o cenário, outros, na sua quasi generalidade, os actuaes directores desta benemerita instituição, mas eu presinto, através dessas differenciações exteriores, a mesma estrutura, a mesma essencia, que faz palpitare todos os corações dos que aqui se reúnem, no perfeito isochronismo do amor á nossa gleba querida e na admiravel consonancia do mesmo espirito mattogrossense.

Quando, a 31 de Dezembro de 1923, a convite do illustre fundador deste Centro e seu então presidente, Dr. Mario Corrêa, fiz, na séde á rua da Carioca, uma palestra sobre cousas nossas, vi presidindo a sessão o nosso saudoso conterraneo Dr. Antonio Azeredo, Vice-Presidente do Senado, a quem ladeavam os demais membros da nossa representação federal e vultos do maior destaque social e politico da colonia mattogrossense, muitos dos quaes já desapparecidos no vortice da morte.

Hoje vejo á testa do Centro o meu velho amigo Generoso Ponce Filho, a quem efficazmente auxiliam Carlos Murtinho, José Leite Pereira e outros prestantes coestadoanos, empenhados na continuidade fecunda da obra dos que deram inicio a este trabalho salutar de divulgação e propaganda de nossa terra.

Agradeço-vos esta oportunidade feliz que me proporcionastes de me sentir num ambiente lidimamente nosso, que me traz a grata illusão de achar-me na nossa querida Cuyabá, respirando a fragrancia inegualavel do nosso torrão natal.

A data que hoje com memoramos, é uma das maiores e mais significativas da nossa historia, e fixando-a para a realização desta conferencia, como que predeterminastes o thema a ser escolhido, thema que eu denominei “o sentido da literatura mattogrossense”.

Esse sentido tem dois aspectos característicos, que o definem e completam — o da bravura e o da melancolia, decorrentes ambos de circumstancias historicas e mesologicas, que criaram para Matto-Grosso uma feição toda peculiar, dado o seu isolamento geographico e a sua im-

mensidão territorial.

Fructo da arrancada bandeirante da era setecentista, destinado a ser a vedeta solitaria da Patria nos confins austro-occidentaes, com uma vastissima linha fronteiriça, que entesta com dois paizes estrangeiros, a predestinação de Matto-Grosso como que se traçou dentro desse binomio glorioso, que são o heroismo e a resignação.

Esquecido do Centro, abandonado, no mais das vezes, á sua sorte, luctando, á mingua de recursos, contra elementos adversos de toda a especie, Matto-Grosso, entretanto, não deixou um momento apagar-se essa flamma viva do nacionalismo e do amor ao Brasil, que lhe pontilha as gestas do Passado de paginas immortaes.

Toda a nossa Historia, desde a phase inicial das monções e das bandeiras, atravessando o periodo das guerras contra os pa y a g u á s e das luctas com os hespanhoes, até essa formidavel campanha dos cinco annos contra o dictador de Assumpção, toda a nossa Historia se desenrola numa successão maravilhosa de factos invulgares, dentro desse diedro, em que se reflectem a valentia rija e mascula e o soffrimento doce e communicativo.

Dahi a feição de nossa litteratura, impregnada profundamente desses dois sentimentos que, por assim dizer, norteiam e limitam toda a nossa actividade mental

Oscilla entre o tom épico e o elegiaco o estro dos nossos poetas, do mesmo passo que a inspiração dos nossos prosistas procura, de preferencia, motivos que se vão incrustar nas homeriadas luminosas do Passado ou na doçura melancolica dos temas subjectivos.

Já desde as chronicas primevas, em que um Barbosa de Sá ou um Costa Siqueira deixaram gravada a vida agitada e asperrima dos povoadores, a mente se conturba ante o espectáculo rude e dramatico das pugnas contra o indigena e os castelhanos oestinos, para se enternecer, depois, á narrativa das agiuras de uma época em que, no dizer do memorialista, "tudo era gemer, chorar e morrer".

Dura e formidanda a refrega, rijo e ardente o cadiño em que se forjou o typo do cuyabano, caldeando raças muito diversas, numa fusão de qualidades impares, coragem, tenacidade, resistencia, paciente esforço, animo viril diante das mais duras desillusões.

Em pagina das mais notaveis da sua preciosa obra *Matto-Grosso*, V. Corrêa Filho traça as linhas mestras da formação racial do cuyabano, a quem “competiu a incomparavel missão historica de fecundar, com o seu esforço, a terra maravilhosa com que os seus avós integraram a base physica da nacionalidade brasileira, distendendo-lhe as raias até a baixada guaporéana”. E acrescenta, precisando os contornos dos seus pensamentos: “A arrojada bravura dos conquistadores não desmereceu no heroismo incessante, posto menos dramatico, dos povoadores do sertão”.

Fazendo resahir, do mesmo passo, o sentido da bravura na historia e na alma da nossa gente, Rondon, figura typica de cuyabano, que todo o Brasil conhece e venera, assim se exprimiu na conferencia feita no Instituto Historico de Matto-Grosso sobre a influencia de Cuiabá na evolução politica e historica de Matto-Grosso: “A nossa historia, cuiabanos, é um hymno começado a dois seculos e até hoje ainda não interrompido, á intrepidez, á perseverança, á intelligencia e ao espirito de iniciativa da raça brasileira”. Recapitula, em synthese magnifica, os episodios heroicos que constellam a nossa historia, desde a entrada de Aleixo Garcia, ainda na era cabralina, até os episodios épicos da guerra do Paraguay, revocando “os feitos e as figuras gloriosas daquelles heroes que foram Portocarrero, Oliveira Mello, Antonio João, Maria Coelho, Camisão, Leverger, Couto de Magalhães e tantos outros”. “Nessa ocasião, assignala elle, só Cuiabá ficou de pé e só por Cuiabá se não pode dizer que esta parte do territorio nacional deixou de ser, por alguns annos, brasileira”.

Ainda a frisar esse aspecto impressivo dos attribu-

tos de coragem e abnegação da nossa raça, Philogonio Corrêa, em vibrante oração proferida na instalação do mesmo Instituto, teve phrases como estas: “Mas por que trazer vos á memoria as nossas conquistas pacificas, se a nossa historia militar, é, por si só, bastante para nobilitar o nosso Passado?”

Não são mais dignas de admiração essas mulheres carthaginezas que fabricaram com os seus cabellos as cordas das galeras patrias, do que as 70 heroínas do Forte de Coimbra, a fabricarem cartuchos para os bravos de Portocarrerro, nas terriveis noites de Dezembro de 1864. A retirada dos 10.000 que Xenophonte perpetuou nas paginas do “Anabasis”, não é mais rica de glorias e de ensinamentos do que a retirada da Laguna, que Taunay gravou immorredouramente na memoria do mundo inteiro. E eu não sei o que deva admirar mais, se a coragem spartana de Leonidas na defesa das Thermopylas ou o valor de Antonio João no martyrio da colonia de Dourados”.

Essa mesma nota, que bem se póde dizer o *leit-moty* das nossas letras, transparece ao vivo nas obras dos que estudaram a phase anterior á entrada das bandeiras, como Antonio Corrêa da Costa no seu “Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras”, fazendo aflorar das densas sombras do Passado aquelles heroicos aventureiros ibericos, que foram os primeiros a trilhar o solo de Matto-Grosso, e João Barbosa de Faria, que na sua excellente monographia “A conquista do territorio mattogrossense” nos mostra a fibra mascula desses pioneiros da civilização nas terras que Paschoal Moreira veio integrar á corôa lusitana.

Como não ser assim, Senhores, se o proprio scenario rude da natureza envolvente, as tragicas aventuras das conquistas, o choque homerico das raças, criaram essa estupenda projecção de coragem e resistencia a todos os infortunios que enforma a psyché mattogrossense.?

Dura e formidanda a refrega, rijo e ardente o cadiño em que se forjou o typo do cuyabano, caldeando raças muito diversas, numa fusão de qualidades impares, coragem, tenacidade, resistencia, paciente esforço, animo viril diante das mais duras desillusões.

Em pagina das mais notaveis da sua preciosa obra *Matto-Grosso*, V. Corrêa Filho traça as linhas mestras da formação racial do cuyabano, a quem “competiu a incomparavel missão historica de fecundar, com o seu esforço, a terra maravilhosa com que os seus avós integraram a base physica da nacionalidade brasileira, distendendo-lhe as raias até a baixada guaporéana”. E acrescenta, precisando os contornos dos seus pensamentos: “A arrojada bravura dos conquistadores não desmereceu no heroismo incessante, posto menos dramatico, dos povoadores do sertão”.

Fazendo resahir, do mesmo passo, o sentido da bravura na historia e na alma da nossa gente, Rondon, figura typica de cuyabano, que todo o Brasil conhece e venera, assim se exprimiu na conferencia feita no Instituto Historico de Matto-Grosso sobre a influencia de Cuiabá na evolução politica e historica de Matto-Grosso: “A nossa historia, cuiabanos, é um hymno começado a dois seculos e até hoje ainda não interrompido, á intrepidez, á perseverança, á intelligencia e ao espirito de iniciativa da raça brasileira”. Recapitula, em synthese magnifica, os episodios heroicos que constellam a nossa historia, desde a entrada de Aleixo Garcia, ainda na era cabralina, até os episodios épicos da guerra do Paraguay, revocando “os feitos e as figuras gloriosas daquelles heroes que foram Portocarrero, Oliveira Mello, Antonio João, Maria Coelho, Camisão, Leverger, Couto de Magalhães e tantos outros”. “Nessa ocasião, assignala elle, só Cuiabá ficou de pé e só por Cuiabá se não pode dizer que esta parte do territorio nacional deixou de ser, por alguns annos, brasileira”.

Ainda a frisar esse aspecto impressivo dos attribu-

tos de coragem e abnegação da nossa raça, Philogonio Corrêa, em vibrante oração proferida na instalação do mesmo Instituto, teve phrases como estas: “Mas por que trazer vos á memoria as nossas conquistas pacificas, se a nossa historia militar, é, por si só, bastante para nobilitar o nosso Passado?”

Não são mais dignas de admiração essas mulheres carthaginezas que fabricaram com os seus cabellos as cordas das galeras patrias, do que as 70 heroínas do Forte de Coimbra, a fabricarem cartuchos para os bravos de Portocarrero, nas terriveis noites de Dezembro de 1864. A retirada dos 10.000 que Xenophonte perpetuou nas paginas do “Anabasis”, não é mais rica de glorias e de ensinamentos do que a retirada da Laguna, que Taunay gravou immorredouramente na memoria do mundo inteiro. E eu não sei o que deva admirar mais, se a coragem spartana de Leonidas na defesa das Thermopylas ou o valor de Antonio João no martyrio da colonia de Dourados”.

Essa mesma nota, que bem se póde dizer o *leit-motiv* das nossas letras, transparece ao vivo nas obras dos que estudaram a phase anterior á entrada das bandeiras, como Antonio Corrêa da Costa no seu “Os predecessores dos Pires de Campos e Anhangueras”, fazendo aflorar das densas sombras do Passado aquelles heroicos aventureiros ibericos, que foram os primeiros a trilhar o solo de Matto-Grosso, e João Barbosa de Faria, que na sua excellente monographia “A conquista do territorio mattogrossense” nos mostra a fibra masculina desses pioneiros da civilização nas terras que Paschoal Moreira veio integrar á corôa lusitana.

Como não ser assim, Senhores, se o proprio scenario rude da natureza envolvente, as tragicas aventuras das conquistas, o choque homerico das raças, criaram essa estupenda projecção de coragem e resistencia a todos os infortunios que enforma a psyché mattogrossense.?

Lêde as “*Datas Mattogrossenses*” de Estevão de Meudonça, valioso repositório de factos dantanho, e vereis que quasi todas as suas ephemerides se matizam de tons da bravura e de heroismo. As nossas gestas militares, que tiveram a consagração de um General Malan, de um Genserico de Vasconcellos, de um Carlos de Campos, de um Herculano de Assumpção, são objecto de estudo por parte dessa pleiade de jovens officiaes, como Eudoro Corrêa, Frederico e Joaquim Vicente Rondon, Brocardo Bicudo, que, honrando a sua farda, enaltecem o nome da sua terra. Convergindo ao mesmo fim, Glycerio Póvoas no seu “*Vultos Mattogrossenses*”, C. Vandoni de Barros em “*Anna Mamuda*”, Antonio Fernandes com “*A invasão Paraguaya em Matto-Grosso*”, ressaltam os predicados marciaes de que se ufana a nossa gente.

Se da prosa passarmos á poesia, os mesmos motivos épicos sobrelevam aos demais impressionantemente. E’ D. Aquino Corrêa, primaz de nossas letras, a celebrar no “*Terra Natal*” os Capitães Generaes, desde Rolim “*tempera de aço affeito a luctas*”, até Luiz de Albuquerque,

nome rutilo que encerra  
toda a epopéa audaz dos legendarios  
Capitães-Generaes de minha terra”

E vemos desfilar ante os nossos olhos as imagens de Antonio João, o heróe de Dourados, Cunha e Cruz, que morre, envolto na bandeira da Patria,

“em seu sangue de heróe toda banhada”.

Mello, o bravo, o guia immortal da retirada do Sará; Baptista das Neves, figura extraordinaria de martyr da disciplina e do dever, e tantos mais que seria impossivel enumerar.

Ao lado do grande aedo cuyabano, outros cantores se enfileiram, exalçando as glorias mattogrossenses, bastando o nome dos seus trabalhos para vos fazer vêr o assumpto: é o “*Combate do Alegre*” e “*Dourados*”, de

Antonio Tolentino de Almeida; é o “13 de Junho,” de Pedro de Medeiros; é o “Rondonia”, de José Vilá; é o “Da Epopéa Mattogrossense”, de José de Mesquita — todo um cyclo de heroismos e de acções destemerosas e nobres, que bastariam a sagrar uma raça...

Ao lado da bravura, a melancolia. Ellas como que se integram, se fundem, se amalgamam, para formar o substracto psychico do mattogrossense de hoje. E' por isso, uma feição peculiar, typica, inconfundivel das nossas letras. Toda a obra mattogrossense, seja de ficção ou observação, se impregna viva e profundamente dessa doce tristeza, feita de amargura e conformação, que parece constituir o pigmento de nossa espiritualidade. Nós temos, mais accentuados talvez do que quaesquer outros, aquelle “habito mental das distancias”, de que ha pouco falou o poeta gaúcho Waldemar de Vasconcellos.

Elle nos vem do tempo em que os nossos avós venciam, em viagens de longos meses, o sertão immenso, ao passo tardo das tropas. Pesa sobre a nossa gente aquella “sensibilidade implacavel, que engrandece e deforma as cousas, que exalta e deprime o espirito”; no dizer de Graça Aranha. Os nossos poetas não são dyonisiacos, a sua musa fóge ás expansões ruidosas, e ama, antes, a penumbra discreta dos interiores velados, cheios dessa tonalidade outoniça e crepuscular. Ha na poesia mattogrossense um profundo senso humano e christão. A propria inspiração dos nossos prosadores, jornalistas e até dos tribunos, está toda tocada dessa nota característica. Sentimos ao vivo a magua secular do nosso insulamento e do abandono a que temos sido votados. Disse eu, certa feita, pelas columnas do jornal que dirijo, que Matto-Grosso tem sido, não um filho, mas um enteado da União. Esse mesmo conceito, vasado em outras palavras, foi exarado na Assembléa Nacional Constituinte pelo então “leader” da bancada, o Deputado Generoso Ponce, ao affirmar: «Nós, mattogrossenses, pomos o nosso amor ao Brasil acima do nosso natural

apego ao solo natal. Tudo, que em nossas forças tem sido possível, temol-o dado ao paiz. Na guerra, demos o sangue dos nossos maiores, que defenderam, palmo a palmo, o sólo mattogrossense da invasão estrangeira. Na paz, temos trazido a nossa contribuição dentro das nossas forças, e nada temos recebido na proporção dos nossos esforços". E' como se vê, uma exprobração de filho esquecido, sem azedume, apenas um desabafo que não chega a ser uma censura. Mas, força é convir, um desabafo justo e razoavel. Matto-Grosso que deu á Patria gigantes da estatura moral ou intellectual de um Antonio João, de um Baptista das Neves, de um Joaquim Murтинho, de um Corsino do Amarante e tantos mais; Matto-Grosso, que, no periodo colonial, integrou ao Brasil a lindeira do Oeste e, no regime monarchico, foi o anteparo ás investidas lopesinas, fazendo de muralhas o peito heroico dos seus filhos, não consegue, entretanto, ser mais do que a "ficção geographica" com que se divertem os humoristas da imprensa litoranea, quando não é considerada a grande Bororolandia, povoada de indios, féras e jagunços...

Senhores:

Quem já perlustrou o nosso sertão, terá sentido, vivamente, na zona das taperas, que circumda a Capital, serra-acima e serra-abaxo, esse travo de serena melancolia, que desperta a visão dos esplendores extinctos. No «Terra Natal» de D. Aquino, par a par com a corda épica, plange, suave e delicada, a elegiaca, em *Boquadi*, a virgem dos *Boróros*, por quem suspiram

“estas flores,

Estes rios e bosques gemedores

A brisa e a fonte, e garça e a juryty”

ou ainda naquelle admiravel poemeto *Rio das Mortes*, em que ha estrophes assim:

“Hoje, lá no abandono da capoeira,  
Nos esteios sombrios de aroeira,  
E das catas na tetrica mudez,  
O indio ao viajante mostra apenas,  
Mais uma tumba de ambições terrenas,  
A tapera fatal dos Araés.

.....  
Elle (o rio ) só ama a estridula algazarra

- Das selvagens araras e a bizarra  
Coloração dos bandos a voar.  
Elle só ama ao filho das florestas,  
E o barbaro clangor das suas festas,  
Pela calada immensa do luar”.

A tapera, de resto, é um thema quasi obrigado para os nossos vates. Cantam-na D. Aquino, Lamartine, Tolentino, Mesquita. E’ o reverso da medalha. E’ a outra face da vida: a gloria preterita, os fulgores dantanho, á luz dum presente de declinio e de saudade, “ruinas desfeitas ou ainda em realce com pergaminhos na Historia”, na feliz expressão de Alberto Rangel.

Prima na modelagem dos nossos trabalhos de arte o escopro divino do soffrimento, produzindo obras de penetrante melancolia, mordidas, ás vezes, de leve cunho sarcastico. Cesario Prado, o artista subtil do “Caminhos da vida” e “Passaros soltos” formoso espirito de traços a Amiel, que a burocracia vem impiedosamente roubando ás letras, percute essa feição da nossa litteratura no elogio academico do seu patrono — Vieira de Almeida. De resto, tanto o academico, quanto o paronympho, serviriam á demonstração objectiva da these da predominancia do chamado genero pessoal nas nossas letras.

A mesma delicadeza de tons, que Cesario emprega nos seus contos e chronicas, a mesma doçura melancolica, o mesmo travo de desillusão magoada, se observa no escriptor de “Antonietta”, no admiravel artista que fixou em Rosaria um typo marcante da nossa obra de

ficção e herdou-nos telas humanizadas como aquella, em que descreve o velho leprosario cuyabano, “no coração agreste do cerrado, em que recorta, abrupta e pedregosa, a estrada que passa para a Lavandeira”. Ouvi este trecho em que Cesario Prado exalta á sua maneira typica “O symbolo de Assis”: “No exame de tua intelligencia, da tua vontade singular e da tua extremada sensibilidade, parece que se apequenam os montes da Umbria perante os cumes das tuas virtudes, e os valles como que se cerram mais profundos, perante os mysterios da tua vida”. E mais adiante, insistindo na nota da sensibilidade, que é, sem duvida, a que mais o impressiona:

“Commovente a tua sensibilidade como fonte inexgotavel, donde te jorrava o immenso amor por todas as criaturas, que a todas buscavas, com braços abertos, em apello fraterno”.

Um grande poeta nosso, que encarna, melhor que nenhum o outro, o romantismo em Matto-Grosso, José Thomaz de Almeida Serra, cuja obra já teve a consagração de dois bellos talentos, Cesario Neto e Olegario de Barros, deixou escripto que

“neste valle de lagrimas, o riso  
do prazer é reflexo indeciso  
e á dor tambem se a faz o coração”.

E’ certo que o coração e o espirito da nossa gente cultivam literariamente a dôr, não essa dôr artificial e piegas, attitudo para simples effeito e sem sinceridade, mas aquella que se entranha fundo e vivo no proprio subsolo do ser, dôr atavica, que nasce do nosso humus vital, “melancolia que fecunda o sonho”, como bem conceituou Cesario Neto.

Quasi todos os nossos escriptores, antigos ou hodiernos, possuem ao lado dessa “nota civica despertada em cantos patrioticos” essa outra “inspiração delicada do sentimento intimo do lar”, que Alcindo de Camargo precisou com raro senso critico no seu estudo

sobre Franklin Cassiano, o delicado poeta de "Renas-  
cimento" e de "Chana". Assim poderíamos exemplificar  
em Maria de Arruda Müller, que canta "Cuiabá", num vi-  
brante epinício, para, logo após, dar asas ao seu lyrismo su-  
bjectivo em "Melancolia"; Oscarino Ramos e Ovidio  
Corrêa, que casam na "A cruz de Urbietá", e no "O  
berimbau do veterano" as duas feições, épica e elegia-  
ca; Francisco Mendes, evocador das glórias diamanti-  
nenses e, ao mesmo tempo, aquarelista de contos de  
raro poder emotivo; Tolentino de Almeida, o mesmo  
que exalta as glórias de outrora e traceja a tragedia o-  
bscura, mas extraordinária, da "India Rosa" José Vilá  
que, a par da epopéa rondoniana, nos dá em "Destino  
das quatro paredes" uma obra prima, quasi camoneana  
na forma e na sensitividade; Allyrio de Figueiredo, que  
celebra o "Brasil" num soneto magistral e escreve aquel-  
les simples "Poemas ruraes" de tocante emoção; e, tantos  
outros, que não fôra possível arrolar, pois que se tra-  
ta, no caso, é bem de vêr, não duma relação completa  
de auctores, mas sim de uma simples exemplificação das  
assertivas contidas nesta conferencia.

Entre os representantes da nova geração, quero,  
entretanto, referir um, Cavalcanti Proença, na sua poe-  
sia typica "Xaraés" em que exalça

"O impulso ardente  
de heroismo, que o teu lethargo encerra,  
porque tu és, ó Xaraés, no poente,  
o rubro coração de minha terra"

para, em seguida, evocar a figura do novo bandeirante que  
"procura os lados de Araritaguaba"  
e de quem

ainda hoje se presente  
a sua alma a chorar cheia de maguas  
no grito ansioso da arancuan nubente".

Senhores:

A nossa literatura, embebendo as suas raizes no pas-  
sado ancestral, é bem como essa flora do sertão, cres-

cendo ao sol dos tropicos, numa nativa feracidade, dispensadora de tratos e adubos. Milagre de resistencia moral, prodigio de amor eterno á arte, as letras mattogrossenses podem representar-se naquella “chimbuveira verde e ramalhuda”, de Lamartine Mendes:

“alma de heróe...  
sensível ás caricias desta vida,  
impavida ante o fremito da morte”.

ou naquella outra imagem, que Rosario Congro fixou, ao descrever, em lindos versos, a paisagem ribeirinha de Cuyabá:

“soberana  
uberrima de vida,  
a colossal figueira bracejando  
sobre a immensa planura,  
dos vendavaes de um seculo se ufana”.

O homem de letras em nossa terra, aquelle que recebeu dos fados essa predestinação gloriosa e amarga, é bem essa arvore isolada á beira-rio, vendo ora as aguadas immensas do pantanal se estenderem sob o céu plumbeo, ora os praias gaios e claros se povoarem, na vasante, do vôo alacre dos passaros ou das cantigas melancolicas dos pescadores...

Senhores:

Ninguem melhor do que o Visconde de Taunay, o grande escriptor que se ligou para todo o sempre a Matto-Grosso, através da sua obra immorredoura, espe-lhou ao vivo essa duplice feição que constitue o sentido da nossa literatura — a épica, na “Retirada da Laguna”, paginas de heroismo sem par, que o mundo todo admira, e a elegiaca, em “Innocencia”, idyllio inegualavel e tragedia commovente, em que palpita toda a alma ingenua e sensitiva da mulher mattogrossense.

Vive assim a nossa literatura confinada entre esses dois limites, arrastada por esses pendores que ora a levam aos surtos heroicos dum Passado cheio de lances

de gloria e de bravura, ora a mergulha na tristeza das solidões sertanejas, mas sempre criando, no sortilegio eterno da Poesia, no prodigio divino da Arte, visões de encanto e de belleza, inspirada por um alto senso humano mas tocada sempre de verdadeira, pura e sã brasilidade.

Senhores:

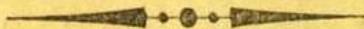
Penso enfeixar os pensamentos desta palestra, no soneto que escrevi, ha tempos, suggestionado pelo destino historico, que Deus parece haver traçado para a nossa terra, no esplendor magnifico da sua gloria ou na aureola suprema do seu martyrio:

Como és digno de amor, ó meu torrão fagueiro,  
Se teus idos evoco ou teu porvir escuto,  
E's a mais bella flor do sertão brasileiro,  
Da flora tropical o mais sávido fructo.

Venceste, sempre só, mais dum prelio guerreiro,  
E, qual nova Camilla, ante o inimigo bruto,  
Ninguem jámais domou teu pudor altaneiro  
E ainda foste em socorro aos teus irmãos de lucto.

Por tua tradição — um luar de saudade,  
Por teu presente — sol que entre nimbo rebrilha  
E pelo teu futuro — a jorrar claridade,

Soffrendo, resignada, os revezes da sorte,  
Brava como um leão, doce como uma filha,  
Inspiras, mais que orgulho, amor sublime e forte!



# CARLOS GOMES

“Recitado pelo autor por ocasião  
dos festejos a CARLOS GO-  
MES realizados no Palacio  
da Instrução”

## I

OB o anil destes céus onde fulge o Cruzeiro  
De Orpheu na arte divina um campeão surgiu,  
E um assombro empolgou então o mundo inteiro  
Quando as cordas da lyra, em extase, feriu.

## II

Numa ardente explosão de extranhas symphonias:  
— Notas flébeis, gazis, harmonicas, faceiras,  
Arpejos divinaes e lindas melodias,  
A arte nova brotou no paiz das palmeiras.

## III

Trouxe o encanto do azul das alterosas serras  
Que se perdem no vasto horizonte sem fim;  
E o mysterio profundo e insondavel das terras  
Onde o selvagem vaga, em perenne festim.

IV

Traduziu da natureza a voz enfeitada:  
— O sussurro da brisa, e bramir das cascatas,  
O canto matinal da leda pssarada,  
O segredo do lago e os arcanos das mattas.

V

Verteu para o idioma ethereo e singular  
Que ás almas se revela em doces vibrações,  
A linguagem que, em noite albente de luar,  
Se levanta, subtil, do seio dos sertões.

VI

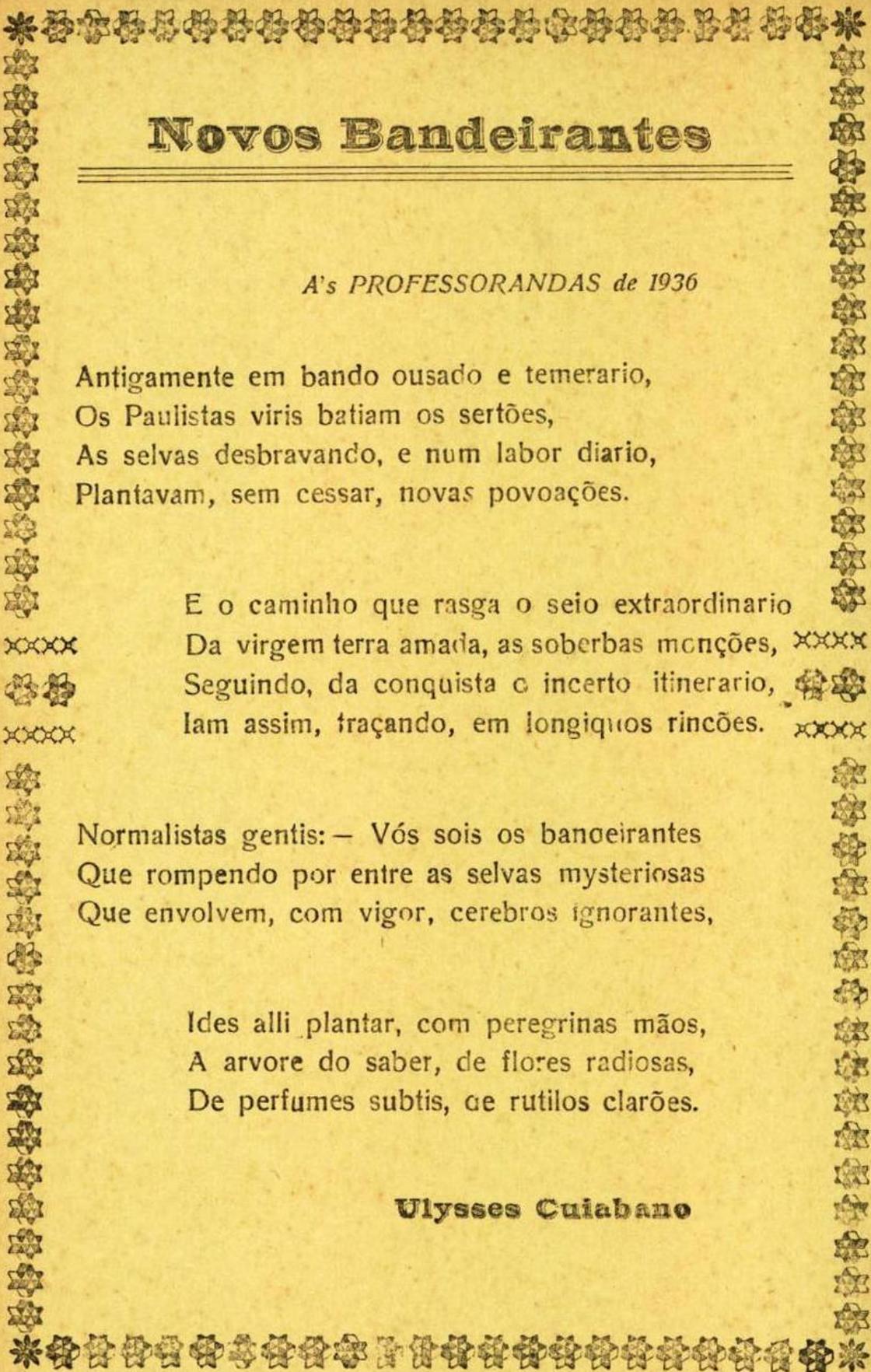
E o interprete da voz das cousas brasileiras  
E que passou alem, em terras peregrinas,  
Traduzindo igualmente as vozes estrangeiras,  
Foi CARLOS GOMES, filho amado de Campinas.

VII

CARLOS GOMES nasceu para a grande conquista,  
A conquista da Gloria immortal e viril:  
Salve! Genio divino, illuminado artista,  
Honra do mundo inteiro, orgulho do BRASIL.

Em 11 | 7 | 1936.

*Ulysses Cuiabano*



## Novos Bandeirantes

---

---

*A's PROFESSORANDAS de 1936*

Antigamente em bando ousado e temerario,  
Os Paulistas viris batiam os sertões,  
As selvas desbravando, e num labor diario,  
Plantavam, sem cessar, novas povoações.

E o caminho que rasga o seio extraordinario  
Da virgem terra amada, as soberbas monções,   
Seguindo, da conquista o incerto itinerario,   
Iam assim, traçando, em longiquos rincões. 

Normalistas gentis: — Vós sois os bandeirantes  
Que rompendo por entre as selvas mysteriosas  
Que envolvem, com vigor, cerebros ignorantes,

Ide alli plantar, com peregrinas mãos,  
A arvore do saber, de flores radiosas,  
De perfumes subtis, de rutilos clarões.

**Ulysses Cuiabano**

# Visita do primeiro amor

---

Repousa, meu corpo, na toalha do horizonte da praia branca,  
Como uma grande cruz escura, trazida pelo mar.

Ondas verdes e espumas salgadas, lava-me os pés queimados!  
Envolve-me no teu manto dourado e sanguinolento, tarde!  
O' céu vertical, inunda meus olhos, meu sangue de tua quietude azul!  
O' ar carinhoso das distancias, que cheiro de salsugens que tens!

Meu primeiro amor veio ver-me do fundo do sertão, e dos anos,  
Veiu de longe, menos moço e mais triste, de bem longe,  
Veiu ver-me, deitado, no areal de meus cansaços, a beira do mar.

Ai! ouvi reler as cartas de amor das terras da adolescencia!  
Agora, navios... partidas e ondas, não posso voltar, meu amor, minha fé.  
Escorrem em meu rosto as bagas de agua do mar, onde brilha o sorriso infantil.  
Meus cabelos se alongam nos dedos sonhados, como algas nas ondas...

Agora sou sombra deitada na praia do mar.  
Talvez não me encontres jamais, nem aqui nem lá.  
Reza os teus cantos suaves de fé.  
Recorda, recorda, talvez, um canto de fé.

As quatro nuvens da Ave Maria  
Carregam no andor de prata da lua  
A Nossa Senhora Piedosa da Tarde.

O cruzeiro do céu deitou sua sombra na praia do mar...

## EU VIM NA MANHÃ

*Eu vim na manhã,  
Dentro da grandiosa carruagem de Elias,  
Puchado por nove cavalos de fogo,  
Para trazer ao povo a nova revelação de meu Rei.*

*Houve uma chuva de acacias amarelas no chão,  
Para os meus pés de peregrino.  
Senti a nuvem de azas brancas,  
Que foram anunciar minha chegada aos quatros cantos;  
Os anjos que me trouxeram, desapareceram,  
E me deixaram entre os homens.*

*Senhor! Perdi tua mensagem salvadora;  
Esqueci as palavras que deveria proferir á turba an-  
[ gustiada; [  
Extraviei meus passos por estradas de países inimigos;  
Não reconheço teus ministros sinceros nem teus traidores  
E não quero te ser desleal, meu Soberano.*

*O povo blasfemo clama contra ti, Santo,  
Porque teu mensageiro esqueceu a missão inflexivel  
E perturbou o milagre que puzeste em suas mãos.*

*Senhor! Se já é tarde, meu Rei,  
Para de novo receber e proferir teu divino misterio,  
Ao menos, não me expulses da casa de teus servos!*

# MILAGRE

*A noite chumbava os meus olhos como o dos cegos de Jericó,  
E vi o milagre da sombra, da luz e da cor e das formas nas estações e no céu*

*Era tudo o silencio, e ouço cordas vibrando no ar, coberto de aves,  
E anjos cantando nas nuvens, e côros de homens nos subterraneos da terra.*

*Eu era mudo, e da minha boca já brotou a palavra de amor e de fé,  
E o canto da ressurreição rola em ondas de minha voz.*

*Bebi agua transformada em vinho nos banquetes nupciais.  
Comunguei o pão multiplicado para a turba faminta.  
Comi o peixe dos fins de jejuns e das preces do deserto.*

*Lazaros ressuscitaram das tumbas noturnas da blasfemia.  
Coxos, paraliticos, doentes e possessos curaram-se por encanto.  
Homens andaram sobre as aguas, voaram no céu e transpuzeram montanhas nos  
! ombros*

*O' os secretos milagres interminaveis da vida e da morte!  
As sementeiras acordam do obscuro misterio do chão.  
Sabem as flores o perfume e a cor de origens ignoradas.  
Os frutos conservam segredos que deverão eternamente guardar.  
Troncos que prepararam seivas estão se queimando como astros efemerios.*

*Ah! os quotidianos milagres das lagôas estremecendo e equilibrando as paisa-  
gens inversas.  
Dos oceanos envolvendo ilhas e lavando o dorso crespo dos continentes.  
Das raças passando na terra, vindas de ignotos caminhos e olhando as futu-  
[ ras estrelas.*

*Ah! inefaveis milagres dos animais pastando nos campos verdes.  
Paragens adormecidas no gelo... rios em tropel para o mar...  
Sol derramado nas perspectivas extensas...  
Luas provincianos que alongam os sons dos violões e anciam os telhados das  
| virgens*

*Tudo haveria de ser mesmo assim, geme o anjo ferido da queda.  
Não podia faltar o beijo, a chuva, a poesia  
E o silencio da noite abençoando o sono profundo das cidades e das montanhas*

Rio, 1 — 9 — 936.

**D. Martins de Oliveira**

## VELHINHOS

Quando nós formos tremulos velhinhos,  
Evocaremos, cheios de saudade,  
Os abraços, os beijos, e os carinhos,  
Da primavera azul da mocidade.

Quando bandos de noivos sorridentes,  
Passarem sob a tarde azul, cantando,  
As nossas almas chorarão trementes,  
Os idyllios de outr'óra, suspirando.

No dolente crepusculo da vida,  
De labios frios e de olhar tristonho,  
Eu chorarei... tu chorarás... querida,  
O doirado crepusculo do sonho.

E entre amarguras e entre desenganos,  
Carpimos, de joelhos, bem juntinhos,  
O funeral tristissimo dos annos,  
Quando nós formos tremulos velhinhos.

**Laurindo de Brito**

*(Da Academia de Sciencias e Letras de São Paulo)*

## Ouvindo Chopin

Na melancolia do cahir da tarde,  
Eu ouço um piano soluçando,  
Desfeito em sombra, em magua, em pranto, em ais,  
Desfolhando,  
No regaço divino da saudade,  
Beijos de sangue, amores desgraçados.

### CHOPIN SOLUÇA...

Ha gritos, gemidos, e lamentos no ar.  
A tarde é um grande cyrio azul ardendo.  
A luz se esvae; as folhas cáem; as aves morrem;  
Tudo deserto; funebre, sombrio,  
Desde as ondas do mar até ás aguas do rio.

### CHOPIN AGONIZA...

E' a paixão que estertora, é a dor que se humaniza  
Purificando a vida, transfigurando o mundo;  
Choram as rosas... calam-se as fontes...  
Um sino plange, ao longe, plange, piedosamente,  
Dlon... Dlon...  
... são olhares gelados, vozes mortas, beijos defunctos,  
Crucificando  
A alma da tarde e o coração da gente.

Laurindo de Brito

## Cabellos Brancos

Fallam de teus cabellos brancos.

Com franqueza

A razão eu não sei,  
querem que tenha a côr falsa das tintas  
mas que sintas,  
na fraqueza,  
da garridice vã

que outras pessoas pensem que são pretos,  
e assim te julguem moça e mais louçã!

Pura illusão, não creias,

Phantasias,

de mulheres emfim,  
pois juro, toda a graça perderias  
na repentina transição p'ra mim,  
pois já me acostumei todos os dias  
com esta cabeça branca de jasmim

Para o olhar ha matizes diffarentes.

Pode agradar,  
ou não

mas quando são dois entes que se querem,  
cujas cabeças ambos amimaram,  
e os annos sobre ellas já passaram  
em suave união,  
a côr da cabelleira mesmo branca,  
tem a mesma attração de quando preta  
Porque se olha só cor: o coração!....

**Henrique Soido**

## A' minha mulher

*Ao completarmos 25 annos de casados*

Depois de percorrida longa estrada  
onde juntos soffremos e sorrimos,  
trazemos a noss'alma illuminada  
nesta alegria que nós dois sentimos.

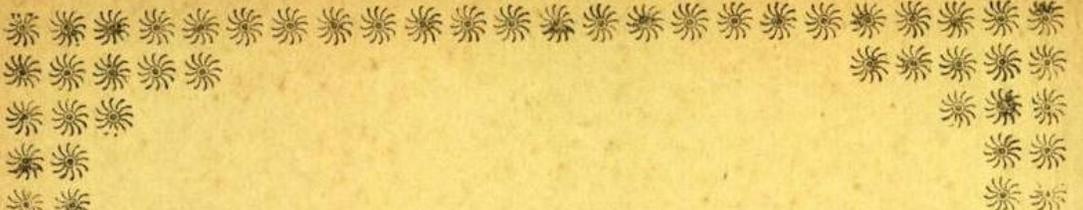
Os annos vão, mas fica inda augmentada  
as nossas vidas ambas confundindo,  
esta união no amôr santificada,  
que até agora estamos nós fruindo.

Se choramos, as lagrimas se abraçam,  
se sorrimos, os risos se entrelaçam,  
porque na vida sempre nos amamos;

e estes cabellos brancos que trazemos,  
são os fios de prata que tecemos  
ligando os annos que hoje festejamos.

Rio, 12 — 6 — 934

**Henrique Noido**



## A minha sobrinha Mariazinha

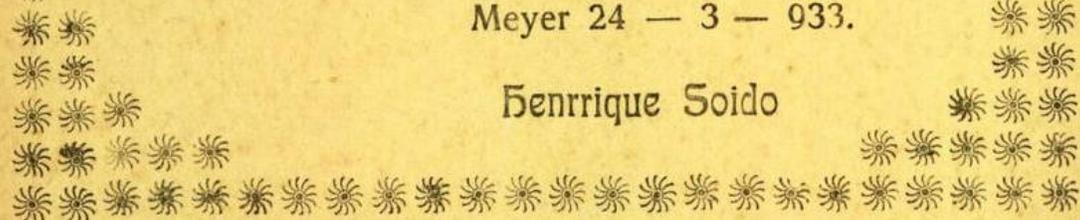
Partio, e logo tudo transformou-se!...  
da primavera que a sorrir chegava  
as flôres não surgiram no jardim.  
o céu azul de nuvens encobriu-se  
toda a alegria que no mundo existe  
morreu, porque de certo tudo é triste,  
e sua ausencia foi de tudo o fim!...

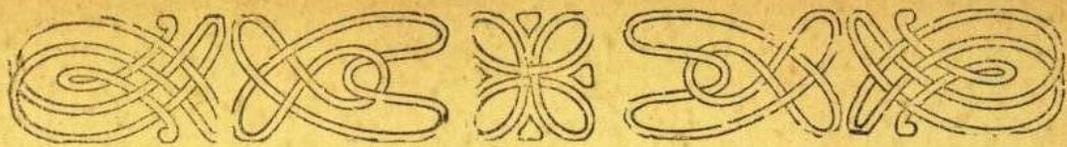
Voltará? me perguntam no terraço  
os pardaes que saltitam no arvoredó,  
e eu não sei responder com segurança;  
vejo olhares que passam procurando  
seu vulto entre os arbusto e seguindo,  
voltam trazendo n'alma uma tortura,  
por não ver a suavissima ternura  
de seus olhares cheio de esperança

Sente-se a falta de uma flôr e vê-se  
no jardim que emmurchece de saudade  
um logar bem vasio e abandonado,  
ali o seu perfume inda se sente,  
toda lembrança surge n'este instante  
como se ainda a flôr tudo adornasse,  
como se a graça ainda perdurasse  
d'aquella que partio, que está distante

Meyer 24 — 3 — 933.

Henrique Soido





## Na Semana de Educação

---

**DISCURSO** pronunciado na sessão literaria do gremio "CASTRO ALVES" de Campo-Grande, a 12 | 10 | 1935, pelo professor Severino de Queiroz.

Acabamos de ouvir, jubilosos, as derradeiras lições do programa traçado para a semana que ora se finda, para a semana educacional.

Incontestavelmente nos foram proveitosos tais ensinamentos, cujos frutos, podemos dizer sem exagêro, já se vão mostrando, por entre casquinadas próprias da mocidade, por entre risos e censuras veladas e inofensivas dos jovens.

Vimos, nesses dias festivos em que moços e velhos muito estudaram, muito aprenderam e muito ensinaram, o quanto pode a bôa vontade, a coêsão em tôrno dos

que mais refletem, dos que mais sabem; notou-se melhorada a disciplina, e mais apurada a atenção, razão por que se fez bôa colheita, tão bôa e tão grande, que muitos celeiros se encheram, dos quais participarão, não só as formigas, que acumularam os cereais, mas também as cigarras, que não cantarem todo o estio. Ouvimos conselhos profundos de mestres, que, destarte, cumpriram seu mais alevantado dever, que é distribuir o pão de espirito, plasmando para seus grandes destinos, no seio imenso da humanidade, a alma dos adolescentes. Aprendemos história, geographia, diplomacia, civismo, moral; apurámos mais um pouco a linguagem; enriquecemos nosso vocabulario; ouvimos muitas vezes a pronuncia da palavra — paz — que nos agrada os ouvidos e nos alegra, como as melopéias ou como o canto dos rouxinois ouvido aos primeiros beijos do sol.

Notamos belos exemplos de esforços e de elevação do espirito, dados por estudantes ávidos de saber, loucos por subir aos píncaros, e dos cumes, afastarem as brumas, que, por vezes, ensombram o futuro do Brasil; observámos, contentes e bem compensados dos afanosos labores da cátedra, que muitos moços estudiosos, perdendo o apoucamento, o receio de falar em público, enfrentam os auditórios e lhes dirigem a palavra improvisando, ás vezes, frases tersas, que vão saindo naturalmente, sem titubeios e torcicolos, frases que expõem boas idéias cujo travamento perfeito revela cultura e perspicácia, cuidadosa limagem e nobreza de caráter de seus autores, assim como personalidade a desabrochar com a força e o viço da semente bôa.

Para os pais e para os mestres é isso o inicio da colheita, os primeiros frutos que elles colhem e guardam, como se escondem reliquias ás vistas cubiçosas.

Vimos alunos convencer com a palavra flamejante; vimos alunos encantar e seduzir, não apenas a colegas, aqueles ensaiadores das letras, mas também a intellectuais encanecidos nos serões, a homens afeitos ao

manejo do verbo e campeões indigenas na esgrima difficil do buril; alunos que já despertam nas massas côro de elogios, admiração unanime, e nos letrados maduros bôadós de inveja, não dessa inveja que ressuma da baixaza, latente nos cérebros inferiores, mas desse sentimento, bem humano e bem justo, que gera queixumes ou lamentações pelas desigualdades de predicados e de intelligencia.

Orgulho-me em ser professor de moços desse quilate, sentindo embora, como se duas tenazes me apertassem o coração e o cérebro, o fato de ser eu, dentre os que desempenham a sacrossanta missão de educar, o mais apoucado e mediocre. Supre-me, porém, a intelligencia tacanha, vontade formidanda de melhorar, esforço profundo de vencer e de fazer melhorar e vencer os que aceitam minhas pobres receitas, de algum modo esclarecedoras da mente, ora em botão, ora plenamente desabrochada ás auras da inspiração.

Para educar, para melhorar os moços que em mim confiam, declaro que tudo farei: pôr-me-ei á disposição deles, em qualquer lugar onde fortuitamente me encontrem, até mesmo no leito do sono. Assim fazendo, julgo servir bem á Patria, pois tanto vale difundir a lingua, expurgando-a de patoás e de estrangeirismos escusados; tanto vale semear escolas e ilustrar, e disciplinar, e soffrear os maus instintos, acentuar emfim a campanha educacional, não so no terreno da lingua, da mathematica, da historia, da geografia, da física, de química, como também naquelle da agricultura, e da industria e do comércio em todas as suas modalidades, e nas ciências e artes. Tal campanha dará resultados fantásticos, cuja prova já temos no colégio "Visconde de Taunay" e em numerosos outros disseminados pelo Brasil. Essa é a campanha que todos devemos sustentar, sem encarar sacrificios pessoais e pecuniários; campanha divina, campanha de paz, afugentadora da guerra, pois ao bater incessante da verdade, consubstanciada nas palavras dos

educadores dignos dêsse nome, vão fugindo de todos os cérebros, azorragadas, as idéias animalescas, as mentalidades tigrinas, escondidas nos que não recebem educação moral e intelectual ou naqueles que a recebem ou receberam superficialmente.

A bôa educação poderá extinguir, em tempo não muito remoto, os pruridos guerreiros ou as desconsiderações entre as nações e os individuos; a bôa educação põe moços e velhos no caminho fraterno da concórdia, na planura da adesão, no tablado resplendente de luz, das discussões arbitrais, no campo civilizado da diplomacia e no âmbito largo e verdejante do trabalho produtivo. Disso se infere, como todos dizem, que educar é disciplinar, aparar asas daninhas, embargar assomos desmedidos, fazer calar vozes dissonantes e desrespeitadoras, pulir, desbastar anfratuosidades tendentes ao mal, pôr, encaminhar na trilha do bem os adolescentes e os velhos transviados, é dar golpe de morte na vibora que percorre, impunemente, o mundo, apagando risos, desbaratando as conquistas, denegrindo e matando, num furor de Belzebú.

Por tudo isso, instituiu-se, patrioticamente, a Semana de Educação, em que tomaram parte mestres e discípulos, cujas magnificas lições ainda ecoam em nossos ouvidos e se gravaram, estejamos certos, nos cérebros dos estudantes e lhes tocaram a alma, plena de sonhos róseos.

Esta sessão literária do querido grêmio "Castro Alves" é prova eloquente do que digo, prova que aí está nos discursos precedentes, a dar brilhante remate aos trabalhos dessa ridente semana, em que os espiritos alumiados se engolfaram a valer no Bom e no Belo, no útil e no agradável e se deslumbraram com os jôrros de luz espargida pelos projetores potentes dos oradores das sessões magnas e públicas.

Este grêmio, novo como seus componentes, e que mobiliza beletistas novos, candidatos às mais altas a-

cademias do país, ufana-se em dar a derradeira nota da Semana de Educação e da Paz, fechando-a com chave de ouro maciço e encantando a todos aqui presentes com a harmonia das peças literárias expostas.

E' mais um serviço a se adicionar aos que vem prestando às letras e ao Brasil esta útil associação de poetas, e prosadores novos, de estudiosos da lingua e da literatura, de amantes das ciências e da história, de patriotas na verdadeira significação da palavra, de meninos, rapazes guapos e moças bonitas que almejam a a grandeza da Pátria e querem por força que o Brasil assombre os povos todos da jovem América, linda e rica aniversariante de hoje, mas assombre pelo trabalho, pelo patriotismo, e pela inteligência e cultivo de seus filhos. Essa gente moça é egoísta, pois quer governar um país com essa grandiosidade, um país rico de valores morais e intelectuais, rico de brilhante e de ouro, um Brasil que imprima respeito; um Brasil sem lutas sociais e partidarias; um Brasil que não precise de empréstimos externos, que sugam e aviltam; um Brasil que não seja insultado por nenhum estrangeiro, apesar de recebido fraternalmente ou bem tratado, como se verificou agora no livro "Sua majestade, o presidente", de um inglês, temerário, que atassalhou nosso país, nossa gente e nossas mais caras instituições; e como se viu numa entrevista concedida ao "Petit Journal" de Paris, pelo indivíduo francês Paulo Renauld, que declarou poder o Brasil ser abocanhado pelos Estados Unidos da América do Norte, como a China, pelo Japão!...

Pois bem. Os moços de hoje querem crescer e aparecer, querem fazer calar êsses atrevidos e mal educados, que até ontem confundiam a terra de Rui Barbosa e de Castro Alves com a Argentina — prova de sua risível ignorância, apesar de se dizerem cientistas, publicistas e tudo o mais em *ista*, exceto pomadistas e passadistas, que é o que êles são.

Preparem-se os jovens para essas batalhas do pa-

triotismo e da inteligência, para receber bem os estrangeiros dignos e castigar os que tentarem menosprezar o que é nosso.

São êsses os mais ardentes desejos da nacionalidade confiante e de todos que descemos a ladeira da vida.





# UM CASAMENTO

---

---

*(D'outros tempos)*

José Bonifacio de Albuquerque

\* \*  
\*

JORGE era um rapaz bello, sympathico, sadio, alto, donairoso, de semblante jovial, delicado, intelligente e escriptor-poéta, porém demasiadamente pobre. Razão porque deixou de continuar seus estudos em Direito, já no terceiro anno; tendo supportado, apenas um anno, as agruras das necessidades, quando falleceu seu pae, sendo obrigado, como filho unico, a amparar sua velha e carinhosa mãe na viuvez.

Esse talentoso mancebo, vivia como outros vates que são ignorados, obliterados, ou reconditos; e que, assim, vivem mediocremente nos pequenos povoados do interior.

Genios que passam desapercibidos e permanecem no esquecimento, como os meteóros, com seus luzeiros que fulguram rapidamente e desaparecem depois, nos célicos desertos.

Jorge amava estremecidamente, com o ardor dos vinte e um annos, a Emilia, filha unica do velho coronel Teixeira, fazendeiro rico, muito falado, um verdadeiro *magnata* do lugar. Homem nimiamente ambicioso que só procurava um futuro dinheirinho para sua filha, como Diogenes com a "lanterna", procurava um homem!...

Era, pois, isso, reputado como um leilão da virgindade!...

A garra da miseria moral de certos paes ambiciosos, arrebatada sem pudor, o pudor do seu proprio lar!...

\*

\*\*

Ha paes que entendem, que a belleza da filha é um meio efficaz e especulativo. O velho Teixeira, franqueava escandalosamente sua casa, a um estrangeiro, commerciante, de bôa fortuna, conhecido por D. Bernardes; mas que, infelizmente tinha a sua pessôa, (o seu eu), euvôlto em um corpo exótico, ou n'um envólucro deturpado pela absoluta falta de asseio; e que ja carregava ás costas, o pesado fardo de mai de meio século!!... E ainda por cúmulo da desventura, ou da aberração, éra completamente analphábeta e excessivamente bruto!...

Emilia contava apenas suas dezeseis floridas "primaveras"; tinha o porte elegante; o rôsto lindo e angelical; a tés morênarrosada; seus labios rubros e trêmulos, formavam uma boquinha perfeita; os olhos, negros, grandes e fulgentes; as sombrancêlhas levemente fechadas; os cabellos, prêtos e tão longos que cahiam sôlto, em suaves ondulações, sôbre a cintura graciosamente contôrnada; as mãos pequenas, e mimosas; pés quais de bonéca; a vóz d'uma melodia extraordinaria!

Dir se-ia que era o emblêma da pureza e o symbolo da beldade!

Um pequenino e lindo bouquet de flores vicosas, recentemente colhidas, adornava, atado por uma fita azul, a altiva cabeça daquella angélica creatura, espargindo deliciosos arômas que se casavam com os doces efluvios de sua face tão mimosa, e espalhavam assim, um suave ambiente naquella sala, onde ella ficava continuamente a mandado do seu pai e a espera do tal noivo (para ella) "forjado a martello"!... Porque ella correspondia secretamente e com ardor, os sentimentos amorosos de Jorge para consigo. E isso, apesar do recato da bella jovem, Jorge bem comprehêndera com certeza, pela permuta dos olhares que traduzem fielmente os arcanos do coração.

E, quando momentos depois de sua espéra na sala, entrava o personagem, cumprimentando-a com loquaz e falsa cortezia;

ella muitas vezes se estremecia, pavorosa, timida e quasi asfixiada, tossindo pela baforada da nuvem de fumaça, que do enorme cachimbo lhe soltava em frente ao delicado rôsto, o seu repugnante noivo! Este, ao notar a ansiedade da timorata donzella, apertava com o seu pollegar a bôcca do seu nause bundo cachimbo, recolhendo-o ao bolso do faveiro collete, e, apparentando finezas, pedia desculpas!!..

\* \*

Oh! explorar um ingênuo coração, ou contrariar-o quando palpita dôidamente por uma acertada conquista, é affrontal-o!

Considerar a pobreza de dinheiro, uma desventura, é uma ignorancia; e, escarnecer da desventura, é um erime! Pois que, há uma pobreza mais lamentavel que a do ouro: — é a da intelligencia; — e ha outra pobreza mais execravel que a da intelligencia: — é a do sentimento!.. -- Entretanto o coronel Teixeira, inconcusso no seu ignóbil proposito, repudia a Jorge, optando vender sua filha áquelle homem do "metal"!.. Oh! que dous monstros!! Quaes azas terriveis da vilania, ou armas da desgraça... assassinaram a felicidade dessa jóven, quão digna de melhor sorte!

Com estrondosa pompa casaram-se!..

E o escândalo ficou impumel!..

Lauto banquetel! A' mêsã, entre finas e appetitosas iguarias e bebidas, entre a profuzão ostensiva, fizéram se ouvir fervorosos brindes, alguns oradôres (competidores de Bacho..) dentre a turba de aduladores, -cheios do mais banal enthusiasmo e simulado júbilo!

\* \*

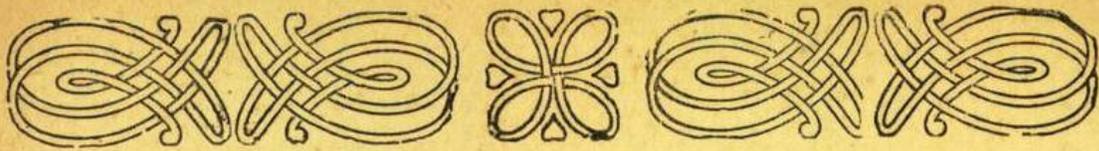
Emquanto isso a timorata noiva, carpia, soluçante e mésta, aos sons festivos da banda de musica que melifluamente executava algumas peças no baile nupcial.

O noivo, arrogante, sorria, vangloriava-se de sua ficticia ventura e mendaz victoria, nas multidão dos convivas, entre o turbilhão da dansa, enchendo-se de ciumes, julgando-se invejado pelos mancebos que rendiam finezas, desfolhando lisonjas aos pés da desditosa noiva.

Dansava se animadamente!

A onda festiva, cada vez mais engrossava na principesca vivenda do snr. coronel Teixeira...

Emquanto que o coração sensível e sublime, como amoroso, do infeliz jóven poeta, fôra cruelmente golpeado pela austera e potente mão da ambição que, vilmente, lhe tolhêra o gôzo que podia e esperava fruir para sempre, com a devida pósse da mulher que amava!



## SUBINDO O CUIABA'

*(De um velho diario de bordo)*

Lamarline Mendes

**O** NAVIO, bem manobrado pelo "mestre", encosta-se, mansamente, ao longo do barranco. Ouve-se, lá fóra, a cantilena dolente dos marinheiros recebendo a lenha: Um, dois, tres... dez... vinte... trinta... noventa e nove, "talha!"

Acerca-se, aos poucos, da embarcação, um rancho de caboclos, como um bando de capivaras desconfiadas.

Lá, ficou, sózinho, um rapazola. Olha para aquelle scenario desconhecido, com olhos compridos de sócói.

Do outro lado do rio, uma choupana alonga em cima d'agua sua sombra tristonhe de jaburú doente.

Ao aconchego da sombra protectora, um pescador colhe, calmamente, a linha larga. E suspende ao anzol um dourado soberbo.

Aos saltos do peixe agonizante, dardejam na praia fulgurações de sol. Que lindo! Dir-se-ia escamado de flor de paratudo.

Continúa a cantilena monotona: -- Um, dois, tres... "talha".

\* \*  
\*

Assentado á popa da canoa, esguia como uma garça negra, um remador desce ao largo, cantando. Na toada molle, synchronizada ao chofrar do remo, desfia os versos, que se adivinham tristes. Ouve se-lhe, distinctamente, o estribilho: "Para mim não vale de nada..."

Ergue-se ao fundo da embarcação, como um cone de ouro, um cacho de "bananinhas" de uma gula irresistivel. Que "bananinhas"! Duas dellas dariam para estregar um boi!

— O! lá! amigo: quanto quer por esse cacho de bananas?

— Não é de venda, não senhor!

— Quer dez mil réis por elle?

— Guarde seu dinheiro, moço! Eu não *perc'iso!*

E, ao fim da toada morna, paira mais uma vez no céo o estribilho expressivo: "Para mim não vale de nada..."

— Venho trazer-lhe o meu abraço, doutor.

— Dar-lhe-ei o meu em terra, se me permite acampanhal-o ao porto.

Pela prancha estendida entre o convés e o barranco, encaminho-me, a passo tremulo como tropego de exhaustica caminhada.

Noite velha. Preso pela rédea ao estio de um rancho aberto, um animal arreado espera pelo gaúcho.

Partiria para a fazenda, em seguida. Aproveitaria, assim, a escuridão da noite.

— ?...

— As noites aqui em sua terra são assim, doutor: quanto mais escuras, mais claras...

Na fina transparencia do céo lavado de nuvens, como que inflammadas pelo vento, fagulhavam as estrel-

las. E eram tantas a scintillar no fervedouro do horizonte, que por vezes de lá se desprendiam em chuveis, que se diriam abaladas silenciosas de canarios... E que esses passarinhos incendiados baixassem á terra, transfigurando-se, como que por magia, nas moitas-de vagalume. Lá, estava uma Flammejava inteira, em phosphorencias versicolores, que se diluiam nos longes, como um luaceiro estranho.

Ao regressar a bordo, encontro a explicação por que, a despeito do flagello periodico das cheias, não arredam pé de suas luras os moradores de beira-rio. Abandonar as moradias, quando dentro de alguns mezes, vazada a enchente, se lhes antolharia, para encanto da alma, um espectáculo desse, quem se daria á aventura de fazel-o?

\* \*

— ‘Pare! Pare!’ gargalham, com estardalhaço, os tympanos de commando.

‘Para! trás! A toda força! Pare!’

Correrias. Encontrões. Gritos.

Pá-pá-pá... tres tiros.

Quatro, cinco tiros...

— Lá vae, lá vae ella em baixo!

Uma cabeça forte, mosqueada de preto, de orelhas tronchas, fuzilou um olhar brilhante, e se confundiu com a sombra, resvalando rente á popa.

Onça! Uma onça pintada!

Fosse a gente contar um caso desse...

Inicia-se, ás primeiras horas do luzio, um movimento desusado á bordo. Arrumam-se malas de viagem. Gratificam se criados. E’ ordem de transbordo.

Lá estão, á espera dos passageiros, dois barcos ligados um ao outro por grossas amarras, como duas tartarugas xiphopagas.

A’ parada do navio proximo daquelle transporte primitivo, ha, entre os itinerantes, descontentamentos sérios. O commandante, affeito áquellas scenas, serena-os,

suasoriamente.

E o transbordo então começa.

Um barco se destina ás senhoras. Outro, aos homens.

As bagagens ficam no navio. Serão, mais tarde, conduzidas a destino.

Não ha mais distincção entre passageiros de primeira e de segunda. E' a valla commum, nivelando as classes.

Abarrotadas da gente que lhes vae nos bojos, largam as "chatas", na fuga obstinada aos baixios, em procura dos remansos mais accessiveis á subida do rio.

Os viajantes, conformados, modorram, á maneira dos saurios pelas praias, no interior e sobre a cobertura da embarcação, acalentados ao tropel cadenciado dos zingueiros.

De cabeça ao relento e tronco desnudo, elles ahi vêm, de um lado e de outro do transporte tardigrado. Chegam, em passos macios de felino, até a proa. Plantam, de uma só vez, os varejões que sobraçam, no leito do rio. Voltam-se de peito sobre elles, forcejando aos arrancos. E anzolados sob os lagartões dos musculos em resalto, rompem, ao tremular das tangas molhadas, a marcha que vae terminar a popa, assentando, com estrondo, os pés chapados sobre as passadeiras dos barcos: — Prom, prom, prom...

Muita vez, o canal anda rente do barranco. Insi nuando-se por elle, as "chatas" são varridas, de ponta a ponta, pela galharia baixa dos ingazeiros, que se quebram em estalos, pondo gritinhos de susto nas gargantas das mulheres.

Passado o alvoroço, pairam no ar o cheiro tedioso do "prompto-allivio", e o berreiro infernal da garotada mordida das formigas tocanguiras.

\* \*

A's margens, vão-se succedendo, vagarosamente, as usinas de assucar, os sitios, os saladeiros, com suas chaminés, seus cannaviaes e seus "tendaes" interminaveis,

ao longo dos barrancos.

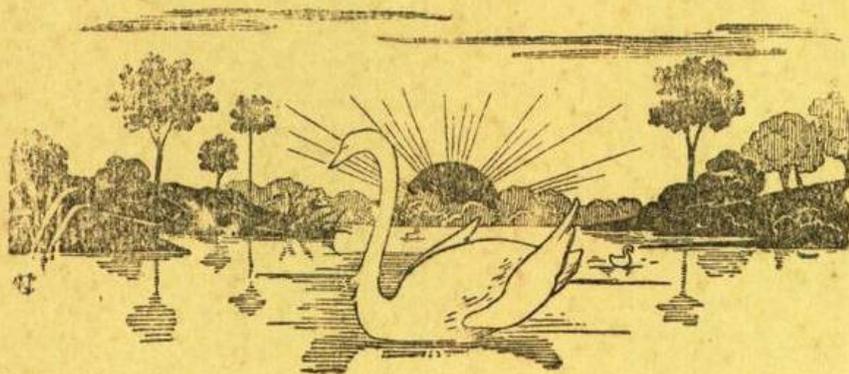
O “Morrinho”, rendido ao peso das suas corcovas de camelo, alonga-se, taciturno, á retaguarda, azulando-se á distancia.

Lá, o “São Jeronymo” rasga com imponencia as nuvens, na luminosidade heraldica do seu vulto de ouro e anil.

E o estirão final desfia aos olhos de todos o rosario intermino das suas ondas encandeadas de purpura, a cujo flanco, tranquilla como uma prece vesperal, ao aggravo da ladeira, se eleva a cidade lendaria, com o seu casario branco tremulando aos beijos do poente, em rumo do infinito, qual se numa revoada immensa de pombos.

A um impulso mais forte das vogas conjugadas, monta a chalana, com surdo abalo, sobre o calçamento do porto.

— “Com o pé direito, meu filho...  
Cuiabá.



---

---

PAGINAS

DOS MESTRES

---

---

## Pomo de Sodoma

Entre estereis sarçais, urzes, cardas daninhos,  
Por um chão de calhãos, avança o pegureiro:  
Bonta de asa não vê nos ásperos caminhos!  
Rarissimo, serpeia o curso de um ribeiro!

Nega-lhe o solo em brasa os pequenos carinhos  
Da relva e dos mirtais de viridente olmeiro...  
E ele busca, através de saibros e de espinhos,  
Num oasis risonho, um ponso hospitaleiro.

Tem fome, e, pemos vende á mão, belos, rosados,  
Vai colhê-los, porém mal os alcança e os toca,  
Eles em negro pó, prestes, são transformados...

— De dôres, fosta, o fado a tua estrada junca.  
Celebra teu ideal. Exalta-o, vai, evoca  
Sempre teu grande amor, mas não na toques nunca!

Goulart de Andrade

---

---

PAGINAS  
CONTEMPORANEAS

---

---



# Surprezas de Matto-Grosso

*V. Corrêa Filho*

TRABALHO lido na sessão da Academia Carioca  
de Letras offerecida aos Congressistas dos Estados.

A Academia Carioca de Letras, promotora da reunião do Congresso de suas congeneres e das sociedades de cultura literaria, para intensificar o intercambio intellectual dos obreiros da penna e, do mesmo passo, cuidar-lhes da defesa dos interesses, não sómente lhes acolheu os delegados com a fidalguia da sua hospitalidade captivante, como ainda lhes reservou uma das suas sessões semanaes, para que revelassem aspectos curiosos dos Estados, em cujo nome falariam por cinco minutos.

E assim succederam-se na tribuna os representan-

tes de associações culturaes, que versaram themas relacionados com as características da sua gente.

Do Amazonas ao Rio Grande do Sul, a assistência acompanhou, enlevada pela variedade de oradores, e fascínio dos assumptos, a que imprimia cada qual o cunho das preferencias intellectuaes, a sequencia de quadros, em que se espelhavam as peculiaridades regionaes, seriadas por ordem geographica.

Quando lhe chegou a vez de cumprir a ordem, amavelmente discricionaria, do Presidente da Academia, Affonso Costa, a quem cabe grande parcella dos triumphos obtidos pelo Congresso, a cuja organização consagrou o seu idealismo criador, o delegado do Instituto Historico do Mato Grosso canhestramente lembrou alguns quadros surprehendentes de Mato Grosso, o primeiro dos quaes se verificava naquelle mesmo instante.

Pois que, disse, "depois de applaudido, com justissimos gabos, o genuino plenipotenciario da cultura matogrossense, José de Mesquita, que tanto sabe dizer a respeito da terra e da gente distantes, surprehendia ser outrem escalado para versar algum thema que se lhes refira, nesta serie de conferencias syntheticas, em que se revezam, com as pompas do seu phrasear, e primores de conceitos, os representantes de todas zonas culturaes do paiz.

A segunda surpresa rompe da propria denominação enganadora, que, por circumstancias de ordem politico-administrativa, prevaleceu para designar o territorio, dilatado do Paraná ao Guaporé, que os bandeirantes de Piratininga abrazeiraram.

Quando lá estacionaram, no primeiro quartel do seculo XVIII, fascinados pelas lavras estonteantes, descobertas por acaso, acceitaram o nome das tribus locaes, applicado ao districto aurifero, cuja fama correu mundo.

E assim, o gentilico Cuiabá ingressou na historia, para designal-o.

Decorrida uma década, se tanto, o genio andejo dos sertanistas os impelliu para todos os quadrantes, numa dispersão de energias, á cata de applicação condigna.

Alguns, esporeados porventura da mais accentuada ambição e ousadia, proseguiram para o Poente, adstrictos á linha de penetração, que parecia traçada pelo determinismo historico, impulsionador de arrancadas naquelle rumo, ganharam o valle do Jaurú, que nenhuma vantagem immediata lhes promettia, e foram, além, ao dobrar a ponta occidental do massiço brasileiro, esbarrar em analoga occurrencia de cascalhos auriferos, sobre os quaes o Sararé o Galera rolam as suas aguas murmurantes.

De passagem, e quasi ao findar a jornada, vararam densa floresta, baptizada de Mato Grosso nas narrativas dos seus devassadores.

Como distassem entre si mais de cem leguas, os dois districtos, que centralizaram as actividades garimpeiras, não se fundiram, de principio, em nenhuma denominação commum.

Conservaram, ao contrario, as suas individualidades, até a criação da Capitania, que os irmanou, fóra da orbita de São Paulo, como patenteia o respectivo alvará, referente ao "Governo de Mato Grosso e Cuiabá."

Instituida, porém, a chefia administrativa á beira do Guaporé, onde se erigiu a capital, predominou o primeiro termo, que distinguia a região circumjacente.

E dahi se causou a generalização do titulo, que só não será descabido em trechos incomparavelmente menores que as áreas dos campos, por sua vez distribuidos em proporção mais reduzida que os cerrados.

Aquelles tanto se alargam no dorso do planalto, á imitação das cochilhas gaúchas, de que possuem a mesma fecundidade criadora de rebanhos, como tambem na baixada, onde os cartographos fantasiaram a Lagoa dos Xarayés, immenso reservatorio d'agua, em verdade, de quarenta leguas por oitenta, approximadamente, que nos

surprehende com o seu rythmo regular, de repleção, quando os rios transbordam, alagando as campinas depressas, e esgotamento completo, quando, passada a época das chuvas abundantes resuscitam para a vida, em gloriosa alleluia propicia á vegetação, que viça, nutrida pelo nateiro fertilizante, os inegualaveis pantanaes, viveiro de animaes de toda a casta.

E', porém, a terceira categoria de vestimenta vegetal, de cerrados, que ensombra maior porção do territorio matogrossense.

Mais ralos, ou mais densos, pouco importa, do seu seio emergem povoações e cidades, da mais antiga, debruçada sobre as aguas lendarias do Cuiabá, a uma das mais recentes, Tres Lagoas, á orla da mata justa fluvial do Paraná, que se abre, hospitaleira, como sala de visitas, no limiar do Estado. Nesse tablado sem fim vive um povo cuja origem constitue prova de soberbo heroismo, continuado, ainda hoje, na luta perseverante contra os factores que se lhe oppõem ao engrandecimento,

Vive e canta, na lyra apollinea, como sobejamente pode verificar o Congresso das Academias, ao ouvir a formosa allocução de um dos seus poetas eminentes, José de Mesquita, quanto nas ingenuas manifestações do linguajar anonymo.

O siriri, festa popular do genero cateretê mineiro, proporciona ensejo, analogamente ao cururú, privativo dos homens, ás expansões sentimentaes, que se expressam em versos cantados ao som da viola, cuja dolente cadencia regula as evocações dos bailantes.

Em uma dessas reuniões festivas, á beira do Cuiabá, preponderou iterativamente a declamação rimada, preferida pelos parceiros, muitos dos quaes nenhuma noção concreta possuíam de uma ferrovia, de que nunca se tinham aproximado.

Trem de ferro, trem de ferro,  
Não levai Maria, não.

Se Maria fôr,  
Morro de paixão.

Evidentemente, mera repetição de ideia importada, que se acclimára sem tardança, mercê do remate, de lyrismo singelo, tão ao sabor do povo.

De outra feita, ouviu-se em tom alegre, á guisa do desafio:

— Mosquito branco  
Que vem da Poaia  
— Deixa que venha  
Mato com saia.

Criação puramente regional, pela terminologia, pela forma, pela significação e symbologia, em que se envolve.

Poaia ali figura para indicar a região donde se extrae a ipecacuanha, a melhor do mundo, aliás pelo maior teor de emetina.

O mosquito branco tanto pode ser o hematophago minuscuro, habil no insinuar a tromba sugadora através os intersticios dos tecidos grosseiros de algodão, usados commummente, e que não resiste a um golpe de abanador qualquer e muito menos á virada violenta de uma barra de saia, como o proprio poaieiro, empallidido pelo trabalho á sombra, mezes a fio, no ermo dos poaiaes, que regressa, derreado por vezes, mas sedento de amor.

E a morte, real no primeiro caso, apenas será symbolica no outro, para indicar a sujeição do homem diante do eterno feminino, á cuja voz se rendem os lutadores avesados ás mais perigosas entreprezas.

Como o estudo das peculiaridades do meio matogrossense, empolgará o das variantes do seu folk-lore, em que os sabedores encontrariam, como se lobriga de vòu, por esta amostra material, sobejo para as suas observações.

Mas as surpresas nos salteiam em todos os assum-

ptos, como ocorrerá ao viajante que se resolver a praticar o turismo até o coração do Brasil, que palpita nos estó dos enthusiasmos civicos, synchronizado com as mais nobres aspirações dos irmãos espalhados pelo paiz inteiro.

Figuremo-lo transportado por via ferrea a Jupiá, onde o Paraná magestosamente se espreguiça entre barrancos distantes de um kilometro, quando o vento sul não lhe entumesce as ondas furiosas.

Continua a rodar sobre trilhos, que vão suavemente subindo pelo planalto, antes de, transposto o divisor de aguas, descambar até Porto Esperança, a bordo do do Paraguay.

Demorada se alonga a travessia da mesopotamia portentosa, em cujo decurso a espaços afloram, dos cerrados, as cidades centralizadas pela de Campo Grande, a que a Noroeste imprimiu o rythmo da civilização moderna, apontado em "Impressões" que o pr.lo divulgou. (a)

Prosegue por menos de uma noite de viagem, aguas acima, e desperta em Corumbá, orgulhosa do seu titulo de Princeza do Paraguay.

Ainda são necessarios alguns dias de navegação, ao arrepio da correnteza, por entre margens deficientemente povoadas na primeira metade, para alcançar o trecho da industria assucareira, cuja progressiva densidade demographica denuncia a approximação da Capital, que por fim aponta, ao dobrar a volta de São Gonçalo, onde arrancharam os bandeirantes de Moreira Cabral, vae para duas centurias.

E' pois uma cidade velha, mas remoçada pelo esforço dos seus filhos, que lhe deram calçamento, luz electrica e abastecimento d'agua. E, mais ainda, forcejaram por levantar-lhe o nivel intellectual, que surprehende os forasteiros.

---

(a) — Impressões de Campo Grande, por V. Corrêa Filho.

Illustre membro da Comissão Rockefeller, entre os espantos que lhe feriram a observação, revelou o de haver em Cuiabá serviço de Saude Publica, pobre, sem duvida, mas cujo director diagnosticou de febre amarella o primeiro caso suspeito que lhe chegou no Rio Manso, onde não havia possibilidade de visinhança de foco humano conhecido. (b)

E acertou, abrindo assim novo capitulo na epidemiologia respectiva, com a modalidade silvestre do mal, que mais tarde grassou de maneira semelhante na zona beneficiada pela E. F. Sorocabana.

Si perguntada, a primeira criança que fôr encontrada na rua, bem trajada, ou em farrapos, a attestar a sua origem humilde, raramente deixará de responder que sabe lêr e escrever, ou que está aprendendo, pois a taxa de analphabetos diminue de anno para anno, tendendo praticamente a annullar-se.

Dos jovens, constituem excepção os que, rapazes ou moças, não frequentem a Escola Normal, viveiro de professoras, ou o Lyceu Cuiabano.

As actividades de ordem intellectual espelham-se, alem de outras, em publicações do porte da "Revista do Instituto Historico de Matto-Grosso" cujo tomo XXXIX veiu a lume, não faz ainda um anno, e a "Revista da Academia Mattogrossense de Letras" cujo numero VIII acaba de atravessar os prélos, em continuação aos 22 tomos da "Revista do Centro de Letras" de que se originou.

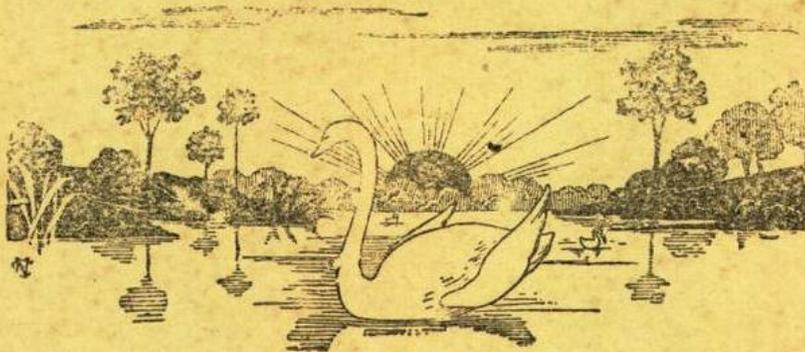
E, destarte, pela actuação perseverante dos seus escriptores, consegue Mato-Grosso surprehender os visitantes, que verificam, maravilhados, não luzir o ouro de Cuiabá somente nos cascalhos dos seus morros e corregos

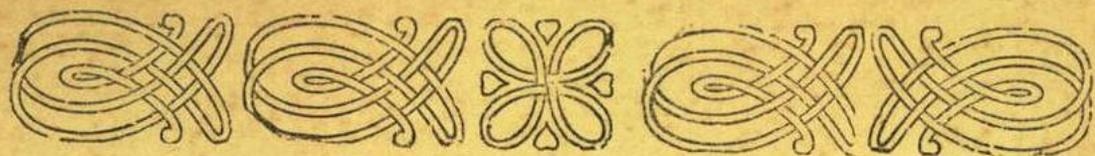
---

(b) — Era então director dos serviços da Hygiene do Estado o Dr. Alberto Novis, que suppriu, com a sua competencia e dedicação ao bem publico, a carencia de aparelhamento da defesa sanitaria, em que foi, mais tarde, efficientemente auxiliado pela benemerita Missão Rockefeller

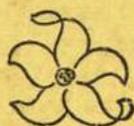
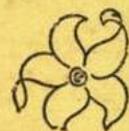
que ainda hoje se desentranham em pepitas e granulos, catados pelos faiscadores, mas na propria intellectualidade cuiabana, cujos primores de cultura se espelham na individualidade peregrina de seu digno Embaixador, José de Mesquita, a quem não tendes regateado louvores, e que vive, lá no recesso dos sertões, afastada dos nucleos sociaes litoraneos, attenção consagrada aos problemas culturaes que a fazem esquecer as angustias economicas de varia ordem, que a molestam.

E mais surpresas ouvirieis, si não urgisse o tempo de finalizar ou não minguasse engenho ao representante do Instituto Historico de Mato-Grosso neste augusto Congresso, em que vibra a intelligencia brasileira, por suas vozes mais autorizadas, para bem resumir com fidelidade e relevo as peculiaridades expressivas de sua terra natal, fadada aos mais luminosos destinos.





Discurso



inaugural

do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cul-  
tura do Brasil, pelo Dr. Afonso Costa, presidente  
da Academia Carioca de Letras e corres-  
pondente da Academia Matto-  
grossense de Letras

“Snr. Presidente do Congresso das Academias de  
Letras. — Snrs. Representantes officiaes. — Snrs. Con-  
gressistas. — Foi auscultando e consultando os desejos  
e aspirações de suas congeneres, nos Estados, senão os  
interesses e as proprias necessidades dellas através de  
sua existencia e de sua acção, que a Academia de Le-  
tras do Districto Federal tomou a si o grave encargo  
da realização deste certame de intelligencia e de cultura.

Outros caminhos, visivelmente impérvios, foram tentados, no sentido do maximo objectivo de corresponder ás academias dos Estados nisso que representava aspirações e necessidades suas, e nenhum se poz melhor ás nossas vistas e observação que esse de uma reunião onde se encontrassem, para confissões e deliberações, todas as academias, bem como as sociedades de Cultura literaria, sem que ao conclave faltassem quantos homens de letras de pensamento não eram participantes desses cenaculos regionaes.

Sobremaneira superior ás nossas forças o nobre encargo, porquanto a Academia Carioca de Letras registrava agora, apenas, a sua 10ª etapa de existir convulso e laborioso, todavia acirramos as proprias vontades, medimos as condições das sociedades irmãs, e foi com a mira de accorrer aos seus interesses e desejos, como bem o sabiamos, que se praticou o ousio dessa tentativa, neste momento contada como victoriosa.

Por isso não ficou qualquer orgulho em nossos sentimentos. Quanto pensavamos e executavamos era vacillante, senão mesmo dubitativo, porque a autoridade ao dispor não era tamanha para semelhante feito. Abroquelamo-nos, entretanto, no desejo de levar ás nossas companheiras, nas demais unidades federativas, o testemunho da solidariedade de nosso apreço e de nossa communhão nos difficeis transes de seu existir.

Ao rebate de nossos propositos, junto o registro de que todas acudiram com o seu apoio substancial, com os applausos á iniciativa, e no momento em que officiamos a missa solemne de nossas realizações, neste amplo cenaculo onde as representações mais elevadas se assignalam com a presença, queremos repetir, ahi então com suave orgulho, que os Estados daqui ausentes são aquelles onde, ao tempo do Congresso, não havia ou não ha academias de letras, e sociedades de cultura literaria, porventura existentes, não se sentiram na condição de ser presentes ao comicio.

Bem haja, pois, o encargo sobre os nossos hombros trazido e ás nossas responsabilidades entregue, porque se abriu ensejo ao comparecimento de todas as forças representativas de nossa cultura literaria, sob o intuito de se concertarem planos e medidas dos quaes venha resultar, para muito breve, talvez, o reconhecimento da contribuição que as academias e associações prestam, efficientemente, á intelligencia e ao pensamento brasileiro.

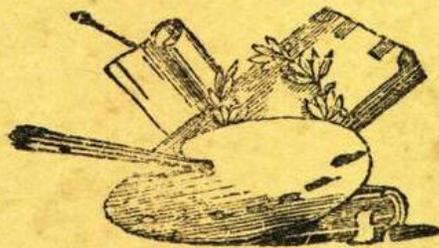
E não só isto, Senhores, porque o Congresso, sobre o enunciado por minhas palavras, tem missão outra e de maior vulto, que se recommenda opportunissima em face do momento internacional, quando se procura, com as disposições de assentar as bases da economia nacional, resolver o problema da retribuição segundo o trabalho que se effectue. Cogita-se aqui de amparar e proteger o homem de letras, de firmar a maneira e o quantitativo da valorização do seu trabalho, comprehendendo se que não sómente os tem os posto ao abandono de qual quer acolhimento amparador, como lhes não compenamos, devidamente, a obra significativa que realizam para a grandeza de nossa intelligencia e de nossa cultura.

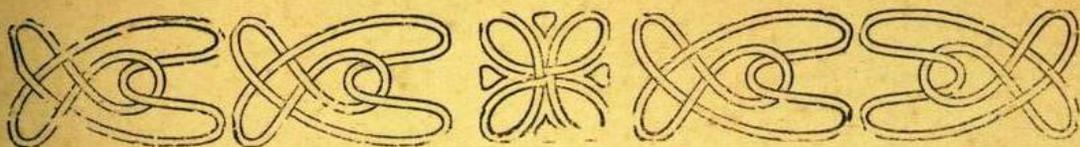
Na iniciativa lançada, quanto planejamos está felizmente realizado. Os materiaes estão ao dispôr do Congresso, as vontades se conjugam, certamente, pelo estabelecimento de directrizes seguras para a victoria do pensamento brasileiro, e pois cumpre ao oleiro habil valer-se do barro ás suas mãos, da greda docil e prompta, e realizar o modelo do que aspiramos se venha fazer no Brasil. Objectivando a unidade do pensamento, como se dá com a unidade do sentimento, enchendo o Brasil dos mesmos écos das nossas vozes, encurtando suas distancias por meio de igual querer e de igual proceder, sejam por sempre, os homens de intelligencia e de saber, os arautos de todas as reivindicações pela grandeza mental do povo brasileiro.

A Academia Carioca de Letras, promotora e organi-

zadora do Congresso, sente-se bem no positivar, á abertura dos respectivos trabalhos, e ao termino de sua missão de realizal-os, a incomparavel satisfação de ver triumphante sua iniciativa, para a qual não faltaram as auras das instituições irmãs, a solidariedade de governos estadoaes e o consideravel apoio do Governo da Republica.

Sois o oleiro habil, Snrs. Congressistas, e, pois, deis-nos o modelo de que carecemos”.





## MINHAS DUAS JANELLAS

*Mario Sette*

Estou de novo na minha terra.

E que gostinho bom mesmo ha nessa convicção de me achar outra vez no Recife sem pensar numa proxima ausencia, numa inapellavel partida!

Embora habitando durante quatro annos numa cidade visinha e amiga, no meio de um povo que me ficou no affecto e na lembrança, eu ali me certifiquei de que se faz um grande mal deixando de viver no Recife.

Dá nos uma saudade louca e uma louca vontade de voltar.

Voltar para ver o Capiberibe passar cheio de si ali pela rua da Aurora e pela ponte da Bôa Vista; para vêr o homem que vende carangueijos amarrados num ca-lão; para sentir o cheiro do assucarn o caés do Apollo; para surprehender os mexericos da esquina da Lafayette e o pregão do vendedor de cuscús; para tomar o bonde grande da Varzea com dois reboques carregados de pin-gentes; para olhar o pateo do Mercado com suas pretas

que fritam peixe e comer uma tapioca emprenhada de côco; para passar no becco do Sarapatel onde as mulheres da vida conversam com os soldados; para ouvir o sino da igreja da Penha; para comprar mangabas a um balaeiro ou abacaxis quando as barcaças encostam na praia de Santa Rita...

E a tudo isso eu estou dando uma atenção curiosa de menino que regressa a casa pelas férias. Ou um noivo que se vê deante da noiva pela primeira vez. Os aspectos mais conhecidos de minha cidade natal, e queridissima, me parecem vistos agora. Diminúo os passos, paro, demóro fico a contemplar este trêcho de rua, aquelle panorama de rio, um oitão de igreja, um typo popular, uma casa que derrubam... De tal geito é o meu extasiamento que estou vendo a hora em que qualquer transeunte me aponte, a mim, recifense da gemma, um ponto visado pelo olhar sequioso e me informe: "Aquillo ali é Olinda". Ou assim "Este predio é o theatro Santa Isabel".

Meu Recife! Meu Recife de ontem e de hoje. Ambos tão de meu carinho e do meu coração.

Por signal que estou morando num trêcho curioso da cidade. A minha casa fica numa esquina. De um lado tenho o Recife actual; de outro, o de antigamente. Neste, a rua agoniada, estreitinha, velhusca. Calçadas por onde só se passa de um em um; cheias de cotovellos; calçamento primitivo. Lampeões a gaz carbonico, daquelles agarrados ás paredes. Casinhas terreas, grudadzinhas umas ás outras, lembrando a intimidade das familias antigas, os namoros de janella, as conversas das visinhas, os empréstimos do jornal, do ferro de engomar e os presentes de doces e cangicas.

Naquelle, a luz electrica, as vivendas de jardim na frente e portões para automoveis, o radio tocando lá dentro, o asphalto da rua, a criadinha trocando impressões de cinema com o chofer...

Basta a esquina para separar as duas épocas. Vae-se por aqui e sahe-se em São Gonçalo. Estamos em 1900. Vae-se por ali e chega-se ao Polytheama. Vivemos em 1936.

Minhas duas janelas me oferecem aspectos dessas duas épocas: — uma que vivi, outra que estou vivendo. Chego numa e me entusiasmo.

Chego noutra e me entorneço.

Naquella, reconheço meus cabellos brancos.

Nesta, me vejo de bigodinho a apontar.

Numa permaneço quasi velho.

Noutra me imagino adolescente.

Em uma, sou avô. Em outra, torno a ser noivo.

De janella a janella, uma vida.

Não sei qual em das duas me demore mais.

Si na que me evoca a mocidade, si na que me conven-  
ce da proxima velhice.

Sinto-me bem em ambas.

Nesta, o Recife de ontem. Naquella, o Recife de hoje.

Tudo é o meu Recife bonito, bom e unico.



---

---

PAGINAS  
FEMININAS

---

---



## O amor e os poetas

*Maria Dimpina*

O amor, esse sentimento inexplicavel na linguagem humana, porque todas as definições que se lhe dão são imperfeitas; esse sentimento que fez baixar do céu á terra um Deus e que neste mundo tem feito martyres e heróes, santos e criminosos; esse affecto, tão bem representado em Cupido, na innocencia de uma criança e no ferir das settas, essa cellula-mater dos corações humanos, só tem sido bem claro, bem comprehendido, explicitamente definido, na Musa, nos versos, na Poesia, emfim, artes que são como que a linguagem dos Anjos na terra, harmonias que são como que flores spirituaes cujos perfumes acalmam por vezes e por vezes embriagam.

Estudemol-o parcelladamente.

Amor de Mãe. essencia pura de todos os amores, transmutação mysteriosa de um ser para outro ser, quer na combinação chimica dos fluidos vitaes, quer na anímica da formação dos sentimentos; quem mais que esses cantores do verso te ha sabido definir.?

Tenho diante de mim as mais bellas glorificações da Poesia ao amor materno e attonita, sem saber como distinguir aquelle que melhor soube explical-o faço des-

sas flores esparsas uma coroa mystica com a qual pretendo cingir a fronte da mulher-mãe, que tem sido sempre a mater dolorosa quer assista o martyrio de um filho innocente no monte Calvario, quer presencie, dilacerada de dôr, a condenação do filho criminoso para cuja defesa nem pode offerecer o seu proprio coração. E' Coelho Netto, o primoroso artista da poesia em Prosa, um dos gloriosos filhos do Maranhão, tão prodigo em filhos notaveis nas letras, é Coelho Netto quem falla:

“Ser mãe é desdobrar fibra por fibra  
O coração! Ser mãe é ter no alheio  
Labio, que suga, o pedestal do seio,  
Onde a vida, onde o amor cantando vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra,  
Sobre um berço dormido, é ser anceio,  
E' ser temeridade, é ser receio,  
E' ser força que os males equilibra!

Todo o bem que a mãe gosa é bem do filho,  
Espelho em que se mira afortunada,  
Luz que lhe põe nos olhos novo brilho!

Ser mãe é andar chorando num sorriso!  
Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!  
Ser mãe é padecer num paraiso!

Que de encantos não resumem estes versos?!

Como escolher entre elles e a *A Partilha* um seu conto muito conhecido, verdadeiro poema em prosa; a divinisação do amor materno naquella mulher pobre, viúva, moça e tísica, que não tendo para alimentar o filhinho de tres annos senão “uma pouca de café e um pedacinho de pão da vespera”, cantava e as lagrimas rolavam-lhe em dois fios ao longo da face magra e pal-

lida enquanto fazia dormir o menor, o de braços.

No auge do desespero espreme, trincando os lábios de dôr, o peito, na tigella de café; E não peças ouviste, disse, o outro, é para o maninho.

Mas, até aqui, temos descripto o amor de mãe pelo filho innocente e pequenino.

Vejamos agora a Poesia exprimindo o sentimento daquella Martyr inconfundivel que assistia a condemnação do Filho Deus:

“Stabat Mater Dolorosa” é o cantico sacro que vós todas, minhas Senhoras, estaes afeitas a repetir annualmente quando a Igreja Catholica commemora a morte de Jesus, o Deus feito Homem.

Mas, a infancia e a innocencia são élos mais fortes para unir os corações; com ellas não ha a desculpa dos resentimentos e das paixões humanos.

Vejamos agora o que diz Edmundo Chaves, filho do heroico Estado de São Paulo sobre os juizos da Mãe conhecedora dos defeitos do proprio filho:

“Elle passava as noites na taverna  
Tonto de vinho, tonto de fumaça,  
E pelo leito da mulher devassa  
Trocára a santa habitação materna.

Desde que moço se fizera, eterna  
Angustia aquella que o gerou transpassa  
Enfurecia quando ás vezes terna  
Apontava-lhe a mãe sua desgraça

Morre... O povo da aldeia reunido  
Discute a sua vida. “Era um perdido”  
Quando este exclama: aquelle um maltrapilho,

Um jogador, repete... A mãe, no entanto,  
Ante o esquife soluça toda em pranto:  
“Filho! Meu filho! Meu querido filho!”

Para que individuar o amor ao filho no coração da mulher somente?

Affonso Celso, o immortal mineiro, é um crente. Quanto de dôr não havia de estar a dilacerar-lhe a alma, deante do leito da filha doente, o seu anjo enfermo, para que pudesse soltar tamanho grita de desespero?

Geme no berço, enferma, a creancinha,  
Que não fala, não anda e já padece...  
Penas assim crueis porque merece  
Quem mal entrando na existencia vinha?!

O' melindroso ser, ó filha minha,  
Se os céus ouvissem a paterna prece,  
E a mim o teu soffrer passar pudesse  
— Goso me fôra a dor que te espesinha...

Como te aperta a angustia o fragil peito!  
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,  
Deus que é bom, Deus que é pae, Deus que é perfeito...

Sim... é pae, mas, — a crença nol-o ensina —  
Si viu morrer Jesus quando homem feito,  
Nunca teve uma filha pequenina.

Passemos agora ao amor filial. Daltro dos Santos, poeta fluminense, é quem falla:

Quem tem Mãe deve ter, como um crente, uma prece  
Dentro do coração, prompta a desabrochar,  
Unde da gratidão, que a alma rejuvenece,  
Haja todo o fulgor das caricias sem par.

Vós, que a tendes, irmãos, vós, que a podeis beijar  
Entornae-lhe no seio o affecto que enternece  
Que, por mais que lhe deis, nunca lhe haveis de dar  
Grande, perfeito e puro, o amor que ela merece.

Filhos, que o coração, por servil-a e adoral-a  
 Refloris junto ao bem, longe do escuro pó,  
 presos de vossa Mãe a alma branca e singela

Todo o amor que lhe daes nem de leve se iguala  
 A' suprema expressão de uma lagrima só  
 E ao supremo esplendor de um sò dos beijos dela.

D. Aquino Corrêa, a gloria da Litteratura Matto-  
 grossense, na sua Capital Verde assim se exprimiu:

“Como tú, não, não tem tantas grinaldas  
 De vivas esmeraldas  
 A Umbria verde, nem a verde Erin;  
 Mais rica do que o fúlvido Eldorado  
 Tens o encanto sagrado  
 De uma Chanan melliflua para mim.

Não ha thesouro que teu preço iguale.  
 Tudo o que o mundo vale,  
 A par de tí, em lodo vil se esvae.  
 Pois tens o que ha de mais sagrado e terno:  
 O tumulo materno  
 E esses cabellos brancos de meu Pae!”

Estas, as supremas caricias de um Principe da I-  
 greja Catholica, de um Immortal da Academia de Letras,  
 de um poeta mattogrossense áquelles que lhe deram o  
 Ser.

Amor da Patria!

A terra do nascimento, porque resume toda a nos-  
 sa vida, todas as recordações mais gratas do berço ao  
 tumulo, tem sido o mais decantado de todos os amo-  
 res.

E' Gonçalves Dias, é Casimiro de Abreu, que, sau-  
 dosos, longe da Patria, cantam, ou melhor, choram as  
 palmeiras, os sabiás, as praias, os laranjaes, as juritys.

Mas, meus Snrs. e minhas Snras., eu deixo a mocidade poetica que passe e quero vos recordar aquelle velho monarcha exilado da Patria, D. Pedro II, que no ultimo momento de vida, longe da patria que tanto extremecera, guardando um punhado de terra brasileira para o descanso da sua cabeça no leito derradeiro e eterno, transformou o seu ideal em um mimoso soneto que constitue um dois mais delicados primores da Poesia Brasileira:

Espavorida agita-se a criança,  
De nocturnos phantasmas com receio.  
Mas se abrigo lhe dá materno seio,  
Fecha os doridos olhos e descança.

Perdida é para mim toda a esperança,  
De volver ao Brasil; de lá me veio  
Um pugillo de terra: e nesta creio  
Brando será meu somno e sem tardança

Qual o infante a dormir em peito amigo,  
Tristes sombras varrendo da memoria  
O' doce Patria sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de gloria,  
Serenos aguardarei no meu jazigo,  
A Justiça de Deus na voz da Historia!

O amor coração, o amor sentimento, como diria o auctor da Ceia do Cardeaes, esse, faz no Brasil de cada enamorado um poeta e na duvida da escolha vos direi o que pensa Maria Sabina do seu Eterno Amor, que assim devem ser todos os amores castos e sublimes da mulher.

Não sei si o grande amor hoje floresce  
Nossa existencia, embalsamando-a tanto,  
Será da propria essencia do que cresce  
Dia a dia na vida eterno e santo.

Dizem que o afécto que hoje me enriquece  
Será diluido em perolas de pranto,  
Porque o homem que se adora, um dia esquece  
Por outro amor o seu maior encanto...

Que importa? Viverei pela saudade...  
Venturosa talvez, mesmo esquecida,  
Pois meu amor contem a eternidade...

Amor forte demais para esquecel-o  
Que passa alem da Morte, porque a Vida  
É pequena demais para contel-o.

### O amor da Família.

Quem conhecer, no seio calmo e feliz da familia José de Mesquita, o notavel poeta matto-grossense, que transpondo os limites do Estado tem alcançado as mais bellas palmas de victoria nos centros culturaes do paiz, ficará encantado diante de tanta sinceridade destes versos:

Feliz o que bem cedo, ainda bem moço  
volve do turbilhão erradio dos gosos  
que exhaurem e que ennervam  
ao seio casto e doce da familia!  
Ditoso o que no calido conchego  
da esposa amada, tendo em roda os filhos,  
vê discorrer a vida  
tranquilla e imperturbada!  
As alegrias sans do lar pacifico  
compensam os prazeres  
fementidos com que lá fora nos acenam...  
Oh! a doce poesia de uma noite,  
â luz discreta de um lampeão de centro,  
na ampla sala, fechadas as vidraças,

(lá fóra o vento... o frio...  
aqui calor e affecto...)  
longe de todo o mal, de todo o risco,  
a esposa meiga ao lado,  
e a alegria esfusante das creanças!  
Haverá, por acaso,  
riqueza, gloria, outra qualquer ventura  
que compense a poesia, o encanto, a graça  
do lar amigo?

Meus Snrs. e minhas Sras.

Para concluir, permitti-me que eu e m p a n e por um momento a alegria que aqui reina, dando guarida a outra especie de amor — o amor-caridade.

Examinae, com o coração, os mimosos versos o Leproso de Cardoso de Oliveira, romancista e poeta da velha Bahia, que nos deu Ruy Barbosa, Castro Alves e outros:

Lê-se o martyrio em seu olhar esquivo;  
Traz na frente o ferrete da desgraça;  
No lar o evitam, nem a esposa o abraça,  
Temerosos do tóque repulsivo.

Alvo do fero horror da populaça,  
Falho de arimo e paz, o morto-vivo  
Lança aos Céos um anáthema expressivo  
E foge com a afflicção que o despedaça,

Olhos baixos, pesquisa, em marcha estranha,  
Palmo a palmo, os desertos, a montanha,  
O valle, a rocha, o pico fumarento;

Revolve a terra, faz a volta ao mundo,  
Sem descobrir um antro assaz profundo  
Onde possa enterrar seu sofrimento.

Um hospital em Cuiabá onde estão se abrigando mais de cinco dezenas já de leprosos de todos pontos de Matto-Grosso mandou-me pedir-vos, por intermedio da vossa digna Presidente, um auxilio.

Não cumprir tão importante mandato seria uma falta de caridade e da confiança em mim depositada pelas que me mandaram.

Deixos aos vossos corações bondosos a solução do appello.

Minhas Sras. e meus Snrs.

Com esta palestra desataviada eu queria iniciar aqui a minha modesta contribuição ao Club Feminino Lageadense.

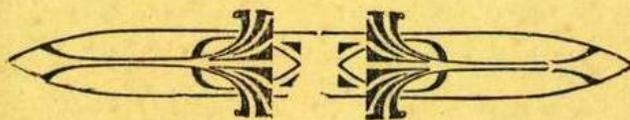
Quiz o Destino que ella fosse a minha despedida.

Partindo, por estes dias, amanhã talvez, para Cuiabá, eu vos quero assegurar o penhor da minha gratidão pelo acolhimento que me haveis feito.

Levo de todas vós as mais gratas recordações.

Lá, como aqui, ou em qualquer outra parte, grato me será manter entre nós o intercambio das idéas, o intercambio dos corações.

ADEUS.



## HORA CREPUSCULAR

E' tarde. A brisa fresca e perfumada  
Passa, cantando, no jardim florido,  
O sino, na matriz, plange dorido  
E a noite desce doce e estrellejada!

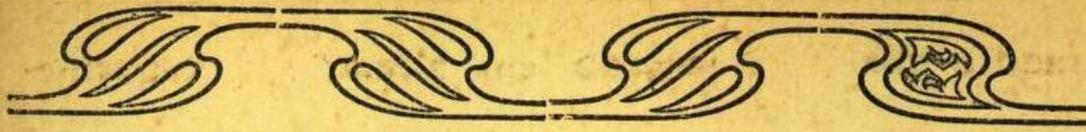
No arvoredos, a doce passarada  
Canta, cotente, num trinar garrido  
Emquanto eu, como peito dolorido,  
Sinto saudade duma terra amada.

Ponho-me a recordar saudosamente  
Da minha casa branca, alvinitente,  
Confidente gentil do meu soffrer...

Agora longe, olhando o horizonte  
Que filigrana de ouro o alto monte,  
Dentro em mim, sinto o coração morrer!...

Cuiabá, 16—12—936,

Antidia Coutinho



# UM POETA

*Benilde Borba de Moura*

Se a tantos poetas e escriptores celebrizados pela facilidade e harmonia das rimas e pela eloquencia da phrase, se devem o respeito e a admiração, justo é que se lhes dediquem panegyricos e lovores a que fazem jús. Então, ao egregio tribunal das lettras cumpre remittir a afouteza demonstrada por quem nenhuma competencia possui para fazer commentarios sobre taabalhos de valor.

Se a isto me aventuro é por desejar, apenas, manifestar a minha opinião, sem me expôr jamais a censurar, principalmente o que não é de meu peculio.

Quando os nossos olhos — entrada essencial do archivo cerebral — se inclinam mudos e fixos sobre uma obra litteraria; a mente, qual machina trituradora, põe-se logo em movimento acelerado recebendo e masti-

gando o que lhe é lançado em alcance. E, enquanto se produz esse trabalho mental, a alma aborda a enseada inatingível do abstracto, ansiando a concretização das cousas. Se isto consegue realizar, eil-a pressurosa a manifestar os seus sentimentos nos termos sem expressão que o cerebro pode gerar.

Isto acontece quando nos extasiamos diante de um bello trecho, procurando nelle o elemento de coloração que lhe dá brilho e valor.

Foi assim que, me curvando attentiosamente sobre as obras — “Poesias” e “Da Epopéa Mattogrossense” do Dr. José de Mesquita, — pude descortinar a fina essencia da sua imaginação, donde transparece o notavel gosto pela arte. Arte tão natural e expressiva, num estylo admiravel de alta cultura, reflectindo a nota distinctiva do seu éstro, onde o talento e a inspiração revelam-se localizados em um cerebro aperfeiçoado, que muito vê, analysa e sabe converter o inexistente em realidade!

De um lyrismo puro, embutidas em moldes originaes, as suas concepções poeticas falam-nos arrebatadoramente ao coração.

Encantam-nos os lindos versos que compõe, projectando em nossa alma a luz da convicção. E, ainda mais, quando a sua alma é sacrificada aos caprichos de uma illusão, como:

A's vezes cuido vel-a andando  
nas ruas entre a multidão,  
e vivo sempre me enganando  
nessa dulcissima illusão.

. . . . .  
E eu que busco baldadamente o éstro, enganando-me sempre, reconheço a incapacidade do meu cerebro e fico mais convencida ao ouvir o poeta dizer:

Bem sei que a idéa, astro de luz sublime,  
não se contem na forma,  
por vocabulos frios não se exprime  
nem se sujeita á norma.

.....

Por isso escrevo tanto e nada digo  
e, com immensa dor,  
vejo que nem idéa dar consigo...

.....

Nessas lindas estrophes retiradas do livro "Poesias", o illustre poeta declara-se sentimental e descrente, envolto em nuvens ; mas, ao metrificar "Aos meus filhinhos", eil-o, despido de negativas, a infiltrar, cada vez mais, em nossos corações, a veneração por esses entestão caros, que nos deram o ser.

Assim diz:

O amor dos paes é infinito,  
pois que nelle se deparam  
multiplas formas de amar,  
e em dizer-vos não hesito  
que os vossos paes vos amaram  
ao começarem se amar...

.....

Referindo-se ao amor, canta ao som da maravilhosa lyra:

Para quem ama, a vida é uma canção formosa,  
um hymno ininterrupto, alacre, triumphal,  
um céu de ouro e de anil e nuvens cor de rosa,  
uma bebida extranha, intensa e capitosa  
sorvida, gole a gole, em taça de crystal...

.....

Os versos do Dr. Mesquita são imagens perfeitas da realidade. A's vezes arrebatados, evidenciam, no entanto, a existencia do grande culto ao "Redemptor".

Não se afasta o poeta dos preceitos que regem o Templo da Religião, bem vê-se na segunda quadra do Soneto "Musa Consolatrix".

Deus fala pela voz do vento, em phrases graves...  
Attentos, a escuta!-O, aqui nos concentramos...  
Ha hymnarios de amor por entre as verdes naves,  
pipilos de prazer e harmoniosos reclamamos.

.....

Ainda a sua fé christã retrata-se no lindo poemêto "Nossa Senhora do Bom Despacho", cuja leitura empolgante, attrae e commove.

Elogiando a arte o nosso poeta mostra-se admiravelmente apaixonado pelo que dá vida á natureza.

Encanta-nos o spectaculo sublime de "Ode á Arte" e "Musica" — duas obras, dentre as mais, de extraordinario valor.

Idéa sã e modelar, mestre digno e privilegiado, põe nas suas composições a suavidade e a delicadeza surprehendedentes do rithmo ampliados pela intensidade emotiva. Armado de poderosa presença de espirito, o Dr. José de Mesquita transmuta-se de momento a momento. Ora surge como pintor aquarellista, evocando "as noites de Sorrento na Guanabara", e imprimindo um colorido encantador ao "Rio que se estende e dorme sob o esplendente luar". Ora como apaixonado musicista cantando a "suave nostalgia de alguma terra vista em sonho".

E finalmente como verdadeiro poeta, lembrando-nos muitas vezes o inoffensivo Bilac, a perseguir chimeras.

Modifica-se prodigiosamente o autor ao escrever o livro, — "Da Epopéa Mattogrossense".

Ahi o artificio perde o aspecto, e é a materialização do passado, que se ergue desenrolando scenas imponentes como:

Vinham de muito longe aquelles sertanistas,  
rompendo a selva espessa, a solidão bravia.  
Valle aberto em marneis, serra ouriçada em cristas,  
rios e igarapés, sem descançar, um dia.

Vinham de muito longe á cata de conquistas  
de indios e do ouro bom que nesta terra havia  
e, destemido, o bando heroico de paulistas,  
palmo a palmo, o sertão perigoso corria.

. . . . .

E em “A Rainha do Quaritérê” “Os Paranistas”, a inspiração do poeta, alternada ao grande amor á sua terra e aos conhecimentos de que dispõe, descreve as gloriosas tradições e os actos de heroismo do povo mattogrossense.

Emfim, em todos os trabalhos do Dr. José de Mesquita, colleccionados nos dois livros já citados, estão impressos o agradável e o perfeito, nada existindo, portanto, a censurar.

Infelizmente a minha penna é pobre. Não posso, pois, fazer commentario e muito menos critica litteraria. Ponho apenas em relevo a admiração e o respeito que me inspiram as poesias do Dr. Mesquita.

E é com respeito e admiração que termino assignalando a poesia “Outono”, frisando bem os versos:

Folhas que o vento arranca e que amarellas  
ides seccas, com o vento, no abandono,  
lembrando as vossas arvores tão bellas,

folhas que voaes no espaço, pelo outono,  
como vós, quem me dera em vale amigo,  
dormir um grande e descançado somno!

.....

Dizendo, finalmente, adeus a estas linhas, aponto os mais bellos e mais inspiradores versos que encontrei nas obras em assumpto:

Si sofre quem se lembra, quem olvida  
deve ainda mais sofrer, que o esquecimento  
é, entre as dôres, a dôr mais dolorida.

Folhas seccas voae...



---

---

PAGINAS  
DOS NOVOS

---

---



# NASSAU

## DISCURSO

NO

CENTRO ACADEMICO EVARISTO DA VEIGA  
da Faculdade de Direito de Niterói.

Snr. Presidente do Centro

Meus caros colegas:

Sejam as minhas primeiras palavras de agradecimento a todos os presentes pela bôa vontade que tiveram em assistir a esta sessão, na qual deveria eu prender a vossa atenção, roubando-vos preciosos momentos.

Aos comentadores, meus distintos e gentis colegas, Elza Viana Wishart e Homero Campos, todo o meu respeito e minha eterna gratidão.

Nós, os academicos de Direito de Niterói, não podíamos ficar silenciosos diante da questão que atualmente apaixona os diferentes centros culturais do Brasil e por isso aqui venho, nesta sessão do nosso "Cen-

tro Acadêmico Evaristo da Veiga”, que é a sentinela avançada das nossas tradições e dos nossos ideais, agitar o problema que opiniões diversas nos tem oferecido: «Se se deve ou não comemorar o 3º centenario da chegada do Principe de Nassau ao Brasil.»

Colegas, não me foi facil a tarefa que me propús enfrentar e da qual hoje me desobrigo. Procurei, entre os nossos maiores historiadores, julgamentos sobre aquêl príncipe invasor que, de 1637 a 1643, iluminou o Brasil Neerlandês, pelo seu gênio politico e artistico e pelas suas qualidades de administrador fecundo.

O governo de Pernambuco não quis deixar passar despercebido o 3º centenario da chegada de Nassau ao Brasil e comemorará, em Janeiro de 1937, com excepcionais homenagens, não Nassau o Invasor, como querem muitos, mas Nassau o administrador, o amigo das ciencias, das letras e das belas artes.

As comemorações, as homenagens, elas todas têm a sua significação: ao passar diante de nós o nosso auri-verde pendão, nós nos descobrimos e assim o fazemos, porque aquela bandeira que passa não é um simples apanhado de côres, mas é a imagem perfeita da nossa terra querida, das nossas cousas, da nossa gente. É a imagem viva da Patria que ali está representada em toda a sua grandêza, em todo o seu esplendor; ao de frontarmos um monumento ou uma estatua, nós contemplamos as formas, os seus contornos, os materiais que entraram nessas construções, mas, ao mesmo tempo, recordamos as cousas, os feitos notaveis daqueles que deram logar à sua perpetuação.

Assim tambem, as homenagens que vamos prestar à figura inegalavel de Nassau, têm a sua significação, significação essa que vem levantando tamanha celeuma.

Festejar Nassau não é para nós, brasileiros, diminuir os feitos de Matias de Alburquerque, Fernandes Vieira, Negreiros, Poti e muitos outros, que aliás passam desapercibidamente pela nossa historia; não é celebrar

e exaltar a invasão holandêsa; não passar esponja por sobre o sangue derramado dos nossos denodados irmãos em defesa do Brasil invadido, mas é reconhecer em nosso proprio inimigo as suas qualidades de estadista, aliás o maior do seu tempo, de protetor das letras, amigo e cultor das ciencias, admirador das belas artes.

Domnavam, os holandêses, pequena parte do nosso Brasil, parte essa que por pequena que fosse não deixaria, jamais, de ser nossa, de ser brasileira. Encontrava-se Portugal sob o jugo hespanhol e o Conselho Politico de Recife, que era então o dirigente do Brasil Neerlandês, não se cansava de exigir a nomeação de um governador cujo objetivo principal seria a conciliação e adesão da população portugêsa, elemento imprescindivel para o bom têrmo da realização dos negocios holandêses no Brasil, e que parecia incerta, oscilando entre a causa hespanhola e a causa holandêsa.

Afinal o Conselho Politico de Recife foi atendido, sendo nomeado governador do Brasil Neerlandês o principe Mauricio de Nassau, alemão e Capitão da Compahia das Indias Ocidentaes.

Partindo de Iessel, em 25 de Outubro de 1636, no navio Zütphen, Nassau fez uma viagem toda ela cheia de peripecias e imprevistos, como que si o proprio Destino estivesse se opondo à obra civilizadora que êle propunha inaugurar em nossa terra.

O seu navio aqui chegou a 23 de Janeiro do ano seguinte e para avaliarmos o que foi a sua chegada ao Brasil, deixemos que fale Almeida Nogueira em o seu monumental livro: «O Principe de Nassau»: «Extraordinario acontecimento foi, sem duvida, o desembarque do principe de Nassau nas costas do Brasil; irresistivel facinação produziu em Pernambuco o aparecimento de um representante da realesa européa. Aí tudo era accessivel á sua ambição, se a nobresa de character não lhe ditasse severas normas de proceder. Por lealdade á Compahia das Indias Ocidentais e ao governo das Pro-

vincias Unidas o príncipe de Nassau rejeitou o diadema que, na cidade Maurícia, lhe destinavam os portugueses e neerlandêses, diadema que o próprio rei D. João IV tinha em mente quando lhe ofereceu o comando em chefe das tropas portuguesas no Brasil.»

Eis aí, colegas, toda a personalidade de Nassau desde a sua chegada, a sua ação no Governo do Brasil Neerlandês, o seu temperamento, o seu caráter.

Eis aí, como a população pernambucana daquele tempo, reconhecia em Nassau, apesar de invasor, um administrador notável, um príncipe tolerante e bom, e como hoje, passados 3 séculos, queremos diminuir a obra extraordinária daquele mesmo príncipe invasor. Dois julgamentos de um só povo, apenas de épocas diferentes.

Os que viveram naquela época; os que, portanto, estavam intimamente ligados ao fato; os que mais de perto sentiram a obra admirável de Nassau, foram unânimes em reconhecer os seus serviços, e nós, distantes deles 300 anos, e que só conhecemos os fatos através das crônicas quasi sempre excusas da história, queremos negar aquêles mesmos serviços dêsse príncipe gigante em prol da civilização!

Nassau era um militar que já se distinguira nos campos de batalha, não somente por sua disciplina, rigor no cumprimento do dever, mas pelo seu modo em tratar superiores e subalternos; e sobretudo pela sua bravura.

Militar que era, acostumado já às constantes lutas que convulsionavam a Europa, natural seria se fundasse, em nossa terra, uma colônia militar da qual pudesse a Holanda lançar mão no momento preciso; se transformasse o nosso povo em um povo guerreiro.

Talvêz trouxesse, Nassau, para a nossa terra essa idéa; mas, em aqui chegando, contemplando as nossas matas verdejantes, as florestas virgens, sem igual do Brasil; ouvindo o doce e meigo gorgéio dos nossos passaros, até então nunca, por êle, vistos, Nassau, espirito

arrojado e guerreiro, deixou-se ficar extasiado ante a grandiosidade da paisagem que se lhe deparava: «Como é formosa esta terra! E' a mais formosa terra do mundo...», são suas palavras ao pisar nesta terra abençoada de Santa Cruz.

Data de então o seu primeiro e profundo devotamento à terra que ia dirigir; e trata os seus filhos não com a severidade natural pelo seu sentimento militar, mas com tolerancia e bondade.

Nassau inicia o seu governo, não sendo, nas suas primeiras palavras de paz, acreditado pelos nossos irmãos que desconfiavam da sinceridade das mesmas, pois os que o precederam no governo do Brasil Neerlandês, idênticas palavras tiveram sem que, entretanto, cumprissem o prometido.

Não era Nassau um homem que só ficava nas suas palavras e os esforços por ele postos em pratica foram coroados pelo mais completo exito, pois começaram os nossos a compreender os seus propositos, emprestando àquele mesmo principe cujas palavras de inicio foram duvidadas, todo o seu apoio.

E uma era nova se inicia com a administração de Nassau: Ele não aumenta os impostos, fato que muito agrada a população, mas organisa um quadro de funcionarios para a melhor e mais perfeita arrecadação dos mesmos; estabelece a igualdade de cultos, funda escolas; instrue o seu povo; embelesa os seus estados; constroe, com especial carinho e verdadeira dedicação, o Palacio Friburgo, que seria o marco gigante da sua monumental obra realizada na America.

No angulo da torre do seu Palacio, Nassau fez construir o Observatorio Astronomico, primeiro observatorio que se abrigou sob o céu estrelado da America, de onde, pela primeira vez, sabios da Europa rasgaram a opulencia celeste do Novo Continente.

Inaugurou êle, na America do Sul, um sistema de governo, anteriormente apenas praticado pelos romanos

na antiguidade, governo êsse baseado na liberdade de consciencias e igualdade civil. Fundou ainda Nassau, no Brasil, o primeiro jardim zoologico e o primeiro jardim botanico da America,

Foi êle quem, pela primeira vez, na America, lançou as bases da representação popular por intermedio das Camaras dos Escabinos, e mais tarde, convocou tais camaras numa Assembléa Constituinte que estudou e legislou sobre as necessidades da terra. O fato, póde se dizer, culminante da sua carreira foi a abertura dos portos da Colonia a todas as nações do mundo.

Nassau não veio só para o Brasil, êle trouxe, em sua companhia, sabios e artistas que duradouramente ligariam o seu nome á nossa terra. A êsse respeito, escreve-nos Pedro Calmon: "O movimento de cultura que êle transportou para Pernambuco deu-lhe a imortalidade historica, razão do logar que ocupa nas tradições nacionais e da importancia que a critica universal lhe confere". Com êle vieram: Pieter Post, engenheiro e architecto; foi quem idealizou o traçado admiravel da Cidade Mauricia, que assistiu ao esplendor daquela epoca.

Henrique Cralitz, matematico e astronomico de Flandres, falecido pouco depois de ter aportado ao Brasil, dêle não chegando á nós sinão os titulos que trouxera da Europa.

Francisco Plante, professor de Breda, filosofo e latinista, pastor e poeta, conselheiro de Mauricio e astuto diplomata.

Francisco Post, natural de Hailem, irmão de Pieter Post, pintor e dicipulo de Van Dick. Foi êle o primeiro artista que fixou na tela as belêsas incomparaveis da paisagem brasileira. Nos museus de Louvre e da Holanda, encontram-se quadros dêste pintor que atestam, de modo frisante, a passagem do Principe de Nassau pelo Brasil.

Guilherme Piso, medico estudioso. Possuia o extranho costume de embrenhar-se pelos sertões a dentro, in-

vestigando e procurando elementos para escrever a sua classica *Historia Naturalis Brasiliae*, obra essa que juntamente escreveu com o botânico Marckgraf e que o governo brasileiro, em bôa hora, mandou traduzir para a nossa lingua.

Jorge Marckgraf, botânico e cientista notavel. Estudou e catalogou as especies exóticas da flora brasileira.

Para avaliarmos, colegas, o valor extraordinario da obra de Piso e Marckgraf, basta vos dizer que ela prestou extraordinarios elementos á Lineu na delineação de um novo sistema zoologico.

Um homem que tão bem escolheu o seu sequito, não podia ser um mero invasor que tudo tirava da nossa terra, como querem alguns; não podia ser um simples mercenario, segundo outros, mas sim um homem de aspirações nobres e elevadas, cheio de fé e confiança, batalhador infatigavel que tudo fez para elevar a nossa terra, conseguindo, felizmente, o seu intento, e digno, portanto, da nossa admiração e das nossas homenagens.

Vejamos agora a opinião do principe dos nossos historiadores, Pedro Calmon, sobre as comemorações de Janeiro proximo: «Não festejaremos a tentativa flamenga de desunião do Brasil portugûes; estudaremos, sim, com a revisão dos conhecimentos e dos simbolos, a epoca cheia de esplendidas e formosas lições. Aceito, nêstes têrmos, a consagração retrospectiva: ela não ofende o nacionalismo, porque é brasileira.»

Dei o principado dos nossos historiadores a Pedro Calmon e não sei que titulo deve dar a Rocha Pombo, conhecedor profundo da nossa historia, que, referindo-se a Nassau, nos diz: «Era realmente mais um simples homem de guerra com qualidades excelentes de homem de Estado: pôde considerar-se como um dêsses grandes espiritos que raro aparecem na historia a reger povos, a crear nações, a instituir sociedades, ilustrando seculos e ás vezes civilizações inteiras.»

Manoel Nobrega, redator dos "Diarios Associados,"

com rara felicidade escreve, sobre o assunto: «Temos, porém, de comemorar Barleus, Marckgraf, Watjen, Post. As armas, cedendo lugar á obra científica e às artes, que não têm patria e são um bem comum da humanidade; o agente comercial da Companhia das Indias ofuscado pelo principe dos grandes empreendimentos, animador da cultura do povo ainda creança, zeloso pelo urbanismo de Recife e pelo bem estar dos pernambucanos; o reconhecimento, enfim do Brasil de hoje, livre e soberano, amalgama dos mais heterogeneos fatores, por tudo aquilo que serviu de escora e base para a estrutura espirítual que agora nos caracteriza no concerto das nações modernas.»

Pois bem, os nossos historiadores são unanimes em exaltar a administração de Nassau, que foi estimado pelos proprios inimigos.

A comissão encarregada das comemorações, composta aliás dos nossos maiores homens de letras, outra de designação não tem do que; «Comissão organizadora da comemoração do tricentenario do inicio da ação cultural de Mauricio de Nassau no Brasil.»

Festejaremos, portanto, o inicio da ação cultural de Nassau no Brasil, como em 1938 comemoraremos o 3º centenario do esmagamento das foiças de Nassau.

Não vejo a razão de ser daqueles que negam as comemorações de Nassau. Justificam o seu ponto de vista dizendo que Nassau foi um invasor e como já no direito romano antigo se dizia: «contra o estrangeiro eternas garantias.» Julgam que, de qualquer fôrma, comemorar a personalidade de Nassau, como estadista, é celebrar e exaltar a invasão holandêsa.

Se assim fosse, seria caso de se riscar o nome de Napoleão da historia porque Napoleão foi um conquistador, e nós somos declaradamente contra as guerras de conquista; foi um sanguinario que espalhou a guerra e a miseria por toda a parte e nós somos de indole reconhecidamente pacifica; no entanto, todos nós admiramos

esse homem predestinado que foi Napoleão.

Admiramos nêle o verdadeiro estadista, o homem que dotou a França de um Código, o celebre Código de Napoleão, que com algumas modificações até hoje ainda vigora entre os francêses; o genio da guerra, o militar que, antes de entrar em combate, debruçado sobre um mapa da região, estendido em uma mesa, já o havia vencido.

Uma cousa é Napoleão o Conquistador, outra Napoleão o Genio da Guerra; e da mesma fórma uma cousa é Nassau o Invasor, outra é Nassau o estadista, o protetor das ciencias, das belas artes.

São personalidades distintas. Comemorar uma não é automaticamente comemorar a outra.

Comemoremos, pois, meus caros colegas, o 3º centenario da chegada do Principe de Nassau a Pernambuco, chegada que marca o inicio da sua ação cultural no Brasil; associemo-nos à intelligencia do Brasil, nesta homenagem singela, mas propria do nosso povo, aos sabios que, deixando a Europa, vieram estudar a flora e a fauna do Brasil, ligando eternamente seus nomes á terra que tantos conhecimentos lhes proporcionou, tornando-os do mundo conhecidos. Emquanto no Velho Mundo, os opios e as paixões são lembrados, as apreensões de guerra proxima, dia a dia, aumentam assustadoramente, as nações se armam e as questiunculas entre elas se agravam, nós do Novo Mundo, nós brasileiros, daremos um exemplo de elevação moral, tão raro ou unico, que, para sempre, servirá de lição ao resto do Mundo.

*Luiz Philippe Pereira Leite*



## Castro Alves

Foi um cantor de versos immortaes.  
Tinha no peito as chammas dos desejos  
E uma expressão de luzes boreaes  
Metrificada em rythmos de beijos.

Teve do cysne a sorte. Na agonia  
Ainda cantou saudades do passado.  
Crestou-lhe a face a flamma da ardentia  
Do mar da vida, aos beijos navegado.

Fez da mulher a deusa dos seus versos  
Aurifulgentes misticos, diversos  
Duma harmonia bem sentimental.

Voou bem alto aos pinaros dos montes  
Foi um condor, banhou-se dentre as fontes  
Parnasianas, puras de crystal.

A. Costa



# SONETO

*Eu não sei o que tem esta cidade.  
Partir, voltar, tem sido minha sina.  
Enfade-me o viver nesta rotina,  
Não ha fugir a tal fatalidade.*

*Si eu não sei o que tem esta cidade!  
Em a deixando, levo-a na retina,  
E o coração, elastico, buzina  
O fon-fon lancinante da saudade.*

*Partir? Voltar? Voltar e não partir?  
Quem parte anseia por voltar: voltamos.  
Quem volta anseia por partir: partimos.*

*Máu grado nosso, um dia inda ha-de-vir,  
Em que voltamos e não mais partimos,  
Em que partimos e não mais voltamos.*

*Waldemar Jessitore*



# Cinzas

*Guy de Msequita*

Cinzas... e nada mais  
do nosso amor existe...  
Hoje a alegria para mim consiste  
em recordar o que ficou pra atrás.  
Cinzas de amor!  
violetas desfolhadas,  
momentos de prazer e de felicidade  
um poema de amor em rimas compassadas...  
um verso... uma ilusão e uma saudade!  
O teu adeus após uma palestra fria...  
um coração distante e na agonia  
depois... muito depois esta saudade  
e a vontade suprema de chorar.



# A Garça

Alma de poeta, sô qual a garça voando  
Sobre o vil atascal e sobre a lama impura,  
Olhos postos no azul, no ether sereno e brando

José de Mesquita

Quando a tarde agoniza e a noite desce  
E sopra o vento sul em doce afago,  
Nesta hora em que tudo se entristece,  
A garça triste scisma sobre um lago.

Nessa atitude quêda, sonha e esquece  
O mundo, e fica a meditar num vago  
E num profundo sonho, e a noite cresce  
Cobrindo a terra de negror aziágo !...

E a triste garça vê passar num sonho  
O sordido paul, esse medonho  
da voragem atroz e ameaçadora !...

Medita, sonha, esquece, pensa e scisma...  
E vendo a vida pelo mesmo prisma,  
Minh'alma é como a garça sonhadora !...

Coxipó, 20/1/937

Rubens de Mendonça

# RELATORIO

da

Academia Mattogros-  
sense de Letras



Biennio 1934 - 1936



APRESENTADO PELO PRESIDENTE ACADEMICO

JOSÉ DE MESQUITA, A 29 de SETEMBRO de 1939



## SENHORES ACADEMICOS

Satisfazendo'o que dispõe os nossos Estatutos, cumpro, ao mesmo tempo, um grato dever de consciencia, trazendo ao vosso conhecimento as occorrencias que assignalaram a passagem deste ultimo biennio na vida da nossa Academia.

Devo, de começo, destacar que esse periodo, comquanto parecesse um daquelles em que a existencia do nosso sodalicio se manifestou com menor intensidade, foi indubitavelmente uma phase marcante de realizações, que não poderão jamais ser olvidadas.

As crises que abalaram e ainda abalam o Estado e o país, de ordem varia mas tendendo todas ellas a um resultado, qual o de perturbar o rythmo da nossa evolução, foram, por sem duvida, factores desse apparente estacionamento no surto de nosso existir. Força é convir, entretanto, que si através de outras manifestações externas, a Academia parece ter andado, *au ralenti*, não deixou ella um só dia de trabalhar, sem alarde ou matinada, pelo progresso cultural de Matto Grosso, apresentando, ao cabo desta nova etapa, um aprecivel saldo de serviços que, sem falsa modestia, a recommenda á estimá publicá. Para assignalar o transcurso do periodo biennial que hoje se encerra, dois factos de alta relevancia ahi ficam, que valem pela melhor affirmação da vitalidade do nosso gremio: a construcção do Salão nobre da "Casa Barão de Melgaço" em 1935 e o Congresso das Academias, em 1936.

Invertendo a ordem chronologica, por vantagem de exposiçào e mesmo pela proeminencia do assumpto, iniciaremos esta exposiçào succinta pelo

## Congresso das Academias

Ainda sinto impresso na retina e cantando nos ouvidos aquelle maravilhoso espectáculo que me foi dado presenciar, quatro meses atrás, na estupenda Metropole da civilização brasileira, quero dizer, o Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil.

Convocado que fôra para dezembro do anno pp., os lamentaveis acontecimentos do mês anterior determinaram-lhe o adiamento para maio do fluente, conforme communição da respectiva Commissão Executiva

Na qualidade de Delegado desta corporação, escolhido em sessão de 18 de janeiro de 1936, daqui parti a 23 de abril ultimo, logrando chegar á séde do Congresso a 1º de maio, vespera da sua sessão preparatoria, marcada como estava a installação para o dia 3.

Sorprehendera-me em Corumbá, por um telegramma recambiado desta Capital, a desvanecedora noticia de haver sido o representante da A. M. L. escolhido Vice-presidente da Mesa effectiva do Congresso, honra insignie que recebi como dirigida não á minha pessoa, mas ao alto sodalicio de que eu me fazia mandatario

Apresentadas as credenciaes, na preparatoria do dia 2, juntamente com o nosso confrade Dr. V. C. Filho, delegado do I. H. de M. H., tomei parte assidua nos trabalhos do Congresso iniciados a 3 e encerrados a 16 do mês de maio.

Impossivel se faz dizer, nas linhas syntheticas dum relatorio, obrigado a cingir-se á linguagem official, o que foi esse magnifico conclave da intelligencia e da cultura brasileira, no qual se fizeram representar todas as unidades federativas, menos uma, por intermedio das suas sociedades culturaes e dos seus homens de letras.

Mister se faria escrever laudas e laudas, para de leve, ao menos, deixar esboçada a chronica do Congresso, fecundo em objectivações para a nossa vida intellectual. Os *Annaes* do Congresso melhor dirão do que foi esse certame admiravel, que a todos os que delle participaram deixou uma profunda impressão e uma grande confiança no futuro da nossa intelligencia e da nossa cultura.

Não ha, entretanto, como esquecer de destacar neste documento as figuras primaciaes que á testa do Congresso se impuseram á nossa estima e á nossa admiração, por seu zêlo, dedicação e carinho para com aquella obra de aproximação cultural: o academico Fernando de Magalhães, presidente effectivo do Congresso, figura de eleição, que com suas palavras de fé, até á hora final dos nossos trabalhos, foi o nosso grande animador; os academicos Leoncio Corrêa, Nogueira da Silva, presidente e secretario geral da Commissão Executiva e o academico Afonso Costa, o egregio presidente da A. Carioca e pôde-se dizer o grande espirito que ideou, orientou e realizou, através da nobre corporação que dirige, o Congresso das Academias do Brasil.

Tambem não pôde, nem deve ser posta de parte, a circumstancia para nós de alta significação de haver sido M. Grosso o Estado que concorreu com maior coefficiente de congressistas áquella assembléa, 24 num total de 159, distribuidos entre 19 Estados e Districto Federal—sendo igualmente de iniciativa da delegação mattogrossense as propostas visando o intercambio literario e a Federação das Academias, hoje transformadas em esplendidas realidades.

Não devo alongar de muito esta exposição, mas julgo por outro lado, que não podem deixar de figurar na mesma, como um meio de ficarem archivadas peças de tão alta relevancia, as indicações feitas pela bancada de Matto-Grosso ao Congresso academico, de referencia á Federação e ao intercambio.

## Proposta sobre a Federação

Representantes de academias de letras estadoaes, junto ao Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria.

Considerando a necessidade civica e cultural da unidade das relações intellectuaes e literarias entre os brasileiros;

Considerando a existencia, nos Estados, sem coordenação com os demais do paiz, de centros de cultura representados por academias de letras;

Considerando que esses centros, para melhor cumprirem a propria finalidade, precisam de uma entidade que exerça essa coordenação:

Indicam que o Congresso das Academias de Letras, com o prestigiado apoio de sua autoridade, approve a seguinte resolução, que fielmente traduz uma das suas finalidades mais expressivas:

Art. 1º— Fica instituida desde já a Federação das Academias de Letras do Brasil, com séde no Rio de Janeiro, organizada conforme a regulamentação que se lhe venha dar.

Art. 2º— A regulamentação referida no artigo precedente será elaborada por uma commissão escolhida pelo Congresso e composta de cinco representantes de academias de letras junto ao mesmo, os quaes terão para isso ratificadas opportunamente as respectivas delegações.

§ 1º—Essa regulamentação deverá estar concluida dentro de um mez, contado desta data e será submittida ao julgamento de outra commissão de mais cinco membros effectivos de academias de letras, residentes no Rio de Janeiro

§ 2º— Desta ultima commissão farão parte representantes de uma academia de norte, de uma do centro, de uma do sul do paiz e mais um da Academia Brasileira de Letras e de um da Academia Carioca de Letras.

Art. 3º— Approvada a regulamentação e escolhidos pelos dez membros das duas commissões os dirigentes da Federação das Academias de Letras do Brasil, estes convidarão as academias de letras estadoaes a reconhecerem a Federação e a ella se filiarem, uma vez que satisfaçam as condições estipuladas no regulamento desta.

Art. 4º—A "Revista das Academias de Letras", votada pelo Congresso, será o órgão de publicidade e divulgação da Federação".

## Indicação acerca do Intercambio

Considerando que o intercambio entre as diversas provincias do pensamento nacional é um imperativo dos mais prementes, visando tornar o Brasil conhecido dos brasileiros;

Considerando que para a intensificação e melhor efficiencia desse intercambio mistér se faz coordenar, em acção conjuncta, um plano a ser adoptado pelas Academias ou Centros de Cultura do paiz;

*Considerando que melhor oportunidade não se enseja para raçar as bases desse plano nacional, do que esta auspiciosa reunião do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil;*

*Indicamos que se suggiram a todas as Academias e Sociedades de Cultura aqui representadas as seguintes medidas como dignas de immediata adopção, até que a Federação das Academias regule o assumpto:*

- a) a remessa das publicações das Academia e Sociedades de Cultura do Brasil far-se-a gratuita e regularmente a todas as sociedades congeneres, mediante permuta;*
- b) Cada Academia ou Sociedade de Cultura nomeará um correspondente, no minimo, nas capitães dos demais Estados, ficando ao mesmo affecto o trabalho do intercambio literario;*
- c) As Academias ou Associações Culturales dos Estados manterão series de conferencias publicas acerca do movimento literario dos demais Estados e, sempre que possível, organizarão caravanas literarias interestaduaes, de propaganda de cultura e estudo da vida literaria dos outros Estados.*

*Essas indicações fôram suffragadas nemine discrepanter em sessão plenaria de 13 de maio de 1936.*

*O Congresso encerrou os seus trabalhos numa athmosphera de vibração, de fé e de nacionalismo, sendo, na penultima reunião, approvada ainda, por unanimidade, a seguinte indicação da nossa representação junto ao mesmo Congresso:*

### **Orgão executivo do Congresso**

*O Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literaria do Brasil, em boa hora convocada pela Academia Carioca de Letras, chega ao termo da sua actividade benéfica e fecunda.*

*O seu encerramento, dilatado por força do accumulo de trabalhos, que determinou uma intensa operosidade sobretudo por parte da digna Mesa que o dirigiu, aproxima-se, devendo effectuar-se amanha, confôrme ficou estabelecido em virtude de proposta do illustre congressista Almirante Brasil Silvano. Encerrado o Congresso, é bem de vêr que ficará faltando um orgão executivo que dê cumprimento ás suas deliberações, constantes das innumeras theses e indicações approvadas.*

*Eis porquê vêmho indicar ao Congresso que semelhante encargo seja commettido a quem natural e logicamente deve e po-pe delle se incumbir, á illustre, honrada e por muitos titulos be-*

*nemerita Academia Carioca de Letras, prestigioso sodalicio a que se pôde com justiça, dizer que este Congresso deve a sua existência e, em bôa parte, a sua actuação salutar a prol das letras patrias.*

*Esta indicação é bem de vêr excusa maiores explicações e justificativas. Ella é um conseqüentario de tudo o que resolvemos anteriormente, um complemento pratico de nossas resoluções, muitas das quaes ficariam constituindo méros votos platonicos si lhes faltasse a necessaria execução por parte deum orgão competente.*

*Indico, pois, para Orgão executivo do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura do Brasil, cabendo-lhe dar corpo e vida ás nossas deliberações a Academia Carioca de Letras, que deverá proseguir na obra, por ella auspiciosamente emprehendida. A aproximação intelligente e do intercambio efficaz entre as varias provincias da mentalidade brasileira, até que se organize e entre a funcionar a Federação das Academias de Letras, que acaba de ser fundada por este Congresso.*

## *A Federação*

Fructo opimo e magnifico do C. das A. — A Federação das Academias de Letras, hoje numa formosa realização de nossa intellectualidade, teve os seus Estatutos elaborados por uma Comissão composta dos academicos Benjamim Lima (do Amazonas), Alvaro Bomilcar (do Ceará), Raul Monteiro (de Pernambuco), Waldemar de Vasconcellos (do Rio Grande do Sul) e do vosso Delegado ao Congresso, cujos poderes foram a esse fim ampliados e ratificados por deliberação da A. M. datada de Maio deste anno.

Esses Estatutos foram approvados a 27 de Junho 1936 e a 1º de Julho, se elegeu a Directoria provisoria, tendo á sua frente o eminente academico Laudelino Freire, Presidente da A. B. L. De acordo com o art. 11 dos mesmos, a nossa academia já requereu a sua filiação á Federação, indicando em sessão de 26 de agosto pp., os seus Delegados, cuja escôlha recahiu muito acertadamente nos nossos dedicados confrades V. Corrêa Filho e J. Barbosa de Faria.

## *O Salão Nobre*

Importantissimo evento para a nossa vida social foi, por sem duvida, a construcção do Salão nobre da "Casa Barão do Melgaço", levada a effeito pela honrada administração Fenelon Müller e cuja inauguração se fez, com grande solemnidade, em memoravel festival, a 7 de setembro do anno pp. como numero commemorativo do Dia da Patria. Pouco após, a 1º de outubro seguinte, um defeito tecnico fazia ruir parte do telhado, felizmente sem maiores prejuizos a não sêr o decorrente do insuccesso parcial daquella obra.

O digno Governo actual, do dr. Mario Corrêa, solicitado pela Academia e pelo Instituto Historico, determinou a reconstrucção de todo o tecto, sendo elevado de cerca de 1 m. 50, de modo á tornar mais bello o aspecto do grande salão a melhorar s sua cubagem.

As obras concluidas em 17 de março vieram dotar-nos de um dos melhores, sinão o melhor salão de festas da Cidade.

### *A Revista*

Com a pontualidade costumeira fôram dados a lume os numeros da Revista da Academia correspondentes aos annos de 1935 e 1936, em optimos volumes artisticamente impressos nas officinas Salesianas desta Capital

### *A Bibliotheca*

Pouco movimento accusa a nossa Bibliotheca, que se vai constituindo do lentamente, graças, quasi exclusivamente, aos donativos particulares e dos Academicos, pois a éscassez de nossas verbas não permite a acquisição de livros, como fôra de desejar. O total de obras actualmente existentes é 1181 para 1583 volumes.

### *Sessões, horas literarias e festas*

Realizou a Academia cinco sessões ordinarias, cinco sessões festivas e varias das chamadas "horas literarias", para leitura de trabalhos dos academicos.

As sessões festivas se effectuaram, respectivamente, a 7 de setembro de 1935 e de 1936, com o concurso de outros elementos, pára commemorar o Dia da Patria; a 21 de dezembro de 1935, offerecida ao nosso distincto conterraneo dr. Allyrio de Mattos, que se achava em visita a Cuyabá, 24 de junho, offerecida aos estudantes sulinos e finalmente a 11 de julho pp., homenageando o grande Maestro Carlos Gomes, á passagem do seu centenario.

### *Vaga e eleição*

A 8 de abril do fluente, falleceu, no Rio de Janeiro, o 2º occupante da cadeira nº 11, que tem por patrono a Joseph Barbosa de Sá — o nosso saudoso conterraneo dr. Leonidas Anthero de Mattos, que, empossado a 20 de Janeiro de 1932, e retirando-se do Estado em 1934, pouco mais de dois annos, nos deu o seu convivio neste sodalicio.

Marcada justamente para hoje a eleição para o preenchimento da vaga, esperamos que a Academia, no seu alto criterio, saiba escolher o substituto daquelle mallogrado companheiro, tão prematuramente desaparecido, quando muito ainda era licito esperar do seu talento.

## *Membros correspondentes*

O nosso quadro de socios correspondentes opulentou-se com a aquisição de dois nomes de alto valor e marcada projecção no mundo mental— Luiz Felipe Vieira Souto, membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, de cuja mēsa é valioso componente e Afonso Costa, infatigavel Presidente da A. Carioca e Vice-presidente da Federação das Academias.

O primeiro foi eleito a 3 de Abril e o segundo a 26 de Agosto do corrente anno.

## *Finanças*

O anexo balancete da receita e despeza, organizado pelo nosso competente e dedicado e procurador Contador B. London habilitar-vos-á a conhecer, nas suas minucias, a vida financeira da Academia que si não é das mais folgadas, mantem, todavia, um *rhythm* regular, sem dividas ou compromissos.

A subvenção que nos concede o Estado, no valor de 3:000\$ ánuos, é, por assim dizer, até agora a nossa unica fonte de receita, tendo decrescido a proveniente da Revista e sido dispensada a que decorria das mensalidades dos academicos.

Essa subvenção vem sendo paga remgularente, dentro do exercicio, habilitando-nos ao custeio dos serviços ordinarios, v. g. a publicação da Revista e o pagamento da gratificação do Zelador da séde.

Grata nova devo trazer-vos hoje, qual o conseguimento do auxilio federal de 2:000 annuaes, em virtude do decreto nº 848, de 25 de maio de 1936, já havendo sido expedida ordem para o pagamento da primeira quota semestral, sendo de justiça referir aqui o nome do nosso prestante e dedicado procurador, dr. Luiz do Prado Ribeiro, da A. Carioca de Letras, que muito se empenhou para a realização desse opportuno desiderato.

Destina-se essa verba á aquisição de mobiliario para o salão, que só assim ficará em condições de attender á sua finalidade.

## *Conclusão*

Estes são, Senhores Academicos, os infórmes que me cumpre vos trazer ao conhecimento, com relação á vida da Academia Mattogrossense no no periodo social que hoje se extingue.

E ao fazel-o, reiterando em meu nome e dos meus companheiros-de Mesa, os mais effusivos agradecimentos pela nimia confiança em nós de positadas mais uma vez, reelegendo-nos para os altos postos directivos, é com véra satisfação que vos saúdo e agradeço a vossa solícita e leal collaboração — a que se déve indiscutivelmente, o pouco que tem esta presidencia conseguindo realizar, a serviço da grandeza de Matto Grosso, pelo seu crescente desivolvimento mental e expansão cada vez maior da sua cultura.

Cuaybá, 26 de Setembro de 1936

José de Mesquita  
Presidente



## BIBLIOGRAPHIA

### **Luiz Feitosa Rodrigues—Inspirações—por Ulysses Cuiabano**

Luiz Feitosa Rodrigues, o delicado bardo corumbáense, acaba de enriquecer as bellas letras de Mato-Grosso com a publicação de mais um bello livro de versos, ao qual chamou de "Inspirações."

Este nome foi com felicidade escolhido, pois os vinte e sete poemetos enfeixados no mimoso volume são caracteristicamente formados de inspirados versos, de um sabor lyrico admiravel, esculpido ao rigor da escola parnasiana, que preconizara a perfeição do metro e a justeza da rima.

Não tendo soffrido a menor influencia anti-harmonica do futurismo, mas conservando a pureza da fórma cimentada pela correcção da vernaculidade, as suaves estrophes das 'Inspirações' cantam docemente em nossa alma, como a expressão singela da poesia genuinamente brasileira, vasado ao molde delineado por Bilac e Alberto de Oliveira.

A influencia do meio não deixou, contudo, de actuar sobre a feição regional dos versos de Luiz Feitosa, que, estonteado pela grandeza do scenario patrio e pelas desmedidas proporções do ambiente, alargou o seu pensamento pelos vastos quadrantes da terra bruta, abrangendo com o inspirado olhar, paineis de uma extensão surpreendente.

Assim, são magistralmente descriptas as maravilhosas paisagens corumbáenses em "Contemplação", «A Corumbá» e "Plenilunio".

A modalidade predominante, porem, nos versos do cantor dos "Preludios" é essa melancolica predisposição para a ternura, para uma tristeza vaga e indefinida, que transparece em seus cantares,

num mixto de amor e de saudade:

“Um amor sem esperança  
Sem promessa ou recompensa,  
Tal o meu.

Amôr que nunca se cança,  
Que em meu peito chama intensa  
Reviveu.” (“Penas”)

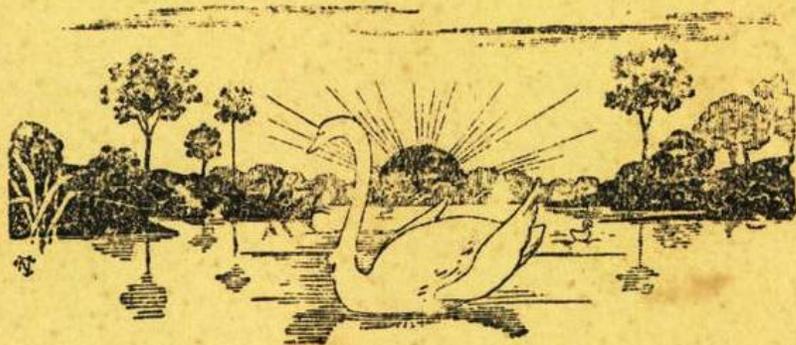
Ou então:

“De saudades, meu anjo, consumido,  
Dia e noite, consola-me a lembrança  
De ver-me muito breve a ti unido,  
Ó lembrança feliz! doce esperança!”  
 (“Doce esperança”)

A poesia de Feitosa é simples e espontanea, cheia de imagens coloridas e pensamentos bons; não contem esses venenos subtis que se evolum de ideas reaccionarias nem as emanções deleterias e corrosivas do extremismo. Falando ao vento, o poeta diz:

“Ó invisivel cavalleiro andante  
Que vens de longe, num galope audaz,  
No céu aberto, em viajar constante,  
Vem povoar meu pensamento errante  
Só de socego, quietude e paz.”

Foi com esse punhado de poemas harmoniosos, lindas flores colhidas no encantado jardim das suas “Inspirações,” que o vate corumbáense acaba de brindar a literatura regional da nossa terra, que muito espera ainda da penna fulgurante de Luiz Feitosa Rodrigues.



# MARUJADA

DE D. MARTINS DE OLIVEIRA

POR JOSÉ DE MESQUITA

D. Martins de Oliveira, o auctor de Marujada, é meio matogrossense, meio bahiano. A Bahia lhe foi berço, terra do nascimento — o nascer num dado lugar é, ás vezes, mero accidente biographico — e vincou-lhe o espirito para todo o sempre com essas expressões da infancia e da adolescencia, *que são as que ficam*. Matto-Grosso foi sua segunda patria, da formação mental á do ambiente em que desabrochou o capulho, que é a intelligencia, e luz fecundante da cultura e do saber. E Déo, Deomar Barrense ou D. Martins de Oliveira, continúa sêr para os que o conhecemos aqui, nos dias aureos do Liceu *Gremio Castro Alves*, o Dôzinho familiar e amigo, que declamava versos pelas faldas do morro da Prainha e ainda hoje escreve, em pleno fascínio da cidade-magia, que é o Rio, aquella deliciosa *Chronica de Cuiabá*, cheia de cousas nossas, como, talvez, um cuyabano não se lembraria de escrever...

O seu primeiro livro, *No País das Carnaúbas* (Rio, 1931), premiado da Academia Brasileira, é dedicado, todo elle, aos seus «amigos de Matogrosso». Verdade seja que nem o primeiro (a não sêr, accidentalmente, o ultimo trabalho «Resurreição dos Bandeirantes»), nem o segundo livro de Martins de Oliveira tem qualquer cousa de tipicamente matogrossense. E digo assim, porquê um e outro possuem, em linhas amplas, estruturalmente, muito da alma matogrossense no que ella reflecte, em commum com a bahiana, esses aspectos brasileiros da vida do sertão. Lêr os contos do *No País das Carnaúbas*, ou do *Marujada* é sentir desfilar em ás nossas vistas typos, costumes, paisagens e ás vezes, até modismos do interior matogrossense. Assim se affirma, através da variedade que matisa de tons peculiares os nossos Estados, a unidade nacional, alicerce unico e seguro da grandeza das Patrias.

No S. Francisco, no Araguaya ou no Paraguay, aguas que correm para rumo tão diversos e de nascentes muitas vezes tão proximas—o observador verá sempre um traço de identidade e de formação commum: aquillo que, diremos, numa expressão insubstituivel, o «sabor do Brasil».

\*  
\* \*

Já, ha algum tempo, tive occasião de falar do primeiro volume do triptico do S. Francisco, a que *Marujada* serve de elo com o ultimo, prestes a sahir — *Caboclo d'agua*. Si *No País das Carnaúbas* logrou, em 1931, a laurea da nossa Academia, a *Marujada* teve da mesma Academia a menção honrosa *Ramos Paz*, quatro annos após. Não sou dos que descrêm das consagrações officiaes, pois ainda aqui, como em tudo, a verdade está no meio termo. Nem sempre ellas correspondem ao merito, mas tambem nem sempre são injustamente deferidas. No caso, a illustre Companhia do Petit Trianon foi justa. O novo livro de D. Martins de Oliveira merece ser lido por quantos amam as bô-

as letras e as nossas letras. Quem se impressionar pelo primeiro conto, que dá o título á obra e que é, a meu vêr, o mais fraco, terá uma deliciosa surpresa, proseguindo na leitura dos demais, em que ha um como que “crescendo” emocional e uma evidente evolução na feitura dos trabalhos. O conto de entrada vale por simples descripção de uma velha usança do sertão bahiano, que é, no fundo, a “dança de marujo” que, ao lado da “dança de congo” fazia os encantos dos nossos maiores, nas festas do Rosario e de S. Benedicto. O entrecho é frio e sem vida, um pouco forçado mesmo. Interessa mais que o proprio conto a descripção que, no appendice, se faz da diversão popular que lhe dá o nome. Mas que differença já desse para o segundo conto—*Um juri no sertão!* Já ahí ha vida, ha paixão, ha enredo. O que interessa no conto, como na novella ou no romance, é, muitas vezes, o bello-tragico, o bello-horrivel, como esse drama da Pequena — uma criação a Dostoiewski — que desgraça todos os que della se aproximam, tocada desse sopro tragico que os gregos viram e surprehenderam melhor que ninguem em certas creaturas “marcadas” pela fatalidade. O conto é “formidavel”, para falar linguagem da giria civilizada, mas expressivo.

O phraseado é vivo, pinturesco, *muito nosso*:

— «Então Jovino pensou tambem em ser feliz casando-se com Pequena, mas pequena nada: um cêpo de mulher daquela idade...

Certo Jovino não procurou mulher para botar no oratorio; quem é pobre, e casa, quer é companheira para aguentar o rojão da batuta.

E descreve com as tintas da naturalidade os primeiros tempos da vida do casal que construiu o seu ninho na estrada de Cotegipe as Duas Barras:

O marido saía para trabalhar no roçado, e ella ficava briqueitando em casa, cuida da qui ‘cuida acolá: não faltava o pirão bem preparado; e roupa lavadinha, a tempo e a hora; o leitão engordando no chiqueiro; muita galinha posta, muita coisa, mesmo.

Mas, de repente, aquelle céu começa a toldar-se. Pequena entra a mudar. E ainda aqui é com raro instincto de sobriedade que o auctor pinta a metamorphose da cabocla:

« — Tornou-se fogueteira, toda cheia de “não me toques” e “nove horas”. Botava flôr no cabelo, e vestido não sei como lá por riba das pernas, e andava nos furdunços das festa, que não faltava uma. A casa foi ficando ao “Deus dará” gambá comia pinto, panela dormia suja... Que desatino!...

Com a chegada de um novo personagem, Polonio, sobrinho de Jovino, accelera-se o rhythmmo da tragedia, que acaba na morte do infeliz morador, inculpada pela mulher ao seu comborço, o qual, absolvido no jury, se vê obrigado a fugir, para e evitar a mesma sorte que dera á sua pobre victima.

Nos outros contos a paisagem humana se anima a cada passo. São todos elles uma sequencia macabra de dramas, qual a qual mais impressionante. Mas o sentido heroico da vida não está todo elle na tragedia? E não é o crime no sertão, — elle mesmo o diz — «uma contingencia da vida» e «a defesa necessaria contra os erros da civilização externa, inadaptaavel e truculenta»? A cegueira dupla de Raphael, a quem só se lhe abrem os olhos quando vê a Elvira, sua noiva, “saltando fogo” com o Godofredo; os barbaros supplicios do Pedro Costa, ‘o mutilado’ e a mutilação posthuma da dona Gloria, esposa de Abilio Araujo; as scenas patheticas de Pilão Arcado e todo o cyclo horripilante das aventuras de Militão, o brigador; tudo, e aquellas figuras impressivas de Padre Maurilo, por um lado, «espírito cheio de humildade, de simplicidade, de pureza e de fé», e Sebereba e seu Mendes, por outro, não desaparecem, porque são vivas, têm o *cachet* da realidade. Aquele *Zé Porfiro* da ultima narrativa é irmão de *Pedro Barqueiro* e de *Joa-*

quim *Mironga*, typos do sertão, da galeria de Arinos. A Sancha do Militão tem o sangue e o destino das Bugrinhas e Sinházinhas, de Afranio Peixoto.

Mas isso tudo vae dito acerca do contexto do livro. A forma nada fica a dever ao enredo. *Marujada* tem paginas admiraveis de descriptivo, paineis sertanejos que encantam áquelles que conhecem o sertão. Sirva este topico a illustrar a minha assertiva:

Findava o mês de Janeiro e um bom ano de "verde" enchêra de vida a natureza inteira, espalhando um ar de força e juventude em todas as cousas. A alegria dos dias felizes do sertão baixava dos céus com as chuvas e se multiplicava em flôres e aromas, em asas e ninhos, em frutos seivosos e em aguas rolantes pelo solo humido, em berros, e balidos, e cicios, e canções de amor... Nunca vi tanta andorinha como naquela estação.

A linguagem caipira adquire, na bôca dos personagens do *Marujada*, tons de completa naturalidade, sem vislumbre de artificio:

Qui nada, seu moço. Um mão aberta: o que era dêle, era dos outro. Home bom, tratave, amigueiro—diz um sertanejo falando do *Brigador*

Mais adiante, é o mesmo preto velho quem assim se exprime, em vivo dialogo:

Mas sei que isso foi na era da cheia grande de 33. Meu pai já vivia aqui. Nêgo não aparenta idade, mas já tenho uns quaji oitenta ou mais, nos costados. Vancê ainda não cincoentou, ou já?

\*\*

Ao fechar *Marujada*, cuja leitura nos empolga e deleita, uma pergunta nos acode natural e espontanea: quando D. Martins de Oliveira resolverá nos dar, com os recursos do seu engenho e a facilidade da sua observação, o seu *livro mattogrossense*, ansiosamente esperado?



# Publicações recebidas

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

I

## Livros e folhetos:

*D. Aquino Corrêa* — Orações aos soldados  
*José de Mesquita* — Pela bôa causa — conferencias  
*Luiz Feitosa Rodrigues* — Inspiração — poesias  
*Alvuirar Silva* — Ciarões — poesias  
*José Victorino* — Comadres perigosas — comedia

II

## Revistas:

Revista da Academia Brasileira de Letras, de A. Rio grandense de Letras, da A. Sergipana de Letras e da A. Mattogrossense de Letras e da A. Pernambucana de Letras  
Revista de Cultura — do Rio  
Revista do Circulo de Estudos Bandeirantes  
Revista Militar Brasileira.  
Revista da Faculdade de Direito de S. Paulo  
Revista Social Brasileira  
Augusta  
Bôa Nova — Ouro Verde  
O Nirvana  
Gazeta Clinica  
A Violeta e o A. B. C.

III

## Jornaes:

A Fanfarra e A Verdade — do Rio  
The Linotype News  
Gazeta do Comercio e O Tres Lagoas — de Tres Lagoas  
A Fronteira — de Campo Grande  
O Mirandense — de Miranda  
A Razão — de Cáceres  
Gazeta Official, A Cruz, A Penna Evangelica, O Evolucionista,  
O Matto Grosso e O Correio Cuiabano — de Cuiabá.